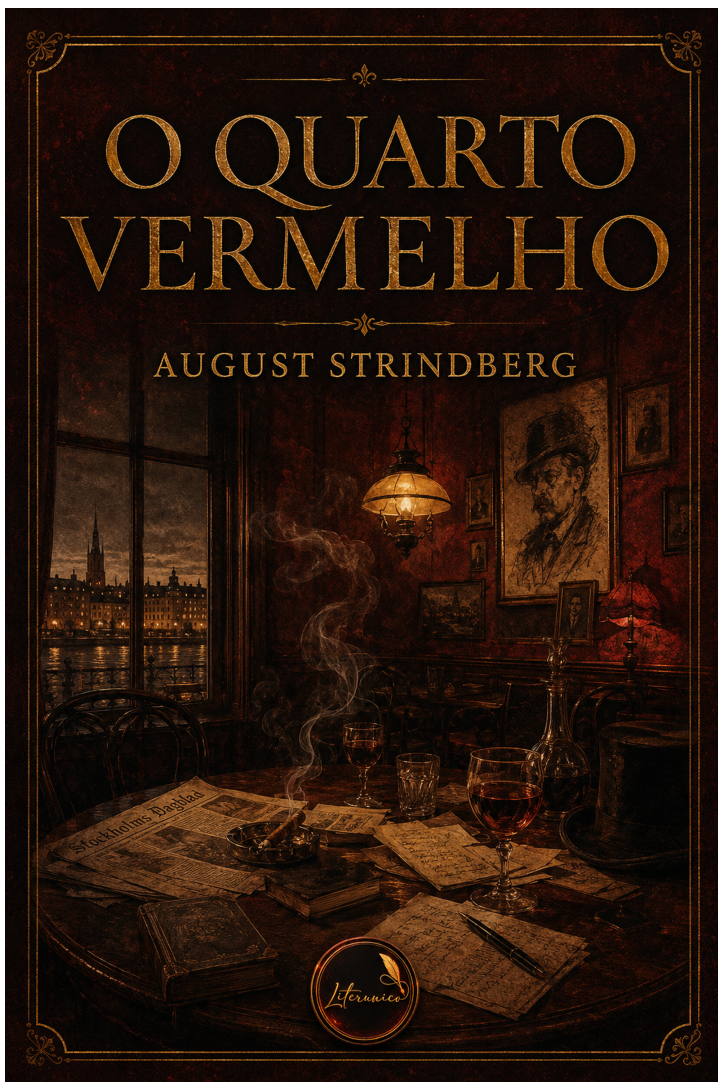


O QUARTO VERMELHO

AUGUST STRINDBERG



O Quarto Vermelho

August Strindberg

Tradução Literunico

Capítulo I

Estocolmo A Voo De Pássaro

Era um entardecer do começo de maio.

O pequeno jardim do “Morro de Moisés”, no lado sul da cidade, ainda não fora franqueado ao público, e os canteiros continuavam por revolver.

As flores-de-neve haviam aberto caminho através dos montes de folhas mortas do ano anterior e estavam prestes a encerrar sua breve carreira, cedendo lugar aos crocos, que encontraram abrigo sob uma pereira estéril; o sabugueiro esperava um vento sul para rebentar em flor, mas os botões ainda cerrados das tílias ofereciam esconderijo aos galanteios dos tentilhões, atarefados na construção de seus ninhos forrados de líquen entre tronco e galho.

Desde que a neve do último inverno derreteria, nenhum pé humano pisara os caminhos de cascalho, e a vida livre e solta dos animais e das flores seguia sem perturbação. Os pardais recolhiam diligentemente toda sorte de refugos e os guardavam sob as telhas da Escola de Navegação. Sobrecarregavam-se com farrapos dos invólucros de foguetes dos fogos do último outono e arrancavam as proteções de palha das árvores novas, transplantadas havia apenas um ano do viveiro do Djurgården — nada lhes escapava.

Descobriram tiras de musselina nos caramanchões de verão; a perna lascada de um banco forneceu-lhes tufo de pelo deixados no campo de batalha por cães que já não combatiam ali desde os tempos de Josefina.

Que vida havia ali! O sol pairava sobre Liljeholm, lançando feixes de raios para o leste; eles atravessavam as colunas de fumaça de Bergsund, faiscavam sobre o Riddarfjoerd, subiam até a cruz da igreja de Riddarholm, precipitavam-se sobre o telhado íngreme da Igreja Alemã, em frente, brincavam com as flâmulas desfraldadas pelos barcos na ponte de pontões, cintilavam nas janelas da alfândega principal, iluminavam os bosques da ilha de Lidingö e iam morrer numa nuvem rósea, muito, muito longe, na distância onde estava o mar.

E de lá vinha o vento, refazendo o mesmo caminho, por Vaxholm, passando pela fortaleza e pela alfândega e ao longo da ilha de Sickla, abrindo passagem por trás de Hästarholm, lançando um olhar às casas de veraneio;

depois tornava a sair e seguia, seguia até o hospital de Danviken; ali se assustava e disparava, numa carreira precipitada, ao longo da margem sul, percebia o cheiro de carvão, alcatrão e óleo de peixe, chocava-se de frente com o cais da cidade, subia de rompante ao Morro de Moisés, varria o jardim e se debatia contra uma parede.

A parede se abriu por obra de uma criada que, naquele exato momento, arrancava o papel colado sobre as frestas das janelas duplas; um cheiro terrível de gordura pingada, borra de cerveja, agulhas de pinheiro e serragem derramou-se para fora e foi levado pelo vento, enquanto a criada ficava ali, aspirando o ar fresco pelas narinas.

O vento arrancou o algodão, salpicado de bagas de bérberis, ouropel e pétalas de rosa, do vão entre as janelas, e o fez dançar pelos caminhos, acompanhado por pardais e tentilhões, que viam ali a solução para a maior parte de seu problema de alojamento. Enquanto isso, a criada continuava seu trabalho nas janelas duplas; em poucos minutos, a porta que dava para o restaurante estava aberta, e um homem, bem-vestido mas simples, saiu para o jardim.

Nada havia de notável em seu rosto, além de uma leve expressão de cuidado e preocupação, que desapareceu assim que ele saiu da sala abafada e avistou o largo horizonte. Voltou-se para o lado de onde vinha o vento, abriu o sobretudo e, repetidas vezes, aspirou profundamente, como se aquilo lhe aliviasse o coração e os pulmões. Depois começou a passear de um lado para outro junto ao parapeito que separava o jardim dos rochedos, na direção do mar.

Muito abaixo dele jazia a cidade ruidosa, que despertava de novo; os guindastes a vapor zuniam no porto, as barras de ferro chocalhavam na balança de ferro, os apitos dos guardas da eclusa estrilavam, os vapores junto à ponte de pontões fumegavam, os ônibus ribombavam sobre o calçamento desigual; ruído e tumulto no mercado de peixe, velas e bandeiras sobre a água lá fora; os gritos das gaivotas, os toques de corneta do estaleiro, a troca da guarda, o tamanco dos operários batendo e estalando — tudo isso produzia uma impressão de vida e alvoroço que parecia despertar a energia do jovem. Seu rosto assumiu uma expressão de desafio, alegria e resolução; e, quando se inclinou sobre o parapeito e olhou a cidade lá embaixo, parecia observar um inimigo. As narinas se dilataram, os olhos faiscaram, e ele ergueu o punho cerrado, como se desafiasse ou ameaçasse a pobre cidade.

Os sinos de Santa Catarina bateram sete horas; o agudo bilioso de Santa Maria os secundou; os baixos da igreja grande e da Igreja Alemã juntaram-se a eles, e logo o ar vibrava com o som produzido pelos sete sinos da cidade. Depois, um após outro, recaíram no silêncio, até que, muito longe, na distância, apenas o último deles ainda se ouvia, cantando sua pacífica canção vespertina; tinha uma nota mais alta, um timbre mais puro e um andamento mais rápido que os outros — sim, tinha! Ele escudou e se perguntou de onde viria aquele som, pois parecia despertar nele vagas lembranças.

De súbito, seu rosto se desarmou, e suas feições exprimiram a miséria de uma criança abandonada. E ele estava abandonado; seu pai e sua mãe jaziam no cemitério de Santa Clara, de onde o sino ainda podia ser ouvido; e ele era uma criança: ainda acreditava em tudo, na verdade e nos contos de fada igualmente. O sino de Santa Clara calou-se, e o ruído de passos no caminho de cascalho arrancou-o de seu devaneio.

Um homem baixo, de suíças, vinha em sua direção pela varanda; usava óculos, ao que parecia, mais para proteger os olhares do que os olhos, e sua boca maliciosa costumava se torcer numa expressão bondosa, quase benevolente. Vestia um sobretudo asseado, com botões defeituosos, um chapéu um tanto amassado e calças içadas a meio mastro. Seu modo de andar indicava segurança e timidez ao mesmo tempo.

Toda a sua aparência era tão indefinida que se tornava impossível adivinhar-lhe a idade ou a posição social. Ele poderia ser tanto um artesão quanto um funcionário público; sua idade ficava em algum ponto entre os vinte e nove e os quarenta e cinco anos. Estava obviamente lisonjeado por se encontrar na companhia do homem com quem viera ter, pois ergueu o chapéu abaulado com cerimônia incomum e sorriu seu sorriso mais amável.

— Espero que não tenha ficado à minha espera, assessor?

— Nem por um segundo; acaba de dar sete horas. Obrigado por ter vindo. Devo confessar que este encontro é da maior importância para mim; eu quase poderia dizer que diz respeito a todo o meu futuro, senhor Struve.

— Valha-me Deus! Está falando sério? — O senhor Struve piscou; viera beber um copo de grogue e não estava nem um pouco inclinado a uma conversa séria. Tinha suas razões para isso.

— Ficaremos menos perturbados se tomarmos nosso grogue aqui fora, se o senhor não se importar — continuou o assessor. O senhor Struve acariciou a suíça direita, pôs cuidadosamente o chapéu na cabeça e agradeceu ao

assessor o convite; mas parecia inquieto.

— Antes de mais nada, preciso pedir-lhe que abandone o “assessor” — começou o jovem. — Nunca fui mais que um simples assistente, e a partir de hoje deixo de ser até isso; sou o senhor Falk, nada mais.

— O quê?

O senhor Struve pareceu ter perdido um amigo ilustre, mas conservou a calma.

— O senhor é um homem de tendências liberais...

O senhor Struve tentou explicar-se, mas Falk prosseguiu:

— Pedi que viesse encontrar-me aqui na qualidade de colaborador do liberal Barrete Vermelho.

— Santo Deus! Sou um colaborador tão insignificante...

— Li seus artigos tonitruantes sobre a questão operária e sobre todas as outras questões que nos dizem respeito de perto. Estamos no ano III, em algarismos romanos, pois este é o terceiro ano do novo Parlamento, e em breve nossas esperanças se tornarão realidade. Li suas excelentes biografias de nossos principais políticos no Amigo do Camponês, as vidas desses homens do povo que, afinal, tiveram permissão para dar voz ao que por tanto tempo os oprimia; o senhor é um homem do progresso, e eu o estimo muito.

Struve, cujos olhos haviam se tornado opacos em vez de se acenderem diante daquelas palavras fervorosas, agarrou com prazer a válvula de escape que lhe fora oferecida.

— Devo confessar — disse ele, pressuroso — que me sinto imensamente satisfeito por me ver apreciado por um homem jovem e — devo dizê-lo — excelente como o senhor, assessor; mas, por outro lado, por que falar de coisas tão graves, para não dizer tristes, quando estamos sentados aqui, no regaço da natureza, no primeiro dia da primavera, enquanto todos os botões rebentam e o sol derrama seu calor sobre a criação inteira? Mandemos as preocupações às favas e bebamos nosso copo em paz. Perdoe-me — creio ser mais velho que o senhor — e, portanto, ouse... propor...

Falk, que, como uma pederneira, saíra à procura de aço, percebeu que havia batido em madeira. Aceitou a proposta sem entusiasmo. E os novos irmãos sentaram-se lado a lado; tudo o que tinham a dizer um ao outro estava no desapontamento estampado em seus rostos.

— Mencionei há pouco — retomou Falk — que rompi hoje com minha vida passada e abandonei minha carreira de funcionário público. Acrescentarei apenas que pretendo dedicar-me à literatura.

— Literatura? Santo Deus! Por quê? Ah, mas isso é uma pena!

— Não é; mas quero que me diga como devo proceder para encontrar trabalho.

— Hum! Isso é realmente difícil de dizer. A profissão está abarrotada de todo tipo de gente. Mas o senhor não deve pensar nisso. É mesmo uma pena estragar sua carreira; a profissão literária é uma profissão ruim.

Struve parecia condoído, mas não conseguia ocultar certa satisfação por ter encontrado um amigo na desgraça.

— Mas diga-me — continuou ele —, por que abandona uma carreira que promete a um homem honras e influência?

— Honras para os que usurparam o poder, e influência para os mais inescrupulosos.

— Bobagem! A coisa não é assim tão ruim.

— Não é? Pois então preciso falar com mais clareza. Vou lhe mostrar o funcionamento interno de um dos seis departamentos em que eu havia inscrito meu nome. Os cinco primeiros abandonei imediatamente, pela razão muito simples de que não havia lugar para mim. Sempre que eu ia perguntar se havia algo que eu pudesse fazer, respondiam-me: não! E nunca vi ninguém fazendo coisa alguma. E isso nos departamentos atarefados, como a Comissão das Destilarias de Aguardente, a Repartição dos Impostos Diretos e a Junta Administrativa das Pensões dos Funcionários. Mas, quando observei aquela multidão formigante de empregados, ocorreu-me que o departamento encarregado de pagar todos os salários devia, por força, ser atarefadíssimo. Inscrevi, portanto, meu nome na Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários.

— E foi até lá? — perguntou Struve, começando a se interessar.

— Fui. Jamais esquecerei a grande impressão que me causou a visita a esse departamento tão perfeitamente organizado. Fui lá certa manhã, às onze horas, porque se supõe que essa seja a hora em que as repartições abrem. Na sala de espera, encontrei dois jovens contínuos esparramados sobre uma mesa, de bruços, lendo a Pátria.

— A Pátria? — Struve, que até então vinha alimentando os pardais com açúcar, aguçou os ouvidos.

— Sim. Eu disse “bom dia”. Um fraco ondular das costas dos senhores indicou que aceitavam o meu bom-dia sem desagrado manifesto; um deles chegou mesmo ao ponto de sacudir o calcanhar do pé direito, o que talvez pretendesse substituir um aperto de mão. Perguntei se algum dos senhores estava desocupado e poderia mostrar-me as salas. Ambos declararam-se impossibilitados de fazê-lo, porque suas ordens eram não abandonar a sala de espera. Indaguei se havia outros contínuos. Sim, havia outros. Mas o contínuo-chefe estava de férias; o primeiro contínuo, de licença; o segundo não estava de serviço; o terceiro fora ao correio; o quarto estava doente; o quinto fora buscar água potável; o sexto estava no pátio, “onde permanecia o dia inteiro”; além disso, nenhum funcionário jamais chegava antes da uma hora.

Aquilo foi uma sugestão de que minha visita matutina e incômoda não era de bom-tom, e ao mesmo tempo uma lembrança de que também os contínuos eram funcionários públicos.

— Mas, quando declarei que estava firmemente resolvido a ver as salas, a fim de formar uma ideia da divisão do trabalho em departamento tão importante e abrangente, o mais jovem dos dois consentiu em acompanhar-me. Quando abriu a porta, tive uma vista magnífica de uma sequência de dezesseis salas de tamanhos variados. “Aqui deve haver trabalho”, pensei, congratulando-me pela feliz ideia de ter vindo. O crepitar de dezesseis fogos de lenha de bétula em dezesseis estufas de azulejo interrompia do modo mais agradável a solidão do lugar.

Struve, que se tornara cada vez mais interessado, remexeu à procura de um lápis entre o tecido e o forro do colete e escreveu “16” no punho esquerdo da camisa.

— Esta é a sala dos adjuntos — explicou o contínuo.

— Estou vendo! Há muitos adjuntos neste departamento? — perguntei.

— Oh, sim! Mais que suficientes!

— E o que fazem o dia inteiro?

— Ora! Escrevem, naturalmente, um pouco...

Ele falava com familiaridade, de modo que achei chegado o momento de interrompê-lo. Depois de atravessar as salas dos copistas, dos notários, do escriturário, do controlador e de seu secretário, do revisor e de seu secretário, do procurador, do registrador do erário, do mestre dos registros e do bibliotecário, do tesoureiro, do caixa, do procurador geral, do protonotário, do guarda das atas, do atuário, do guarda dos arquivos, do secretário, do primeiro escriturário e do chefe do departamento, chegamos a uma porta que trazia, em letras douradas, as palavras: “O Presidente”.

Eu ia abrir a porta, mas o contínuo me deteve; sinceramente inquieto, agarrou-me pelo braço e sussurrou:

— Psiu!

— Ele está dormindo? — perguntei, com o pensamento ocupado por um velho boato.

— Pelo amor de Deus, faça silêncio! Ninguém pode entrar aqui, a menos que o presidente toque a campainha.

— E ele toca com frequência?

— Não, nunca o ouvi tocar desde que estou aqui, e já faz doze meses.

Ele novamente parecia inclinado à familiaridade; por isso, não disse mais nada.

— Por volta do meio-dia, os adjuntos começaram a chegar e, para meu espanto, não encontrei entre eles senão velhos conhecidos da Comissão das Destilarias de Aguardente e da Junta Administrativa das Pensões dos Funcionários.

Meu espanto cresceu quando o registrador da Repartição dos Impostos Internos entrou passeando na sala do atuário e se instalou confortavelmente em sua poltrona, como costumava fazer na própria Repartição dos Impostos Internos.

Chamei um dos jovens de lado e perguntei se não seria aconselhável apresentar-me ao presidente. “Psiu!”, foi sua resposta misteriosa, enquanto me conduzia à sala n.º 8. De novo aquele “psiu!” misterioso.

A sala em que acabávamos de entrar era tão escura quanto as demais, mas muito mais suja. O enchimento de crina rebentava através do couro que cobria os móveis; uma espessa camada de poeira repousava sobre a escrivaninha; ao lado de um tinteiro em que a tinta secara havia muito tempo,

jazia um bastão de lacre intacto, com o nome do antigo proprietário gravado em letras anglo-saxônicas; havia ainda uma tesoura de papel cujas lâminas se mantinham unidas pela ferrugem; um calendário de mesa que não fora virado desde o solstício de verão de cinco anos antes; um almanaque do Estado de cinco anos; uma folha de mata-borrão inteiramente coberta com as palavras Júlio César, Júlio César, Júlio César, escritas pelo menos cem vezes, alternando com igual número de Pais Noés.

— Este é o gabinete do mestre dos registros; aqui não seremos incomodados — disse meu amigo.

— Então o mestre dos registros não vem aqui? — perguntei.

— Ele não aparece há cinco anos, e agora tem vergonha de dar as caras.

— Mas quem faz o trabalho dele?

— O bibliotecário.

— Mas qual é o trabalho dele num departamento como a Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários?

— Os contínuos separam os recibos, em ordem cronológica e alfabética, e os enviam aos encadernadores; o bibliotecário supervisiona a colocação deles em prateleiras especialmente adaptadas para esse fim.

A conversa parecia agora divertir Struve; de vez em quando ele rabiscava uma palavra no punho da camisa e, quando Falk fez uma pausa, julgou ser seu dever formular uma pergunta importante.

— Mas como o mestre dos registros recebia o salário?

— Era enviado ao endereço particular dele. Não era simples o bastante? Em todo caso, meu jovem amigo aconselhou-me a apresentar-me ao atuário e pedir-lhe que me introduzisse aos demais funcionários, que então começavam a aparecer para atizar o fogo de suas estufas de azulejo e aproveitar o último brilho da lenha incandescente. Meu amigo me disse que o atuário era uma pessoa influente e bondosa, muito sensível a pequenas cortesias.

Eu, que já o encontrara na qualidade de registrador do erário, formara dele uma opinião diferente; mas, acreditando que meu amigo sabia mais do que eu, fui procurá-lo.

O temível atuarió estava sentado numa poltrona espaçosa, com os pés sobre uma pele de rena. Ocupava-se em curar um verdadeiro cachimbo de espuma-do-mar, costurado em couro macio. Para não parecer ocioso, lançava olhares ao Correio da véspera, inteirando-se assim dos desejos do Governo.

Minha entrada pareceu contrariá-lo; empurrou os óculos para o alto da cabeça calva; escondendo o olho direito atrás da borda do jornal, disparou-me com o esquerdo uma bala cônica. Fiz meu pedido. Ele tomou a piteira do cachimbo de espuma-do-mar na mão direita e examinou-a, para ver até que ponto já a havia escurecido. O terrível silêncio que se seguiu confirmou minhas apreensões. Limpou a garganta; houve um ruído forte, sibilante, no monte de brasas vivas. Então se lembrou do jornal e continuou a leitura.

Achei prudente repetir meu pedido sob outra forma. Ele perdeu a paciência.

— Que diabo o senhor quer? O que está fazendo no meu gabinete? Não posso ter sossego em meus próprios aposentos? Hein? Fora, fora, fora! Estou dizendo, senhor! Não vê que estou ocupado? Vá ao protonotário se quer alguma coisa! Não venha me importunar!

Fui ao protonotário.

A Comissão de Suprimentos estava reunida; já fazia três semanas que se reunia. O protonotário presidia, e três escriturários redigiam a ata. As amostras enviadas pelos fornecedores jaziam espalhadas sobre as mesas, ao redor das quais se ajuntavam todos os escriturários, copistas e notários desocupados.

Apesar de grande divergência de opiniões, chegara-se ao acordo de encomendar vinte resmas de papel Lessebo; e, depois de repetidos testes de sua capacidade de corte, decidira-se pela compra de quarenta e oito pares de tesouras Grantorp, premiadas em concurso. O atuarió possuía vinte e cinco ações dessa firma.

O teste de escrita com as penas de aço consumira uma semana inteira, e a ata relativa a ele ocupara duas resmas de papel. Chegara agora a vez dos canivetes, e a comissão se empenhava em testá-los nas folhas da mesa preta.

— Proponho encomendar canivetes Sheffield de duas lâminas n.º 4, sem saca-rolhas — disse o protonotário, arrancando da mesa uma lasca grande o bastante para acender uma fogueira. — O que diz o primeiro notário?

O primeiro notário, que cortara fundo demais na mesa, encontrara um prego e danificara um Eskilstuna n.º 2, de três lâminas, sugeriu a compra deste último.

Depois que todos deram sua opinião e apresentaram razões para sustentá-la, acrescentando provas práticas, o presidente propôs comprar duas grosas de Sheffield.

Mas o primeiro notário protestou e fez um longo discurso, que foi tomado em ata, copiado duas vezes, registrado, ordenado — alfabética e cronologicamente —, encadernado e colocado pelo contínuo, sob a supervisão do bibliotecário, numa prateleira especialmente adaptada. Esse protesto revelava um caloroso sentimento patriótico; seu principal objetivo era demonstrar a necessidade de estimular as indústrias nacionais.

Mas, como isso equivalia a uma acusação contra o Governo — visto que era dirigida contra um de seus funcionários —, o protonotário sentiu ser seu dever responder a ela.

Começou por uma digressão histórica sobre a origem do desconto em artigos manufaturados — à palavra desconto, todos os adjuntos aguçaram os ouvidos —, tocou nos desenvolvimentos econômicos do país durante os últimos vinte anos e entrou em detalhes tão minuciosos que o relógio da igreja de Riddarholm bateu duas horas antes que ele chegasse ao assunto. Ao toque fatal do relógio, toda a assembleia saltou de seus lugares como se um incêndio tivesse irrompido.

Quando perguntei a um colega o que significava aquilo, o velho notário, que ouvira minha pergunta, respondeu:

— O primeiro dever de um funcionário público é a pontualidade, senhor!

Às duas e dois minutos, não restava uma alma sequer em nenhuma das salas.

— Amanhã teremos um dia quente — sussurrou um colega, enquanto descíamos as escadas.

— Que diabo vai acontecer? — perguntei, inquieto.

— Lápis — respondeu ele.

Havia dias quentes à nossa espera. Lacre, envelopes, corta-papéis, mata-borrão, barbante.

Ainda assim, tudo aquilo poderia passar, pois todos estavam ocupados. Mas chegou um dia em que não havia nada a fazer. Tomei coragem e pedi trabalho. Deram-me sete resmas de papel para tirar cópias limpas em casa, feito pelo qual “eu mereceria bem da pátria”. Fiz o trabalho em pouquíssimo tempo, mas, em vez de receber apreço e incentivo, fui tratado com suspeita; pessoas diligentes não estavam em favor. Desde então, não tive mais trabalho.

— Pouparei ao senhor o relato tedioso de um ano de humilhações, as inúmeras provocações, a amargura interminável.

Tudo o que me parecia pequeno e ridículo era tratado com grave solenidade, e tudo o que eu considerava grande e digno de louvor era recebido com escárnio. O povo era chamado de “populaça”, e sua única utilidade era servir de alvo ao exército, caso surgisse a ocasião. A nova forma de governo era abertamente vilipendiada, e os camponeses eram chamados de traidores.[A]

[A] Desde a grande reorganização das repartições públicas, esta descrição já não corresponde à realidade.

— Tive de ouvir coisas desse gênero durante sete meses; começaram a desconfiar de mim porque eu não me juntava a seus risos, e me desafiaram. Na vez seguinte em que atacaram os “cães da oposição”, explodi e fiz um discurso; o resultado foi que ficaram sabendo onde eu estava, e que eu era, dali em diante, impossível.

— E agora farei o que tantos outros naufragos fizeram: lançar-me-ei nos braços da literatura.

Struve, que parecia insatisfeito com aquele final truncado, guardou de novo o lápis, sorveu um pouco de seu grogue e olhou distraidamente. Ainda assim, julgou que devia dizer alguma coisa.

— Meu caro amigo — observou por fim —, o senhor ainda não aprendeu a arte de viver; descobrirá como é difícil ganhar o pão com manteiga, e como isso se torna pouco a pouco o interesse principal. Trabalha-se para comer e come-se para poder trabalhar. Acredite em mim, que tenho mulher e filho, sei do que estou falando. É preciso talhar o casaco conforme o pano, entende? Conforme o pano. E o senhor não faz ideia de qual é a posição de um

escritor. Ele está fora da sociedade.

— Seu castigo por aspirar a ficar acima dela. Além disso, detesto a sociedade, pois ela não se funda numa base voluntária. É uma teia de mentiras — renuncio a ela com prazer.

— Está começando a esfriar — disse Struve.

— Sim; vamos?

— Talvez seja melhor.

A chama da conversa se apagara. Enquanto isso, o sol se pusera; a meia-lua subira e pendia sobre os campos ao norte da cidade. Estrela após estrela lutava contra a luz do dia que ainda permanecia no céu; os lampiões a gás estavam sendo acesos na cidade; o ruído e o tumulto começavam a morrer.

Falk e Struve caminharam juntos na direção do norte, falando de comércio, navegação, ofícios — enfim, de tudo o que não lhes interessava; por fim, para alívio de ambos, separaram-se.

Falk desceu sem rumo pela Rua do Rio, em direção ao estaleiro, o cérebro prenhe de pensamentos novos. Sentia-se como um pássaro que tivesse voado contra uma vidraça e agora jazesse machucado no chão, no exato momento em que abrisse as asas para voar rumo à liberdade.

Sentou-se num banco, escutando o marulho das ondas; uma brisa leve se erguera e farfalhava entre os bordos floridos, e a luz tênue da meia-lua brilhava sobre a água negra; vinte, trinta barcos estavam amarrados ao cais; por um instante, puxavam suas correntes, erguiam a cabeça, um após outro, e mergulhavam de novo sob a água; o vento e a onda pareciam impeli-los para diante; davam pequenas arrancadas em direção à ponte, como uma matilha de cães, mas a corrente os mantinha na trela e os deixava escoiceando e batendo, como se ansiassem por se libertar.

Permaneceu sentado até a meia-noite; o vento adormeceu, as ondas se aquietaram, os barcos acorrentados cessaram de puxar suas correntes; os bordos pararam de farfalhar, e o orvalho começava a cair. Então ele se levantou e voltou para casa, sonhando, rumo ao seu sótão solitário no nordeste da cidade.

Foi isso que o jovem Falk fez; mas o velho Struve, que naquele mesmo dia se tornara membro da redação do Barrete Cinzento, porque o Barrete

Vermelho o despedira, voltou para casa e escreveu, para a notória Bandeira Operária, um artigo sobre a Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários: quatro colunas, a cinco coroas por coluna.

Capítulo II

Entre Irmãos

O negociante de linho Charles Nicholas Falk — filho do falecido negociante de linho, um dos cinquenta anciãos dos burgueses, capitão da infantaria da milícia, fabricante e membro da Junta Administrativa do Seguro contra Incêndio de Estocolmo, Charles John Falk, e irmão do ex-assessor e atual escritor Arvid Falk — possuía um comércio ou, como seus inimigos preferiam chamá-lo, uma loja na Rua Longa Leste, quase em frente à Rua dos Porcos; de modo que o jovem sentado atrás do balcão, lendo às escondidas um romance, podia ver um pedaço de um vapor, talvez a caixa da roda de pás ou o gurupés, e a copa de uma árvore em Skeppsholm, com um retalho de céu acima dela, sempre que erguia os olhos do livro.

O caixeiro, que atendia pelo nada incomum nome de Andersson — e aprendera a atender por ele —, acabara de abrir a loja, pois era cedo pela manhã; pendurara do lado de fora da porta uma madeixa de linho, um peixe e uma cesta para enguias, um feixe de varas de pescar e um molho de penas não aparadas; feito isso, varrera a loja, espalhou serragem pelo chão e se sentara atrás do balcão.

Transformara uma caixa vazia de velas numa espécie de ratoeira, que armava com um bastão recurvo; assim que surgia o patrão, ou qualquer amigo deste, o romance no qual Andersson estava absorto caía dentro da caixa. Ele não parecia ter medo dos fregueses; primeiro, porque era cedo pela manhã, e segundo, porque não estava acostumado a muitos fregueses.

O negócio fora estabelecido nos tempos do falecido rei Frederico — Charles Nicholas Falk herdara essa afirmação do pai, a quem ela chegara pelo avô; prosperara e rendera muito dinheiro até poucos anos antes; mas o desastroso sistema das câmaras matara o comércio, arruinara todas as perspectivas, impedira toda iniciativa e ameaçava todos os cidadãos com a falência.

Assim, pelo menos, dizia Falk; outros se inclinavam a acreditar que o negócio era mal administrado, sem falar no fato de que um concorrente perigoso se estabelecera perto da eclusa. Falk nunca falava da decadência do negócio quando podia evitá-lo, e era bastante astuto para escolher cuidadosamente a ocasião e o auditório sempre que tocava naquela corda.

Se uma antiga relação comercial manifestava, de modo amistoso, alguma surpresa com a redução das vendas, ele lhe dizia que sua principal atividade era o comércio atacadista nas províncias, e que via a loja apenas como uma espécie de tabuleta; ninguém duvidava disso, pois ele tinha, atrás da loja, um pequeno escritório onde geralmente podia ser encontrado quando não estava na cidade ou na Bolsa.

Mas a história era bem outra quando algum de seus conhecidos, como o notário ou o mestre-escola, por exemplo, manifestava a mesma inquietação amistosa. Então ele punha a culpa nos maus tempos, resultado do novo sistema das câmaras; só ele era responsável pela estagnação do comércio.

Andersson foi interrompido em sua leitura por dois ou três meninos que estavam parados à porta, perguntando o preço das varas de pescar. Ao olhar para a rua, avistou o nosso senhor Arvid Falk. Falk lhe emprestara o livro, de modo que este podia ficar tranquilamente sobre o balcão; e, quando seu antigo companheiro de brincadeiras entrou na loja, saudou-o com familiaridade e um olhar entendido.

— Ele está lá em cima? — perguntou Falk, não sem certa inquietação.

— Está tomando café — respondeu Andersson, apontando para o teto.

Uma cadeira foi afastada no piso acima de suas cabeças.

— Agora ele se levantou da mesa, senhor Arvid.

Os dois jovens pareciam familiarizados com o ruído e seu significado. Passos pesados e ragentes atravessaram o piso, aparentemente em todas as direções, e um murmúrio abafado atravessou o teto até os ouvintes lá embaixo.

— Ele estava em casa ontem à noite? — perguntou Falk.

— Não, saiu.

— Com amigos ou conhecidos?

— Conhecidos.

— Chegou tarde?

— Muito tarde.

— Acha que ele desce logo, Andersson? Não quero subir por causa de minha cunhada.

— Ele vem já; posso perceber pelos passos.

Uma porta bateu no andar de cima; eles se olharam de modo significativo. Arvid fez um movimento em direção à porta, mas se conteve. Poucos instantes depois, ouviram ruídos no escritório. Uma tosse violenta sacudiu o pequeno cômodo, e então vieram os passos conhecidos, dizendo: tac-tac, tac-tac! Arvid passou para trás do balcão e bateu à porta do escritório.

— Entre!

Ele se viu diante do irmão, um homem de quarenta anos que aparentava a idade. Era quinze anos mais velho que Arvid e, por esse e outros motivos, habituara-se a ver o irmão mais moço como um menino diante do qual fazia as vezes de pai. Tinha cabelos claros, bigode claro, sobrancelhas claras e cílios claros. Era bastante corpulento, e por isso suas botas rangiam sempre; gemiam sob o peso de sua figura atarracada.

— Ah, é só você? — disse, com desprezo bonachão.

Essa disposição de espírito era típica daquele homem: nunca se zangava com aqueles que, por uma razão ou outra, podiam ser considerados seus inferiores; desprezava-os.

Mas seu rosto exprimia desapontamento; esperara um alvo mais satisfatório para uma explosão; o irmão era tímido e modesto, e nunca oferecia resistência quando podia evitá-lo.

— Espero não estar incomodando, irmão Charles? — perguntou Arvid, parado no limiar.

A pergunta humilde predispôs o irmão à benevolência. Ele tirou um charuto de sua grande cigarreira de couro bordado e ofereceu ao irmão um fumo de uma caixa que ficava perto da lareira; aquela caixa cheia — charutos de visita, como ele francamente os chamava, e era homem de temperamento franco — passara por um naufrágio, o que os tornava interessantes sem melhorá-los, e por um leilão na praia, o que os tornara muito baratos.

— Pois bem, o que você quer? — perguntou Charles Nicholas, acendendo o charuto e, distraidamente, enfiando o fósforo no bolso — só conseguia concentrar os pensamentos em um ponto dentro de uma circunferência não muito grande; seu alfaiate teria podido expressar o tamanho dela em polegadas, depois de lhe medir a volta da barriga.

— Quero falar de negócios com você — respondeu Arvid, mexendo no charuto ainda apagado.

— Sente-se! — ordenou o irmão.

Era costume dele mandar as pessoas sentarem-se sempre que pretendia chamá-las à responsabilidade; assim as tinha abaixo de si, e era mais fácil esmagá-las — se necessário.

— Negócios? Estamos fazendo negócios juntos? — começou. — Não sei de nada disso. Você está fazendo negócios? Está?

— Eu só queria dizer que gostaria de saber se ainda há alguma coisa a me caber.

— O quê, se me permite perguntar? Quer dizer dinheiro? — disse Charles Nicholas, em tom de brincadeira, permitindo ao irmão saborear o aroma de seu bom charuto.

Como a resposta — que ele não queria — não veio, prosseguiu:

— A lhe caber? Você já não recebeu tudo o que lhe era devido? Não foi você mesmo quem deu recibo da conta ao Tribunal de Tutelas? Não o sustentei e vesti desde... ou, para ser rigorosamente exato, não lhe fiz um empréstimo, conforme seu próprio desejo, a ser pago quando você pudesse fazê-lo? Anotei tudo, pronto para o dia em que você ganhar o próprio sustento, coisa que ainda não fez.

— Vou fazê-lo agora, e é por isso que estou aqui. Queria saber se ainda há algo que me seja devido, ou se estou em dívida.

O irmão lançou à sua vítima um olhar penetrante, perguntando-se se ele guardava alguma reserva mental. Suas botas rangentes começaram a bater o assoalho numa linha diagonal entre a escarradeira e o porta-guarda-chuvas; os berloques de sua corrente de relógio tilintavam, advertindo as pessoas a não cruzarem seu caminho; a fumaça do charuto subia e se estendia em longas nuvens ameaçadoras, presságio de tempestade, entre a estufa de azulejos e a porta.

Ele caminhava de um lado para outro pelo cômodo, furioso, a cabeça baixa, os ombros curvados, como se ensaiasse um papel. Quando julgou sabê-lo, deteve-se bruscamente diante do irmão, fitou-lhe os olhos com um olhar longo, cintilante e falso, destinado a exprimir, ao mesmo tempo, confiança e pesar, e disse, numa voz que pretendia soar como se viesse do

jazigo da família no cemitério de Santa Clara:

— Você não é direito, Arvid; você não é direito.

Quem, com exceção de Andersson, que estava atrás da porta escutando, não teria se comovido com essas palavras, ditas por um irmão a outro irmão, carregadas do mais profundo pesar fraterno? Até Arvid, habituado desde a infância a acreditar que todos os homens eram perfeitos e que só ele era indigno, perguntou-se por um instante se era direito ou não. E, como sua educação, por meios eficazes, lhe dera uma consciência extremamente sensível, achou que de fato não fora inteiramente direito, ou pelo menos inteiramente franco, ao perguntar ao irmão, por meio daquela pergunta nada sincera, se ele não era um patife.

— Cheguei à conclusão — disse — de que você me lesou em parte de minha herança; calculei que me cobrou caro demais pela pensão ruim e pelas roupas usadas; sei que não gastei toda a minha fortuna durante meus terríveis dias de estudante, e acredito que você me deve uma soma bastante grande; quero recebê-la agora, e peço que me entregue esse dinheiro.

Um sorriso iluminou o rosto claro do irmão e, com uma expressão tão calma e um gesto tão firme que ele bem poderia tê-los ensaiado durante anos, para estar pronto quando lhe dessem a deixa, enfiou a mão no bolso da calça, tilintou o molho de chaves antes de tirá-lo, lançou-o ao ar e o apanhou de novo com destreza, e caminhou solenemente até o cofre.

Abriu-o mais depressa do que pretendia e talvez mais depressa do que a sacralidade do lugar justificasse; tirou um papel que estava ali à mão, evidentemente também à espera de sua deixa, e o entregou ao irmão.

— Foi você que escreveu isto? Responda-me! Foi você que escreveu?

— Sim!

Arvid levantou-se e virou-se para a porta.

— Não vá! Sente-se! Sente-se!

Se houvesse um cão presente, teria se sentado imediatamente.

— O que está escrito aqui? Leia! “Eu, Arvid Falk, reconheço e atesto — que — eu — recebi de meu irmão, Charles Nicholas Falk — que foi nomeado meu tutor — minha herança por inteiro — no montante de —” e assim por diante.

Ele se envergonhava de mencionar a soma.

— Você reconheceu e atestou um fato no qual não acreditava. Isso é ser direito? Não, responda à minha pergunta! Isso é ser direito? Não! Portanto, você prestou falso testemunho.

— Ergo, você é um canalha! Sim, é isso que você é! Estou certo?

O papel era excelente demais, e o triunfo grande demais, para ser saboreado sem plateia. O inocentemente acusado precisava de testemunhas. Ele abriu a porta que dava para a loja.

— Andersson! — gritou. — Responda a esta pergunta! Escute-me! Se eu presto falso testemunho, sou um canalha ou não?

— Claro que o senhor é um canalha, senhor! — respondeu Andersson, sem hesitar e com calor.

— Está ouvindo? Ele diz que eu sou um canalha — se eu ponho minha assinatura num recibo falso. O que eu disse? Você não é direito, Arvid, você não é direito.

Pessoas bonachonas muitas vezes são canalhas; você sempre foi bonachão e submisso, mas eu sempre soube que, no fundo secreto do seu coração, você abrigava pensamentos muito diferentes; você é um canalha! Seu pai sempre disse isso; digo “disse”, porque ele sempre dizia o que pensava, e era um homem direito, Arvid, e isso — você — não — é! E pode estar certo de que, se ele ainda estivesse vivo, diria, com dor e pesar: “Você não é direito, Arvid, você — não — é — direito!”

Ele traçou mais algumas linhas diagonais, e parecia aplaudir a cena com os pés; fez tilintar o molho de chaves como se desse o sinal para o pano subir.

Suas palavras finais haviam sido tão arredondadas que o menor acréscimo teria estragado o conjunto. Apesar da grave acusação, que na verdade esperara durante anos — pois sempre acreditara que o irmão representava um papel —, sentia-se muito contente por aquilo ter terminado, terminado bem, felizmente terminado, bem e habilmente terminado, de tal modo que se sentia quase alegre e até um pouco grato.

Além disso, tivera uma esplêndida oportunidade de descarregar em alguém a cólera que se acendera no andar de cima, em sua família; descarregá-la em Andersson já perdera a graça, e ele sabia o bastante para

não descarregá-la na mulher.

Arvid ficou em silêncio; a educação que recebera o intimidara a tal ponto que ele sempre acreditava estar errado. Desde a infância, as grandes palavras “reto, honesto, sincero, verdadeiro” haviam sido marteladas em seus ouvidos dia e noite, de modo que agora se erguiam diante dele como um juiz, dizendo sem cessar: “Culpado...” Por um momento, pensou que talvez tivesse se enganado em seus cálculos, que o irmão talvez fosse inocente e ele próprio, um miserável; mas logo depois percebeu que o irmão era um trapaceiro, enganando-o com um simples ardil de advogado.

Sentiu o impulso de fugir, com medo de ser arrastado para uma briga; fugir sem fazer seu segundo pedido, sem confessar que estava a ponto de mudar de profissão. Seguiu-se uma longa pausa. Charles Nicholas teve tempo de recapitular o triunfo na memória. Aquela palavrinha “canalha” fizera bem à sua língua. Fora tão agradável quanto se tivesse dito “Fora daqui!”. E a abertura da porta, a resposta de Andersson, a produção do papel — tudo corra esplendidamente; não esquecer o molho de chaves sobre a mesinha de cabeceira; girara a chave na fechadura sem nenhuma dificuldade; sua prova era tão obrigatória quanto uma corda, e a conclusão que tirara fora o anzol iscados no qual o peixe fora apanhado.

Recuperara o bom humor; perdoara — ou melhor, esquecera —, e, ao bater a porta do cofre, encerrara para sempre aquela história desagradável.

Mas não queria separar-se do irmão naquele estado de espírito; queria conversar com ele sobre outros assuntos; lançar algumas pás de mexerico sobre o caso desagradável, vê-lo em circunstâncias comuns, sentado à sua mesa, por exemplo — e por que não comendo e bebendo? As pessoas sempre pareciam felizes e contentes quando comiam e bebiam; ele queria vê-lo feliz e contente. Queria ver seu rosto calmo, ouvir sua voz falar sem tremor, e resolveu convidá-lo para almoçar.

Mas ficou perplexo, sem saber como chegar a isso, como encontrar uma ponte adequada sobre o abismo. Procurou no cérebro, mas nada encontrou. Procurou nos bolsos e encontrou — o fósforo.

— Raios, você nem acendeu o charuto, meu velho! — exclamou, com calor genuíno, não fingido.

Mas o rapaz tinha esmagado o charuto durante a conversa, de modo que ele já não puxava.

— Veja! Pegue outro! — e ele tirou sua grande cigarreira de couro. — Aqui! Pegue um destes! São bons!

Arvid, que infelizmente não suportava ferir os sentimentos de ninguém, aceitou-o agradecido, como uma mão estendida em reconciliação.

— Agora, meu velho — continuou Charles Nicholas, falando de modo leve e agradável, arte na qual era especialista. — Vamos ao restaurante mais próximo e almoçemos. Venha!

Arvid, pouco habituado à amabilidade, ficou tão comovido com aqueles avanços que apertou às pressas a mão do irmão e saiu apressado pela loja, sem prestar nenhuma atenção a Andersson, e dali para a rua.

O irmão ficou constrangido; não conseguia compreender. Fugir quando fora convidado para almoçar! Fugir quando ele não estava nem um pouco zangado com ele! Fugir! Cão nenhum teria fugido se lhe atirassem um pedaço de carne!

— É um sujeito esquisito! — murmurou, batendo o pé no assoalho.

Depois foi até a escrivaninha, rosqueou o assento da cadeira até a maior altura possível e subiu nela. Daquela posição elevada, tinha o hábito de contemplar homens e circunstâncias como de um ponto de vista superior, e os achava pequenos; mas não tão pequenos que não pudesse usá-los para seus próprios fins.

Capítulo III

A Colônia Dos Artistas

Era entre oito e nove horas daquela mesma bela manhã de maio. Arvid Falk, depois da cena com o irmão, vagava pelas ruas, descontente consigo mesmo, com o irmão e com o mundo inteiro.

Preferiria ver o céu encoberto, estar em má companhia. Não acreditava ser um canalha, mas estava decepcionado com o papel que desempenhara; estava acostumado a ser severo consigo mesmo, e sempre lhe haviam martelado que o irmão era uma espécie de padrasto a quem devia grande respeito, para não dizer reverência. Mas outros pensamentos também o inquietavam e deprimiam. Não tinha dinheiro nem perspectiva de trabalho.

A última dessas circunstâncias era, talvez, a pior das duas, pois, para ele, com sua imaginação exuberante, a ociosidade era uma inimiga perigosa. Ruminando esses fatos desagradáveis, chegara à Rua do Pequeno Jardim; seguiu sem pressa pela calçada esquerda, passou pelo Teatro Dramático e logo alcançou a Rua Alta Norte.

Continuou andando sem rumo; a calçada tornou-se irregular; casas de madeira tomaram o lugar das casas de pedra; homens e mulheres malvestidos lançavam olhares desconfiados ao desconhecido bem-vestido que visitava seu bairro a uma hora tão matinal; cães famintos rosnavam para ele, ameaçadores. Apressou-se, passando por grupos de artilheiros, operários, trabalhadores de cervejaria, lavadeiras e aprendizes, e finalmente chegou à Rua Grande do Hop-Garden. Entrou no Hop-Garden.

As vacas pertencentes ao Inspetor-Geral da Artilharia pastavam nos campos; as velhas macieiras nuas faziam os primeiros esforços para lançar brotos; as tílias, porém, já estavam cobertas de folhas, e esquilos brincavam, subindo e descendo pelos galhos.

Passou pelo carrossel e chegou à alameda que conduzia ao teatro; ali encontrou alguns escolares gazeteiros entregues a uma brincadeira de botões; um pouco adiante, um aprendiz de pintor estava deitado de costas na relva, fitando as nuvens através da cúpula de folhagem; assobiava despreocupado, indiferente ao fato de que mestre e oficiais o esperavam, enquanto moscas e outros insetos se afogavam em seus potes de tinta.

Falk subira até o alto da colina e chegara ao tanque dos patos; ficou parado por algum tempo, estudando as metamorfoses das rãs, observando as sanguessugas, capturando uma aranha-d'água. Depois começou a atirar pedras. O exercício pôs-lhe o sangue em circulação; sentiu-se rejuvenescido, um escolar cabulando aula, livre, desafiadoramente livre! Era liberdade comprada por grande sacrifício pessoal.

A ideia de poder comungar com a natureza livremente e à vontade o alegrou; compreendia a natureza melhor do que os homens, que só o haviam maltratado e caluniado; sua inquietação desapareceu; levantou-se e continuou o caminho mais para o campo. Atravessando a Cruz, entrou na Rua Norte do Hop-Garden. Faltavam algumas tábuas na cerca diante dele, e, do outro lado, havia uma trilha muito claramente marcada.

Esgueirou-se pelo buraco, perturbando uma velha que colhia urtigas, atravessou o grande campo de tabaco onde hoje se ergue uma colônia de casas de campo, e encontrou-se diante do portão de Lill-Jans. Não havia dúvida de que era primavera no pequeno povoado, composto de três chalés aconchegados entre sabugueiros e macieiras, e protegido do vento norte pelo pinhal do outro lado da Estrada Alta. O visitante foi regalado com um pequeno idílio perfeito.

Um galo, empoleirado nos varais de um carro-pipa, aquecia-se ao sol e apanhava moscas; as abelhas pairavam em nuvem ao redor das colmeias; o jardineiro estava ajoelhado junto aos canteiros aquecidos, separando rabanetes; as toutinegras e os rabirruivos cantavam entre os pés de groselha, enquanto crianças de roupas leves perseguiam as galinhas empenhadas em examinar a capacidade germinativa de várias sementes recém-semeadas. Um céu azul brilhante abarcava a cena, e a floresta escura emoldurava o fundo.

Dois homens estavam sentados perto dos canteiros aquecidos, ao abrigo da cerca. Um deles, usando uma cartola preta e um terno preto puído, tinha o rosto comprido, estreito e pálido, e parecia um pastor. Com seu corpo robusto, mas deformado, pálpebras caídas e bigode mongólico, o outro pertencia ao tipo do camponês civilizado. Estava muito malvestido e poderia ser muitas coisas: vagabundo, artesão ou artista; parecia miserável, mas miserável de um modo original.

O homem magro, que evidentemente sentia frio, embora estivesse sentado em pleno sol, lia para o amigo em um livro; este último parecia ter experimentado todos os climas da Terra e ser capaz de suportá-los todos

com igual tranquilidade. Quando Falk entrou pelo portão do jardim, vindo da Estrada Alta, pôde ouvir nitidamente, através da cerca, as palavras do leitor, e não lhe pareceu nenhuma violação de confiança deter-se por algum tempo para escutar.

O homem magro lia com uma voz seca e monótona, uma voz sem ressonância; e seu amigo robusto, de tempos em tempos, manifestava apreço com um bufo que às vezes se transformava em grunhido e virava uma espécie de engasgo sempre que as palavras de sabedoria que estava ouvindo ultrapassavam a compreensão humana comum.

— Os princípios supremos são, como já se afirmou, três: um absolutamente incondicionado, e dois relativamente incondicionados.

Pro primo: o princípio absolutamente primeiro, puramente incondicionado, exprimiria a ação subjacente a toda consciência e sem a qual a consciência não pode existir. Esse princípio é a identidade A—A. Ele perdura e não pode ser eliminado pelo pensamento quando se prescinde de todas as determinações empíricas da consciência. É o fato originário da consciência e deve, portanto, necessariamente, ser reconhecido. Além disso, não é condicionado como qualquer outro fato empírico, mas, enquanto consequência e substância de um ato voluntário, inteiramente incondicionado.

— Está acompanhando, Olle? — perguntou o leitor, interrompendo-se.

— É extraordinário! Não é condicionado como qualquer outro fato empírico. Oh! Que homem! Continue! Continue!

— Se se sustenta — continuou o leitor — que esta proposição, sem nenhuma prova adicional, é verdadeira...

— Ora essa! Que patife! Sem nenhuma prova adicional, é verdadeira — repetiu o ouvinte agradecido, empenhado em dissipar qualquer suspeita de que não compreendera o que fora lido. — Sem nenhuma razão adicional; que sutil, que sutil da parte dele dizer isso em vez de simplesmente dizer “sem nenhuma razão”.

— Devo continuar? Ou pretende continuar me interrompendo? — perguntou o leitor ofendido.

— Não interrompo mais. Continue! Continue!

— Pois bem, agora ele tira a conclusão — realmente excelente: “Se alguém atribui a si mesmo a faculdade de enunciar uma proposição...”

Olle resfolegou.

— “Não se propõe com isso A — A maiúsculo —, mas apenas que A—A, se e na medida em que A de fato existe. Não se trata da essência de uma afirmação, mas apenas de sua forma. A proposição A—A é, portanto, condicionada — hipoteticamente — no que diz respeito à sua essência, e incondicionada apenas no que diz respeito à forma.”

— Notou o A maiúsculo?

Falk ouvira o bastante; aquela era a terrivelmente profunda filosofia de Upsala, extraviada em Estocolmo para conquistar e subjugar os instintos grosseiros da capital.

Olhou para as galinhas, para ver se não haviam caído dos poleiros; para a salsa, para ver se não parara de crescer, obrigada a escutar a mais profunda sabedoria jamais proclamada por voz humana em Lill-Jans; surpreendeu-se ao constatar que o céu não desabara depois de presenciar tamanho feito de força mental. Ao mesmo tempo, sua natureza humana inferior clamava por atenção: tinha a garganta seca, e decidiu pedir um copo d'água em um dos chalés.

Voltando, dirigiu-se sem pressa ao casebre do lado direito da estrada, vindo da cidade. A porta que dava para um grande cômodo — outrora uma padaria — a partir de uma saleta de entrada do tamanho de um baú de viagem, estava aberta. O cômodo continha um sofá-cama, uma cadeira quebrada, um cavalete e dois homens. Um deles, vestindo apenas uma camisa e uma calça segurada por um cinto de couro, estava de pé diante do cavalete. Parecia um oficial de ofício, mas era um artista fazendo o esboço de um retábulo.

O outro era um jovem de traços bem definidos e, em vista do ambiente, roupas bem-feitas. Tirara o paletó, arregaçara a camisa e servia de modelo ao artista. Seu belo e nobre rosto mostrava sinais de uma noite de dissipação, e, de quando em quando, ele cochilava, sendo a cada vez repreendido pelo mestre, que parecia tê-lo tomado sob sua proteção. Quando Falk entrava no cômodo, ouviu o teor de uma dessas reprimendas.

— Que você tenha se reduzido a esse estado e passado a noite bebendo com aquele vagabundo do Sellén, e agora esteja aqui desperdiçando seu tempo, em vez de estar na Escola Comercial! O ombro direito um pouco mais alto, por favor; isso, melhor! É verdade que você gastou todo o dinheiro do aluguel e não se atreve a voltar para casa? Não sobrou nada? Nem um

vintém?

— Ainda tenho alguma coisa, mas não irá longe.

O jovem tirou um pedaço de papel do bolso da calça e, desdobrando-o, mostrou duas notas de uma coroa cada.

— Dê-as a mim, eu guardo para você — exclamou o mestre, arrebatando-as com solicitude paternal.

Falk, que tentara em vão atrair a atenção deles, achou melhor retirar-se tão silenciosamente quanto viera.

Passando mais uma vez pelo monte de esterco e pelos dois filósofos, virou à esquerda. Não fora longe quando avistou um jovem que montara seu cavalete à beira de um pequeno brejo plantado de amieiros, junto à mata. Tinha uma figura graciosa, esguia, quase elegante, e um rosto fino e escuro. Parecia faiscar vida enquanto permanecia diante do cavalete, trabalhando numa bela pintura. Tirara o paletó e o chapéu, e parecia estar em excelente saúde e disposição; alternava entre falar consigo mesmo e assobiar ou cantarolar trechos de canções.

Quando Falk chegou perto o bastante para vê-lo de perfil, ele se virou.

— Sellén! Bom dia, meu velho!

— Falk! Quem diria encontrá-lo aqui fora, no bosque! Que diabo significa isso? Você não devia estar no escritório a esta hora do dia?

— Não! Mas você está morando aqui fora?

— Sim; vim para cá no primeiro de abril com alguns camaradas. Achei a vida na cidade cara demais — e, além disso, os senhorios são tão exigentes.

Um sorriso malicioso brincou em um dos cantos de sua boca, e seus olhos castanhos faiscaram.

— Entendo — retomou Falk. — Então talvez você conheça os dois indivíduos que estavam sentados junto aos canteiros aquecidos agora há pouco, lendo?

— Os filósofos? Claro que conheço! O alto é assistente no Escritório de Vendas Públicas, com salário de oitenta coroas por ano; e o baixo, Olle Montanus, devia estar em casa trabalhando em sua escultura — mas, desde que ele e Ygberg se meteram com filosofia, deixou de trabalhar e está descendo ladeira abaixo depressa. Descobriu que há algo de sensual na arte.

— De que ele vive?

— De absolutamente nada! De vez em quando posa para o prático Lundell, e então ganha um pedaço de morcela. Isso lhe dura mais ou menos um dia. No inverno, Lundell o deixa deitar-se no chão; “ele ajuda a aquecer o quarto”, diz, e a lenha é muito cara; fez muito frio aqui em abril.

— Como ele pode ser modelo? Tem um ar tão Deus-me-acuda.

— Ele posa para um dos ladrões da Descida da Cruz de Lundell, aquele cujos ossos já estão quebrados; o pobre-diabo sofre de uma doença no quadril; fica esplêndido quando se inclina sobre o encosto de uma cadeira; às vezes o artista o manda ficar de costas; então ele representa o outro ladrão.

— Mas por que ele mesmo não trabalha? Não tem talento?

— Olle Montanus, meu caro, é um gênio, mas não quer trabalhar. É filósofo e teria se tornado um grande homem se pudesse ter ido para a universidade. É realmente extraordinário ouvi-lo e Ygberg conversando sobre filosofia; é verdade que Ygberg leu mais, mas, apesar disso, Montanus, com seu cérebro sutil, consegue encurralá-lo de vez em quando; então Ygberg vai embora e lê mais um pouco, mas nunca empresta o livro a Montanus.

— Entendo! E você gosta da filosofia de Ygberg? — perguntou Falk.

— Oh! É sutil, maravilhosamente sutil! Você gosta de Fichte, não gosta? Ora! Que homem!

— Quem eram os dois indivíduos no chalé? — perguntou Falk, que não gostava de Fichte.

— Ah. Você também os viu? Um deles era o prático Lundell, pintor de figuras — ou melhor, de assuntos sacros; o outro era meu amigo Rehnjelm.

Pronunciou as últimas palavras com a máxima indiferença, a fim de aumentar tanto quanto possível o efeito delas.

— Rehnjelm?

— Sim; um sujeito muito simpático.

— Ele estava servindo de modelo para Lundell.

— Estava? Típico de Lundell! Ele sabe como fazer uso das pessoas; é extraordinariamente prático. Mas venha, vamos importuná-lo; é a única diversão que tenho aqui fora. Então talvez você ouça Montanus falar, e isso realmente vale a pena.

Menos pelo desejo de ouvir Montanus falar do que pelo de obter um copo d'água, Falk seguiu Sellén, ajudando-o a carregar o cavalete e a caixa de tintas.

A cena no chalé mudara ligeiramente; o modelo estava agora sentado na cadeira quebrada, e Montanus e Ygberg no sofá-cama. Lundell estava de pé diante do cavalete, fumando; seus amigos maltrapilhos observavam-no, bem como seu velho cachimbo de cerejeira ressonante; a simples presença de cachimbo e tabaco elevava-lhes o ânimo.

Falk foi apresentado, e Lundell imediatamente o monopolizou, pedindo-lhe sua opinião sobre o quadro que estava pintando. Era um Rubens, pelo menos no que dizia respeito ao tema, embora tudo fosse menos Rubens na cor e no desenho. Em seguida, Lundell se estendeu sobre os tempos difíceis e as dificuldades de um artista, criticou severamente a Academia e censurou o governo por negligenciar a arte nacional. Estava ocupado em esboçar um retábulo, embora estivesse convencido de que seria recusado, pois ninguém podia vencer sem intrigas e relações. E examinou as roupas de Falk, perguntando-se se ele talvez fosse uma relação útil.

A aparição de Falk produzira um efeito diferente nos dois filósofos. Farejaram nele um homem de letras e o odiaram, pois ele poderia roubar-lhes a reputação de que gozavam naquele pequeno círculo. Trocaram olhares significativos, imediatamente compreendidos por Sellén, que achou impossível resistir à tentação de exibir os amigos em sua glória e, se possível, provocar um encontro. Logo encontrou uma maçã da discórdia, mirou, atirou e acertou.

— O que você diz do quadro de Lundell, Ygberg?

Ygberg, que não esperava ser chamado a falar tão cedo, teve de ponderar a resposta por alguns segundos. Depois respondeu, erguendo a voz, enquanto Olle lhe esfregava as costas para fazê-lo manter-se ereto.

— Uma obra de arte pode, em minha opinião, ser dividida em duas categorias: tema e forma. No que diz respeito ao tema desta obra de arte, não se pode negar que ele é profundo e universalmente humano; o motivo, propriamente dito, é fértil em si mesmo e contém todas as potencialidades do trabalho artístico. Quanto à forma que, por si mesma, deve de facto manifestar a ideia — isto é, a identidade absoluta, o ser, o eu —, não posso deixar de dizer que a considero menos adequada.

Lundell ficou visivelmente lisonjeado. Olle abriu seu sorriso mais radiante, como se contemplasse as hostes celestes; o modelo dormia, e Sellén achou que Ygberg obtivera um êxito completo. Todos os olhos se voltaram para Falk, que se viu obrigado a aceitar o repto, pois ninguém duvidava de que a crítica de Ygberg era um desafio.

Falk estava ao mesmo tempo divertido e irritado. Vasculhava o limbo da memória em busca de espingardas filosóficas de ar comprimido quando avistou Olle Montanus, cujo rosto convulso traía o desejo de falar. Falk carregou sua arma, ao acaso, com Aristóteles e disparou.

— O que você entende por adequado? Não me recordo de Aristóteles ter usado essa palavra em sua Metafísica.

Caiu absoluto silêncio sobre o cômodo; todos sentiram que uma luta entre a colônia de artistas e a Universidade de Upsala estava iminente. A pausa foi mais longa do que seria desejável, pois Ygberg desconhecia Aristóteles e preferiria morrer a admiti-lo. Como não era rápido na réplica, não descobriu a brecha que Falk deixara aberta; mas Olle descobriu, agarrou Aristóteles com as duas mãos e o arremessou de volta contra o adversário.

— Embora eu não seja um homem instruído, atrevo-me a perguntar se o senhor, senhor Falk, derrubou o argumento de seu adversário? Em minha opinião, adequado pode ser usado e aceito como definição numa conclusão lógica, apesar de Aristóteles não ter mencionado a palavra em sua Metafísica. Estou certo, senhores? Não sei; não sou um homem instruído, e o senhor Falk estudou essas coisas.

Falara com as pálpebras semicerradas; agora as fechou inteiramente e assumiu um ar timidamente insolente.

Ouviu-se um murmúrio geral de:

— Olle tem razão.

Falk percebeu que aquele assunto precisava ser tratado sem luvas, se a honra de Upsala devia ser resguardada; fez um passe com o baralho filosófico e lançou um ás.

— O senhor Montanus negou o antecedente, ou disse simplesmente: nego majorem! Muito bem! Eu, de minha parte, declaro que ele cometeu um posterius prius; quando se viu nos cornos de um dilema, extraviou-se e fez um silogismo segundo ferioque em vez de barbara. Esqueceu a regra de ouro: Caesare camestres festino baroco secundo; e, portanto, sua conclusão

ficou enfraquecida. Estou certo, senhores?

— Perfeitamente certo, absolutamente certo — responderam todos, exceto os dois filósofos, que nunca haviam segurado um livro de lógica nas mãos.

Ygberg parecia ter mordido um prego, e Olle sorriu como se lhe tivessem atirado aos olhos um punhado de rapé; mas sua esperteza nativa descobrira o método tático do adversário. Resolveu não se prender ao ponto, mas falar de outra coisa. Trouxe à tona tudo o que aprendera e tudo o que ouvira, começando pela Crítica da Filosofia de Fichte, à qual Falk estivera escutando havia pouco, por trás da cerca. A discussão prosseguiu até que a manhã estava quase gasta.

Enquanto isso, Lundell continuava pintando, seu cachimbo imundo roncando alto. O modelo adormecera na cadeira quebrada, a cabeça afundando cada vez mais, até que, por volta do meio-dia, pendia entre os joelhos; um matemático teria podido calcular o momento em que ela alcançaria o centro da Terra.

Sellén estava sentado à janela aberta, divertindo-se; mas o pobre Falk, que tivera a impressão de que aquela terrível filosofia era coisa do passado, viu-se obrigado a continuar atirando punhados de rapé filosófico nos olhos de seus antagonistas. A tortura jamais teria chegado ao fim se o centro de gravidade do modelo não tivesse se deslocado gradualmente para uma das partes mais delicadas da cadeira; ela cedeu, e o Barão caiu no chão. Lundell aproveitou a oportunidade para investir contra o vício da embriaguez e suas miseráveis consequências tanto para a vítima quanto para os outros; por “os outros”, é claro, queria dizer ele próprio.

Falk, ansioso por acudir o jovem embaraçado, fez com vivacidade uma pergunta destinada a ser de interesse geral.

— Onde os senhores vão jantar?

O cômodo ficou em silêncio, tão silencioso que o zumbido das moscas se ouvia claramente; Falk não tinha a menor consciência de que pisara em cinco calos ao mesmo tempo. Foi Lundell quem rompeu o silêncio. Ele e Rehnjelm iriam jantar no Sauce-Pan, seu restaurante habitual, pois ali tinham crédito; Sellén se opôs ao lugar porque não gostava da cozinha, e ainda não se decidira por outro estabelecimento; lançou ao modelo um olhar ansioso e interrogativo. Ygberg e Montanus estavam “ocupados” demais e “não iam cortar o dia de trabalho” para “se vestir e subir à cidade”. Iriam arranjar alguma coisa ali mesmo, mas não disseram o quê.

Começou uma arrumação geral, consistindo principalmente numa lavagem junto à velha bomba do jardim. Sellén, que era um dândi, escondera debaixo do sofá-cama um embrulho envolto em jornal, do qual tirou colarinho, punhos e peitilho, todos de papel. Ajoelhou-se por longo tempo diante da bomba, olhando para o cocho, enquanto punha uma gravata verde-acastanhada, presente de uma senhora, e arranjava o cabelo num estilo particular.

Depois de esfregar os sapatos com uma folha de bardana, escovar o chapéu com a manga do paletó, pôr um jacinto-uva na botoeira e agarrar sua bengala cor de canela, estava pronto para partir. À pergunta de Sellén se Rehnjelm ficaria pronto logo, Lundell respondeu que ele ainda levaria horas, pois precisava de sua ajuda no desenho; Lundell sempre dedicava o período das doze às duas ao desenho. Rehnjelm submeteu-se e obedeceu, embora lhe custasse separar-se de Sellén, de quem gostava, e ficar com Lundell, de quem não gostava.

— Encontramo-nos esta noite no Quarto Vermelho — disse Sellén, consolando-o; e todos concordaram, até os filósofos e o moral Lundell.

No caminho para a cidade, Sellén iniciou seu amigo Falk em alguns dos segredos dos colonos. Quanto a si mesmo, rompera com a Academia, porque suas ideias sobre arte diferiam das deles; sabia que tinha talento e que acabaria obtendo sucesso, embora esse sucesso pudesse tardar. Era, naturalmente, terrivelmente difícil fazer nome sem a Medalha Real. Havia também obstáculos naturais em seu caminho. Era natural da costa estéril de Halland e amava a grandeza e a simplicidade; mas críticos e público exigiam detalhes e ninharias; por isso seus quadros não vendiam; poderia ter pintado o que todos os outros pintavam, mas desdenhava fazê-lo.

Lundell, por outro lado, era um homem prático — Sellén sempre pronunciava a palavra prático com certo desprezo —; pintava para agradar ao público. Nunca sofria de indisposição; era verdade que deixara a Academia, mas por razões secretas e práticas; além disso, apesar de sua afirmação, não rompera inteiramente com ela. Tirava uma boa renda de suas ilustrações para revistas e, embora tivesse pouco talento, estava fadado a fazer fortuna algum dia, não só pelo número de suas relações, mas também por suas intrigas. Fora Montanus quem o iniciara nelas; era ele o autor de mais de um plano que Lundell executara com sucesso. Montanus era um gênio, embora terrivelmente imprático.

Rehnjelm era natural de Norrland. Seu pai fora um homem rico; possuía uma grande propriedade que agora pertencia ao seu antigo inspetor. O velho

aristocrata era comparativamente pobre; esperava que o filho aprendesse uma lição com o passado, aceitasse um posto de inspetor e, com o tempo, restaurasse a família à antiga posição pela aquisição de uma nova propriedade. Amparado por essa esperança, enviara-o à Escola Comercial para estudar escrituração agrícola, uma habilidade que o jovem detestava. Era um bom rapaz, mas um tanto fraco, e se deixava influenciar por Lundell, que não desdenhava receber o pagamento por sua pregação e seu patrocínio in natura.

Enquanto isso, Lundell e o Barão haviam começado a trabalhar; o Barão desenhava, enquanto o mestre jazia no sofá, supervisionando o trabalho — em outras palavras, fumando.

— Se você se empenhar no trabalho, virá jantar comigo no Brass-Button — prometeu Lundell, sentindo-se rico com as duas coroas que salvara da destruição.

Ygberg e Montanus haviam subido sem pressa a elevação arborizada, com a intenção de dormir durante a hora da refeição; Olle irradiava satisfação depois de suas vitórias, mas Ygberg estava abatido; o discípulo o superara. Além disso, seus pés estavam frios, e ele se achava extraordinariamente faminto, pois a ávida discussão sobre o jantar despertara nele sentimentos adormecidos, reprimidos com sucesso durante os últimos doze meses. Lançaram-se sob um pinheiro; Ygberg escondeu debaixo da cabeça o precioso livro, cuidadosamente embrulhado, que sempre se recusava a emprestar a Olle, e estendeu-se de corpo inteiro no chão; parecia mortalmente pálido, frio e calmo como um cadáver que abandonara toda esperança de ressurreição. Observava alguns passarinhos acima de sua cabeça bicando sementes de pinheiro e deixando cair as cascas sobre ele; observava uma vaca, imagem da saúde robusta, pastando entre os amieiros; via a fumaça subindo da chaminé da cozinha do jardineiro.

— Está com fome, Olle? — perguntou ele, com voz fraca.

— Não! — respondeu Olle, lançando olhares cobiçosos ao maravilhoso livro.

— Ah! Ser uma vaca! — suspirou Ygberg, cruzando as mãos sobre o peito e entregando-se ao sono misericordioso.

Quando sua respiração baixa se tornou regular, o amigo desperto puxou gentilmente o livro de seu esconderijo, sem perturbar o adormecido; depois virou-se e, deitado de bruços, começou a devorar o precioso conteúdo,

esquecendo-se por completo do Sauce-Pan e do Brass-Button.

FIM DO CAPÍTULO III

Capítulo IV

Amo E Cães

Dois ou três dias haviam passado. A senhora Charles Nicholas Falk, uma dama de vinte e dois anos, acabara de tomar o café da manhã na cama, a colossal cama de mogno do grande quarto de dormir. Eram apenas dez horas. Seu marido estava fora desde as sete, recebendo linho no cais. Mas não era por contar com a ausência dele que a jovem esposa permanecera na cama — coisa que sabia ser contrária às regras da casa. Estava casada havia apenas dois anos, mas, durante esse período, encontrara tempo de sobra para introduzir amplas reformas no velho, conservador e burguês lar, onde tudo era velho, até os criados. Ele a investira do poder necessário no dia em que lhe confessara seu amor, e ela consentira graciosamente em tornar-se sua esposa, isto é, permitira-lhe libertá-la do odiado cativo do teto paterno, onde fora obrigada a levantar-se todas as manhãs às seis horas e trabalhar o dia inteiro. Fizera bom uso do período de noivado, pois fora então que reunira uma série de garantias que lhe prometiam uma vida livre e independente, sem ser molestada por qualquer interferência da parte do marido. É claro que essas garantias consistiam apenas em promessas verbais feitas por um homem apaixonado; mas ela, que jamais permitira que a emoção se sobrepusesse a ela, anotara-as cuidadosamente nas tábuas da memória. Depois de dois anos de matrimônio, não redimidos pela promessa de um filho, o marido mostrava uma decidida inclinação a pôr de lado todas essas garantias e a questionar seu direito de dormir quanto quisesse, por exemplo, de tomar café na cama, etcétera, etcétera; chegara até a ser indelicado a ponto de lembrá-la de que a tirara do lodo; que a libertara de um inferno, sacrificando-se com isso. O casamento fora uma *mésalliance*, pois o pai dela era um dos tripulantes do navio-almirante.

Deitada ali, maquinava respostas a esses e outros reproches semelhantes; e, como seu bom senso, durante o longo período de conhecimento mútuo entre ambos, jamais fora turvado por qualquer embriaguez dos sentidos, ela o tinha bem sob controle e sabia como usá-lo. Os sons do retorno do marido encheram-na de puro prazer. Pouco depois, a porta da sala de jantar bateu com estrondo; fez-se ouvir um berreiro tremendo; ela meteu a cabeça debaixo das cobertas para abafar o riso. Passos pesados atravessaram o cômodo vizinho, e o marido furioso apareceu no limiar, de chapéu na cabeça. A esposa, que estava de costas para ele, chamou, nos tons mais doces de sua

VOZ:

— É você, meu bobalhãozinho? Entre, entre!

O bobalhãozinho — aquele era um apelido carinhoso, e marido e mulher usavam com frequência outros ainda mais originais — não mostrou nenhuma inclinação a aceitar o convite; permaneceu parado à porta e gritou:

— Por que a mesa não está posta para o almoço?

— Pergunte às criadas; não é meu trabalho pôr a mesa! Mas é costume tirar o chapéu ao entrar num quarto, senhor!

— O que você fez com meu boné?

— Queimei! Estava tão engordurado que você devia ter vergonha de usá-lo.

— Queimou? Falaremos disso depois! Por que você está deitada na cama até estas horas da manhã, em vez de vigiar as criadas?

— Porque gosto.

— Acha que me casei com uma esposa para vê-la recusar-se a cuidar da casa? Hein?

— Casou! Mas por que você acha que eu me casei com você? Já lhe disse mil vezes: para não ter de trabalhar — e você me prometeu que eu não precisaria. Não prometeu? Pode jurar, por sua palavra de honra, que não prometeu? É esse o tipo de homem que você é! Igualzinho a todos os outros!

— Isso foi há muito tempo!

— Há muito tempo? Quando é que foi há muito tempo? Uma promessa não obriga para todos os tempos? Ou precisa ser feita numa estação particular?

O marido conhecia bem demais aquela lógica irrespondível, e o bom humor da esposa exercia sobre ele o mesmo efeito que suas lágrimas: ele cedeu.

— Vou receber visitas esta noite — declarou ele.

— Ah, é mesmo? Cavalheiros?

— Naturalmente! Detesto mulheres.

— Bem, suponho que você tenha encomendado o que deseja.

— Não, quero que você faça isso.

— Eu? Não tenho dinheiro para receber ninguém. Com toda certeza não gastarei meu dinheiro da casa com os seus convidados.

— Não; você prefere gastá-lo em vestidos e outras coisas inúteis.

— Chama de inúteis as coisas que faço para você? Uma touca de fumar é inútil? Chinelos são inúteis? Diga-me! Diga-me com franqueza!

Ela era perita em formular perguntas de tal maneira que a resposta fatalmente esmagava a pessoa obrigada a respondê-las. Apenas copiava o método do marido. Se ele quisesse evitar ser esmagado, via-se obrigado a mudar sem cessar o assunto da conversa.

— Mas tenho, de fato, uma razão muito boa para receber alguns convidados esta noite — disse ele, com uma demonstração de emoção; — meu velho amigo Fritz Levin, dos Correios, foi promovido depois de dezenove anos de serviço — li isso ontem à noite na Gazeta Postal. Mas, já que você desaprova, e como sempre cedo diante de você, deixarei o assunto de lado e apenas convidarei Levin e o mestre-escola Nyström para uma pequena ceia no escritório.

— Então aquele vadio do Levin foi promovido? Essa é boa! Talvez agora ele lhe pague todo o dinheiro que deve?

— Espero que sim!

— Não consigo entender como você pode ter qualquer coisa a ver com esse homem! E o mestre-escola! Mendigos, os dois, que mal possuem a roupa que vestem.

— Escute aqui, minha velha, eu nunca me meto nos seus assuntos; deixe meus negócios em paz.

— Se você recebe convidados lá embaixo, não vejo por que eu não haveria de receber amigas aqui em cima!

— Bem, por que não recebe?

— Está bem, bobalhãozinho, então me dê algum dinheiro.

O bobalhãozinho, satisfeito em todos os aspectos com o rumo que as coisas haviam tomado, obedeceu com prazer.

— Quanto? Hoje estou com muito pouco dinheiro vivo.

— Oh! Cinquenta bastam.

— Está louca?

— Louca? Dê-me o que peço. Por que devo passar fome enquanto você se banqueteia?

A paz foi estabelecida, e as partes se separaram com satisfação mútua. Não havia necessidade de ele almoçar mal em casa; era forçado a sair; não havia necessidade de comer um jantar pobre e sentir-se incomodado pela presença de senhoras; ele ficava embaraçado na companhia de mulheres, pois fora solteirão por tempo demais; não havia motivo para ser atormentado pela consciência, pois a esposa não ficaria sozinha em casa; acontecia que ela queria convidar as próprias amigas e livrar-se dele — isso valia cinquenta coroas.

Assim que o marido saiu, a senhora Falk tocou a campainha; passara a manhã inteira na cama para castigar a criada, pois a moça observara que, antigamente, todos costumavam estar de pé às sete horas. Pediu papel e tinta e rabiscou um bilhete à senhora Homan, esposa do controlador, que morava na casa em frente.

Querida Evelyn — dizia a carta:

Venha esta noite tomar uma xícara de chá comigo; poderemos então discutir os estatutos da “Associação pelos Direitos das Mulheres”. Talvez um bazar ou representações amadoras nos ajudem a avançar. Estou ansiosa para pôr a associação em marcha; é uma necessidade urgente, como você tantas vezes disse; sinto isso muito profundamente quando penso no assunto. Acha que Sua Senhoria honraria minha casa na mesma ocasião? Talvez eu deva primeiro fazer-lhe uma visita. Venha me buscar ao meio-dia e tomaremos uma xícara de chocolate numa confeitaria. Meu marido está fora.

Sua afetuosamente,

Eugênia.

P.S. Meu marido está fora.

Depois de despachar a carta, levantou-se e se vestiu, para estar pronta ao meio-dia.

Era noite.

A extremidade leste da Rua Longa já estava mergulhada no crepúsculo quando o relógio da Igreja Alemã bateu sete horas; apenas um raio débil de luz vindo da Rua dos Porcos caía na loja de linho de Falk, enquanto Andersson se preparava para fechá-la pela noite. As venezianas do escritório já haviam sido cerradas, e o gás estava aceso. O lugar fora varrido e posto em ordem; duas cestas, das quais se projetavam gargalos de garrafas lacradas em vermelho e amarelo — algumas cobertas de folha de estanho, outras envoltas em papel de seda cor-de-rosa —, estavam junto à porta. O centro da sala era ocupado por uma mesa coberta com uma toalha branca; sobre ela havia uma tigela indiana e um pesado candelabro de prata.

Nicholas Falk andava de um lado para outro. Vestia uma casaca preta e tinha um ar ao mesmo tempo respeitável e festivo. Tinha o direito de esperar uma noite agradável: ele a organizara; ele a pagara; estava em sua própria casa e à vontade, pois não havia senhoras presentes, e os convidados que chamara eram de um calibre que justificava esperar deles não só atenção e civilidade, mas algo mais.

Eram apenas dois, mas ele não gostava de muita gente; eram seus amigos, confiáveis, devotados como cães; submissos, agradáveis, sempre lisonjeiros e jamais contraditórios.

Sendo homem de posses, poderia ter frequentado círculos melhores; poderia ter convivido com os amigos do pai — e o fazia, duas vezes por ano —, mas sua natureza era despótica demais para se dar bem com eles.

Eram sete horas e três minutos, e os convidados ainda não haviam chegado. Falk começou a dar sinais de impaciência. Quando convidava seus sequazes, esperava que fossem pontuais ao minuto. Contudo, a ideia da disposição extraordinariamente suntuosa, e da impressão paralisante que ela certamente produziria, ajudou-o a controlar o temperamento por mais algum tempo; ao cabo de mais alguns instantes, Fritz Levin, funcionário dos Correios, deu o ar de sua graça.

— Boa noite, irmão — oh! Mas veja só!

Deteve-se no ato de tirar o sobretudo e fingiu surpresa diante dos magníficos preparativos; quase pareceu em perigo de cair de costas de puro assombro.

— O candelabro de sete braços e o tabernáculo! Bom Deus! — exclamou, ao avistar as cestas.

O indivíduo que soltava essas pilhérias bem ensaiadas enquanto tirava o sobretudo era um homem de meia-idade, do tipo do funcionário público de vinte anos antes; suas suíças uniam-se ao bigode, o cabelo era repartido de lado e arranjado num coup de vent. Era extremamente pálido e magro como uma mortalha. Apesar de bem-vestido, tremia de frio e parecia manter comércio secreto com a pobreza.

A maneira de Falk recebê-lo era ao mesmo tempo rude e condescendente; destinava-se, em parte, a expressar seu desprezo pela lisonja, sobretudo vinda de um indivíduo como o recém-chegado, e, em parte, a dar a entender que este gozava do privilégio de sua amizade.

À guisa de congratulação, começou a traçar um paralelo entre a promoção de Levin e o fato de seu próprio pai ter recebido uma nomeação na milícia.

— Pois bem, é uma grande coisa ter uma nomeação real no bolso, não é? Meu pai também recebeu uma nomeação real...

— Perdoe-me, caro irmão, mas eu apenas fui nomeado.

— Nomeação ou nomeação real, dá no mesmo. Não me venha ensinar! Meu pai também tinha uma nomeação real...

— Asseguro-lhe...

— Assegura-me? O que quer dizer com isso? Quer insinuar que estou aqui contando mentiras? Diga-me, quer dizer que estou mentindo?

— Claro que não! Não há necessidade de perder a cabeça desse jeito!

— Muito bem! Você admite que não estou contando mentiras; conseqüentemente, tem uma nomeação real. Por que fala tanta bobagem? Meu pai...

O homem pálido, em cujo rastro parecia ter entrado no escritório um bando de fúrias — pois tremia em todos os membros —, lançou-se agora contra seu patrono, firmemente resolvido a acabar logo com seu assunto antes que a festa comesse, para que nada depois perturbasse o prazer geral.

— Ajude-me — gemeu, com o desespero de um homem que se afoga, tirando uma letra do bolso.

Falk sentou-se no sofá, chamou Andersson aos gritos, ordenou que abrisse as garrafas e começou a preparar a poncheira.

— Ajudá-lo? Já não o ajudei antes? — respondeu. — Você não tomou dinheiro emprestado comigo repetidas vezes, sem me pagar? Responda! O que tem a dizer?

— Sei, irmão, que você sempre foi a própria bondade comigo.

— E agora você foi promovido, não foi? Agora tudo ficaria em ordem; todas as dívidas seriam pagas, e uma vida nova começaria. Escuto esse tipo de conversa há dezoito anos. Que salário recebe agora?

— Mil e duzentas coroas, em vez das oitocentas de antes. Mas pense nisto: o custo da nomeação foi cento e vinte e cinco; o fundo de pensão desconta cinquenta; isso faz cento e setenta e cinco. De onde devo tirar isso? Mas o pior de tudo é isto: meus credores penhoraram metade do meu salário; conseqüentemente, tenho agora apenas seiscentas coroas para viver, em vez de oitocentas — e esperei dezenove anos por isso. A promoção é uma coisa esplêndida!

— Por que se meteu em dívidas? Nunca se deve contrair dívidas. Nunca — contrair — dívidas.

— Com um salário de oitocentas coroas durante todos esses anos! Como era possível evitá-las?

— Nesse caso, você não tinha nada que estar a serviço do governo. Mas isso é um assunto que não me diz respeito; não — me — diz — respeito.

— Não quer assinar mais uma vez? Pela última vez?

— Você conhece meus princípios; nunca assino letras. Por favor, deixe o assunto de lado.

Levin, que evidentemente estava acostumado a essas recusas, acalmou-se. No mesmo instante entrou o mestre-escola Nyström, que, para alívio de ambas as partes, interrompeu a conversa. Era um indivíduo ressequido, de aparência e idade misteriosas. Sua ocupação também era misteriosa; supunha-se que fosse mestre numa escola de um dos subúrbios do sul — ninguém jamais perguntava em que escola, e ele não gostava de falar no assunto. Sua missão, no que dizia respeito a Falk, consistia primeiro em ser tratado por mestre-escola quando havia outras pessoas presentes; segundo, em ser polido e submisso; terceiro, em tomar emprestado um pouco de vez em quando, nunca mais de cinco coroas; era uma das necessidades fundamentais de Falk que as pessoas lhe pedissem dinheiro emprestado de vez em quando, só um pouco, é claro; e, quarto, em escrever versos em

ocasiões festivas; e esta última não era a menor das partes constitutivas de sua missão.

Charles Nicholas Falk estava entronizado em seu sofá de couro, muito consciente do fato de que era o seu sofá de couro, cercado por seu séquito; ou por seus cães, como se poderia dizer. Levin achava tudo esplêndido: a poncheira, os copos, a concha, os charutos — a caixa inteira fora tirada da lareira —, os fósforos, os cinzeiros, as garrafas, as rolhas, o arame — tudo. O mestre-escola parecia contente; não era chamado a falar, os outros dois faziam isso; dele se exigia apenas que estivesse presente como testemunha, caso necessário.

Falk foi o primeiro a erguer o copo e beber — ninguém sabia a quem —, mas o mestre-escola, supondo que fosse ao herói do dia, tirou seus versos e começou a ler “A Fritz Levin no Dia de Sua Promoção”.

Falk foi acometido por uma tosse violenta que perturbou a leitura e estragou o efeito dos pontos mais espirituosos; mas Nyström, que era homem astuto e previra isso, introduzira em seu poema a reflexão finamente sentida e finamente expressa: “Que teria sido de Fritz Levin se Charles Nicholas não o houvesse protegido?” Essa sutil alusão aos numerosos empréstimos feitos por Falk ao amigo acalmou a tosse; ela diminuiu e garantiu melhor acolhida à última estrofe, que era, com bastante impudência, dedicada a Levin, falta de tato que de novo ameaçou perturbar a harmonia. Falk esvaziou o copo como se drenasse uma taça cheia até a borda de ingratidão.

— Você não está à altura, Nyström — disse ele.

— Não, ele foi muito mais espirituoso no seu trigésimo oitavo aniversário — concordou Levin, adivinhando aonde Falk queria chegar.

O olhar de Falk penetrou nos recessos mais ocultos da alma de Levin, tentando descobrir se ali se escondia alguma mentira ou fraude — e, como seus olhos estavam cegos pelo orgulho, nada viu.

— Muito certo — aquiesceu ele. — Nunca ouvi nada mais espirituoso em toda a minha vida; era bom o bastante para ser impresso; você realmente devia mandar imprimir suas coisas. Escute, Nyström, decerto o sabe de cor, não sabe?

Nyström tinha uma memória chocante; ou, para dizer a verdade, ainda não bebera vinho suficiente para cometer a sugerida afronta à decência e ao bom-tom; pediu tempo. Mas Falk, irritado por sua resistência silenciosa, fora

longe demais para recuar e insistiu no pedido. Estava quase certo de que trazia consigo uma cópia dos versos; procurou na carteira e — eis! — lá estavam eles. A modéstia não o impedia de lê-los em voz alta ele mesmo; não seria a primeira vez; mas soava melhor quando outro os lia. O pobre cão mordeu a corrente, mas ela resistiu. Era um homem sensível, esse mestre-escola, mas precisava ser brutal se não quisesse abrir mão do precioso dom da vida, e fora muito brutal. Os assuntos mais privados eram discutidos plena e abertamente; tudo o que se relacionava ao nascimento do herói, à sua recepção na comunidade, à sua educação e criação era ridicularizado; os versos teriam repugnado até ao próprio Falk se tratassem de qualquer outra pessoa, mas o fato de celebrarem a ele e seus feitos os tornava excelentes. Terminada a recitação, brindou-se ruidosamente à sua saúde, em muitos copos, pois cada membro da pequena companhia sentia-se sóbrio demais para manter sob controle seus sentimentos verdadeiros.

A mesa foi então desimpedida, e serviu-se uma excelente ceia composta de ostras, aves e outras boas coisas. Falk foi farejando de prato em prato, mandou um ou dois de volta, cuidou para que se tirasse o frio da stout e para que os vinhos estivessem na temperatura certa. Agora seus cães eram chamados a cumprir seu trabalho e a oferecer-lhe um espetáculo agradável. Quando todos estavam prontos, ele puxou o relógio de ouro, segurou-o na mão e fez, em tom de brincadeira, uma pergunta que seus convivas já haviam ouvido muitas vezes — muitíssimas vezes:

— Que horas marcam os relógios de prata dos cavalheiros?

A resposta esperada veio, como mandava o dever, acompanhada de riso alegre: os relógios estavam no relojoeiro. Isso pôs Falk no melhor dos humores, que encontrou expressão na piada nada inesperada:

— Os animais serão alimentados às oito.

Sentou-se, serviu três licores, tomou um e convidou os amigos a lhe seguirem o exemplo.

— Preciso começar eu mesmo, já que vocês dois parecem estar se fazendo de rogados. Nada de cerimônia! Ataquem, rapazes!

A alimentação começou. Charles Nicholas, que não estava particularmente faminto, tinha tempo de sobra para apreciar o apetite de seus convidados e não parava de instigá-los a comer. Um sorriso de benevolência indizível irradiava de seu rosto claro e solar enquanto observava o zelo deles, e era difícil dizer o que lhe dava mais prazer: o fato de estarem fazendo uma boa

refeição ou o fato de estarem com tanta fome. Ficava ali sentado como um cocheiro na boleia, estalando a língua e fazendo estalar o chicote sobre eles.

— Coma, Nyström! Você não sabe quando terá outra refeição. Sirva-se, Levin; parece que precisa pôr um pouco de carne nesses ossos. Está fazendo careta para as ostras? Não são boas o bastante para um sujeito como você? O que me diz? Pegue mais uma! Não seja tímido! O que me diz? Já comeu o suficiente? Bobagem! Agora beba! Tomem um pouco de stout, rapazes! Agora um pouco mais de salmão! Você vai pegar outro pedaço, pelo Senhor Harry, vai sim! Continue comendo! Por que diabo não come? Não lhe custa nada!

Quando as aves foram trinchadas, Charles Nicholas serviu o clarete com certa solenidade. Os convidados fizeram pausa, esperando um discurso. O anfitrião ergueu o copo, aspirou o buquê do vinho e disse com profunda gravidade:

— À saúde de vocês, seus porcos!

Nyström respondeu erguendo o copo e bebendo; Levin, porém, deixou o seu intacto, com o ar de quem afiasse secretamente uma faca.

Terminada a ceia, Levin, fortalecido pela comida e pela bebida, os sentidos enevoados pelos vapores do vinho, começou a alimentar um sentimento de independência; um forte anseio de liberdade agitou-se em seu coração. Sua voz tornou-se mais ressonante; pronunciava as palavras com segurança crescente, e seus movimentos denunciavam maior desembaraço.

— Dê-me um charuto! — disse, em tom de comando. — Não, não uma porcaria dessas, um bom.

Charles Nicholas, tomando suas palavras como uma boa piada, obedeceu.

— Seu irmão não está aqui esta noite — observou Levin, casualmente.

Havia algo ominoso e ameaçador em sua voz; Falk o sentiu e ficou inquieto.

— Não! — disse, em tom breve, mas a voz lhe tremia.

Levin esperou alguns instantes antes de desferir o segundo golpe. Uma de suas ocupações mais lucrativas era meter-se nos negócios alheios; levava mexericos de família em família; semeava um grão de discórdia aqui e outro ali, apenas para desempenhar depois o papel agradecido de mediador. Desse modo, adquirira grande influência, era temido por seus conhecidos e os

manejava como marionetes.

Falk sentiu essa influência desagradável e tentou livrar-se dela; em vão. Levin sabia como aguçar-lhe a curiosidade; e, insinuando mais do que sabia, conseguia blefar de tal modo que as pessoas acabavam traindo seus segredos.

Naquele momento, Levin segurava o chicote e prometia a si mesmo fazer seu opressor senti-lo. Por enquanto, apenas brincava com ele, mas Falk esperava o golpe. Tentou mudar de assunto. Instigou os amigos a beber, e eles beberam. Levin tornou-se mais branco e mais frio à medida que a embriaguez aumentava, e continuou a brincar com sua vítima.

— Sua esposa recebe visitas esta noite — observou de repente.

— Como sabe disso? — perguntou Falk, desconcertado.

— Eu sei de tudo — respondeu Levin, mostrando os dentes.

Era quase verdade; suas extensas relações comerciais o obrigavam a frequentar tantos lugares públicos quanto possível, e ali ouvia muita coisa; não apenas as coisas de que se falava em sua sociedade, mas também as que eram discutidas pelos outros.

Falk começava a sentir medo sem saber por quê, e achou melhor desviar o perigo ameaçador. Tornou-se cortês, humilde até, mas a audácia de Levin continuou aumentando. Não havia alternativa: precisava fazer um discurso, lembrar aos companheiros a causa da reunião, reconhecer o herói do dia. Não havia outra saída. Era mau orador, mas aquilo precisava ser feito. Bateu na poncheira, encheu os copos e, recordando um antigo discurso feito por seu pai quando Falk se tornara senhor de si, ergueu-se e começou, muito devagar:

— Senhores! Sou senhor de mim há oito anos; eu tinha apenas trinta anos...

A passagem da posição sentada para a posição de pé fez o sangue subir-lhe à cabeça; ficou confuso; os olhares zombeteiros de Levin aumentaram seu embaraço. Sua confusão cresceu; a cifra trinta pareceu-lhe algo tão colossal que o desconcertou por completo.

— Eu disse trinta? Não foi isso que quis dizer. Estive a serviço de meu pai — por muitos anos. Levaria tempo demais contar tudo — sofri durante aqueles anos; é o destino comum. Talvez os senhores me julguem egoísta...

— Muito bem! Muito bem! — gemeu Nyström, que apoiava a cabeça pesada sobre a mesa.

Levin soprava a fumaça do charuto na direção do orador, como se lhe cuspiasse no rosto.

Falk, agora realmente embriagado, continuou seu discurso; seus olhos pareciam procurar um alvo distante sem conseguir encontrá-lo.

— Todo mundo é egoísta, todos nós sabemos disso. Si-im! Meu pai, que fez um discurso quando me tornei senhor de mim, como eu estava dizendo...

Puxou o relógio de ouro e o despreendeu da corrente. Os dois ouvintes arregalaram os olhos. Estaria ele prestes a dá-lo de presente a Levin?

— Entregou-me, naquela ocasião, este relógio de ouro, que ele, por sua vez, recebera do pai dele no ano de...

De novo aquelas cifras terríveis — era preciso voltar atrás.

— Este relógio de ouro, senhores, foi-me entregue, e não posso pensar sem emoção no momento — em que o recebi. Talvez os senhores me julguem egoísta, senhores? Não sou. Sei que não é de bom-tom falar de si mesmo, mas numa ocasião como esta parece muito natural lançar um olhar para — o passado. Só quero mencionar um pequeno incidente.

Esquecera Levin e o significado do dia, e tinha a impressão de estar celebrando o encerramento de sua vida de solteiro. De repente, lembrou-se da cena entre ele e o irmão, e de seu triunfo. Sentiu uma necessidade premente de falar desse triunfo, mas não conseguia recordar os detalhes. Lembrava-se apenas de ter provado que o irmão era um canalha; esquecera a cadeia de provas, com exceção de apenas dois fatos: o irmão e um canalha; tentava ligá-los um ao outro, mas eles sempre se separavam. Seu cérebro trabalhava sem cessar, e quadro sucedia a quadro. Precisava contar-lhes uma ação generosa que praticara; recordou que dera algum dinheiro à esposa naquela manhã e permitira que ela dormisse quanto quisesse e tomasse café na cama; mas aquele não era um assunto adequado. Estava numa posição desagradável, mas o medo do silêncio e os dois pares de olhos agudos que seguiam cada movimento seu ajudaram-no a se recompor. Percebeu que ainda estava de pé, com o relógio na mão. O relógio? Como viera parar em sua mão? Por que os amigos estavam sentados, quase apagados pela fumaça, enquanto ele continuava de pé? Ah! claro! Estivera contando a eles a história do relógio, e eles aguardavam a

continuação da narrativa.

— Este relógio, senhores, não tem nada de especial. É apenas ouro francês.

Os dois antigos donos de relógios de prata arregalaram os olhos. Aquela informação era nova para eles.

— E creio que tem apenas sete rubis — não é um bom relógio, de modo algum — pelo contrário — eu o chamaria antes de barato...

Alguma causa secreta, da qual seu cérebro mal tinha consciência, enfureceu-o; precisava descarregar a cólera em alguma coisa. Batendo na mesa com o relógio, gritou:

— É um relógio miseravelmente ruim, estou dizendo! Escutem-me quando falo! Você não acredita no que digo, Fritz? Responda! Por que me olha com essa cara perversa? Você não acredita em mim. Posso ler isso nos seus olhos. Fritz, você não acredita no que estou dizendo. Acredite, eu conheço a natureza humana. E pensar que eu ainda poderia avalizá-lo mais uma vez! Ou você é mentiroso, ou eu sou! Quer que eu lhe prove que você é um canalha? Quer? Escute, Nyström, se — eu — falsifico uma letra — sou um canalha?

— Claro que é um canalha, com os diabos! — respondeu Nyström, sem um instante de hesitação.

— Sim — sim!

Seus esforços para lembrar se Levin havia falsificado uma letra, ou se estava de algum modo ligado a uma letra, foram inúteis. Por isso, viu-se obrigado a abandonar o assunto. Levin estava cansado; temia também que sua vítima perdesse a consciência e que ele e Nyström fossem roubados do prazer de assistir à derrota que preparava para ela. Por isso, interrompeu Falk com uma pilhéria no próprio estilo do anfitrião.

— À sua saúde, velho patife!

E então desceu o chicote. Ele tirou um jornal.

— Você viu a Bandeira Operária? — perguntou a Falk, em tons frios e assassinos.

Falk fitou o pasquim escandaloso, mas nada disse. O inevitável estava prestes a acontecer.

— Traz um artigo esplêndido sobre a Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários.

As faces de Falk ficaram brancas.

— Corre o boato de que seu irmão o escreveu.

— É mentira! Meu irmão não é nenhum mexeriqueiro de jornal! Não é! Está ouvindo?

— Mas, infelizmente, ele teve de sofrer por isso. Disseram-me que foi despedido.

— É mentira!

— Receio que seja verdade. Além disso, eu o vi hoje jantando no Botão de Latão com um sujeito de aparência canalha. Tenho pena do rapaz.

Era o pior golpe que poderia ter caído sobre Charles Nicholas. Estava desonrado. Seu nome, o nome de seu pai, fora desonrado; tudo quanto os velhos burgueses haviam conquistado fora em vão. Se lhe tivessem dito que a esposa morrera, ele teria conseguido suportar; uma perda financeira também poderia ser reparada. Se lhe tivessem dito que seu amigo Levin, ou Nyström, fora preso por falsificação, ele os teria renegado, pois jamais se mostrara em público na companhia deles. Mas não podia negar seu parentesco com o irmão. E o irmão o desonrara. Não havia como escapar ao fato.

Levin sentira certo prazer em varejar suas informações. Falk, embora jamais tivesse dado ao irmão o menor encorajamento, tinha o hábito de se gabar dele e de seus feitos aos amigos. “Meu irmão, o assessor, é um homem de talento, e irá longe, lembrem-se do que digo!” Essas contínuas censuras indiretas haviam sido, havia muito tempo, fonte de irritação para Levin, sobretudo porque Charles Nicholas traçava uma linha definida, intransponível, embora indefinível, entre assessores e secretários.

Levin, sem mover um dedo no assunto, obtivera sua vingança a tão baixo custo para si mesmo que podia dar-se ao luxo de ser generoso e fazer o papel de consolador.

— Não há razão para levar isso tanto a peito. Até um jornalista pode ser um espécime decente de humanidade, e você exagera o escândalo. Não pode haver escândalo quando nenhum indivíduo definido foi atacado. Além disso, a coisa toda é muito espirituosa, e todo mundo a está lendo.

Essa última pílula de consolo deixou Falk furioso.

— Ele me roubou o bom nome! Meu nome! Como poderei aparecer amanhã na Bolsa? O que dirão as pessoas?

Por pessoas ele queria dizer sua esposa. Ela desfrutaria a situação, porque ela tornaria a *mésalliance* menos marcada. Daí em diante, estariam no mesmo nível social. A ideia era intolerável. Um ódio amargo por toda a humanidade tomou posse de sua alma. Ah, se ele fosse o pai daquele bastardo! Então poderia fazer uso de seu privilégio paterno, lavar as mãos quanto a ele, amaldiçoá-lo e assim pôr fim ao assunto; mas não existia privilégio fraterno semelhante. Seria possível que ele próprio tivesse, em parte, culpa pela desonra? Não teria forçado o irmão a seguir sua profissão? Talvez a cena daquela manhã ou as dificuldades financeiras do irmão — causadas por ele — fossem culpadas? Não! Ele jamais cometera uma ação baixa; era irrepreensível; era respeitado e tido em consideração; não era nenhum mexeriqueiro de jornal; nunca fora despedido por ninguém. Não trazia na carteira um papel atestando que era o amigo mais bondoso, de coração mais bondoso? O mestre-escola não o lera em voz alta havia pouco? Sim, certamente — e sentou-se para beber, beber desmedidamente — não para entorpecer a consciência, não havia necessidade disso, pois não cometera mal algum, mas apenas para afogar sua cólera. Mas de nada adiantou; ela transbordou — e escaldou os que estavam sentados mais perto dele.

— Bebam, seus patifes! Aquele bruto ali está dormindo! E vocês se dizem amigos! Acorde-o, Levin!

— Com quem você está gritando? — perguntou o ofendido Levin, irritado.

— Com você, é claro!

Dois olhares foram trocados através da mesa, e não prometiam nada de bom. Falk, cujo humor melhorava assim que via outro homem encolerizado, despejou uma concha do conteúdo da poncheira sobre a cabeça do mestre-escola, de modo que o líquido escorreu por sua nuca, atrás do colarinho.

— Não ouse fazer isso de novo! — ameaçou Levin.

— Quem vai me impedir?

— Eu! Sim, eu! Não vou deixar que você estrague as roupas dele. É uma vergonha bestial!

— As roupas dele — riu Falk. — O casaco não é meu? Não fui eu que o dei a ele?

— Você está indo longe demais! — disse Levin, levantando-se para ir embora.

— Então agora você vai embora! Já comeu o bastante, não consegue beber mais, não precisa mais de mim esta noite. Você não queria tomar cinco coroas emprestadas? Hein? Serei privado da honra de lhe emprestar algum dinheiro? Você não queria que eu assinasse alguma coisa? Assinar, hein?

À palavra assinar, Levin ficou de orelhas em pé. E se tentasse levar vantagem sobre ele naquele estado de excitação? A ideia o amoleceu.

— Não seja injusto, irmão — recomeçou. — Não sou ingrato; aprecio plenamente sua bondade; mas sou pobre, mais pobre do que você jamais foi ou poderá ser; sofri humilhações que você nem sequer consegue conceber; mas sempre o considere um amigo. Quero dizer, um amigo no mais alto sentido da palavra. Você bebeu demais esta noite e por isso está irritadiço; isso o torna injusto, mas eu lhes asseguro, senhores, que no mundo inteiro não bate coração mais bondoso do que o de Charles Nicholas. E não digo isso pela primeira vez. Agradeço-lhe a cortesia desta noite, isto é, se a excelente ceia que comemos, os magníficos vinhos que bebemos, foram comidos e bebidos em minha honra. Agradeço-lhe, irmão, e bebo à sua saúde. À sua saúde, irmão Charles Nicholas! Obrigado, obrigado mil vezes! Você não fez isso em vão! Lembre-se do que digo!

Por estranho que pareça, aquelas palavras, pronunciadas com voz trêmula — trêmula de emoção —, produziram bom resultado. Falk sentiu-se bem. Não lhe haviam assegurado mais uma vez que possuía um coração bondoso? Ele acreditava firmemente nisso.

A embriaguez chegara ao estágio sentimental; eles se aproximaram; falaram de suas boas qualidades, da maldade do mundo, do calor de seus sentimentos, da força de suas boas intenções; apertaram as mãos um do outro. Falk falou da esposa; de sua bondade para com ela; lamentou a falta de espiritualidade em seu ofício; mencionou o quanto tinha dolorosa consciência de sua falta de cultura; disse que sua vida era um fracasso; e, depois de consumir o décimo licor, confidenciou a Levin que sua ambição fora entrar para a Igreja, tornar-se até mesmo missionário. Tornavam-se cada vez mais espirituais. Levin falou da mãe morta, de sua morte e de seu funeral, de um caso de amor infeliz e, por fim, de suas convicções religiosas, em geral

ciosamente guardadas como segredo. E logo estavam lançados numa ardorosa discussão sobre religião.

Bateu uma — bateram duas —, e eles ainda conversavam, enquanto Nyström dormia profundamente, os braços sobre a mesa e a cabeça apoiada nos braços. Uma densa nuvem de fumaça de tabaco enchia o escritório e roubava o brilho das chamas de gás. As sete velas do candelabro de sete braços haviam ardido até os bocais, e a mesa apresentava um aspecto desolador. Um ou dois copos haviam perdido as hastes, a toalha manchada estava coberta de cinza de charuto, e o chão juncado de fósforos. A luz do dia começava a romper pelas frestas das venezianas; seus raios atravessavam a nuvem de fumaça e desenhavam figuras cabalísticas sobre a toalha, entre os dois campeões de sua fé, ocupados em reeditar a Confissão de Augsburg. Agora falavam com vozes sibilantes; seus cérebros estavam entorpecidos; suas palavras soavam secas, e a tensão se afrouxava apesar de seu diligente recurso à garrafa. Tentavam açoiar a alma até o êxtase, mas seus esforços se tornavam cada vez mais fracos; o espírito morrera na conversa; eles apenas trocavam palavras sem sentido; os cérebros estupefatos, que haviam girado como piões, diminuíram a velocidade e por fim pararam; um único pensamento enchia-lhes a mente — precisavam ir para a cama, se não quisessem detestar a vista um do outro; precisavam ficar sozinhos.

Nyström foi sacudido de volta à consciência; Levin abraçou Charles Nicholas e aproveitou a ocasião para enfiar três de seus charutos no bolso. As alturas que haviam escalado eram sublimes demais para permitir que falassem da letra naquele momento. Separaram-se — o anfitrião pôs os convidados para fora — estava sozinho! Abriu as venezianas — a luz do dia inundou o aposento; abriu a janela; a brisa fresca do mar varreu a rua estreita, um de cujos lados já era iluminado pelo sol nascente. Bateram quatro horas, e ele escutou aquele toque maravilhoso, só ouvido pelo pobre miserável que anseia pelo dia num leito de doença ou de tristeza. Até mesmo a Rua Longa Leste, aquela rua de vício, sujeira e brigas, jazia ao sol da manhã, quieta, deserta e pura. Falk sentia-se profundamente infeliz. Estava desonrado — estava só! Fechou a janela e as venezianas e, ao se voltar e contemplar o estado do aposento, começou imediatamente a pô-lo em ordem. Recolheu as pontas de charuto e atirou-as na lareira; tirou a mesa, varreu o aposento, espanou-o e pôs cada coisa em seu lugar. Lavou o rosto e as mãos e escovou o cabelo; um policial poderia tê-lo tomado por um assassino empenhado em apagar todos os vestígios de seu crime. Mas, durante todo esse tempo, pensava com clareza, firmeza e lógica. Quando pôs em ordem o

aposento e a si mesmo, formou uma resolução, havia muito ruminada, mas que agora seria posta em prática. Apagaria a desonra que caíra sobre sua família; subiria no mundo e se tornaria um homem conhecido e influente; começaria uma vida nova; conservaria imaculada a reputação e faria com que seu nome fosse respeitado. Sentia que somente uma grande ambição poderia ajudá-lo a manter a cabeça erguida depois do golpe recebido naquela noite. A ambição estivera latente em seu coração; fora despertada e, dali por diante, regeria sua vida.

Já inteiramente sóbrio, acendeu um charuto, bebeu um conhaque e subiu, em silêncio, com cuidado, para não perturbar a esposa adormecida.

Capítulo V

Na Editora

Arvid Falk decidiu tentar primeiro Smith, o onipotente Smith — nome adotado pelo editor na juventude, durante uma curta viagem ao grande continente, por exagerada admiração por tudo o que fosse americano —, o temível Smith de mil braços, capaz de fabricar um escritor em doze meses, por pior que fosse a matéria-prima original. Seu método era bem conhecido, embora ninguém além dele ousasse empregá-lo, pois exigia uma quantidade incomparável de descaramento. O escritor que ele tomasse sob sua proteção podia estar certo de fazer nome; por isso Smith era assediado por escritores sem nome.

Conta-se a seguinte história como exemplo de seu poder irresistível e de sua capacidade de pôr um autor no caminho da fama. Um jovem escritor inexperiente submeteu seu primeiro romance, um romance ruim, a Smith. Por alguma razão, este aconteceu de gostar do primeiro capítulo — nunca lia mais do que isso — e decidiu abençoar o mundo com um novo autor. O livro foi publicado trazendo, na parte de trás da capa, estas palavras: “Sangue e Espada. Romance de Gustav Sjöholm. Esta obra do jovem e promissor autor, cujo nome altamente respeitado há muito tempo é familiar aos círculos mais amplos, etc. etc. É um livro que podemos recomendar calorosamente ao público leitor de romances.” O livro foi publicado em 3 de abril. Em 4 de abril, apareceu uma resenha no muito lido jornal metropolitano Barrete Cinzento, no qual Smith possuía cinquenta ações. Ela concluía dizendo: “O nome de Gustav Sjöholm já é bem conhecido; a difusão de sua fama não cabe a nós; e recomendamos este livro não apenas ao público leitor de romances, mas também ao público escritor de romances.” Em 5 de abril, apareceu em todos os jornais da capital um anúncio com a seguinte citação: “O nome de Gustav Sjöholm já é bem conhecido; a difusão de sua fama não cabe a nós. (Barrete Cinzento).”

Naquela mesma noite, apareceu uma nota no Incorruptível, jornal que ninguém lia. Ela apresentava o livro como modelo de má literatura, e o resenhista jurava que Gustav Sjöblom — lapso intencional do crítico — não tinha nome algum. Mas, como ninguém lia o Incorruptível, a oposição permaneceu inaudita. Os outros jornais, pouco dispostos a discordar do venerável e influente Barrete Cinzento, e receosos de ofender Smith, foram

brandos em suas críticas, mas nada além disso. Sustentavam que, com trabalho árduo, Gustav Sjöholm poderia fazer nome no futuro. Seguiram-se alguns dias de silêncio, mas em todos os jornais — no Incorruptível em tipos graúdos — apareceu o anúncio, bradando: “O nome de Gustav Sjöholm já é bem conhecido.” Então teve início uma correspondência na Miscelânea de X-köping, censurando os jornais metropolitanos por serem duros com os jovens autores. “Gustav Sjöholm é simplesmente um gênio”, afirmava o correspondente de cabeça quente, “apesar de tudo quanto os imbecis dogmáticos pudessem dizer em contrário.” No dia seguinte, o anúncio apareceu de novo em todos os jornais, berrando: “O nome de Gustav Sjöholm já é bem conhecido, etc. (Barrete Cinzento).” “Gustav Sjöholm é um gênio, etc. (Miscelânea de X-köping).”

A capa do número seguinte da revista Nossa Terra, uma das publicações de Smith, trazia a nota: “Temos o prazer de estar em condições de informar aos nossos numerosos assinantes que o brilhante jovem autor Gustav Sjöholm prometeu-nos um romance original para o próximo número, etc.” E então, outra vez, o anúncio nos jornais. Por fim, quando no Natal apareceu o almanaque Nosso Povo, os autores mencionados na folha de rosto eram: Orvar Odd, Talis Qualis, Gustav Sjöholm e outros. Era um fato. No oitavo mês, Gustav Sjöholm estava feito. E o público era impotente. Tinha de engoli-lo. Era impossível entrar numa livraria e olhar para um livro sem ler seu nome; impossível apanhar um jornal sem topar com ele. Em todas as circunstâncias e condições da vida, aquele nome se intrometia, impresso numa tira de papel; era enfiado aos sábados nas cestas de feira das donas de casa; os criados o traziam dos comerciantes; o varredor de rua o varria do chão, e o homem ocioso andava com ele nos bolsos do roupão.

Bem ciente do grande poder de Smith, o jovem subiu as escadas escuras da casa do editor, perto da Grande Igreja, não sem apreensões. Teve de esperar muito tempo num escritório externo, presa das meditações mais desagradáveis, até que, de repente, a porta foi escancarada e um jovem saiu correndo de um escritório interno, o desespero no rosto e um rolo de papéis debaixo do braço. Tremendo em todos os membros, Falk entrou no santuário, onde o déspota recebia seus visitantes, sentado num sofá baixo, calmo e sereno como um deus; inclinou bondosamente a cabeça grisalha, coberta por um gorro azul, e continuou fumando, em paz, como se jamais houvesse destroçado as esperanças de um homem ou posto para fora de sua porta um infeliz desgraçado.

— Bom dia, senhor, bom dia!

Seus olhos divinamente fulgurantes lançaram um relance às roupas do recém-chegado e as aprovaram; apesar disso, ele não o convidou a sentar-se.

— Meu nome é... Falk.

— Desconhecido para mim! O que é seu pai?

— Meu pai está morto.

— Está? Ótimo! O que posso fazer pelo senhor?

Falk tirou um manuscrito do bolso interno e o entregou a Smith; este sentou-se sobre ele sem sequer olhá-lo.

— O senhor quer que eu o publique? Versos? Eu devia ter adivinhado! O senhor sabe quanto custa imprimir uma única página, senhor? Não, não sabe.

E cutucou, brincalhão, o ignorante com a haste do cachimbo.

— O senhor já fez nome, senhor? Não! Distinguiu-se de alguma forma? Não!

— A Academia elogiou estes versos.

— Que Academia? A Academia de Ciências? Aquela que publica toda aquela papelada sobre sílex?

— Sobre sílex?

— Sim, o senhor sabe, a Academia de Ciências! Perto do Museu, junto ao rio. Pois então!

— Ah, não, senhor Smith! A Academia Sueca, na Bolsa...

— Entendo! Aquela das velas de sebo! Não importa; nenhum homem na Terra é capaz de dizer para que ela serve! Não, meu caro senhor, o essencial é ter um nome, um nome como Tegnér, como Ohrenschlängel, como... Sim! Nosso país tem muitos grandes poetas, mas não consigo lembrar deles neste momento; mas um nome é necessário. Senhor Falk? Hum! Quem conhece o senhor Falk? Eu não, e conheço muitos grandes poetas. Como disse recentemente ao meu amigo Ibsen: "Agora me escute, Ibsen" — eu o chamo de Ibsen, sem cerimônia — "escute bem, escreva alguma coisa para a minha revista. Pagarei o que você pedir!" Ele escreveu — eu paguei — mas recuperei meu dinheiro.

O jovem aniquilado desejou afundar pelas frestas do assoalho ao perceber que estava diante de uma pessoa que chamava Ibsen, simplesmente, de "Ibsen". Desejou recuperar o manuscrito e seguir seu caminho, como fizera o outro jovem, para longe, muito longe, até encontrar água corrente. Smith adivinhou.

— Bem, não tenho dúvida de que o senhor sabe escrever em sueco, senhor. E conhece nossa literatura melhor do que eu. Ótimo! Tenho uma ideia. Falaram-me de grandes, belos e espirituais escritores que viveram no passado, digamos, no reinado de Gustavo Eriksson e de sua filha Cristina. Não é assim?

— Gustavo Adolfo.

— Gustavo Adolfo, seja! Lembro-me de que havia um deles com um grande nome, um nome muito grande; escreveu uma bela obra em versos, sobre "A Criação de Deus", creio eu! Seu nome de batismo era Hokan!

— O senhor quer dizer Haquin Spegel, senhor Smith! "As Obras e o Repouso de Deus".

— Ah, sim! Bem, andei pensando em publicá-lo. Nossa nação anda sedenta de religião nestes dias; notei isso; e é preciso dar alguma coisa ao povo. Já lhes dei bastante Hermann Francke e Arndt, mas a grande Fundação consegue vender mais barato do que eu, e agora quero lançar alguma coisa boa por um preço justo. O senhor se encarrega do assunto?

— Não sei onde entro nisso, já que se trata apenas de uma reimpressão — respondeu Falk, sem ousar recusar de modo direto.

— Meu Deus, que ignorância! O senhor faria a edição e a revisão, naturalmente. Estamos de acordo? O senhor o publica, senhor! Hein? Vamos redigir um pequeno acordo? A obra precisa sair em fascículos. Hein? Um pequeno acordo. Passe-me apenas pena e tinta. Então?

Falk obedeceu; era incapaz de oferecer resistência. Smith escreveu, e Falk assinou.

— Bem, quanto a isso, está resolvido! Agora, outra coisa! Dê-me aquele livrinho na estante! A terceira prateleira! Aí! Agora veja! Uma brochura — título: O Anjo da Guarda. Veja a vinheta! Um anjo com uma âncora e um navio — é uma escuna sem vergas, creio eu! A esplêndida influência do seguro marítimo sobre a vida social em geral é bem conhecida. Todo mundo, uma vez ou outra, já enviou algo mais ou menos valioso através do mar, num

navio. Hein? Bem! Nem todos percebem isso. Não! Conseqüentemente, é nosso dever esclarecer os ignorantes, não é assim? Pois bem! Nós sabemos, o senhor e eu; portanto, cabe a nós esclarecer os que não sabem. Este livro sustenta que todo aquele que envia coisas pelo mar deve segurá-las. Mas este livro está mal escrito.

— Pois bem! Vamos escrever um melhor. Hein? O senhor me escreverá um romance de dez páginas para a minha revista Nossa Terra, e espero que tenha tino suficiente para introduzir o nome Triton — que é o nome de uma nova sociedade de responsabilidade limitada, fundada por meu sobrinho, e somos instruídos a ajudar o próximo — duas vezes, nem mais, nem menos; mas isso deve ser feito com habilidade, de modo que não fique nada óbvio. Está me acompanhando?

Falk achou a oferta repulsiva, embora nada houvesse nela de desonesto; entretanto, ela lhe dava uma entrada junto ao homem influente, de imediato, sem esforço algum de sua parte. Agradeceu a Smith e aceitou.

— O senhor sabe o formato? Dezesseis polegadas por página, ao todo cento e sessenta polegadas de oito linhas cada. Vamos redigir um pequeno acordo?

Smith redigiu um acordo, e Falk assinou.

— Pois bem, agora! O senhor conhece a história da Suécia? Vá outra vez à estante — encontrará ali um clichê, uma matriz de madeira. À direita! Isso! Pode me dizer quem esta senhora deveria representar? Supõe-se que seja uma rainha.

Falk, que a princípio nada viu além de um pedaço de madeira preta, finalmente distinguiu alguns traços humanos e declarou que, segundo sua melhor convicção, aquilo representava Ulrica Eleonora.

— Eu não disse? Hihhi! O clichê foi usado para Elizabeth, rainha da Inglaterra, numa edição popular americana. Comprei-o barato, com muitos outros. Vou usá-lo para Ulrica Eleonora na minha Biblioteca do Povo. Nosso povo é esplêndido; tem tanta disposição para comprar meus livros. O senhor escreverá o texto de acompanhamento?

Embora Falk não gostasse da encomenda, sua consciência hipersensível não conseguia encontrar nada de errado na proposta.

— Pois então! É melhor redigirmos um pequeno acordo. Dezesseis páginas em oitavo, de três polegadas, com vinte e quatro linhas cada. Pronto!

Falk, percebendo que a audiência chegara ao fim, fez um movimento para recuperar o manuscrito sobre o qual Smith estivera sentado o tempo todo. Mas este não quis entregá-lo; declarou que o leria, embora isso pudesse levar algum tempo.

— O senhor é um homem sensato, senhor, que conhece o valor do tempo — disse ele. — Tive aqui um rapaz pouco antes de o senhor entrar; também me trouxe versos, um grande poema, para o qual não tenho utilidade. Fiz-lhe as mesmas ofertas que acabo de fazer ao senhor; sabe o que ele disse? Mandou-me fazer uma coisa que não se menciona. Sim, senhor, e saiu correndo do escritório. Aquele jovem não viverá muito! Bom dia, bom dia! Não se esqueça de encomendar um exemplar de Hoken Spegel! Pois bem, bom dia, bom dia.

Smith apontou para a porta com a haste do cachimbo, e Falk saiu.

Não saiu dali com passos leves. O clichê de madeira em seu bolso era pesado e o oprimia, retinha-o. Pensou no jovem pálido com o rolo de manuscrito, que ousara dizer uma coisa atrevida a Smith, e o orgulho se agitou em seu coração. Mas lembranças de antigas advertências e conselhos paternos sussurraram-lhe a velha mentira de que todo trabalho era igualmente honroso, e repreenderam-no por seu orgulho. Agarrou-se ao bom senso e foi para casa escrever cento e noventa e duas polegadas sobre Ulrica Eleonora.

Como se levantara cedo, já estava à escrivania às nove horas. Encheu um grande cachimbo, pegou duas folhas de papel, limpou suas penas de aço e tentou recordar tudo o que sabia sobre Ulrica Eleonora. Consultou-a em Ekelund e Fryxell. Havia muita coisa sob o verbete Ulrica Eleonora, mas muito pouco sobre ela pessoalmente. Às nove e meia, havia esgotado o assunto. Anotara seu lugar de nascimento e o lugar onde morrera, quando subira ao trono, quando abdicara, os nomes de seus pais e o nome do marido. Era um extrato banal de registro paroquial — e preenchia três páginas, deixando treze ainda por cobrir.

Fumou dois ou três cachimbos e arrastou o tinteiro com a pena, como se estivesse pescando a serpente de Midgard, mas nada trouxe à tona. Era obrigado a dizer alguma coisa sobre ela pessoalmente, esboçar-lhe o caráter; sentia-se como se estivesse sentado em julgamento sobre ela.

Devia elogiá-la ou enxovalhá-la? Como aquilo lhe era completamente indiferente, ainda não se decidira quando bateram onze horas. Enxovalhou-a

— e chegou ao fim da quarta página, deixando doze por preencher. Estava no limite dos recursos. Queria dizer alguma coisa sobre seu reinado, mas, como ela não reinara, nada havia a dizer. Escreveu sobre o Conselho — uma página — restavam onze; absolveu Görtz — outra — restavam dez. Ainda não preencheria sequer metade do espaço exigido.

Odiava aquela mulher! Mais cachimbos! Penas novas! Recuou a tempos mais remotos, passando-os em revista, e, agora de humor decididamente péssimo, derrubou seu antigo ídolo, Carlos XII, e o lançou ao pó; fez isso em poucas palavras e acrescentou apenas mais uma página ao monte. Restavam ainda nove. Antecipou acontecimentos e criticou Frederico I. Meia página! Olhou para o papel com olhos infelizes; vislumbrou a metade do caminho, mas não conseguia alcançá-la.

Havia escrito sete páginas e meia pequenas; Ekelund só conseguira uma e meia. Atirou a matriz ao chão, chutou-a para debaixo da escrivaninha, rastejou atrás dela, tirou-lhe o pó e a colocou de volta no lugar. Aquilo era tortura! Sua alma estava tão seca quanto a matriz. Tentou excitar-se até defender opiniões que não professava; tentou despertar no coração alguma espécie de emoção pela rainha morta, mas os traços banais e apagados dela, talhados na madeira, não produziam nele mais impressão do que ele produzia na matriz.

Reconheceu a própria incapacidade e sentiu-se abatido, rebaixado. E era essa a carreira que escolhera, a que preferira a todas as outras. Com um forte apelo à razão, voltou-se para o anjo da guarda. O folheto fora originalmente escrito para uma sociedade alemã, a “Nereu”, e seu argumento era o seguinte: o sr. e a sra. Castle haviam emigrado para a América, onde adquiriram uma grande propriedade.

Para tornar a história possível, venderam as terras e, de maneira muito imprática, investiram a quantia inteira em móveis caros e objetos de arte. Como a história exigia que tudo se perdesse completamente e nada fosse salvo do naufrágio, enviaram todo o lote adiante no Washington, vapor de primeira classe, com fundo de cobre e anteparas estanques, segurado na grande Companhia Alemã de Seguros Marítimos por 60.000 libras. O sr. e a sra. Castle e os filhos seguiram no Bolivar, o melhor navio da White Star Line, segurado na grande Companhia de Seguros Marítimos “Nereu” (capital: 10.000.000 de dólares), e chegaram em segurança a Liverpool. Deixaram Liverpool e tudo correu bem até alcançarem a ponta de Skagen.

Durante toda a viagem, naturalmente, o tempo fora magnífico; o céu, claro e radiante; mas, na perigosa ponta de Skagen, uma tempestade os surpreendeu; o vapor naufragou; os pais, cujas vidas estavam seguradas, morreram afogados, garantindo assim aos filhos, que se salvaram, 1.500 libras. Estes, rejubilando-se com a providência dos pais, chegaram de bom ânimo a Hamburgo, ansiosos por tomar posse do dinheiro do seguro e da propriedade que haviam herdado.

Imaginem a consternação deles quando lhes disseram que o Washington naufragara quinze dias antes de sua chegada, no banco Dogger; toda a fortuna, deixada sem seguro, estava perdida. Só restava o dinheiro do seguro de vida. Correram até os agentes da companhia. Novo desastre! Disseram-lhes que os pais não haviam pago o último prêmio que — golpe fatal! — vencera na véspera da morte deles.

As crianças aflitas choraram amargamente os pais, que tanto haviam trabalhado por elas. Abraçaram-se entre lágrimas e fizeram um voto solene: dali em diante, todos os seus bens seriam segurados, e nunca negligenciariam o pagamento dos prêmios de seguro de vida.

Essa história deveria ser localizada, adaptada a um ambiente sueco e transformada numa novelinha legível; e era com isso que ele deveria estrear no mundo literário. O demônio do orgulho lhe cochichou que não fosse um patife e largasse aquele negócio; mas essa voz foi calada por outra, que vinha da região de seu estômago vazio e vinha acompanhada de uma sensação roedora, ardida. Ele bebeu um copo d'água e fumou outro cachimbo. Mas o mal-estar aumentava. Seus pensamentos ficaram mais sombrios; achou o quarto desconfortável, a manhã baça e monótona; estava cansado e abatido; tudo lhe parecia repulsivo; suas ideias não tinham espírito e giravam apenas em torno de assuntos desagradáveis; e o mal-estar continuava crescendo. Seria fome? Era uma hora. Ele nunca jantava antes das três. Examinou a bolsa, inquieto. Três pence e meio! Pela primeira vez na vida teria de passar sem jantar! Era uma aflição que até então desconhecia. Mas, com três pence e meio, não havia necessidade de morrer de fome. Podia mandar buscar pão e cerveja. Não! Isso não servia; era infra dig. Ir a uma leiteria? Não! Tomar emprestado? Impossível! Não conhecia ninguém que lhe emprestasse. Mal percebeu isso, a fome começou a enfurecer-se dentro dele como uma fera solta, mordendo-o, rasgando-o e perseguindo-o pelo quarto. Fumou cachimbo atrás de cachimbo para entorpecer o monstro; em vão. Um rufar de tambores vindo do pátio do quartel lhe disse que os guardas se alinhavam com seus recipientes de cobre para receber o jantar;

todas as chaminés fumegavam; o sino do jantar tocava no estaleiro; da cozinha dos vizinhos, os policiais, vinha um chiado; o cheiro de carne assada penetrava pelas frestas da porta; ele ouvia o tinir de facas e pratos no quarto ao lado, e as crianças rezando antes da refeição. Os calceteiros, na rua lá embaixo, tiravam a soneca de depois do jantar com a cabeça apoiada nas cestas vazias. A cidade inteira jantava; todos, menos ele. Enfureceu-se contra Deus. Mas de repente uma ideia clara lhe atravessou o cérebro. Agarrou Ulrica Eleonora e o anjo da guarda, embrulhou-os em papel, escreveu no pacote o nome e o endereço de Smith, e entregou ao contínuo seus três pence e meio. E, com um suspiro de alívio, atirou-se ao sofá e passou fome, com o coração estourando de orgulho.

Capítulo VI

O Quarto Vermelho

O mesmo sol da tarde que testemunhara a derrota de Arvid Falk em sua primeira batalha contra a fome brilhava serenamente dentro do chalé da colônia de artistas, onde Sellén, em mangas de camisa, estava diante do cavalete trabalhando no quadro que precisava estar na Exposição na manhã seguinte antes das dez, acabado, emoldurado e envernizado. Olle Montanus estava sentado no sofá-cama, lendo o livro maravilhoso que Ygberg lhe emprestara por um dia em troca de seu cachecol; de quando em quando lançava um olhar de admiração ao quadro de Sellén. Tinha grande fé no talento de Sellén. Lundell trabalhava calmamente em sua Descida da Cruz; já enviara três quadros à Exposição e, como tantos outros, aguardava a venda deles com certa ansiedade. — Está bonito, Sellén — disse Olle. — Você pinta divinamente. — Posso olhar seu espinafre? — perguntou Lundell, que, por princípio, nunca admirava nada. O tema era simples e grandioso. O quadro representava um trecho de areia volante na costa de Halland, com o mar ao fundo; estava cheio do sentimento do outono; raios de sol rompiam nuvens rasgadas; o primeiro plano era em parte areia arrastada, em parte alga recém-lançada à praia, pingando e iluminada pelo sol; no plano médio ficava o mar, com ondas enormes e coroadas de espuma — a maior parte em sombra profunda; mas, no fundo, no horizonte, o sol brilhava, abrindo uma perspectiva para o infinito; as únicas figuras eram um bando de aves. Nenhum espírito ainda não pervertido, que tivesse coragem de encarar a misteriosa riqueza da solidão e tivesse visto colheitas promissoras sufocadas pela areia volante, poderia deixar de compreender o quadro. Era pintado com inspiração e talento; a cor nascia do estado de alma dominante, não era o estado de alma que nascia da cor. — Você precisa pôr alguma coisa no primeiro plano — insistiu Lundell. — Aceite meu conselho. — Besteira! — respondeu Sellén. — Faça o que eu digo e não seja burro; senão você não vende. Pinte uma figura; de preferência uma moça. Eu ajudo, se você não souber como. Veja aqui... — Nada dos seus truques! Para que servem saias num vendaval? Você tem mania de saias! — Muito bem, faça como quiser — respondeu Lundell, um pouco ferido pela alusão a um de seus pontos fracos. — Mas, em vez dessas gaiotas cinzentas, você devia ter pintado cegonhas. Ninguém sabe que aves são essas. Imagine as pernas vermelhas das cegonhas contra a nuvem escura! Que contraste! — Você não entende!

Sellén não era hábil em expor seus motivos, mas tinha certeza de seus acertos, e seus instintos são o conduziam com segurança para longe de todos os erros. — Você não vai vender — recomeçou Lundell; a situação financeira do amigo o preocupava. — Bem, de algum modo hei de viver apesar disso. Alguma vez vendi alguma coisa? Estou pior por causa disso? Você acha que eu não sei que venderia se pintasse como todo mundo? Você acha que não sou capaz de pintar tão mal quanto todo mundo? É que eu simplesmente não quero! — Mas você devia pensar em pagar suas dívidas! Deve ao sr. Lund, da Caçarola, várias centenas de coroas. — Bem, isso não vai arruiná-lo. Além do mais, dei a ele um quadro que valia o dobro. — Você é o homem mais egoísta que já conheci! O quadro não valia vinte coroas. — Eu o avalio em quinhentas, a preços correntes! Mas infelizmente as inclinações e os gostos diferem aqui embaixo. Eu acho sua Crucificação uma coisa execrável, você a acha bela. Ninguém pode culpá-lo por isso. Os gostos diferem! — Mas você arruinou nosso crédito na Caçarola. O sr. Lund se recusou a me fiar ontem, e eu não sei como vou conseguir jantar hoje. — Que importância tem isso? Passe sem jantar! Eu não janto há dois anos. — Você saqueou o sr. Falk outro dia, quando ele caiu em suas garras. — É verdade! É um sujeito simpático; além disso, tem talento. Há muita originalidade nos versos dele; tenho lido alguns nas últimas noites. Mas receio que ele não seja duro o bastante para se dar bem neste mundo. É sensível demais, o patife! — Se conviver muito com você, há de se curar disso. É uma vergonha como você estragou aquele jovem Rehnjelm em tão pouco tempo. Ouvi dizer que o está encorajando a subir ao palco. — Foi ele quem lhe disse isso? Diabinho! Ele vai longe se continuar vivo; mas isso não é tão simples quando se tem tão pouco para comer! Pela morte de Deus! Não tenho mais tinta! Pode me emprestar branco? Senhor misericordioso! Todos os tubos estão vazios! Você precisa me dar um pouco, Lundell! — Não tenho mais do que preciso para mim — e, mesmo se tivesse, faria questão de não lhe dar. — Pare de falar bobagem! Você sabe que não há tempo a perder! — Falando sério, não tenho suas cores. Se você não desperdiçasse tanto, seus tubos renderiam mais. — Eu sei disso! Então me dê dinheiro! — Dinheiro! Isso não dá! — Levante, Olle! Você precisa ir penhorar alguma coisa. À palavra penhorar, o rosto de Olle se iluminou; ele vislumbrou uma perspectiva de comida. Sellén vasculhava o quarto. — O que é isto? Um par de botas! Arranjamos dois pence e meio por elas; é melhor vender. — São de Rehnjelm! Você não pode levá-las — objetou Lundell, que pretendia calçá-las à tarde, quando subisse à cidade. — Certamente você não vai abusar da propriedade alheia! — Por que não? Ele vai receber o dinheiro por elas. O que há neste pacote? Um colete de veludo!

Uma beleza! Vou ficar com ele para mim, e então Olle pode penhorar o meu. Colarinhos e punhos? Ah! Papel! Um par de meias! Aqui, Olle, dois pence e meio! Embrulhe tudo no colete! Pode vender as garrafas vazias — acho que o melhor seria vender tudo. — Quer dizer então que você vai vender coisas dos outros? Não tem senso de certo e errado? — interrompeu Lundell outra vez, esperando apoderar-se, por meio de persuasão, do pacote que há tanto tempo o tentava. — Ele será pago depois! Mas ainda não basta. Precisamos tirar os lençóis da cama. Por que não? Não precisamos de lençóis! Aqui, Olle, enfie tudo dentro! Olle, com muita habilidade, fez de um dos lençóis uma espécie de saco e enfiou tudo lá dentro, enquanto Lundell continuava protestando com ardor. Quando o pacote ficou pronto, Olle o tomou debaixo do braço, abotoou o casaco esfarrapado para esconder a falta de colete e partiu rumo à cidade. — Ele parece um ladrão — disse Sellén, observando-o da janela com um sorriso malicioso. — Espero que a polícia não se meta com ele! Depressa, Olle! — gritou para a figura que se afastava. — Compre seis pãezinhos franceses e duas meias-garrafas de cerveja, se sobrar alguma coisa depois da tinta. Olle se virou e acenou com o chapéu, com tanta segurança como se já tivesse o banquete bem guardado nos bolsos. Lundell e Sellén ficaram sozinhos. Sellén admirava seu novo colete de veludo, pelo qual Lundell nutrira durante muito tempo uma paixão secreta. Este raspou a paleta e lançou olhares invejosos à glória perdida. Mas era outra coisa que tentava dizer; outra coisa, muito difícil de mencionar. — Gostaria que você olhasse meu quadro — disse enfim. — O que acha dele, seriamente? — Não desenhe e não se escravize tanto! Pinte! De onde vem a luz? Das roupas, da carne! É loucura! O que essas pessoas respiram? Cor! Terebintina! Não vejo ar! — Bem — disse Lundell —, os gostos diferem, como você disse agora há pouco. O que acha da composição? — Gente demais! — Você é terrível! Quero mais, não menos. — Deixe-me ver! Há um grande erro nele. Sellén lançou ao quadro um longo olhar, desses peculiares aos habitantes das costas marítimas e das planícies. — Sim, você tem razão — concordou Lundell. — Então você vê? — Só há homens no seu quadro. Fica um pouco monótono. — É isso! Mas imagine que você tenha visto! — Então você quer uma mulher? Lundell olhou para ele, perguntando-se se estava zombando, mas não conseguiu decidir, pois Sellén assobiava. — Sim, quero uma figura feminina — respondeu afinal. Fez-se silêncio, e pouco a pouco o silêncio se tornou incômodo: dois conhecidos muito antigos numa conversa tête-à-tête. — Quisera eu saber onde arranjar uma modelo! Não quero as modelos da Academia, todo mundo as conhece; além disso, o tema é religioso. — Você quer algo melhor? Entendo! Se não fosse pelo nu, talvez eu... — Não é para

nu! Ficou louco? Entre todos aqueles homens... além disso, é um tema religioso. — Sim, sim, sabemos tudo isso. Ela deve estar vestida com alguma coisa oriental e curvar-se como se estivesse apanhando algo, mostrar os ombros, o pescoço e a primeira vértebra, entendo. Religiosa como a Madalena! Vista de cima! — Você zomba e escarnece de tudo! — Vamos ao ponto! Você terá sua modelo, pois é impossível pintar sem uma. Você mesmo não conhece nenhuma. Muito bem! Seus princípios religiosos não lhe permitem procurar uma; portanto Rehnjelm e eu, as duas ovelhas negras, encontraremos uma para você. — Mas precisa ser uma moça respeitável, não se esqueça disso. — Claro! Veremos o que se pode fazer depois de amanhã, quando estivermos com dinheiro. E continuaram pintando, quietos, diligentes, até as quatro — até as cinco. De quando em quando seus olhares ansiosos varriam a estrada. Sellén foi o primeiro a romper o silêncio inquieto. — Olle está demorando! Alguma coisa deve ter acontecido com ele — disse. — Sim, deve haver alguma coisa. Mas por que você sempre manda o pobre-diabo? Por que não faz você mesmo seus recados? — Ele não tem mais nada para fazer e gosta de ir. — Como você sabe? Além disso, deixe-me dizer: ninguém pode saber no que Olle vai dar. Ele tem grandes planos e pode se levantar de um dia para o outro; então será bom tê-lo como amigo. — Não me diga! Que grande obra ele pretende realizar? Posso perfeitamente acreditar que Olle venha a ser um grande homem, embora não um grande escultor. Mas onde diabos ele está? Você acha que está gastando o dinheiro? — Possivelmente, possivelmente! Ele não come nada há muito tempo, e talvez a tentação tenha sido forte demais — respondeu Lundell, apertando o cinto dois furos e pensando no que faria no lugar de Olle. — Bem, ele é apenas humano, e a caridade começa em casa — disse Sellén, que sabia perfeitamente o que teria feito naquelas circunstâncias. — Mas não posso esperar mais. Preciso de tinta, nem que tenha de roubá-la. Vou ver Falk. — Vai espremer mais daquele pobre rapaz? Você o roubou ontem para comprar sua moldura. E não foi pouco o que tomou emprestado. — Meu caro, sou obrigado a lançar aos ventos todos os sentimentos de vergonha; não há remédio. É preciso aguentar muita coisa. Além disso, Falk é um sujeito de grande coração, que entende que um homem pode de repente se ver na Rua dos Apertos. Seja como for, vou indo. Se Olle voltar nesse meio-tempo, diga que ele é um idiota. Até logo! Venha ao Quarto Vermelho e veremos se nosso mestre há de se dignar, em sua graça, a nos dar algo para comer antes do pôr do sol. Tranque a porta quando sair e empurre a chave para debaixo do tapete. Tchau-tchau! Foi embora, e pouco depois estava diante da porta de Falk, na Rua Conde Magni. Bateu, mas não recebeu resposta. Abriu a porta e entrou. Falk, que

provavelmente tivera sonhos inquietos, despertou do sono, deu um salto e encarou Sellén sem reconhecê-lo. — Boa noite, velho — disse Sellén. — Ah! É você. Devo ter tido um sonho estranho. Boa noite! Sente-se e fume um cachimbo! Já é noite? Sellén achou que conhecia os sintomas, mas fingiu não notar nada. — Você não foi ao Botão de Latão hoje? — comentou. — Não — respondeu Falk, confuso. — Não estive lá, estive no Iduna. Ele realmente não sabia se sonhara aquilo ou se estivera lá de fato; mas ficou contente por ter dito, pois tinha vergonha de sua situação. — Perfeitamente certo, velho — comentou Sellén. — A cozinha do Botão de Latão está abaixo de qualquer crítica. — Está mesmo — concordou Falk. — A sopa é ruim pra diabo. — E o velho maître está sempre em cima, contando os pãezinhos e a manteiga, o patife! As palavras pãezinhos e manteiga trouxeram Falk de volta à consciência; ele não sentia fome, apenas uma leve tremeadeira, uma fraqueza. Mas não gostou do assunto da conversa e o mudou. — Bem, seu quadro ficará pronto para amanhã? — perguntou. — Não, infelizmente não. — O que houve agora? — Não posso terminá-lo de jeito nenhum. — Não pode? Por que não está em casa trabalhando? — A velha, velha história, meu caro! Não tenho tinta! Tinta nenhuma! — Mas há remédio para isso! Ou você não tem dinheiro? — Se tivesse, estaria tudo bem. — E eu também não tenho nenhum! O que fazer? Sellén baixou os olhos até que seu olhar alcançou a altura do bolso do colete de Falk, para dentro do qual rastejava uma pesada corrente de ouro; não que Sellén acreditasse que fosse ouro, ouro bom, contrastado. Ele não teria compreendido a imprudência de carregar tanto dinheiro do lado de fora do colete. Mas seus pensamentos seguiam um curso definido, e ele continuou: — Se ao menos eu tivesse algo para penhorar! Mas nós, descuidadamente, empenhamos nossos sobretudos de inverno no primeiro dia de sol de abril. Falk corou. Nunca fizera uma coisa dessas. — Vocês penhoram seus sobretudos de inverno? — perguntou. — Dão alguma coisa por eles? — Dão alguma coisa por tudo — por tudo — disse Sellén, carregando no tudo. — A única coisa necessária é ter alguma coisa. Para Falk, o quarto pareceu começar a girar. Teve de se sentar. Então puxou o relógio de ouro. — Quanto você acha que me dariam por este relógio e por esta corrente? Sellén apoderou-se das futuras garantias e as examinou com olho de conhecedor. — É ouro? — perguntou, débil. — É ouro. — Contrastado? — Contrastado. — A corrente também? — A corrente também. — Cem coroas — declarou Sellén, sacudindo a mão de modo que a corrente de ouro tilintou. — Mas é uma pena! Você não deve penhorar suas coisas por minha causa. — Então por minha própria causa — disse Falk, ansioso por evitar a aparência de um desprendimento que não sentia. — Eu também

preciso de dinheiro. Se você as transformar em dinheiro, me fará um favor. — Muito bem, então — disse Sellén, resolvido a não constranger o amigo com perguntas indiscretas. — Vou penhorá-las! Reaja, velho! A vida às vezes é dura, não nego; mas a gente atravessa. Ele deu umas palmadas no ombro de Falk com uma cordialidade que raramente atravessava o escárnio no qual se envolvera. Saíram juntos. Quando concluíram o negócio, eram sete horas. Compraram a tinta e se dirigiram ao Quarto Vermelho. * * * * O Salão de Berns acabava de começar a desempenhar seu papel civilizador na vida de Estocolmo, pondo fim à vida malsã dos café-chantants que florescera — ou grassara — nos anos sessenta e, da capital, se espalhara por todo o país. Ali, todas as noites depois das sete, reuniam-se multidões de jovens que viviam naquele estágio anormal de transição que começa ao deixar a casa paterna e termina com a fundação de um novo lar e de uma família; ali havia muitos rapazes que fugiam da solidão do quarto ou da água-furtada para encontrar luz, calor e um semelhante com quem conversar. O proprietário fizera mais de uma tentativa de divertir seus fregueses com pantomimas, ginástica, balés e outras apresentações; mas lhe haviam demonstrado claramente que os convidados não estavam em busca de diversão, e sim de paz; o que se queria era uma sala de consulta, onde a qualquer momento fosse provável topar com um amigo. A banda era tolerada porque não interrompia a conversa; antes a estimulava, e pouco a pouco se tornou um componente tão necessário da dieta noturna de Estocolmo quanto o ponche e o tabaco. Desse modo, o Salão de Berns tornou-se o clube dos solteiros de toda Estocolmo. Cada círculo tinha seu canto especial; os colonos de Lill-Jans haviam usurpado a sala de xadrez interna, geralmente chamada de Quarto Vermelho por causa dos móveis vermelhos e por economia de palavras. Era um terreno seguro de encontro, mesmo se durante o dia inteiro seus membros tivessem sido espalhados como palha. Quando os tempos eram difíceis e era preciso levantar fundos a qualquer custo, faziam-se dali incursões regulares pelo salão. Formava-se uma corrente: dois membros escaramuçavam pelas galerias, e outros dois atacavam a sala no sentido do comprimento. Poder-se-ia dizer que dragavam a sala com uma rede de fundo, e raramente dragavam em vão, pois durante a noite havia um fluxo constante de recém-chegados. Naquela noite, porém, tais esforços não foram necessários; Sellén, calmo e orgulhoso, sentou-se no sofá vermelho ao fundo. Depois de representarem uma pequena farsa sobre o que iriam beber, chegaram à conclusão de que primeiro precisavam comer alguma coisa. Estavam começando a sexa, e Falk começava a sentir as forças voltarem, quando uma longa sombra caiu sobre a mesa. Diante deles estava Ygberg, pálido e

emagrecido como sempre. Sellén, que naquela noite estava com dinheiro e, nessas circunstâncias, era invariavelmente cortês e bondoso, insistiu para que ele jantasse com eles, e Falk reforçou o convite. Ygberg hesitou enquanto examinava o conteúdo dos pratos e calculava se sua fome seria satisfeita ou apenas meio satisfeita. — O senhor maneja uma pena ferina, sr. Falk — disse, para desviar a atenção das investidas que seu garfo fazia contra a bandeja. — Como? O que quer dizer? — perguntou Falk, corando; ele não sabia que alguém travara conhecimento com sua pena. — O artigo causou sensação. — Que artigo? Não entendo. — A correspondência na Bandeira Operária sobre a Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários. — Eu não o escrevi. — Mas a Junta está convencida de que foi o senhor. Acabei de encontrar um membro, amigo meu; ele mencionou o senhor como autor; percebi que o ressentimento era feroz. — De fato? Falk sentiu que tinha metade da culpa; compreendeu agora que notas eram aquelas que Struve tomara naquela noite no Morro de Moisés. Mas Struve apenas relatara o que ele, Falk, havia dito. Era responsável por suas afirmações e devia sustentá-las, ainda que corresse o risco de ser considerado um caluniador. Recuar era impossível; compreendeu que precisava seguir adiante. — Muito bem — disse. — Sou o instigador do artigo. Mas falemos de outra coisa! O que acha de Ulrica Eleonora? Não é uma personagem interessante? Ou qual é sua opinião sobre a Companhia de Seguros Marítimos Triton? Ou sobre Haquin Spegel? — Ulrica Eleonora é a personagem mais interessante de toda a história da Suécia — respondeu Ygberg, gravemente. — Acabei de receber uma encomenda para escrever um ensaio sobre ela. — De Smith? — perguntou Falk. — Sim; mas como sabe? — Devolvi a matriz esta tarde. — É errado recusar trabalho. Você se arrepende! Acredite. Um rubor febril tingiu as faces de Falk; ele falava de modo febril. Sellén estava sentado quieto no sofá, fumando. Prestava mais atenção à banda do que à conversa, que não o interessava porque não a compreendia. De seu canto no sofá, através das duas portas abertas que davam para a galeria sul, conseguia entrever a galeria norte. Apesar da densa nuvem de fumaça que pairava sobre o fosso entre as duas galerias, distinguia rostos do outro lado. De repente, algo à distância lhe chamou a atenção. Agarrou o braço de Falk. — O velhaco! Olhe atrás da cortina esquerda! — Lundell! — Isso mesmo! Está procurando uma Madalena! Veja! Agora fala com ela! Que moça bonita! Falk corou, fato que não escapou a Sellén. — Ele vem aqui atrás de modelos? — perguntou, surpreso. — Ora, e onde mais iria? Não pode encontrá-las no escuro. Um momento depois, Lundell se juntou a eles; Sellén o saudou com um aceno condescendente,

cujo significado não pareceu escapar ao recém-chegado. Ele se inclinou diante de Falk com mais polidez do que de costume e expressou sua surpresa com a presença de Ygberg em palavras depreciativas. Ygberg, observando-o atentamente, aproveitou a oportunidade para perguntar o que gostaria de comer. Lundell arregalou os olhos; parecia ter caído entre magnatas. Sentiu-se feliz; um humor suave e filantrópico tomou conta dele, e, depois de pedir uma ceia quente, sentiu-se constrangido a dar expressão à sua emoção. Era evidente que queria dizer alguma coisa a Falk, mas era difícil encontrar uma abertura. A banda tocava Ouve-nos, Suécia!, e um momento depois Castelo Forte é Nosso Deus. Falk pediu mais bebida. — Pergunto-me se o senhor admira este belo hino antigo tanto quanto eu, sr. Falk — começou Lundell. Falk, que não tinha consciência de admirar um hino mais que outro, pediu que ele tomasse um pouco de ponche. Lundell teve escrúpulos; não sabia se podia se aventurar. Achou melhor comer mais um pouco antes; não tinha força suficiente para beber. Tentou prová-lo, depois do terceiro licor, com um curto e violento acesso de tosse. — A Tocha da Reconciliação é um nome esplêndido — disse em seguida. — Prova ao mesmo tempo a profunda necessidade religiosa de expiação e a luz que veio ao mundo quando se deu o milagre que sempre ofendeu os orgulhosos de espírito. Engoliu uma almôndega, estudando cuidadosamente o efeito de sua observação — e sentiu-se tudo menos lisonjeado ao ver três rostos vazios fitando-o, sem expressar nada além de consternação. — Spegel é um grande nome, e suas palavras não são como as palavras dos fariseus. Todos sabemos que ele escreveu o magnífico salmo Os gritos de lamento se calam, um salmo que jamais foi igualado. À sua saúde, sr. Falk! Fico feliz em saber que o senhor se identifica com a obra de tal homem. Lundell descobriu que seu copo estava vazio. — Acho que preciso de mais uma meia-garrafa! Dois pensamentos zumbiam no cérebro de Falk: O sujeito está bebendo aguardente pura e Como ele soube de Spegel? Uma suspeita iluminou sua mente como um relâmpago, mas ele fingiu nada saber e disse apenas: — À sua saúde, sr. Lundell! A explicação desagradável que parecia inevitável foi evitada pela entrada súbita de Olle. Era Olle, mas mais rústico do que antes, mais sujo do que antes e, a julgar pela aparência, mais manco do que antes. Seus quadris saltavam por baixo do casaco como gurupés; um único botão mantinha o casaco unido logo acima da primeira costela. Mas estava bem-humorado e riu ao ver tanta comida e bebida sobre a mesa. Para horror de Sellén, começou a relatar o sucesso de sua missão, enquanto se despojava de suas aquisições. Fora realmente preso pela polícia. — Aqui estão os recibos! Passou por cima da mesa dois bilhetes verdes de penhor

para Sellén, que os transformou imediatamente numa bolinha de papel. Fora levado à delegacia. Apontou para o casaco, cujo colarinho desaparecera. Lá lhe perguntaram o nome. O nome, é claro, era falso! Não existia nome nenhum como Montanus! Naturalidade? Vaestmanland! Outra declaração falsa! O inspetor era natural daquela província e conhecia seus conterrâneos. Idade? Vinte e oito anos! Mentira; devia ter pelo menos quarenta. Domicílio? Lill-Jans! Outra mentira; ninguém além de um jardineiro morava ali. Profissão? Artista! Também mentira: tinha aparência de estivador. — Aqui está sua tinta, quatro tubos! É melhor examiná-los com cuidado! Seu pacote fora aberto e, no processo, um dos lençóis se rasgara. — Por isso só consegui um xelim, dois pence e meio pelos dois. Você verá que estou certo se olhar o bilhete. A pergunta seguinte foi onde ele roubara as coisas. Olle respondeu que não as havia roubado; então o inspetor chamou sua atenção para o fato de que não lhe perguntara se as roubara, mas onde as roubara. Onde? Onde? Onde? — Aqui está o troco, dois pence e meio; não fiquei com nada. Então o depoimento foi tomado, e os bens roubados — que haviam sido lacrados com três selos — foram descritos. Em vão Olle protestara, em vão apelara ao senso de justiça e humanidade deles; o único resultado de seus protestos foi uma sugestão feita pelo guarda para que se registrasse que o preso — já era visto à luz de um preso — estava fortemente embriagado; a sugestão foi aceita, mas a palavra fortemente foi omitida. Depois que o inspetor instou repetidamente o guarda a tentar lembrar se o preso oferecera resistência no momento da prisão, e o guarda declarou que não podia jurar — seria questão muito séria, pois o preso parecia um sujeito desesperado —, mas que lhe parecera que ele tentara resistir refugiando-se numa porta, essa última declaração foi posta no registro. Então foi redigido um relatório, e Olle recebeu ordem de assiná-lo. Dizia assim: Um indivíduo do sexo masculino, de aparência sinistra e repulsiva, foi encontrado esgueirando-se ao longo da fileira de casas da Rua Northland, levando na mão um pacote de aparência suspeita. No momento da prisão trajava sobrecasaca verde — não usava colete — calças de sarja azul, camisa com as iniciais P. L. (o que prova claramente que ou a camisa era roubada ou que ele dera nome falso), meias de lã com bordas cinzentas e chapéu de feltro com pena de galo. O preso deu o nome suposto de Olle Montanus, declarou falsamente que seus familiares eram camponeses de Vaestmanland e que era artista, domiciliado em Lill-Jans, evidentemente uma invenção. Ao ser preso, tentou oferecer resistência refugiando-se numa porta. Seguiu-se uma descrição minuciosa do conteúdo do pacote. Como Olle se recusou a admitir a correção daquele relatório, enviou-se um telegrama à prisão, e apareceu

uma condução para buscar Olle, a trouxa e um guarda. Quando dobravam na Rua da Moeda, Olle avistou Per Illson, membro do Parlamento e seu conterrâneo. Chamou-o, e Per Illson provou que o relatório estava errado. Olle foi solto e sua trouxa lhe foi devolvida. E agora viera juntar-se a eles e... — Aqui estão seus pãezinhos franceses! São só cinco, porque comi um. E aqui está a cerveja! Produziu cinco pãezinhos franceses dos bolsos do casaco, colocou-os sobre a mesa e dispôs ao lado duas garrafas de cerveja, que retirou dos bolsos da calça, depois do que sua figura recuperou as desproporções habituais. — Falk, velho, você precisa desculpar Olle; ele não está acostumado à alta sociedade. Ponha os pãezinhos franceses de volta nos bolsos, Olle! Qual será a próxima? — disse Sellén, em tom reprovador. Olle obedeceu. Lundell recusou-se a deixar que levassem a bandeja, embora tivesse limpado os pratos tão completamente que teria sido impossível dizer o que haviam contido; de quando em quando agarrava a garrafa de aguardente, distraído, e se servia de meio copo. Às vezes se levantava ou se virava na cadeira para ver o que a banda estava tocando. Nessas ocasiões, Sellén o vigiava de perto. Enfim chegou Rehnjelm. Era evidente que bebera; sentou-se calado, os olhos procurando um objeto em que pudessem repousar enquanto ouvia as exortações de Lundell. Por fim seus olhos cansados caíram sobre Sellén e ficaram cravados no colete de veludo, que lhe deu muito alimento para o pensamento durante o resto da noite. Seu rosto se iluminou por um momento, como se tivesse encontrado um velho amigo; mas a luz se apagou quando Sellén abotoou o casaco porque havia corrente de ar. Ygberg cuidou para que Olle comesse alguma coisa e não se cansava de insistir para que se servisse e enchesse o copo. À medida que a noite avançava, música e conversa se tornavam cada vez mais vivas. Aquele estado de semiestupor exercia grande encanto sobre Falk; ali era quente, claro e barulhento; ele estava na companhia de homens cujas vidas prolongara por mais algumas horas e que, portanto, estavam alegres e vivazes como moscas reanimadas pelos raios do sol. Sentia-se um deles, pois sabia que, em sua consciência íntima, eram infelizes; eram despreziosos; entendiam-no e falavam como seres humanos, não como livros; até a grosseria deles não era sem atrativo; havia tanta naturalidade nela, tanta inocência; até a hipocrisia de Lundell não o repelia; era tão ingênua e pousava tão frouxamente sobre ele que poderia ser lançada fora a qualquer momento. E a noite se passou, e terminou o dia que empurrara Falk irrevogavelmente para o caminho espinhoso do escritor.

Capítulo VII

A Imitação De Cristo

Na manhã seguinte, Falk foi acordado por uma criada que lhe trouxe uma carta. Abriu-a e leu: Timóteo x. 27, 28, 29. Primeira aos Coríntios vi. 3, 4, 5. CARO IRMÃO, A graça e a paz de Nosso Senhor J. C., o amor do Pai e a comunhão do E. S., etc., Amém. Li ontem à noite no Barrete Cinzento que você vai dirigir a Tocha da Reconciliação. Encontre-me em meu escritório amanhã de manhã. Seu irmão salvo, NATHANAEL SKORE. Agora ele compreendia parcialmente o enigma de Lundell. Não conhecia pessoalmente Skore, o grande campeão do Senhor; nada sabia da Tocha da Reconciliação, mas estava curioso e decidiu obedecer ao pedido insolente. Às nove horas estava na Rua do Governo, olhando a imponente casa de quatro andares cuja fachada, do porão ao telhado, estava coberta de placas: Tipografia Cristã Paz Ltda., segundo andar. Redação de A Herança dos Filhos de Deus, meio-patamar. Editora O Juízo Final, primeiro andar. Editora A Trombeta da Paz, segundo andar. Redação do jornal infantil Apascenta Meus Cordeiros, primeiro andar. Escritórios da Sociedade Cristã Casa de Oração Ltda., O Trono da Misericórdia. Empréstimos concedidos mediante garantias de primeira ordem, terceiro andar. Vinde a Jesus, terceiro andar. Emprego encontrado para vendedores respeitáveis que possam oferecer garantia. Sociedade de Missões Estrangeiras Ltda., Águia, distribuição dos lucros do ano de 1867 em cupons, segundo andar. Escritórios do Vapor Missionário Cristão Zululu, segundo andar. O vapor partirá, D.V., no dia 28. Mercadorias recebidas contra conhecimento de embarque e certificado nos escritórios de navegação próximos ao desembarcadouro onde o vapor está sendo carregado. Sociedade de Costura Formigueiro recebe doações, primeiro andar. Colarinhos de clérigos lavados e passados pelo porteiro. Hóstias a 1 xelim e 6 pence a libra, à venda com o porteiro. Casacas pretas para candidatos à confirmação, alugam-se. Vinho não fermentado (Mat. xix, 32), a 9 1/2 pence o quarto; tratar com o porteiro. Trazer seu próprio jarro. No térreo, à esquerda do arco, havia uma livraria cristã. Falk parou por alguns momentos e leu os títulos dos livros expostos na vitrine. Era a coisa de sempre. Perguntas indiscretas, acusações insolentes, familiaridades ofensivas. Mas sua atenção foi atraída principalmente por uma porção de revistas ilustradas com grandes xilogravuras inglesas, exibidas na vitrine para atrair os passantes. Os jornais infantis, em especial, tinham um sumário

interessante, e o rapaz da loja poderia ter contado a quem se importasse em saber que velhos e velhas passavam horas diante daquela vitrine, perdidos na contemplação das ilustrações, que pareciam comover seus corações piedosos e despertar lembranças de sua juventude desaparecida — e talvez desperdiçada. Subiu a ampla escadaria entre afrescos pompeianos que lembravam o caminho que não leva à salvação, e chegou a uma grande sala mobiliada com escrivaninhas como um banco, embora ainda desocupada de caixas e guarda-livros. No centro da sala havia uma mesa de trabalho do tamanho de um altar, parecida com um órgão de muitos registros; havia um teclado completo com botões e semáforos munidos de tubos acústicos em forma de trombeta, ligados a todas as partes do edifício. Um homem grande, de botas de montaria, estava em pé diante da escrivaninha. Usava uma batina presa por um botão no pescoço, o que lhe dava aspecto militar; a batina era encimada por uma faixa branca e pela máscara de um capitão de mar, pois o rosto verdadeiro havia muito se extraviado em alguma escrivaninha ou caixa. O homem grande batia nas canelas das botas com o chicote de montaria, cujo cabo tinha a forma de um casco simbólico, e fumava e mastigava assiduamente um forte charuto regalia, provavelmente para manter as mandíbulas em forma. Falk olhou espantado para o homem grande. Então era esta a última moda em clérigos, pois também em homens há moda. Era este o grande promulgador que conseguira tornar elegante ser pecador, ter sede de misericórdia, ser pobre e miserável, em suma, ser um exemplar imprestável de humanidade em todos os sentidos possíveis. Era este o homem que pusera a salvação em voga! Descobrira um evangelho para a boa sociedade. A divina ordenança da graça tornara-se um esporte! Havia competições de perversidade nas quais o prêmio era dado ao pecador. Organizavam-se caçadas de papel para capturar pobres almas com o propósito de salvá-las; mas também, confessemos, batidas para encontrar sujeitos nos quais demonstrar praticamente a própria conversão, despejando sobre eles a mais cruel caridade. — Ah, é o senhor, sr. Falk — disse a máscara. — Bem-vindo, caro amigo! Talvez queira ver um pouco do meu trabalho? Perdoe-me, espero que esteja salvo? Sim, este é o escritório da tipografia. Com licença por um segundo. Ele se aproximou do órgão e puxou vários registros. A resposta foi um longo assobio. — Dê uma olhada ao redor. Pôs a boca em uma das trombetas e gritou: — A sétima trombeta e o oitavo ai! Composição Medieval 8, títulos góticos, nomes espaçados. Uma voz respondeu pela mesma trombeta: — Não há mais manuscrito. A máscara sentou-se ao órgão, pegou uma pena e uma folha de papel almaço. A pena corria pelo papel enquanto ele falava, de charuto na boca. — Esta atividade...

é tão extensa... que logo estaria... além de minhas forças... e minha saúde... estaria pior... do que está... se eu não cuidasse dela... tão bem. Saltou, puxou outro registro e gritou em outra trombeta: — Provas de Você pagou sua dívida? Depois continuou escrevendo e falando. — O senhor se pergunta... por que... eu... uso botas de montaria. Primeiro... porque... faço exercícios de equitação... por causa... da minha saúde... Um menino apareceu com provas. A máscara as entregou a Falk. — Faça o favor de ler isto — disse, falando pelo nariz, porque a boca estava ocupada, enquanto seus olhos gritavam ao menino: espere! — ...segundo... — um movimento das orelhas transmitiu claramente a Falk que ele não perdera o fio — porque... sou da opinião... de que um homem de espírito... não deve... chamar atenção... pela aparência... pois isso seria... orgulho espiritual... e um desafio... aos zombadores. Entrou um guarda-livros. A máscara respondeu à saudação franzindo a testa, a única parte desocupada do rosto. Por falta de outra coisa a fazer, Falk pegou as provas e começou a lê-las. O charuto continuou falando: — Todo mundo... usa... botas de montaria. Não quero... chamar atenção... pela minha... aparência. Uso... botas de montaria... porque... não sou hipócrita. Entregou o manuscrito ao menino e gritou — com os lábios: — Quatro linhas de composição — Sétima trombeta para Nystroem! E então para Falk: — Estarei livre em cinco minutos. Quer vir comigo ao depósito? E ao guarda-livros: — O Zululu está carregando? — Aguardente — respondeu o guarda-livros, com voz enferrujada. — Tudo em ordem? — Tudo em ordem. — Em nome de Deus, então! Venha, sr. Falk. Entraram numa sala cujas paredes eram revestidas de prateleiras cheias de pilhas de livros. A máscara tocou-as com o chicote e disse, orgulhosa: — Fui eu que escrevi esses! O que acha disso? Não é muito? O senhor também escreve... um pouco. Se persistir, poderá escrever tanto quanto eu. Mordia e dilacerava o charuto e cuspiam as pequenas lascas que enchiam o ar como moscas e pousavam nas lombadas dos livros. Seu rosto trazia uma expressão de desprezo. — A Tocha da Reconciliação! Hm! Acho um nome estúpido! O senhor não concorda comigo? O que o fez pensar nele? Pela primeira vez, Falk teve chance de dizer uma palavra, pois, como todos os grandes homens, a máscara respondia às próprias perguntas. Sua resposta foi negativa, mas não passou disso; a máscara usurpou novamente a conversa. — Acho um nome muito estúpido. E o senhor acredita mesmo que vá atrair público? — Não sei absolutamente nada sobre o assunto; não sei do que o senhor está falando. — Não sabe? Ele pegou um jornal e apontou um parágrafo. Falk, muito surpreendido, leu o seguinte anúncio: Aviso aos assinantes: A Tocha da Reconciliação. Revista para leitores cristãos, prestes a aparecer sob a direção de Arvid Falk, cuja

obra foi premiada pela Academia de Ciências. O primeiro número trará A Criação de Deus, de Hokan Spegel, poema de espírito reconhecidamente religioso e profundamente cristão. Falk esquecera Spegel e seu acordo; ficou sem fala. — Qual será a tiragem? Hein? Dois mil, suponho. Pequena demais! Não serve! Meu Juízo Final saiu em dez mil, e mesmo assim não ganhei mais que... como dizer?... quinze limpos. — Quinze? — Mil, meu jovem! A máscara pareceu ter esquecido seu papel e retornado a velhos hábitos. — Sabe — continuou —, sou um pregador popular; posso dizer isso sem vaidade, pois todo mundo sabe. O senhor sabe que sou muito popular; não posso evitar — é assim! Eu seria hipócrita se fingisse não saber o que todo mundo sabe! Bem, vou lhe dar uma mão no começo. Veja esta bolsa aqui! Se eu disser que ela contém cartas de pessoas — senhoras — não se perturbe, sou homem casado — pedindo meu retrato, não terei dito demais. Na realidade, não passava de uma bolsa comum, que ele tocou com o chicote. — Para poupar a elas e a mim muito trabalho, e ao mesmo tempo para fazer uma gentileza a um semelhante, decidi permitir que o senhor escreva minha biografia; então poderá tranquilamente lançar dez mil exemplares de seu primeiro número e embolsar mil limpos. — Mas, meu caro pastor... — ele estivera a ponto de dizer capitão —, não sei absolutamente nada sobre o assunto. — Não importa! Não importa! O próprio editor me escreveu pedindo meu retrato. E o senhor escreverá minha biografia! Para facilitar seu trabalho, pedi a um amigo que anotasse os pontos principais. O senhor só precisa escrever uma introdução, breve e eloquente — umas poucas linhas de composição, no máximo. Só isso. Tanta previdência deprimiu Falk; surpreendeu-se ao ver o retrato tão pouco parecido com o original, e a letra do amigo tão semelhante à da máscara. Esta, que lhe entregara retrato e manuscrito, agora estendia a mão, esperando agradecimento. — Minhas recomendações ao... editor. Por tão pouco não dissera Smith que um leve rubor apareceu entre suas suíças. — Mas o senhor ainda não conhece minhas opiniões — protestou Falk. — Opiniões? Perguntei quais são suas opiniões? Nunca pergunto a ninguém suas opiniões. Deus me livre! Eu? Nunca! Mais uma vez tocou com o chicote as lombadas de suas publicações, abriu a porta, pôs o biógrafo para fora e voltou ao seu serviço no altar. Falk, como de costume, só conseguiu pensar numa resposta adequada tarde demais; quando a pensou, já estava na rua. Uma janela de porão que por acaso estava escancarada — e não coberta de anúncios — recebeu biografia e retrato em segurança. Então Falk foi à redação de jornal mais próxima, entregou um protesto contra a Tocha da Reconciliação e resignou-se a passar fome.

Capítulo VIII

Pobre Pátria-Mãe

O relógio da igreja de Riddarholms bateu dez horas quando Falk chegou, alguns dias depois, aos edifícios do Parlamento, para auxiliar o representante do Barrete Vermelho na cobertura dos trabalhos da Segunda Câmara. Apressou o passo, convencido de que ali, onde o pagamento era bom, a pontualidade rigorosa seria vista como coisa natural. Subiu a escada das Comissões e foi conduzido à galeria dos repórteres, à esquerda. Um sentimento de reverência se apoderou dele ao atravessar as poucas tábuas suspensas sob o teto como um pombal, onde os homens da livre palavra escutam a discussão dos interesses mais sagrados do país por seus representantes mais dignos. Era uma sensação nova para Falk; mas ele estava longe de ficar impressionado ao olhar de seu andaime para o salão vazio, que lembrava uma escola lancasteriana. Eram dez e cinco, mas, à exceção dele, não havia viva alma presente. De repente, o silêncio foi rompido por um ruído de raspagem. Um rato!, pensou; mas quase no mesmo instante descobriu, na galeria oposta, do outro lado do enorme salão vazio, uma figura baixa e abjeta apontando um lápis no parapeito. Observou as aparas caírem em volteios e pousarem nas mesas abaixo. Seus olhos varreram as paredes vazias sem encontrar repouso, até que enfim caíram no velho relógio, datado do tempo de Napoleão I, com seus emblemas imperiais reluzentes, simbólicos da velha história, e seus ponteiros, que agora marcavam dez e dez, simbólicos, no espírito da ironia, de outra coisa. No mesmo momento, as portas ao fundo se abriram e um homem entrou. Era velho; seus ombros se curvavam sob o peso dos cargos públicos; suas costas haviam encolhido sob o peso das comissões municipais; a longa permanência em escritórios úmidos, salas de comissão e arquivos-fortes lhe empenara o pescoço; havia uma sugestão de pensionista em seus passos calmos enquanto seguia pelo capacho de fibra de coco em direção à cadeira. Ao chegar ao meio do longo corredor e se alinhar com o relógio imperial, parou; parecia acostumado a parar no meio do caminho e olhar ao redor e para trás; mas agora parava para comparar seu relógio de bolso com o relógio da parede; sacudiu a cabeça velha e gasta com ar de descontentamento: — Adiantado! Adiantado! — murmurou. Suas feições exprimiam uma calma sobrenatural e a certeza de que seu relógio não podia estar atrasado. Continuou o caminho com os mesmos passos deliberados; poderia estar caminhando rumo ao objetivo de

sua vida; e era bem uma questão saber se não o havia alcançado ao chegar à venerável cadeira sobre a plataforma. Quando estava perto dela, tirou o lenço e assoou o nariz; seus olhos percorreram a brilhante plateia de cadeiras e mesas, anunciando um acontecimento importante: Senhores, assoei o nariz. Então sentou-se e afundou numa calma presidencial que poderia ter sido sono, se não fosse vigília; e, sozinho na grande sala, como imaginava, sozinho com seu Deus, preparou-se para reunir forças para os negócios do dia, quando um alto raspar à esquerda, lá em cima, sob o teto, atravessou a quietude; sobressaltou-se e virou a cabeça para matar com um olhar de três quartos o rato que ousava roer em sua presença. Falk, que não levava em conta a capacidade ressonante do pombal, recebeu o golpe mortal do olhar assassino; mas o olhar se abrandou ao escorregar das molduras do beiral, sussurrando: Apenas um repórter; temi que fosse um rato. E um profundo arrependimento tomou conta do assassino, contrição pelo pecado cometido por seu olho; enterrou o rosto nas mãos e... chorou? Oh, não! Esfregou a mancha que a aparição de um objeto repulsivo lançara sobre sua retina. Pouco depois, as portas se abriram de par em par; os deputados começavam a chegar, enquanto os ponteiros do relógio se arrastavam para a frente — para a frente. O presidente recompensava os bons com acenos amistosos e apertos de mão, e punia os malfeitores virando a cabeça; estava obrigado a ser justo como o Altíssimo. Chegou o repórter do Barrete Vermelho, um indivíduo pouco atraente, não inteiramente sóbrio e apenas meio acordado. Apesar disso, parecia encontrar prazer em responder com veracidade às perguntas feitas pelo recém-chegado. Mais uma vez as portas se escancararam, e entrou com passo firme um homem tão seguro de si como se estivesse em casa: era o tesoureiro da Repartição da Receita Interna e atuário da Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários; aproximou-se da cadeira, cumprimentou o presidente como velho conhecido e começou a remexer nos papéis como se fossem dele. — Quem é este? — perguntou Falk. — O chefe dos escriturários — respondeu seu amigo do Barrete Vermelho. — O quê? Então também escrevem aqui? — Também? Você vai ver! Mantêm um andar inteiro de escriturários; os sótãos estão cheios de escriturários, e logo terão escriturários nos porões. A sala abaixo apresentava agora o aspecto de um formigueiro. Uma pancada do martelo, e fez-se silêncio. O chefe dos escriturários leu a ata da última reunião, e ela foi assinada sem comentários. Depois o mesmo homem leu uma petição de licença de quinze dias enviada por Jon Jonson, de Lerbak. Foi concedida. — Eles têm férias aqui? — perguntou o novato, surpreso. — Certamente; Jon Jonson quer ir para casa plantar batatas. A plataforma lá embaixo começava

agora a se encher de jovens armados de pena e papel. Eram todos velhos conhecidos do tempo em que Falk fora funcionário do governo. Sentaram-se a pequenas mesas como se fossem jogar Preferência. — Aqueles são os escriturários — explicou o Barrete Vermelho. — Parecem reconhecê-lo. E de fato reconheceram; puseram os óculos de aro e fitaram o pombal com a condescendência concedida, no teatro, pelos ocupantes da plateia aos ocupantes das galerias. Cochichavam entre si, evidentemente discutindo um conhecido ausente que, por provas inequívocas, devia estar sentado na cadeira ocupada por Falk. Este ficou tão profundamente tocado pelo interesse geral que não olhou com olhos nada amistosos para Struve, que entrava no pombal reservado, desembaraçado, sujo e conservador. O chefe dos escriturários leu uma petição, ou resolução, para conceder o dinheiro necessário à compra de novos capachos e novos números de latão para os armários destinados a receber galochas. Concedido! — Onde está a oposição? — perguntou o principiante. — O diabo sabe! — Mas eles dizem sim a tudo! — Espere um pouco e verá. — Ainda não chegaram? — Aqui cada um entra e sai como quer. — Mas isto é a Repartição do Governo outra vez! O conservador Struve, que ouvira as palavras frívolas, achou seu dever tomar as dores do governo. — Que é isso que o pequeno Falk está dizendo? — perguntou. — Ele não deve resmungar aqui. Falk demorou tanto para encontrar uma resposta adequada que as discussões lá embaixo começaram nesse meio-tempo. — Não ligue para ele — disse o Barrete Vermelho, em tom apaziguador. — Ele é invariavelmente conservador quando tem o preço de um jantar no bolso, e acabou de me pedir uma nota de cinco emprestada. O chefe dos escriturários lia: 54. Parecer da Comissão sobre a moção de Ola Hipsson para remover as cercas. O madeireiro Larsson, de Norrland, exigiu a aprovação tal como estava. — Que será de nossas florestas? — explodiu. — Pergunto aos senhores: que será de nossas florestas? E atirou-se ao banco, bufando. Essa eloquência de sabor local saíra de moda nos últimos anos, e as palavras foram recebidas com assobios, depois dos quais cessou a bufada no banco de Norrland. O representante de Oeland sugeriu muros de arenito; o delegado da Escânia preferiu buxo; o de Norbotten opinou que cercas eram desnecessárias onde não havia campos, e um membro da bancada de Estocolmo propôs que o assunto fosse remetido a uma Comissão de especialistas: acentuou especialistas. Seguiu-se uma cena violenta. Antes a morte que uma comissão! A questão foi posta em votação. A moção foi rejeitada; as cercas permaneceriam de pé até apodrecerem. O chefe dos escriturários lia: 66. Parecer da Comissão sobre a proposta de Carl Joensson para suspender as verbas da Comissão Bíblica. Ao som do venerável nome

de uma instituição centenária, até os sorrisos se apagaram, e seguiu-se um silêncio respeitoso. Quem ousaria atacar a religião em seu próprio fundamento, quem ousaria enfrentar o desprezo universal? O bispo de Ystad pediu a palavra. — Devo escrever? — perguntou Falk. — Não; o que ele diz não nos interessa. Mas o conservador Struve anotou o seguinte: Sagrado. Int. Pátria-Mãe. Unidos nomes religião humanidade 829, 1632. Incredulidade. Mania de inovações. Palavra de Deus. Palavra do homem. Centen. Ansgar. Zelo. Honestidade. Fair-play. Capac. Doutrina. Exist. Igr. sueca. Imemorial Suéc. Honra. Gustavo I. Gustavo Adolfo. Colina Lützen. Olhos Europa. Veredicto posteridade. Luto. Vergonha. Campos verdes. Lavo minhas mãos. Não quiseram ouvir. Carl Joensson tomou a palavra. — Agora é a nossa vez! — disse o Barrete Vermelho. E escreveram enquanto Struve bordava o veludo do bispo. Patranhas. Palavras grandes. Comissão sentada há cem anos. Custa 100.000 coroas. 9 arcebispos. 30 prof. Upsala. Juntos 500 anos. Diárias. Secretários. Amanuenses. Nada feito. Prova tipográfica. Trabalho ruim. Dinheiro dinheiro dinheiro. Tudo pelo nome certo. Embuste. Sistema oficial de sucção. Ninguém mais falou, mas, quando a questão foi posta em votação, a moção foi aprovada. Enquanto o Barrete Vermelho, com mão experiente, alisava o discurso tropeçante de Joensson e lhe dava um título forte, Falk descansou. Ao varrer por acaso a galeria dos visitantes, seu olhar caiu sobre uma cabeça conhecida, apoiada no parapeito, pertencente a Olle Montanus. Naquele momento ele tinha a aparência de um cão vigiando cuidadosamente um osso; e não estava ali sem uma razão muito definida, mas Falk ignorava qual. Olle era muito reservado. Na ponta do banco, logo abaixo da galeria direita, no exato ponto onde haviam caído as aparas de lápis do indivíduo abjeto, levantou-se agora um homem. Usava uniforme azul, trazia um tricórnio debaixo do braço e segurava um rolo de papel na mão. O martelo caiu, e seguiu-se um silêncio irônico, malicioso. — Escreva — disse o Barrete Vermelho. — Anote os números; eu faço o resto. — Quem é? — São propostas reais. O homem de azul lia do rolo de papel: — Graciosíssima proposta de S. M.; aumentar os fundos do departamento que auxilia jovens de nascimento no estudo de línguas estrangeiras, sob a rubrica de material de escritório e despesas diversas, de 50.000 coroas para 56.000 coroas e 37 öre. — O que são despesas diversas? — perguntou Falk. — Garrafas de água, porta-guarda-chuvas, escarradeiras, persianas, jantares, gorjetas e assim por diante. Quietos, há mais! O rolo de papel continuou: — Graciosíssima proposta de S. M. para criar sessenta novas comissões na cavalaria da Gótiá Ocidental. — Ele disse sessenta? — perguntou Falk, pouco familiarizado com assuntos públicos. — Sessenta, sim; escreva. O rolo

de papel se abriu e foi ficando cada vez maior. — Graciosíssima proposta de S. M. para criar cinco novos cargos regulares de escriturário na Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários. Grande agitação nas mesas de Preferência; grande agitação na cadeira de Falk. Então o rolo de papel se enrolou de novo; o presidente se ergueu e agradeceu ao leitor com uma reverência que dizia claramente: Não há mais nada que possamos fazer? O dono do rolo de papel sentou-se no banco e soprou as aparas que o homem acima deixara cair. Seu colarinho rígido e bordado o impediu de cometer a mesma infração que o presidente perpetrara mais cedo naquela manhã. Os trabalhos continuaram. O camponês Sven Svensson pediu permissão para dizer algumas palavras sobre a Lei dos Pobres. De comum acordo, todos os repórteres se levantaram, bocejaram e se espreguiçaram. — Vamos almoçar agora — explicou o Barrete Vermelho. — Temos uma hora e dez minutos. Mas Sven Svensson falava. Os deputados começaram a se levantar de seus lugares; dois ou três saíram. O presidente conversou com alguns dos bons membros e, ao fazê-lo, exprimiu em nome do governo sua desaprovação de tudo quanto Sven Svensson pudesse vir a dizer. Dois membros mais velhos apontaram-no a um recém-chegado como se fosse uma besta estranha; observaram-no por alguns momentos, acharam-no ridículo e viraram-lhe as costas. O Barrete Vermelho teve a impressão de que a polidez exigia explicar que o orador era o flagelo da Câmara. Não era quente nem frio, não podia ser usado por nenhum partido, conquistado por nenhum interesse; mas falava — falava. Do que falava, ninguém podia dizer, pois nenhum jornal o noticiava, e ninguém se dava o trabalho de consultar as atas; mas os escriturários das mesas juraram que, se algum dia chegassem ao poder, emendariam as leis por causa dele. Falk, porém, que tinha certa fraqueza por todos os ignorados, ficou para trás e ouviu o que havia muitos dias não ouvia: um homem honrado, de vida irrepreensível, abraçando a causa dos oprimidos e pisoteados enquanto ninguém o escutava. Struve, ao ver o camponês, já se retirara e fora a um restaurante; foi logo seguido por todos os repórteres e metade dos deputados. Depois do almoço, voltaram e se sentaram na escada estreita; por mais algum tempo ouviram Sven Svensson falando, ou melhor, viram-no falando, pois agora a conversa se tornara tão animada que não se entendia uma palavra sequer do discurso. Mas o orador tinha de chegar ao fim; ninguém tinha objeções a fazer; seu discurso não teve resultado algum; foi exatamente como se nunca tivesse sido proferido. O chefe dos escriturários, que durante esse intervalo tivera tempo de ir a seus escritórios, examinar os papéis oficiais e atizar os fogos, estava novamente em seu lugar, lendo: 72. Memorial da Comissão Real sobre a moção de Per Ilsson para

conceder dez mil coroas à restauração das antigas esculturas da igreja de Traeskola. A cabeça de cão no parapeito da galeria dos visitantes assumiu um aspecto ameaçador; parecia prestes a lutar por seu osso. — Você conhece o esquisitão lá em cima na galeria? — perguntou o Barrete Vermelho. — Olle Montanus, sim, conheço. — Sabe que ele e a igreja de Traeskola são conterrâneos? É um sujeito astuto! Veja a expressão do rosto dele agora que chegou a vez de Traeskola. Per Ilsson falava. Struve virou desdenhosamente as costas ao orador e cortou para si um pedaço de tabaco. Mas Falk e o Barrete Vermelho apararam os lápis para a ação. — Você fica com os floreios, eu fico com os fatos — disse o Barrete Vermelho. Ao cabo de um quarto de hora, o papel de Falk estava coberto das seguintes notas: Cultura Nacional. Interesses sociais. Acusação de materialismo. Acordo. Fichte material, Cultura Nacional não material. Logo acusação rejeitada. Templo venerável. No esplendor do sol matinal apontando para o céu. Desde tempos pagãos, filósofo nunca sonhou. Direitos sagrados. Nação. Int. sagrados. Cultura Nacional. Literatura. Academia. História. Antiguidade. O discurso, que provocara repetidas vezes hilaridade geral, especialmente na exumação do falecido Fichte, suscitou respostas da bancada metropolitana e da bancada de Upsala. O delegado da bancada metropolitana disse que, embora não conhecesse nem a igreja de Traeskola nem Fichte, e duvidasse que os velhos meninos de gesso valessem dez mil coroas, ainda assim se considerava autorizado a instar a Câmara a incentivar esse belo empreendimento, por ser a primeira vez que a maioria pedia dinheiro para outro fim que não a construção de pontes, cercas, escolas nacionais etc. O delegado da bancada de Upsala sustentou — segundo as notas de Struve — que o autor da proposição estava a priori certo; que sua premissa, segundo a qual a cultura nacional devia ser incentivada, estava correta; que a conclusão de que dez mil coroas deviam ser votadas era obrigatória; que o propósito, o fim, a tendência, era belo, louvável, patriótico; mas certamente fora cometido um erro. Por quem? Pela Pátria-Mãe? Pelo Estado? Pela Igreja? Não! Pelo proponente? O proponente estava certo segundo o senso comum, e portanto o orador — pedia à Câmara que perdoasse a repetição — só podia louvar o propósito, o fim, a tendência. A proposição tinha suas mais calorosas simpatias; ele conclamava a Câmara, em nome da Pátria-Mãe, em nome da arte e da civilização, a votar a favor dela. Mas ele próprio se via obrigado a votar contra, pois era de opinião que, conforme à ideia, ela era errônea, imotivada e figurativa, uma vez que subsumia o conceito de lugar sob o de Estado. A cabeça na galeria dos visitantes revirou os olhos e moveu os lábios convulsivamente enquanto a moção era posta em votação; mas, quando o

procedimento terminou e a proposição foi aprovada, a cabeça desapareceu no público descontente e acotovelado. Falk não deixou de compreender a relação entre a proposição de Per Ilsson e a presença e o desaparecimento de Olle. Struve, que se tornara ainda mais ruidoso e conservador depois do almoço, falava sem reservas de muitas coisas. O Barrete Vermelho estava calmo e indiferente; deixara de se espantar com qualquer coisa. Da nuvem escura de humanidade que fora rasgada pela saída de Olle, irrompeu de repente um rosto claro, brilhante e radiante como o sol, e Arvid Falk, cujos olhares tinham vagueado até a galeria, sentiu-se obrigado a baixar os olhos e virar a cabeça — reconhecera o irmão, o chefe da família, o orgulho do nome, que ele pretendia tornar grande e honroso. Atrás do ombro de Nicholas Falk podia-se ver metade de um rosto escuro, suave e enganoso, que parecia sussurrar segredos ao ouvido do homem claro. Falk só teve tempo de se surpreender com a presença do irmão — conhecia seu ressentimento contra a nova forma de administração —, pois o presidente dera permissão a Anders Andersson para apresentar uma proposição. Andersson valeu-se da permissão com a maior calma. — Em vista de certos acontecimentos — leu —, proponho que seja aprovada uma lei tornando Sua Majestade solidariamente responsável por todas as sociedades anônimas cujos estatutos tenha sancionado. O sol na galeria dos visitantes perdeu o brilho, e uma tempestade estourou na Câmara. Como um relâmpago, o conde Splint estava de pé: — Quosque tandem, Catilina! Chegamos a isto! Membros esquecem-se de si a ponto de ousar criticar o governo! Sim, senhores, criticar o governo, ou, o que é ainda pior, fazer dele uma piada; pois esta moção não pode ser outra coisa senão uma piada vulgar. Eu disse piada? É traição! Oh! Minha pobre Pátria! Teus filhos indignos esqueceram a dívida que têm contigo! Mas que mais esperar agora que perdeste tua guarda cavaleiresca, teu escudo e tuas armas! Exijo que o canalha Per Andersson, ou lá como se chame, retire sua moção ou, por Deus!, ele verá que Rei e Pátria ainda têm servidores leais, capazes de apanhar uma pedra e arremessá-la à cabeça da hidra de muitas cabeças da traição. Aplausos na galeria dos visitantes; indignação na Câmara. — Ah! Pensam que tenho medo? O orador fez um gesto como se lançasse uma pedra, mas em cada uma das cem faces da hidra havia um sorriso. Correndo os olhos em volta, à procura de uma hidra que não sorrisse, o orador a descobriu na galeria dos repórteres. — Ali! Ali! Apontou para o pombal, e em seus olhos havia uma expressão como se visse todo o inferno aberto. — Aquele é o ninho dos corvos! Ouço seus crocitos, mas eles não me assustam! Levantai-vos, homens da Suécia! Cortai a árvore, serraí as tábuas, arrancaí as vigas, arrebeitaí as cadeiras a pontapés,

quebrai as escrivatinhas em pedaços tão pequenos quanto meu dedo mindinho — e ergueu o dedo —, e então queimai os patifes até que nada reste deles. Então o reino florescerá em paz e suas instituições prosperarão. Assim fala um nobre sueco! Camponeses, lembrai-vos de suas palavras! Esse discurso, que três anos antes teria sido saudado com aclamações, tomado literalmente e impresso e distribuído em escolas nacionais e outras instituições de caridade, foi recebido com riso universal. Uma versão corrigida foi registrada em ata e, coisa estranha, só foi noticiada pelos jornais de oposição, que em regra não se importam em publicar explosões dessa natureza. A bancada de Upsala tornou a pedir a palavra. O orador concordava inteiramente com o último orador; seu ouvido agudo captara algo do velho retinir de espadas. Gostaria de dizer algumas palavras. Gostaria de falar da ideia da sociedade anônima como ideia, mas pedia licença para explicar à Câmara que uma sociedade anônima não era uma acumulação de fundos, nem uma combinação de pessoas, mas uma personalidade moral e, como tal, irresponsável... Gargalhadas e conversas altas impediram os repórteres de ouvir o restante do argumento, que se encerrou com a observação de que os interesses do país estavam em jogo, conforme à ideia, e que, se a moção fosse rejeitada, os interesses do país seriam negligenciados e o Estado estaria em perigo. Seis oradores preencheram o intervalo até a hora do jantar com extratos das estatísticas oficiais da Suécia, dos Estatutos Fundamentais de Nauman, do Manual Jurídico e da Gazeta Comercial de Goeteberg: a conclusão invariavelmente alcançada era que o país estaria em perigo se Sua Majestade fosse solidariamente responsável por todas as sociedades anônimas cujos estatutos houvesse sancionado; e que os interesses de todo o país estavam em jogo. Um dos oradores foi ousado o bastante para dizer que os interesses do país estavam numa jogada de dados; outros eram de opinião que estavam numa carta; outros ainda, que pendiam de um fio; o último orador disse que pendiam de um cabelo. Ao meio-dia, a proposição de entrar em Comissão sobre a moção foi rejeitada; ou seja, não havia necessidade de o país passar pelo moinho das Comissões, pela peneira das repartições, pelo picador imperial de palha, pela joeira dos clubes e pelo burburinho dos jornais. A Pátria estava salva. Pobre Pátria!

Capítulo IX

Letras De Câmbio

Algun tempo depois da primeira experiência de Arvid Falk como repórter, Charles Nicholas Falk e sua amada esposa estavam sentados à mesa do desjejum. Ele, ao contrário de seu costume, não estava de roupão e chinelos, e a esposa vestia um caro robe de manhã. — Sim, todos estiveram aqui ontem — disse a sra. Falk, rindo alegremente —, todos os cinco, e ficaram extremamente pesarosos com o assunto. — Eu queria que o diabo... — Nicholas, lembre-se de que você já não está atrás do balcão. — O que devo dizer, então, se perder a cabeça? — A gente não perde a cabeça; fica aborrecido! E é permitido dizer: É muito extraordinário! — Muito bem, então, é muito extraordinário que você tenha sempre alguma coisa desagradável na manga. Por que não consegue deixar de me contar coisas que sabe que vão me irritar? — Aborrecê-lo, meu velho! Você espera que eu guarde meus aborrecimentos para mim; mas você bota... — Põe, minha velha! — Eu digo bota seus fardos nos meus ombros também. Foi isso que me prometeu quando nos casamos? — Não faça cena, e nada de sua lógica! Continue! Estavam todos aqui, sua mãe e suas cinco irmãs? — Quatro irmãs! Você não liga muito para minha família! — Nem você! — Nem eu! — E vieram aqui condoer-se com você por causa da demissão do meu irmão? É isso? — Sim! E tiveram a insolência de dizer que eu não tinha mais nenhum motivo para ser metida... — Orgulhosa, minha velha! — Elas disseram metida. Pessoalmente, eu jamais teria condescendido a empregar tal expressão. — O que você disse? Imagino que tenha falado umas verdades. — Pode apostar! A velha senhora ameaçou nunca mais atravessar nossa soleira. — Ela ameaçou mesmo? Você acha que foi sério? — Não acho! Mas tenho certeza de que o velho... — Você não deve falar de seu pai nesse tom! Imagine se alguém a ouvisse! — Acha que eu correria esse risco? Seja como for, o velho — cá entre nós — nunca mais virá aqui. Falk refletiu; depois de algum tempo retomou a conversa. — Sua mãe é orgulhosa? Magoa-se com facilidade? Tenho sempre tanto medo de ferir os sentimentos das pessoas, como você sabe; você deveria me contar os pontos fracos dela, para que eu possa tomar cuidado. — Você me pergunta se ela é orgulhosa? Você sabe; ela é, à maneira dela. Suponha, por exemplo, que lhe dissessem que demos um jantar sem convidá-la nem minhas irmãs; ela nunca mais viria aqui. — Ela não viria mesmo? — Pode estar certo disso. — É extraordinário que pessoas da

classe dela... — O que foi? — Ah, nada; as mulheres são tão sensíveis! Como vai sua associação? Como você a chamou? — Associação para a Promoção dos Direitos da Mulher. — Que direitos você quer dizer? — A esposa terá o direito de dispor de seus próprios bens. — Ela já não o tem? — Não, não tem. — Posso perguntar quais são os bens de que você não tem permissão para dispor? — Metade dos seus, meu velho! Meu dote. — Diabo! Quem lhe ensinou essa bobagem? — Não é bobagem; é o espírito da época, meu caro. A nova lei deveria dizer assim: Quando uma mulher se casa, torna-se proprietária de metade dos bens do marido, e dessa metade pode dispor como quiser. — E quando tiver esbanjado tudo, o marido terá de sustentá-la! Eu tomaria o maior cuidado para não fazer isso. — Pela nova lei você seria obrigado, ou iria para o asilo dos pobres. Essa seria a penalidade para o homem que não sustenta a esposa. — Cuidado! Você está indo longe demais! Mas vocês fazem reuniões? Quem eram as mulheres presentes? Conte-me. — Ainda estamos ocupadas com os estatutos, com os preliminares. — Mas quem são as mulheres? — Por enquanto apenas a sra. Homan, esposa do controlador, e lady Rehnghjelm. — Rehnghjelm? Um nome muito bom! Acho que já o ouvi antes. Mas você não me disse que ia lançar também uma Sociedade Dorcas? — Fundar uma Sociedade Dorcas! Ah, sim, e o que você acha? O pastor Skore virá uma noite para ler uma conferência. — O pastor Skore é um excelente pregador e circula na boa sociedade. Fico contente que você se mantenha longe das classes baixas. Não há nada tão fatal para homem ou mulher quanto formar ligações baixas. Meu pai sempre dizia isso; era um de seus princípios mais estritos. A sra. Falk recolheu as migalhas de pão da toalha e as deixou cair na xícara vazia. O sr. Falk enfiou os dedos no bolso do colete e tirou um palito, com o qual removeu alguns minúsculos átomos de borra de café presos entre os dentes. Marido e mulher sentiam-se constrangidos na companhia um do outro. Cada um adivinhava os pensamentos do outro, e ambos percebiam que o primeiro a romper o silêncio diria algo tolo e comprometedor. Tateavam em busca de novos assuntos de conversa, examinavam-nos mentalmente e os achavam inadequados; todos tinham alguma ligação com o que fora dito, ou podiam ser ligados a isso. Falk gostaria de ter motivo para criticar o desjejum, para ter uma desculpa para expressar indignação; a sra. Falk olhou pela janela, esperando debilmente que houvesse alguma mudança no tempo — em vão. Uma criada entrou e salvou a situação, oferecendo-lhes uma bandeja com os jornais, ao mesmo tempo em que anunciava o sr. Levin. — Peça-lhe que espere — disse o dono da casa, secamente. Por alguns instantes, suas botas rangeram de um lado a outro do quarto, preparando o visitante que aguardava no corredor para sua

chegada. O trêmulo Levin, muito impressionado pela recém-inventada espera no corredor, foi finalmente conduzido ao gabinete particular do patrão, onde foi recebido como um suplicante. — Trouxe a letra de câmbio? — perguntou Falk. — Acho que sim — respondeu Levin, abatido, produzindo um maço de garantias e letras em branco de vários valores. — Qual banco você prefere? Tenho letras de todos, com exceção de um. Apesar do caráter grave da situação, Falk não pôde deixar de sorrir ao olhar as garantias incompletas, às quais faltava o nome; as letras inteiramente preenchidas, exceto pelo nome do aceitante; e as completamente preenchidas que ainda não tinham sido aceitas. — Digamos o Banco dos Cordoeiros — disse. — Esse é o único impossível — sou conhecido lá. — Bem, o Banco dos Sapateiros, o Banco dos Alfaiates, qualquer um que você queira, contanto que se apresse. Por fim aceitaram o Banco dos Marceneiros. — E agora — disse Falk, com um olhar como se tivesse comprado a alma do outro —, agora é melhor você ir encomendar um terno novo; mas quero que o encomende num alfaiate militar, para que mais tarde lhe forneçam uma farda a crédito. — Farda? Eu não quero... — Cale a boca e faça o que lhe mandam! Deve ficar pronto na quinta-feira que vem, quando darei uma grande festa. Como você sabe, vendi minha loja e meu depósito, e amanhã receberei a carta da cidade como comerciante atacadista. — Ah! Meus parabéns! — Cale a boca quando estou falando! Agora você deve fazer uma visita. Com seus modos falsos, sua capacidade incomparável de falar bobagem, conseguiu cair nas graças da minha sogra. Quero que pergunte a ela o que achou da festa que dei no último domingo. — O senhor deu... — Cale a boca e faça o que eu digo! Ela ficará com ciúme e perguntará se você esteve presente. É claro que não esteve, pois não houve festa nenhuma. Vocês dois manifestarão descontentamento, tornar-se-ão bons amigos e falarão mal de mim; sei que você é especialista nisso. Mas deve elogiar minha esposa. Entende? — Não; não muito. — Bem, não é necessário que entenda; tudo o que tem de fazer é executar minhas ordens. Outra coisa: diga a Nystroem que fiquei tão orgulhoso que não quero mais saber dele. Diga isso na cara; pela primeira vez estará falando a verdade! Não! Espere! Vamos adiar isso! Você irá até ele, falará da importância da próxima quinta-feira; pintará para ele as grandes vantagens, os muitos benefícios, as brilhantes perspectivas, e assim por diante. Você me entende! — Entendo. — Então você leva o manuscrito à gráfica e... então... — Nós o chutamos para fora! — Se prefere chamar assim, não tenho objeção. — E devo ler os versos para seus convidados e distribuí-los? — Hum... sim! E mais uma coisa! Tente encontrar meu irmão; descubra tudo que puder sobre suas circunstâncias e seus amigos!

Aproxime-se dele, insinue-se em sua confiança — esta última parte é fácil —, torne-se amigo dele! Diga-lhe que eu o enganei, diga-lhe que sou orgulhoso e pergunte quanto ele aceitaria para mudar de nome. Uma tonalidade verde, representando um rubor, espalhou-se pelo rosto pálido de Levin. — Isso é feio — disse. — O quê? E além disso, mais uma coisa! Sou homem de negócios e gosto de ordem em todas as minhas transações. Garanto tal e tal quantia; devo pagá-la — isso é claro! — Ah, não! — Não diga tolices! Não tenho garantia em caso de morte. Assine apenas este título ao portador e pagável à vista. É mera formalidade. À palavra portador, um leve tremor sacudiu o corpo de Levin, e ele pegou a pena com hesitação, embora soubesse muito bem que recuar era impossível. Na imaginação, viu uma fila de homens surrados, de óculos, com bengalas nas mãos, os bolsos do peito estufados de documentos selados; ouviu batidas em portas, correria nas escadas, intimações, ameaças, adiamentos; ouviu o relógio da Câmara Municipal bater enquanto os homens punham as bengalas ao ombro e o conduziam — com os pés emperrados — ao lugar da execução, onde ele próprio seria finalmente libertado, mas onde sua honra de cidadão cairia sob o machado do carrasco, em meio aos gritos deliciosos da multidão. Assinou. A audiência estava encerrada.

Capítulo X

A Sociedade Jornalística “Barrete Cinzento”

Durante quarenta anos, a Suécia trabalhara pelo direito que todo homem obtém ao atingir a maioridade. Escreveram-se panfletos, fundaram-se jornais, atiraram-se pedras, comeram-se ceias e fizeram-se discursos; realizaram-se reuniões, apresentaram-se petições, usaram-se as ferrovias, apertaram-se mãos, formaram-se corpos de voluntários; e assim, por fim, com grande alarido, alcançou-se o objeto desejado. O entusiasmo foi grande e justificado. As velhas mesas de bétula do Restaurante da Ópera transformaram-se em tribunas políticas; os vapores do ponche reformista atraíram mais de um político que, mais tarde, viria a tornar-se um grande berrador; o cheiro dos charutos reformistas excitou muito sonho ambicioso que jamais se realizou; lavou-se o pó antigo com sabão reformista; acreditava-se, em geral, que agora tudo ficaria bem; e, depois do tremendo tumulto, o país deitou-se e adormeceu, esperando confiante os resultados brilhantes que deveriam nascer de todo aquele espalhafato. Dormiu por alguns anos; e, quando acordou, deu de cara com uma realidade que sugeria erro de cálculo. Aqui e ali ouviam-se murmúrios; os estadistas que havia pouco tinham sido elevados aos céus eram agora criticados. Houve até, entre os estudantes, alguns que descobriram que todo o movimento se originara num país que mantinha relação muito estreita com o promotor do projeto de lei, e que o original podia ser encontrado num conhecido manual. Mas basta disso! Característica daqueles dias foi certa perplexidade que logo tomou a forma de descontentamento universal ou, como se dizia, de oposição. Era, porém, uma oposição de espécie nova; não se dirigia, como em geral acontece, contra o Governo, mas contra o Parlamento. Era uma oposição conservadora que incluía liberais e conservadores, moços e velhos; havia muita miséria no país. Ora, aconteceu que a sociedade jornalística Barrete Cinzento, nascida e criada sob auspícios liberais, adormeceu no momento em que foi chamada a defender opiniões impopulares — se é que se pode falar das opiniões de uma sociedade. Os diretores propuseram, na Assembleia Geral, que certas opiniões fossem alteradas, visto que tinham o efeito de diminuir o número de assinantes, necessário à continuidade da empresa. A Assembleia Geral aceitou a proposta, e o Barrete Cinzento tornou-se um jornal conservador. Havia, porém, um porém, embora se deva confessar que ele não constrangia muito a sociedade; era necessário arranjar um novo redator-chefe, para

salvar a sociedade do ridículo; que nenhuma mudança precisasse ser feita no tocante à redação invisível, isso dispensava comentário. O redator-chefe, homem de honra, apresentou sua demissão. A direção editorial, há muito maltratada por causa de sua cor vermelha, aceitou-a com prazer, esperando, desse modo, sem mais incômodo, tomar assento entre os jornais de melhor classe. Restava apenas a necessidade de encontrar um novo redator-chefe. De acordo com o novo programa da sociedade, ele teria de possuir as seguintes qualificações: devia ser conhecido como cidadão perfeitamente digno de confiança; devia pertencer à classe oficial; devia possuir um título, usurpado ou conquistado, que pudesse ser elaborado em caso de necessidade. Além disso, devia ter boa aparência, para que se pudesse exibi-lo em festas e outras ocasiões públicas; devia ser dependente; um pouco estúpido, porque a verdadeira estupidez caminha sempre de mãos dadas com inclinações conservadoras; devia ser dotado de certa esperteza, que lhe permitisse intuir os desejos de seus chefes e jamais esquecer que o bem público e o bem privado são, quando corretamente compreendidos, uma só e mesma coisa. Ao mesmo tempo, não devia ser jovem demais, porque um homem mais velho é manejado com maior facilidade; e, por fim, devia ser casado, pois a sociedade, composta de homens de negócios, sabia perfeitamente que escravos casados são mais dóceis que solteiros. O indivíduo foi descoberto, e em alto grau possuía todas as características enumeradas. Era um homem de aparência notavelmente bela, de figura bastante distinta e longa barba ondulada, que ocultava todos os pontos fracos do rosto, os quais, sem isso, o teriam denunciado. Seus olhos grandes, cheios e falsos apanhavam o observador casual e lhe inspiravam confiança, confiança que logo era explorada sem escrúpulos. Sua voz um tanto velada, sempre pronunciando palavras de amor, de paz, de honra e, acima de tudo, de patriotismo, seduzia mais de um ouvinte extraviado e o conduzia à mesa do ponche, onde o excelente homem passava as noites pregando franqueza e amor à Pátria. Era maravilhosa a influência que esse homem de honra exercia sobre seu ambiente perverso; não se podia vê-la, mas podia-se ouvi-la. A matilha inteira, que durante anos fora solta contra tudo quanto era consagrado pelo tempo e venerável, e que nem sequer poupava as coisas mais elevadas, agora estava contida e cheia de amor — não apenas por seus velhos amigos —, agora era — e não apenas no coração — moral e franca. Cumpriam em todos os detalhes o programa elaborado pelo novo redator ao assumir o posto, cujos pontos cardeais, expressos em poucas palavras, eram estes: perseguir todas as boas ideias quando fossem novas, combater e sustentar todas as más quando fossem antigas, rastejar diante dos

poderosos, exaltar todos aqueles a quem a fortuna sorria, empurrar para baixo todos os que se esforçavam por subir, adorar o sucesso e ultrajar a desgraça. Em tradução livre, o programa dizia: reconhecer e aclamar apenas o que fosse comprovado e admitidamente bom, trabalhar contra a mania de inovação e perseguir com severidade, mas com justiça, todo aquele que tentasse subir por meios desonestos, pois só o trabalho honesto devia ser coroado de êxito. O segredo da última cláusula, a que a redação dava principal importância, não era difícil de descobrir. A redação compunha-se exclusivamente de pessoas cujas esperanças tinham sido frustradas de um modo ou de outro; na maior parte dos casos, por culpa delas mesmas — pela bebida e pela leviandade. Alguns eram “gênios de universidade” que, no passado, tinham gozado de grande reputação como cantores, oradores, poetas ou espirituosos, e depois, com justiça — ou, segundo eles, injustamente —, haviam sido esquecidos. Durante vários anos, fora seu ofício louvar e promover, frequentemente contra a própria inclinação, tudo quanto fosse novo, todos os empreendimentos lançados por reformadores; portanto, não era estranho que agora aproveitassem a ocasião para atacar — sob os pretextos mais honrosos — tudo quanto fosse novo, bom ou mau. O redator-chefe, em particular, era grande farejador de embuste e desonestidade. Sempre que um deputado se opunha a um projeto de lei que tendia a prejudicar os interesses do país em benefício do partido, era imediatamente chamado à ordem e tachado de charlatão, de sujeito que queria parecer original, que ansiava por uma casaca ministerial; ele não dizia pasta, pois pensava sempre primeiro em roupas. A política, entretanto, não era seu forte, ou antes, seu fraco, mas sim a literatura. Em dias remotos, por ocasião do Festival Nórdico Antigo em Uppsala, ele propusera, em versos, um brinde à mulher, fornecendo assim uma contribuição importante à literatura universal; o brinde foi impresso em tantos jornais provincianos quantos o autor julgou necessários para sua imortalidade. Isso o fizera poeta; e, quando obteve seus graus, comprou uma passagem de segunda classe para Estocolmo, a fim de estrear no mundo e receber o que lhe era devido. Infelizmente, os estocolmenses não leem jornais provincianos. O jovem era desconhecido, e seu talento não foi apreciado. Como era homem esperto — seu pequeno cérebro nunca fora exuberante em imaginação —, ocultou a ferida e deixou que ela se tornasse o segredo de sua vida. A amargura gerada pelo fato de seu trabalho honesto, como o chamava, ter permanecido sem recompensa qualificou-o especialmente para o posto de censor literário; mas ele mesmo não escrevia: sua posição não lhe permitia entregar-se a esforços próprios, e preferia deixar a tarefa ao crítico que julgava o trabalho

de todos com justiça e severidade inflexível. O crítico havia escrito poesia durante dezesseis anos sob pseudônimo. Ninguém jamais lera seus versos, e ninguém se dera ao trabalho de descobrir o verdadeiro nome do autor. Mas, todo Natal, seus versos eram exumados e louvados no Barrete Cinzento, por uma terceira pessoa, é claro, que assinava o artigo para que o público não suspeitasse que o próprio autor o escrevera — dava-se por certo que o autor era conhecido do público. No décimo sétimo ano, o autor considerou aconselhável pôr seu nome num novo livro — nova edição de um antigo. Por azar, o Barrete Vermelho, cuja redação inteira era composta de jovens que nunca tinham ouvido o nome real, tratou o autor como principiante e expressou espanto não só pelo fato de um jovem escritor pôr o nome em seu primeiro livro, mas também pelo fato de o livro de um jovem poder ser tão monótono e antiquado. Foi um golpe duro; o velho “pseudônimo” caiu doente, com febre, mas se recuperou depois de ser brilhantemente reabilitado pelo Barrete Cinzento; este investiu contra todo o público leitor de uma vez só, acusando-o de imoral e desonesto, incapaz de apreciar um livro honesto, sadio e moral, que podia ser posto sem receio nas mãos de uma criança. Um jornal cômico zombou desse último ponto, de modo que o “pseudônimo” teve uma recaída e, ao se recuperar pela segunda vez, jurou aniquilação a toda literatura nacional que viesse a aparecer no futuro; isso, porém, não se aplicava a toda a literatura nacional, pois um observador arguto teria notado que o Barrete Cinzento frequentemente elogiava livros ruins; é verdade que muitas vezes o fazia de modo frouxo e em termos que podiam ser lidos de duas maneiras. O mesmo observador arguto poderia ter percebido que a miserável porcaria em questão era sempre publicada pela mesma firma; mas isso não implicava necessariamente que o crítico fosse influenciado por circunstâncias externas, como almocinhos, por exemplo; ele e toda a redação eram homens íntegros, que certamente não teriam ousado julgar os outros com tanta severidade se eles mesmos não fossem homens de caráter irrepreensível. Outro membro importante da redação era o crítico dramático. Recebera sua educação e se qualificara num escritório de recrutamento em X-köping; apaixonara-se por uma “estrela” que só era “estrela” em X-köping. Como não era suficientemente esclarecido para distinguir entre uma opinião particular e um veredito universal, aconteceu-lhe, na primeira vez em que foi solto nas colunas do Barrete Cinzento, massacrar a maior atriz da Suécia e sustentar que ela copiava a senhorita — fosse lá qual fosse o nome dela. Que isso tenha sido feito de maneira muito desajeitada, é escusado dizer, assim como que aconteceu antes de o Barrete Cinzento ter mudado de rumo. Tudo isso tornou seu nome odiado e desprezado; mas ainda assim ele tinha um

nome, e isso o compensava pela indignação que provocava. Um de seus pontos cardeais, embora não logo apreciado, era sua surdez. Passaram-se vários anos antes que ela fosse descoberta, e mesmo então ninguém podia dizer se tinha ou não relação com certo encontro, causado por uma de suas notas, no foyer da Ópera, uma noite, depois que as luzes foram apagadas. Depois desse encontro, ele passou a testar a força do braço apenas em gente muito jovem; e quem conhecesse as circunstâncias podia dizer, pela crítica, quando ele sofrera algum acidente nos bastidores, pois o provinciano vaidoso lera em algum lugar a afirmação pouco confiável de que Estocolmo era outra Paris, e acreditara nela. O crítico de arte era um velho acadêmico que nunca segurara um pincel na mão, mas era membro do brilhante clube de artistas Minerva, fato que lhe permitia descrever obras de arte nas colunas de seu jornal antes que estivessem prontas, poupando assim ao leitor o incômodo de formar opinião própria. Era invariavelmente gentil com seus conhecidos e, ao criticar uma exposição, jamais se esquecia de mencionar um só deles. Sua prática, de muitos anos, de dizer alguma coisa bonita sobre todo mundo — e como teria ousado fazer o contrário? — tornara brincadeira de criança mencionar vinte nomes em meia coluna; ao ler suas resenhas, não se podia deixar de pensar no jogo popular de figuras e divisas. Os jovens artistas, entretanto, ele sempre esquecia conscienciosamente, de modo que o público, que durante dez anos ouvira apenas os velhos nomes, começou a desesperar do futuro da arte. Uma exceção, porém, ele fizera, e bem recentemente, numa hora desastrosa; e, em consequência dessa exceção, houve grande agitação certa manhã na redação do Barrete Cinzento. O que ocorrera fora o seguinte: Sellén — o leitor talvez se lembre deste nome insignificante, mencionado em ocasião anterior e não especialmente importante — chegara com seu quadro à exposição no último instante. Quando o quadro foi pendurado — no pior lugar possível —, pois o artista não era membro da Academia nem possuía medalha real, chegou o “professor de Carlos IX”; recebera esse apelido porque jamais pintava outra coisa senão cenas da vida de Carlos IX; a razão disso, por sua vez, era que, muito tempo antes, comprara num leilão uma taça de vinho, uma toalha de mesa, uma cadeira e um pergaminho da época de Carlos IX; esses objetos ele pintara durante vinte anos, ora com o rei, ora sem ele. Mas agora era professor e cavaleiro de muitas ordens, e portanto não havia remédio. Estava com o acadêmico quando seus olhos caíram sobre o homem silencioso da oposição e seu quadro. — Aqui de novo, senhor? Ergueu o pince-nez. — E então é isto o novo estilo! Hum! Permita-me dizer, senhor! Acredite na palavra de um velho: retire esse quadro! Retire-o! Ele me dá enjoo. O maior favor que o senhor faz

a si mesmo é retirá-lo. Que diz você, meu velho? O velho disse que a exposição de tal quadro era uma impertinência, e que, se o cavalheiro aceitasse seu conselho bem-intencionado, mudaria de profissão e se tornaria pintor de tabuletas. Sellén respondeu com brandura, mas sagacidade, que havia tanta gente capaz nessa profissão que ele escolhera uma carreira artística, na qual o sucesso podia ser obtido com muito mais facilidade, como ficara provado. O professor ficou furioso com tamanha insolência; virou as costas ao contrito Sellén com uma ameaça que o acadêmico traduziu como promessa. O esclarecido Comitê de Compras se reunira — a portas fechadas. Quando as portas se abriram novamente, seis quadros tinham sido comprados com o dinheiro subscrito pelo público para o fim de incentivar artistas nacionais. O extrato da ata que encontrou caminho até as colunas dos jornais vinha redigido nos seguintes termos: “A União Artística comprou ontem os seguintes quadros: (1) ‘Água com Bois’, paisagem do atacadista K. (2) ‘Gustavo Adolfo no Incêndio de Magdeburgo’, pintura histórica do comerciante de panos L. (3) ‘Uma Criança Assoando o Nariz’, quadro de gênero do tenente M. (4) ‘O S. S. Bore no Porto’, marinha do corretor naval N. (5) ‘Cena Silvestre com Mulheres’, paisagem do secretário régio O. (6) ‘Frango com Cogumelos’, natureza-morta do ator P.” Essas obras de arte, que custavam em média mil libras cada uma, foram depois louvadas no Barrete Cinzento em duas colunas de três quartos a quinze coroas cada; isso não tinha nada de extraordinário, mas o crítico, em parte para preencher espaço, e em parte para aproveitar o momento oportuno de suprimir um mal crescente, atacou um mau costume que começava a insinuar-se. Referia-se ao fato de jovens aventureiros desconhecidos, que haviam fugido da academia sem estudo, tentarem perverter o juízo sã do público por uma mera corrida atrás de efeito. E então Sellén foi agarrado pelas orelhas e açoitado, de modo que até seus inimigos acharam injusto o tratamento — e isso significa muito. Não só lhe foi negado qualquer vestígio de talento, e sua arte chamada de embuste; até suas circunstâncias particulares foram arrastadas diante do público; o artigo aludia a restaurantes baratos onde ele era obrigado a jantar; às roupas surradas que era forçado a usar; a seus costumes dissolutos, sua ociosidade; concluía profetizando, em nome da religião e da moral, que ele acabaria seus dias numa instituição pública, a menos que emendasse os caminhos enquanto ainda era tempo. Foi um ato vergonhoso, cometido por indiferença e egoísmo; e foi pouco menos que um milagre que uma alma não se perdesse na noite da publicação daquele número particular do Barrete Cinzento. Vinte e quatro horas depois, apareceu O Incorrúptível. Refletia sobre a maneira pela qual dinheiros públicos eram

administrados por certa camarilha, e mencionava o fato de que, na última compra de quadros, nem uma só obra fora adquirida que tivesse sido pintada por um artista; os perpetradores tinham sido funcionários e comerciantes, insolentes o bastante para competir com os artistas, embora estes não tivessem outro mercado; prosseguia dizendo que esses piratas rebaixavam o padrão e desmoralizavam os artistas, cujo único esforço teria de ser pintar tão mal quanto eles, se não quisessem morrer de fome. Então era mencionado o nome de Sellén. Seu quadro era a primeira obra concebida com alma nos últimos dez anos. Durante dez anos, a arte fora mero negócio de cores e pincéis; o quadro de Sellén era trabalho honesto, cheio de inspiração e devoção, inteiramente original; um quadro que só poderia ter sido produzido por um artista que encontrara face a face o espírito da natureza. O crítico instava o jovem artista a lutar contra os antigos, que ele já deixara muito para trás, e o exortava a ter fé e esperança, porque tinha uma missão a cumprir etc. O Barrete Cinzento espumava de raiva. — Vocês vão ver que esse sujeito ainda terá sucesso! — exclamou o redator-chefe. — Por que diabos fomos massacrá-lo tanto assim! Imaginem se agora ele vira um sucesso! Cobriremos a nós mesmos de ridículo. O acadêmico jurou que ele não teria sucesso algum, foi para casa com o coração inquieto, consultou seus livros e escreveu um ensaio no qual provava que a arte de Sellén era embuste, e que O Incorrúptível fora corrompido. O Barrete Cinzento respirou aliviado, mas logo em seguida recebeu novo golpe. No dia seguinte, os jornais da manhã anunciavam o fato de Sua Majestade ter comprado a “magistral paisagem” de Sellén, “que, durante dias, atraía grande público à Exposição”. O Barrete Cinzento recebeu a força inteira da ventania; foi atirado de um lado para outro e tremulou como trapo num mastro. Deviam mudar de bordo ou seguir adiante? Tanto o jornal quanto o crítico estavam comprometidos. O redator-chefe decidiu, por ordem do diretor-gerente, sacrificar o crítico e salvar o jornal. Mas como fazê-lo? Em seu aperto, lembraram-se de Struve. Ele era um homem completamente à vontade no labirinto da publicidade. Mandaram chamá-lo. A situação ficou clara para ele num instante, e ele prometeu que, em poucos dias, a barca seria capaz de mudar de rumo. Para compreender o esquema de Struve, é necessário conhecer os dados mais importantes de sua biografia. Era um “estudante nato”, empurrado ao jornalismo pela pura pobreza. Começou a carreira como redator do socialista Bandeira Operária. Depois pertenceu ao conservador Flagelo dos Camponeses; mas, quando este se transferiu para a província com inventário, máquina de impressão e redator, o nome foi mudado para Amigo dos Camponeses, e sua política mudou em conformidade. Struve foi vendido ao

Barrete Vermelho, onde seu conhecimento de todos os truques conservadores lhe prestou bons serviços; do mesmo modo, seu maior mérito aos olhos do Barrete Cinzento era conhecer todos os segredos de seu inimigo mortal, o Barrete Vermelho, e estar disposto a abusar desse conhecimento. Struve começou o trabalho de caiação iniciando uma correspondência no Bandeira Operária; algumas linhas dela, mencionando a avalanche de visitantes à Exposição, foram reproduzidas no Barrete Cinzento. Em seguida, apareceu no Barrete Cinzento um ataque ao acadêmico; esse ataque foi acompanhado de algumas palavras tranquilizadoras assinadas “A Red.”, que diziam o seguinte: “Embora nunca tenhamos compartilhado a opinião de nosso crítico de arte a respeito da paisagem justamente louvada do Sr. Sellén, ainda assim não podemos concordar inteiramente com o julgamento de nosso respeitado correspondente; mas, como, por princípio, abrimos nossas colunas a todas as opiniões, imprimimos sem hesitar o artigo acima.” O gelo estava quebrado. Struve, que tinha fama de haver escrito sobre todos os assuntos — exceto moedas cúficas —, escreveu então uma crítica brilhante do quadro de Sellén e a assinou, de modo muito característico, Dixi. O Barrete Cinzento estava salvo; e, naturalmente, Sellén também; mas este último era de menor importância.

Capítulo XI

Gente Feliz

Eram sete horas da noite. A banda do Berns tocava a Marcha Nupcial de Sonho de uma Noite de Verão quando, ao acompanhamento de seus acordes estimulantes, Olle Montanus fez sua entrada no Quarto Vermelho. Nenhum dos membros havia chegado ainda. Olle parecia imponente. Pela primeira vez desde a crisma, usava cartola. Estava vestido com um terno novo, e suas botas não tinham buracos; tomara banho, barbeava-se havia pouco, e seus cabelos estavam ondulados como se fosse a um casamento. Uma pesada corrente de latão ornava-lhe o colete, e o bolso esquerdo deste fazia um volume visível. Um sorriso solar iluminava suas feições; ele irradiava bondade; poder-se-ia pensar que desejava socorrer o mundo inteiro com pequenos empréstimos. Tirando o sobretudo, já não cautelosamente abotoado, tomou o centro do sofá ao fundo, abriu o paletó e puxou o peitilho branco da camisa, de modo que ele se ergueu com um estalo e ficou armado como um arco; a cada movimento, o forro do colete e das calças rangia. Isso parecia dar-lhe tanto prazer quanto a pancada da bota contra a perna do sofá. Puxou o relógio, sua querida e velha cebola, que durante um ano e um mês de carência estivera nas mãos do penhorista, e os dois velhos amigos pareciam igualmente gozar da liberdade. Que acontecera para esse pobre-diabo estar tão inexprimivelmente feliz? Sabemos que ele não tirara o bilhete premiado da loteria, que não herdara fortuna, que não fora “honrosamente mencionado”, que não conquistara a doce felicidade que desafia descrição. Que acontecera então? Algo muito comum: encontrara trabalho. Sellén foi o próximo a chegar. Vestia jaqueta de veludo e botas de verniz; trazia uma manta, um binóculo preso por uma correia e uma bengala; um lenço amarelo de seda ia atado ao pescoço; as mãos estavam cobertas por luvas cor de carne, e uma flor desabrochava na botoeira. Como sempre, estava alegre e calmo; seu rosto magro e inteligente não traía vestígio algum das emoções sofridas nos últimos dias. Sellén vinha acompanhado de Rehnjelm; o rapaz estava excepcionalmente abatido; sabia que seu amigo e protetor o deixaria. — Olá, Sellén — disse Olle —, você enfim está feliz, não está, meu velho? — Feliz? Que bobagem você está dizendo! Vendi uma obra! A primeira em cinco anos! Isso é tão esmagador assim? — Mas você deve ter lido os jornais! Seu nome está feito! — Ah! Não dou o valor de um botão para isso! Não imagine que me importo com tais ninharias. Sei exatamente o

quanto ainda preciso aprender antes de ser alguém. Voltemos a falar disso daqui a dez anos, Olle. Olle acreditou em metade do que Sellén dizia e duvidou do resto; seu peitilho estalava e o forro rangia tanto que a atenção de Sellén foi despertada. — Pelo Senhor Harry! — irrompeu ele. — Você está magnífico! — Acha? Você parece um leão. Sellén bateu nas botas de verniz com a bengala, cheirou timidamente a flor na botoeira e fez ar indiferente. Olle puxou o relógio para ver se ainda não era hora de Lundell chegar, o que deu a Sellén ocasião de varrer as galerias com o binóculo. Foi permitido a Olle apalpar a textura macia do casaco de veludo, enquanto Sellén lhe garantia que era qualidade excepcional pelo preço; Olle não resistiu a perguntar quanto custara. Sellén lhe disse e admirou os botões de camisa de Olle, feitos de conchas. Pouco depois apareceu Lundell; ele também recebera um osso no grande banquete: fora encarregado de pintar o retábulo da igreja de Tråskola por pequena quantia; mas isso não afetara visivelmente sua aparência externa, a menos que suas faces gordas e o rosto radiante sugerissem dieta mais generosa. Falk estava com Lundell. Estava sério, mas se alegrava, em nome de todo o mundo, sinceramente se alegrava, que o mérito houvesse encontrado sua justa recompensa. — Parabéns, Sellén! — disse. — Mas não é mais do que você merece. Sellén concordou. — Tenho pintado igualmente bem nestes últimos cinco anos, e o mundo inteiro zombou; ainda estavam zombando anteontem, mas agora! É repugnante! Vejam esta carta que recebi do idiota, o professor de Carlos IX! Todos os olhos se abriram e ficaram atentos, pois é gratificante examinar o opressor de perto, tê-lo — ao menos no papel — nas mãos, à própria mercê. — “Meu caro Sr. Sellén” — imaginem isso! — “Permita-me saudá-lo entre nós” — ele tem medo de mim, o canalha — “sempre apreciei seu talento” — mentiroso! — vamos rasgar o trapo e esquecer tudo sobre ele. Sellén convidou os amigos a beber; bebeu a Falk e desejou que sua pena logo o trouxesse para a linha de frente. Falk ficou constrangido, corou e prometeu fazer o melhor quando sua hora chegasse; mas temia que seu aprendizado fosse longo, e pediu aos amigos que não perdessem a paciência com ele se demorasse; agradeceu a Sellén por sua amizade, que lhe ensinara resistência e renúncia. Sellén pediu que ele não falasse tolices; onde estava o mérito da resistência quando não havia outra alternativa? E onde estava a virtude em renunciar ao que não se tinha chance de obter? Mas Olle sorriu um sorriso bondoso, e seu peitilho inchou de prazer, de modo que os suspensórios vermelhos ficaram claramente visíveis; bebeu a Lundell e implorou-lhe que tomasse exemplo de Sellén e não esquecesse a Terra Prometida enquanto se demorava junto às panelas de carne do Egito. Garantiu-lhe que seu amigo, Olle, acreditava em

seu talento, isto é, quando ele era ele mesmo e pintava segundo sua própria luz; mas, sempre que trapaceava e pintava para agradar aos outros, era pior que o resto; portanto, devia olhar para o retábulo como um ganha-pão que o colocaria em posição de seguir sua própria inspiração na arte. Falk tentou aproveitar a oportunidade para descobrir o que Olle pensava de si mesmo e de sua própria arte, enigma que há muito tentava resolver em vão, quando Ygberg entrou no Quarto Vermelho. Todos o convidaram ansiosamente a ser hóspede de cada um, pois ele fora esquecido durante os últimos dias ardentes, e todos estavam desejosos de lhe mostrar que não fora por egoísmo. Mas Olle procurou no bolso direito do colete e, com um movimento que se esforçou por ocultar de todos os olhos, enfiou uma cédula enrolada no bolso do casaco de Ygberg; este compreendeu e agradeceu com um olhar. Ygberg bebeu a Sellén; disse que se podia considerar, de certo modo, que a fortuna de Sellén estava feita; mas, por outro lado, podia-se considerar, com igual razão, que não estava. Sellén não estava suficientemente desenvolvido; ainda precisava de muitos anos de estudo, pois a arte era longa, como ele, Ygberg, experimentara por si mesmo. Não tivera nada além de má sorte, portanto ninguém poderia suspeitá-lo de invejar um homem da reputação de Sellén. A inveja que espiava por entre as palavras de Ygberg anuviou um pouco o céu radiante; mas apenas por um momento, pois todos perceberam que a amargura de uma vida longa e desperdiçada devia ser responsabilizada por isso. Com tanto mais prazer, Ygberg entregou a Falk um pequeno ensaio recém-impresso, em cuja capa ele viu, consternado, o retrato negro de Ulrica Eleonora. Ygberg afirmou que entregara o manuscrito no dia estipulado. Smith recebera a recusa de Falk com a maior calma, e agora estava imprimindo os poemas de Falk. Aos olhos de Falk, os bicos de gás perderam o brilho; ele ficou mergulhado em pensamento profundo; tinha o coração cheio demais para encontrar vazão em palavras. Seus poemas seriam impressos às custas de Smith. Isso era prova de que não eram sem mérito! O pensamento foi alimento suficiente para a noite inteira. A noite passou depressa para o círculo feliz; a banda deixou de tocar, e a luz foi apagada; foram obrigados a sair, mas, achando a noite jovem demais para se separarem, caminharam ao longo dos cais, entre conversas intermináveis e discussões filosóficas, até ficarem cansados e sedentos. Lundell ofereceu-se para levar os amigos a ver Marie, onde poderiam beber cerveja. Voltaram-se para o norte e chegaram a uma rua que dava para uma cerca; a cerca encerrava um campo de tabaco, à margem do campo aberto. Pararam diante de uma casa de tijolos de dois andares, com a empena voltada para a rua. Acima da porta, duas faces de arenito sorriam com dentes à mostra, perdidas

as orelhas e as canelas em volutas fantásticas. Entre as cabeças pendiam uma espada e um machado. Fora, outrora, a casa do carrasco. Lundell, aparentemente bastante familiarizado com a vizinhança, fez um sinal diante de uma das janelas do térreo; a persiana foi levantada; a janela se abriu, e a cabeça de uma mulher apareceu; uma voz perguntou se quem chamava era Albert. Mal Lundell reconheceu esse seu nome de guerra, uma moça abriu a porta e, sob promessa de silêncio, admitiu o grupo. Como a promessa foi prontamente dada, o Quarto Vermelho logo estava no apartamento dela, apresentado sob nomes fictícios. O quarto não era grande; fora um dia a cozinha, e o fogão ainda estava em seu lugar. A mobília consistia numa cômoda, do tipo que geralmente se encontra em quartos de criadas; sobre as gavetas havia um espelho envolto num pedaço de musselina branca; acima do espelho pendia uma litografia colorida representando o Salvador na Cruz. A cômoda estava atulhada de pequenas figuras de porcelana, frascos de perfume, um livro de orações e um cinzeiro, e, com seu espelho e duas velas de sebo acesas, parecia formar um pequeno altar doméstico. Carlos XV, rodeado por recortes de jornal, em sua maioria representando guardas de polícia, esses inimigos das Madalenas, cavalgava na parede acima do sofá dobrável, que ainda não fora transformado em cama. No peitoril da janela havia uma fúcsia raquítica, um gerânio e uma murta — a orgulhosa árvore de Afrodite na pobre morada. Um álbum de fotografias jazia sobre a mesa de trabalho. Na primeira folha havia uma imagem do Rei; na segunda e na terceira, papai e mamãe — pobres camponeses; na quarta, um estudante, o sedutor; na quinta, um bebê; e na sexta, o noivo, um oficial artesão. Eis a história dela, tão parecida com a história da maioria. Num prego, perto do fogão, pendiam um vestido elegante, uma capa de veludo e um chapéu com plumas — o disfarce de fada com que saía para apanhar rapazes. A própria fada era uma moça alta, de aparência comum, de vinte e quatro anos. A imprudência e as vigílias tinham dado a seu rosto aquela transparência branca que em geral distingue os ricos que não trabalham, mas suas mãos ainda mostravam vestígios de trabalho duro. Em seu bonito roupão, com os cabelos soltos pelas costas, era a imagem de uma Madalena; seus modos eram relativamente tímidos, mas ela era alegre e cortês, e se comportava da melhor maneira. O grupo dividiu-se em pequenos círculos, retomou as discussões interrompidas e começou outras. Falk, que agora se considerava poeta e estava decidido a se interessar por tudo — por mais banal que fosse —, iniciou uma conversa sentimental com Marie, que muito a apreciou, pois estimava a honra de ser tratada como um ser humano. Como de costume, a conversa derivou para a história dela e os motivos que haviam moldado sua

carreira. Ela não deu ênfase à primeira queda, “isso quase não valia a pena mencionar”; mas tanto mais negra era sua narrativa do tempo que passara como criada, levando vida de escrava, infeliz pelos caprichos e ralhos de uma patroa indolente, uma vida de trabalho interminável. Não, a vida livre que levava agora era muito preferível. — Mas quando você se cansar dela? — Então vou me casar com Vestergren. — Ele quer você? — Está esperando ansioso pelo dia; além disso, vou abrir uma lojinha com o dinheiro que economizei. Mas tanta gente já me fez essa pergunta: “Você tem charutos?” — Ah, sim; aqui estão! Mas você se incomoda que eu fale disso? Ele pegou o álbum e apontou o estudante — é sempre um estudante, com um lenço branco ao redor do pescoço, um boné branco de estudante nos joelhos e uma postura desajeitada, quem faz o papel de Mefisto. — Quem é este? — Era um bom rapaz. — O sedutor? Hein? — Ah! Deixe isso para lá! Eu tive tanta culpa quanto ele, e é sempre assim, meu caro; ambos têm culpa! Veja, este é meu bebê. O Senhor o levou, e ousou dizer que foi melhor assim. Mas agora falemos de outra coisa. Quem é aquele sujeito animado que Albert trouxe esta noite? O que está mais perto do fogão, ao lado do alto, cuja cabeça chega até a chaminé? Olle, muito lisonjeado pela atenção dela, alisou os cabelos ondulados que, depois de muitas libações, começavam a se arrepiar de novo. — Esse é o pregador auxiliar Monsson — disse Lundell. — Ugh! Um pastor! Eu devia ter percebido pelo olhar astuto nos olhos dele. Sabe que um pastor veio aqui na semana passada? Venha cá, Monsson, deixe-me olhar para você! Olle desceu do lugar onde ele e Ygberg vinham criticando o Imperativo Categórico de Kant. Estava tão habituado a despertar a curiosidade do sexo que imediatamente se sentiu mais jovem; cambaleou na direção da dama que já vinha paquerando e achara encantadora. Retorcendo o bigode, perguntou, em voz afetada, com uma reverência que não aprendera em aula de dança: — A senhorita realmente acha que pareço pastor? — Não, agora vejo que você tem bigode; suas roupas são limpas demais para um artesão... posso ver sua mão? Ah! Você é ferreiro! Olle ficou profundamente ferido. — Sou assim tão feio, senhorita? — perguntou pateticamente. Marie o examinou por um instante. — Você é muito sem graça — disse —, mas parece bom. — Ah, cara senhora, se soubesse como me fere! Nunca encontrei uma mulher disposta a me amar, e, no entanto, conheci tantas que encontraram felicidade embora fossem mais sem graça do que eu. Mas a mulher é um enigma maldito, que ninguém pode resolver; eu a detesto. — Isso mesmo, Olle — veio uma voz da chaminé, onde estava a cabeça de Ygberg —, isso mesmo. Olle ia voltar para junto do fogão, mas tocara num tema que interessava demais a Marie para que ela o deixasse cair; fizera

vibrar uma corda cujo som ela conhecia. Sentou-se ao lado dele, e logo estavam mergulhados numa longa e grave discussão — sobre amor e mulheres. Rehnjelm, que durante a noite inteira permanecera mais calado e contido que de costume, e de quem ninguém conseguia entender nada, de repente reviveu e agora estava sentado no canto do sofá, perto de Falk. Evidentemente algo o atormentava, algo que ele não conseguia decidir-se a mencionar. Agarrou o copo de cerveja, bateu na mesa como se quisesse fazer um discurso, e, quando os que estavam mais próximos ergueram os olhos, prontos para escutá-lo, disse, com voz trêmula e indiferente: — Senhores, vocês pensam que sou uma besta, eu sei; Falk, sei que você me considera um tolo, mas vocês verão, amigos — que o diabo me carregue, vocês verão! Levantou a voz e pousou o copo de cerveja com tanta determinação que ele se quebrou em pedaços, depois do que tombou de volta no sofá e adormeceu. Essa cena, embora não fosse incomum, atraía a atenção de Marie. Ela deixou a conversa com Olle, que, além disso, começara a afastar-se do ponto puramente abstrato da questão, e levantou-se. — Ah! Que rapaz bonito! — exclamou. — Como veio parar com vocês? Pobrezinho! Como está com sono! Eu não o tinha visto antes. Empurrou uma almofada sob sua cabeça e o cobriu com um xale. — Como são pequenas as mãos dele! Muito menores que as de vocês, seus matutos! E que rosto! Como parece inocente! Albert, você o fez beber tanto assim? Se fora Lundell ou outro qualquer, já não importava; o homem estava bêbado. Mas também era fato que ele não precisava de muito estímulo para beber. Era consumido por uma ânsia constante de aquietar uma inquietação interior que parecia afastá-lo de seu trabalho. As observações feitas por sua bela amiga não tinham perturbado Lundell; mas agora sua embriaguez crescente excitava seus sentimentos religiosos, embotados por uma ceia luxuosa. E, como a embriaguez começava a generalizar-se, ele sentiu ser seu dever lembrar aos companheiros o significado do dia e a despedida iminente. Levantou-se, encheu o copo, apoiou-se na cômoda e reclamou a atenção do grupo. — Senhores — lembrou-se da presença da Madalena — e senhoras! Comemos e bebemos esta noite com — para ir direto ao ponto — uma intenção que, se deixarmos de lado o material, que não passa do componente animal baixo e sensual de nossa natureza — que num momento como este, quando a hora da separação está iminente — temos aqui um exemplo aflitivo do vício que chamamos embriaguez! Sem dúvida, desperta toda a nossa emoção religiosa se, depois de uma noite passada num círculo de amigos, alguém se sente movido a propor um brinde àquele que demonstrou talento mais que comum — falo de Sellén —; dever-se-ia pensar que o respeito por si

mesmo, até certo ponto, prevalecesse. — Tal exemplo, sustento eu, manifestou-se aqui em potência superior, e por isso me lembro das belas palavras que nunca deixarão de ressoar em meus ouvidos enquanto eu for capaz de pensar, e estou convencido de que elas estão agora na mente de cada um de nós, embora este lugar esteja longe de ser adequado. — Este jovem, que caiu vítima do vício que chamaremos embriaguez, infelizmente se insinuou em nosso círculo e — para abreviar meu discurso — amadureceu um resultado mais triste do que qualquer um poderia esperar. À sua saúde, nobre amigo Sellén! Desejo-lhe toda a felicidade que seu nobre coração merece! À sua saúde, Olle Montanus! Falk também tem coração nobre e chegará à linha de frente quando seu senso religioso adquirir o vigor que seu caráter prenuncia. — Não mencionarei Ygberg, pois ele afinal chegou a uma decisão, e desejamos-lhe sorte na carreira em que entrou tão esplendidamente — a carreira filosófica. É difícil, e repito as palavras do salmista: quem poderá dizer? Ao mesmo tempo, temos todos os motivos para esperar o melhor no futuro, e creio que podemos contar com isso enquanto nossos sentimentos forem nobres e nossos corações não se empenharem pelo ganho mundano; pois, senhores, um homem sem religião é uma besta. — Peço, portanto, a cada cavalheiro aqui presente que erga o copo e o esvazie a tudo quanto há de nobre, belo e esplêndido, e pelo qual nos esforçamos. À saúde, senhores! A emoção religiosa dominou então Lundell em tal grau que se julgou melhor desfazer a reunião. A luz do dia já brilhava havia algum tempo através da persiana, e a paisagem com o castelo e a donzela destacava-se, luminosa, no primeiro esplendor do sol da manhã. Quando a persiana foi levantada, o dia irrompeu e iluminou os rostos dos que estavam mais próximos da janela; estavam mortalmente pálidos. A luz vermelha das velas de sebo caía com efeito magnífico no rosto de Ygberg, sentado sobre o fogão, agarrado ao copo. Olle propunha brindes às mulheres, à primavera, ao sol, ao universo, abrindo de par em par a janela para dar vazão aos sentimentos. Os adormecidos foram despertados, o grupo despediu-se de Marie e saiu em fila pela porta da frente. Quando chegaram à rua, Falk voltou-se. A Madalena inclinava-se para fora da janela; os raios do sol caíam sobre seu rosto pálido; seus longos cabelos negros, que à luz do sol brilhavam em vermelho profundo, pareciam escorrer por seu pescoço e sobre os ombros, e cair na rua em pequenos riachos. Acima de sua cabeça pendiam a espada, o machado e as duas faces arreganhadas; mas, numa macieira do outro lado da estrada, pousara um papa-moscas preto-e-branco, e ele cantava seu hino frenético de alegria por a noite ter acabado.

Capítulo XII

Sociedade De Seguros Marítimos “Tritão”

Levi era um jovem nascido e educado para o comércio, e estava prestes a instalar-se por conta própria com o auxílio de seu pai abastado, quando este morreu, deixando nada além de uma família inteiramente desprovida de recursos. Foi uma grande decepção para o rapaz; ele chegara a uma idade em que julgava poder parar de trabalhar de uma vez e deixar que outros labutassem por ele. Tinha vinte e cinco anos e boa aparência. Largo de ombros e estreito de flancos, seu corpo parecia especialmente talhado para usar sobrecasaca do modo que ele tanto admirara em certos diplomatas estrangeiros. A natureza lhe arqueara o peito da maneira mais elegante, de tal sorte que era capaz de valorizar ao máximo um peitilho de quatro botões, até no próprio ato de afundar numa poltrona à ponta de uma longa mesa de conselho ocupada por todo o Conselho Administrativo. Uma bela barba, repartida ao meio, dava ao rosto jovem uma expressão simpática e digna de confiança; seus pés pequenos tinham sido feitos para caminhar sobre o tapete de Bruxelas de uma sala de reuniões, e suas mãos cuidadosamente tratadas eram particularmente adequadas a trabalhos muito leves, como assinar o próprio nome, de preferência numa circular impressa. Nos tempos que hoje são chamados de bons tempos, embora na realidade fossem péssimos para muita gente, fez-se a maior descoberta de um grande século: a de que era possível viver mais barato e melhor com o dinheiro dos outros do que com o resultado do próprio esforço. Muitos, muitíssimos, haviam tirado proveito dessa descoberta; e, como nenhuma lei de patentes a protegia, não era de surpreender que Levi também desejasse lucrar com ela, tanto mais porque ele próprio não tinha dinheiro e tampouco inclinação para trabalhar por uma família que não era sua. Portanto, vestiu um dia seu melhor terno e foi procurar o tio Smith. — Ah, então é isso! Você tem uma ideia — disse Smith. — Vamos ouvi-la! É bom ter ideias! — Estive pensando em lançar uma companhia por ações. — Muito bem. Aaron será tesoureiro, Simon secretário, Isaac caixa, e os outros rapazes guarda-livros; é uma boa ideia! Continue! Que tipo de companhia será? — Estou pensando numa sociedade de seguros marítimos. — Ah! Até aqui, muito bem; todo mundo tem de segurar seus bens quando faz uma viagem. Mas sua ideia? — Esta é a minha ideia. — Não acho grande coisa. Temos a grande sociedade “Netuno”. É uma boa sociedade. A sua teria de ser melhor, se pretende concorrer com ela. Qual seria a novidade

da sua sociedade? — Ah! Entendi! Eu reduziria os prêmios, e todos os clientes da “Netuno” viriam para mim. — Assim está melhor! Muito bem, então, o prospecto que eu imprimiria começaria deste modo: “Visto que há muito se faz sentir a necessidade urgente de reduzir os prêmios do seguro marítimo, e visto que apenas a falta de concorrência impediu até agora essa redução, nós, abaixo-assinados, vimos convidar o público a subscrever ações da nova sociedade...” Que nome? — Tritão. — Tritão? Que espécie de sujeito era esse? — Era um deus marinho. — Está bem, Tritão. Dará um bom cartaz! Você pode encomendá-lo a Ranch, em Berlim, e nós o reproduziremos no meu almanaque Nossa Terra. Agora, os abaixo-assinados. Primeiro, naturalmente, meu nome. Precisamos de nomes grandes, sonoros. Dê-me o almanaque oficial. Smith folheou por algum tempo. — Uma companhia de seguros marítimos precisa de um oficial da Marinha de alta patente. Vejamos! Um almirante. — Ah! Gente desse tipo não tem dinheiro! — Santo Deus! Você entende muito pouco de negócios, meu rapaz! Eles só são necessários para subscrever, não para pagar! E recebem seus dividendos por assistir às reuniões e comparecer aos jantares da diretoria! Aqui temos dois almirantes; um deles possui a faixa de comendador da Estrela Polar, e o outro, a Ordem russa de Santa Ana. Que faremos? Acho melhor ficarmos com o russo, pois há um esplêndido terreno para seguro marítimo na Rússia... Pronto! — Mas é tão simples assim conseguir essa gente? — Ora, ora! Em seguida queremos um ministro de Estado aposentado! Sim! Bem! São chamados de Excelência! Sim! Bom. E um conde! Isso é mais difícil! Condes têm muito dinheiro! E precisamos de um professor! Eles não têm dinheiro! Existe alguma coisa como Professor de Navegação? Seria uma coisa capital para o nosso empreendimento! Não há uma Escola de Navegação em algum lugar perto do Teatro do Sul? Há? Muito bem! Para mim está tudo claríssimo. Ah! Quase esqueci o ponto mais importante. Precisamos de um homem da lei! Um conselheiro de uma alta corte. Aqui está ele! — Mas ainda não temos dinheiro! — Dinheiro? Para que serve dinheiro na fundação de companhias? O homem que segura suas mercadorias não nos paga dinheiro? Hein? Ou somos nós que pagamos a ele? Não! Pois então, ele paga com seus prêmios. — Mas o capital inicial? — Emitem-se debêntures! — É verdade, mas é preciso haver algum dinheiro vivo! — Paga-se dinheiro vivo em debêntures! Isso não é pagar? Suponha que eu lhe desse um cheque de certo valor: qualquer banco o descontaria para você. Portanto, um cheque é dinheiro. Muito bem! E existe alguma lei ordenando que dinheiro vivo signifique notas de banco? Se houvesse, o que seria das notas de bancos particulares? — De quanto deve ser o capital? — Muito pequeno! É mau negócio amarrar

grandes somas. Um milhão! Trezentos mil em dinheiro vivo e o restante em debêntures. — Mas... mas... mas! Os trezentos mil coroas certamente têm de ser em notas de banco! — Bom Deus do Céu! Notas de banco? Notas são dinheiro! Se você tem notas, muito bem; se não tem, dá no mesmo. Portanto, precisamos interessar os pequenos capitalistas, que não têm nada além de notas de banco. — E os grandes? Como pagam? — Em ações, em garantias de debêntures, naturalmente. Mas isso fica para mais tarde. Faça-os subscrever, e nós cuidaremos do resto. — E só trezentos mil? Um único grande vapor custa isso. — Suponha que segurássemos mil vapores? — Mil? No ano passado, a “Netuno” emitiu quarenta e oito mil apólices e se saiu muito bem. — Tanto pior, digo eu! Mas se... se... as coisas dessem errado... — Entra-se em liquidação! — Liquidação? — Declara-se insolvência! Esse é o termo correto. E que importa que a sociedade se torne insolvente? Não é você, nem eu, nem ele! Mas também se pode aumentar o número de ações, ou emitir debêntures que o Governo, em tempos difíceis, talvez compre por bom preço. — Então não há risco? — Nem o menor! Além do mais, o que você tem a perder? Possui um vintém sequer? Não! Muito bem, então! O que eu arrisco? Quinhentas coroas! Ficarei só com cinco ações, está vendo! E quinhentas para mim valem tanto quanto isto! Tomou uma pitada de rapé, e o assunto ficou resolvido. * * * * A sociedade foi lançada e, durante os dez primeiros anos de atividade, pagou 6, 10, 10, 11, 20, 11, 5, 10, 36 e 20 por cento. As ações eram avidamente compradas; e, para ampliar os negócios, emitiram-se mais ações. A nova emissão foi seguida de uma assembleia geral de acionistas; Falk foi enviado para cobri-la pelo Barrete Vermelho, do qual era repórter auxiliar. Quando, numa tarde ensolarada de junho, entrou na Bolsa, o salão já estava apinhado de gente. Era uma assembleia brilhante. Estadistas, gênios, homens de letras, oficiais e altos funcionários públicos; uniformes, fraques, condecorações e fitas; todos os ali reunidos tinham um grande interesse geral: o progresso da instituição filantrópica chamada seguro marítimo. Era preciso um grande amor para arriscar o próprio dinheiro em benefício do próximo sofredor sobre quem a desgraça se abatera; mas ali havia amor! Falk jamais vira semelhante acúmulo dele num só lugar. Embora ainda não fosse homem inteiramente desiludido, não pôde reprimir um sentimento de espanto. Ficou ainda mais espantado, porém, ao notar o canalhinha Struve, o antigo socialista, rastejando pela multidão como um réptil, saudado e às vezes interpelado por pessoas ilustres com um aceno familiar, um aperto de mão ou um tapinha amigável no ombro. Viu um homem de meia-idade, que usava a fita de alta ordem, acenar-lhe com a cabeça, e percebeu que Struve corou e se escondeu atrás de uma casaca bordada. Isso

o trouxe para perto de Falk, que imediatamente o abordou e perguntou quem era o homem. O constrangimento de Struve aumentou; mas, reunindo toda a sua impudência, ele respondeu: — Você devia saber disso! É o presidente da Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários. Mal as palavras lhe escaparam dos lábios, fingiu ser chamado ao outro lado da sala; estava, porém, com tanta pressa que Falk se perguntou se ele se sentia desconfortável em sua companhia. Um canalha na companhia de um homem honrado! A brilhante assembleia começou a tomar assento. Mas a cadeira do presidente ainda estava vazia. Falk procurava a mesa dos repórteres; quando descobriu Struve e o repórter do Conservador sentados à mesa do lado direito do secretário, tomou coragem e atravessou a multidão distinta. Assim que chegou à mesa, o secretário o deteve com uma pergunta. — Para que jornal? — perguntou. Seguiu-se um silêncio momentâneo. — Para o Barrete Vermelho — respondeu Falk, com um leve tremor na voz; reconheceu no secretário o atuário da Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários. Um murmúrio meio sufocado percorreu a sala; em seguida, o secretário disse em voz alta: — Seu lugar é lá no fundo, ali! Apontou para a porta e para uma mesinha junto dela. Falk compreendeu num instante o significado da palavra “Conservador”, e também o que significava ser um jornalista que não era conservador. Fervendo por dentro, refez os passos, caminhando até o lugar que lhe fora designado através da multidão escarnejadora; encarava aqueles rostos arreganhados, desafiando-os com olhos ardentes, quando seu olhar encontrou outro olhar, bem ao fundo, junto à parede. Os olhos, que tinham forte semelhança com um par de olhos agora fechados pela morte, olhos que costumavam pousar em seu rosto cheios de amor, estavam verdes de maldade e o trespassaram como uma agulha; ele poderia ter chorado de dor ao pensar que um irmão pudesse olhar assim para outro irmão. Ocupou seu modesto lugar perto da porta, pois estava decidido a não bater em retirada. Logo foi arrancado de sua calma aparente por um recém-chegado que lhe deu uma cutucada nas costas ao tirar o casaco e enfiou um par de galochas de borracha debaixo de sua cadeira. O recém-chegado foi saudado por toda a assembleia, que se ergueu como um só homem. Era o presidente da Sociedade de Seguros Marítimos Limitada “Tritão”; mas era outra coisa além disso. Era marechal distrital aposentado, barão, um dos Dezoito da Academia Sueca, Excelência, cavaleiro de muitas ordens etc. etc. Uma pancada de martelo; e, em meio a silêncio mortal, o presidente sussurrou o seguinte discurso, que acabara de pronunciar numa reunião da Companhia Carbonífera Limitada, no salão do Politécnico: — Senhores! Entre todos os empreendimentos patrióticos e filantrópicos, poucos há — se é que há algum

— de natureza tão nobre e benéfica quanto uma Sociedade de Seguros. A declaração foi recebida com um unânime “Muito bem!”, que, entretanto, não causou nenhuma impressão no marechal distrital. — Que é a vida senão uma luta, poderíamos dizer uma luta de vida e morte, contra as forças da Natureza! Poucos haverá entre nós que, cedo ou tarde, não entrem em conflito com elas. — Muito bem! Muito bem! — Durante longas eras, o homem, sobretudo o homem primitivo, foi o joguete dos elementos; uma bola atirada de um lado para outro, uma luva levada daqui para lá pelo vento, como um caniço. Já não é assim. Estou certo em dizer que não é. O homem decidiu rebelar-se; é uma rebelião incruenta, contudo, e muito diferente das revoluções que traidores desonrosos da Pátria, de tempos em tempos, insuflaram contra seus governantes legítimos. Não, senhores! Falo de uma revolução contra a natureza! O homem declarou guerra às forças naturais; disse: “Até aqui virás e não mais adiante!” — Muito bem! Muito bem! — e palmas. — O comerciante envia seu vapor, seu brigue, sua escuna, sua barcaça, seu iate, e assim por diante. O vendaval despedaça a embarcação. “Despedaça!”, diz o comerciante, pois ele nada perde. Este é o grande aspecto da ideia do seguro. Imaginem a posição, senhores! O comerciante declarou guerra às tempestades do céu — e o comerciante venceu a batalha! Uma tempestade de aplausos trouxe ao rosto do grande homem um sorriso triunfante; parecia saborear profundamente aquela tempestade. — Mas, senhores, não chamemos uma Instituição de Seguros de negócio. Ela não é negócio; nós não somos homens de negócios. Longe disso! Reunimos uma soma de dinheiro e estamos prontos a arriscá-la. Não é assim, senhores? — Sim, sim! — Reunimos uma soma de dinheiro para tê-la à mão e entregá-la àquele sobre quem se abateu a desgraça; sua porcentagem — creio que ele paga um por cento — não pode ser chamada de contribuição; chama-se prêmio, e com razão. Não que desejemos qualquer espécie de recompensa — prêmio significa recompensa — por nossos pequenos serviços, que prestamos apenas porque nos interessa; no que me diz respeito, é puramente por essa razão. — Repito: não creio — nem se pode cogitar que alguém entre nós hesitasse —, não creio que um só de nós se importasse em ver sua contribuição, se me é permitido chamar assim as ações, empregada na promoção da ideia. — Não! Não! — Pedirei agora ao diretor-gerente que leia o relatório anual. O diretor levantou-se. Estava pálido como se houvesse atravessado uma tempestade; seus grandes punhos, com abotoaduras de ônix, mal conseguiam esconder o leve tremor da mão; seus olhos astutos buscaram conforto e força no rosto barbudo de Smith; abriu o paletó, e seu amplo peitilho inchou como se estivesse pronto a receber uma chuva de

flechas — e leu: — Verdadeiramente, estranhos e inesperados são os caminhos da Providência... À palavra Providência, um número considerável de rostos empalideceu, mas o marechal distrital ergueu os olhos para o teto, como se estivesse preparado para o pior: uma perda de duzentas coroas. — O ano que acabamos de completar ficará por muito tempo em nossos anais como uma cruz sobre o túmulo dos acidentes que reduziram ao escárnio a previdência dos mais sábios e os cálculos dos mais cautelosos. O marechal distrital enterrou o rosto nas mãos, como se estivesse rezando. Struve, acreditando que a parede branca lhe feria os olhos, saltou para baixar a persiana, mas o secretário já se antecipara a ele. O leitor bebeu um copo d'água. Isso provocou uma explosão de impaciência. — Ao assunto! Números! O marechal distrital retirou a mão dos olhos e ficou surpreso ao descobrir que estava muito mais escuro do que antes. Houve um constrangimento momentâneo, e a tempestade se formou. Todo respeito foi esquecido. — Ao assunto! Continue! O diretor saltou as banalidades preliminares e mergulhou direto no coração da matéria. — Muito bem, senhores, abreviarei meu discurso! — Continue! Continue! Por que diabo não continua? O martelo caiu. — Senhores! Havia tanta dignidade nesse breve “Senhores” que a assembleia imediatamente se lembrou de seu decoro. — A Sociedade assumiu responsabilidade, durante o ano, por cento e sessenta e nove milhões. — Muito bem! Muito bem! — E recebeu um milhão e meio em prêmios. — Muito bem! Muito bem! Falk fez um cálculo apressado e descobriu que, se se subtraíssem as receitas totais de prêmios, isto é, um milhão e meio, e o capital inicial total, um milhão, restavam cerca de cento e sessenta e seis milhões pelos quais a sociedade era responsável. Compreendeu o que significavam “os caminhos da Providência”. — Infelizmente, o montante pago sobre apólices foi de um milhão setecentos e vinte e oito mil seiscentos e setenta coroas e oito öre. — Vergonha! — Como veem, senhores, a Providência... — Deixe a Providência em paz! Números! Números! Dividendos! — Nas circunstâncias, só posso propor, na qualidade de diretor-gerente, um dividendo de 5 por cento sobre o capital integralizado. Então rebentou uma tempestade que nenhum comerciante do mundo teria capeado. — Vergonha! Desaforo! Trapaceiro! Cinco por cento! Repugnante! É jogar dinheiro pela janela! Mas houve também algumas manifestações mais filantrópicas, como: — E os pobres pequenos capitalistas, que só têm os dividendos para viver? Como vão se arranjar? Misericórdia, que desgraça! O Estado devia ajudar, e sem demora! Ai, ai! Ai, ai! Quando a tempestade amainou um pouco e o diretor pôde fazer-se ouvir, leu os altos louvores feitos pela Comissão Fiscal ao diretor-gerente e a todos os empregados que, sem

se pouparem e com zelo infatigável, haviam realizado o trabalho ingrato. A declaração foi recebida com franco escárnio. Leu-se então o relatório dos contadores. Declaravam — depois de censurar novamente a Providência — que haviam encontrado todos os livros em boa, para não dizer excelente, ordem, e que, ao conferir o inventário, todas as debêntures do fundo de reserva tinham sido encontradas corretas (!). Portanto, convocavam os acionistas a dar quitação à diretoria e a reconhecer seu labor honesto e incessante. A diretoria, naturalmente, recebeu quitação. O diretor-gerente declarou então que, dadas as circunstâncias, não podia pensar em aceitar sua gratificação — cem coroas — e a entregava ao fundo de reserva. A declaração foi recebida com aplausos e risadas. Depois de uma breve oração vespertina, isto é, uma humilde petição à Providência para que o dividendo do ano seguinte pudesse ser de 20 por cento, o marechal distrital encerrou os trabalhos.

Capítulo XIII

Divina Ordenança

Na mesma tarde em que seu marido assistira à reunião da Sociedade de Seguros Marítimos “Tritão”, a Sra. Falk usou pela primeira vez um vestido novo de veludo azul, com o qual ardia de vontade de despertar a inveja da Sra. Homan, que morava na casa em frente. Nada era mais fácil nem mais simples: bastava-lhe aparecer de vez em quando à janela enquanto supervisionava os preparativos em sua sala, destinados a “esmagar” as convidadas, esperadas para as sete. A Comissão Administrativa da Creche “Belém” deveria reunir-se para examinar o primeiro relatório mensal; era composta pela Sra. Homan, cujo marido, o controlador, a Sra. Falk suspeitava de orgulho por ser funcionário público; por Lady Rehnjelm, a quem ela atribuía a mesma falha por causa do título; e pelo reverendo Skore, capelão particular de todas as grandes famílias. A comissão inteira seria esmagada — e esmagada da maneira mais doce possível. O novo cenário já fora exibido na grande festa. Todas as peças antigas que não eram antiguidade nem possuíam valor artístico haviam sido substituídas por móveis novíssimos. A Sra. Falk pretendia dirigir os atores daquele pequeno drama até o encerramento dos trabalhos, quando seu marido entraria em cena com um almirante — ele prometera à esposa pelo menos um almirante em uniforme de gala. Ambos deveriam pedir admissão na sociedade. Falk aumentaria no ato os fundos da associação, entregando-lhe parte da soma que vinha ganhando com tanta facilidade como acionista da “Tritão”. A Sra. Falk terminara com a janela e agora arrumava a mesa de jacarandá incrustada de madrepérola, sobre a qual seriam colocadas as provas do relatório mensal. Tirou o pó do tinteiro de ágata, pôs o porta-penas de prata no suporte de casco de tartaruga, virou o sinete de cabo de crisoprásio de modo a esconder seu nome plebeu, sacudiu com cautela a caixa de donativos feita do mais fino arame de aço, para que se pudesse ler claramente o valor das poucas notas de banco ali guardadas. Por fim, depois de dar suas últimas ordens ao criado vestido para a solenidade, sentou-se na sala de visitas numa atitude negligente, exatamente aquela em que desejava ser encontrada quando anunciassem sua amiga, a esposa do controlador; a Sra. Homan certamente seria a primeira a chegar. E chegou primeiro. A Sra. Falk abraçou Evelyn e beijou-a na face, e a Sra. Homan abraçou Eugênia, que a recebeu na sala de jantar e a reteve ali por alguns instantes, a fim de pedir sua opinião sobre os

móveis novos. A Sra. Homan não perdeu tempo com o aparador de carvalho maciço, datado da época de Carlos XII, com os altos vasos japoneses, porque se sentia pequena ao lado dele; olhou para o lustre, que achou moderno demais, e para a mesa de jantar, que, segundo ela, não combinava com o estilo predominante; além disso, considerava os oleogravuras fora de lugar entre os antigos retratos de família, e demorou-se bastante explicando a diferença entre uma pintura a óleo e uma oleogravura. O vestido novo de veludo forrado de seda da Sra. Falk roçava com frufu todos os cantos ao alcance, sem conseguir atrair a atenção da amiga. Ela perguntou se Evelyn gostava do novo tapete de Bruxelas na sala de visitas; a Sra. Homan achou que contrastava de modo grosseiro demais com as cortinas; por fim, a Sra. Falk aborreceu-se com ela e abandonou as perguntas. Sentaram-se à mesa da sala de visitas, agarrando-se a bóias salva-vidas sob a forma de fotografias, volumes ilegíveis de versos e coisas semelhantes. Um folhinho caiu nas mãos da Sra. Homan; vinha impresso em papel cor-de-rosa com bordas douradas e trazia o título: “Ao comerciante atacadista Nicolau Falk, em seu quadragésimo aniversário”. — Ah! Estes são os versos lidos na sua festa! Quem os escreveu? — Um homem muito inteligente, amigo de meu marido. Chama-se Nystroem. — Hum! Que estranho que seu nome seja totalmente desconhecido! Um homem tão inteligente! Mas por que não estava na sua festa? — Infelizmente ele estava doente, minha querida; por isso não pôde vir. — Entendo! Mas, minha querida Eugênia, não é terrivelmente triste o caso do seu cunhado? Ouvi dizer que ele anda em situação tão ruim. — Não fale nele! É uma vergonha e uma dor para a família inteira! É terrível! — Sim; foi bastante desagradável quando todos perguntavam por ele na sua festa. Fiquei com tanta pena de você, querida... Isto é pelo aparador de carvalho da época de Carlos XII e pelos vasos japoneses, pensou a esposa do controlador. — De mim! Oh, por favor! Você quer dizer de meu marido? — interrompeu a Sra. Falk. — Ora, é a mesma coisa! — De modo algum! Não posso ser responsabilizada por todas as ovelhas negras da família dele. — Que pena também que seus pais estivessem doentes e não pudessem vir! Como vai seu querido pai? — Obrigada. Já está muito bem. Que gentileza sua pensar em todo mundo! — Bem, uma pessoa não deve pensar apenas em si mesma! Ele é delicado, o velho... qual é mesmo o título dele? — Capitão, se quiser. — Capitão! Eu tinha a impressão de que meu marido dissera que ele era um dos tripulantes da nau-capitânia, mas talvez seja a mesma coisa. E onde estavam as moças? Isto é pelo tapete de Bruxelas, refletiu mentalmente a esposa do controlador. — Elas são tão cheias de caprichos que nunca se pode contar com elas. A Sra. Falk virou as folhas de

seu álbum de fotografias; a encadernação estalou; ela estava furiosa. — Diga, querida, quem era aquele indivíduo desagradável que leu os versos na noite da sua festa? — Você quer dizer o Sr. Levin; o secretário régio; é o amigo mais íntimo de meu marido. — É mesmo? Hum! Que estranho! Meu marido é controlador no mesmo departamento em que ele é secretário; não quero irritá-la, nem dizer nada desagradável; eu nunca faço isso; mas meu marido diz que Levin está em circunstâncias tão ruins que não é prudente seu marido associar-se a ele. — Diz? Esse é um assunto de que nada sei e no qual não me meto; e, deixe-me dizer-lhe, minha querida Evelyn, jamais me intrometo nos assuntos de meu marido, embora tenha ouvido falar de pessoas que fazem isso. — Peço perdão, querida, pensei que estivesse lhe prestando um serviço ao contar. Isto é pelo lustre e pela mesa de jantar. Resta apenas o vestido de veludo. — Bem — retomou o fio a esposa do controlador —, ouvi dizer que seu cunhado... — Poupe meus sentimentos e não fale dessa criatura! — Ele é mesmo tão mau assim? Disseram-me que se associa às piores figuras da cidade... Nesse instante, a Sra. Falk recebeu indulto: o criado anunciou Lady Rehnjelm. Oh! Como ela era bem-vinda! Que bondade a dela vir! E a Sra. Falk sentiu verdadeiro prazer ao ver a velha senhora, com aquela expressão bondosa nos olhos — expressão que só se encontra nos olhos de quem atravessou as tempestades da vida com verdadeira coragem. — Minha querida Sra. Falk — disse sua senhoria, tomando assento —, trago-lhe várias mensagens afetuosas de seu cunhado. A Sra. Falk se perguntou o que teria feito à velha para que também ela evidentemente quisesse aborrecê-la. — É mesmo? — disse, um tanto seca. — Ele é um jovem encantador. Foi hoje à minha casa visitar meu sobrinho; são grandes amigos! É realmente um excelente rapaz! — Não é? — juntou-se a Sra. Homan, sempre pronta a mudar de frente. — Estávamos justamente falando dele. — Estavam? O que mais admiro nele é a coragem de aventurar-se numa carreira em que se encalha com facilidade; mas não precisamos temer por ele; é homem de caráter e princípios. A senhora não concorda comigo, Sra. Falk? — Sempre disse isso, mas meu marido pensa diferente. — Oh! Seu marido sempre teve opiniões peculiares — interpôs a Sra. Homan. — Ele é amigo de seu sobrinho, Lady Rehnjelm? — perguntou a Sra. Falk, ansiosa. — Sim, ambos pertencem a um pequeno círculo, do qual fazem parte alguns artistas. A senhora deve ter ouvido falar do jovem Sellén, cujo quadro foi comprado por Sua Majestade. — Naturalmente! Fomos à Exposição de propósito para vê-lo. Ele é um deles? — Sim; esses rapazes muitas vezes passam bastante aperto, mas isso não é novidade no caso de jovens que precisam abrir caminho no mundo. — Dizem que seu cunhado é poeta —

continuou a Sra. Homan. — Ah, sim! Ele escreve versos excelentes! A Academia lhe deu um prêmio; o mundo ainda ouvirá falar dele — respondeu a Sra. Falk com convicção. — Não foi o que sempre disse? — concordou a Sra. Homan. E os talentos de Arvid Falk foram ampliados até que ele já havia chegado ao Templo da Fama, quando o criado anunciou o reverendo Nathanael Skore. Este entrou apressado e apertou rapidamente as mãos das senhoras. — Peço desculpas pelo atraso — disse —, mas sou homem muito ocupado. Tenho uma reunião na casa da condessa Fabelkrantz às nove e meia, e vim direto do trabalho. — Está com pressa, então, querido pastor? — Sim, minhas amplas atividades não me deixam lazer. Não seria melhor entrarmos logo nos assuntos? O criado serviu refrescos. — Não toma uma xícara de chá, pastor, antes de começarmos? — perguntou a anfitriã, ainda sentindo o dissabor de uma pequena decepção. O pastor lançou um olhar à bandeja. — Obrigado, não; tomarei um copo de ponche, se me permitem. Fiz disso uma regra, senhoras: nunca divergir de meus semelhantes nas coisas exteriores. Todo mundo bebe ponche; eu não gosto, mas não quero que o mundo diga que sou melhor do que ninguém; a ostentação é uma fraqueza que detesto. Posso agora abrir os trabalhos? Sentou-se à escrivaninha, mergulhou a pena no tinteiro e leu: — “Relação dos Presentes recebidos pela Comissão Administrativa da Creche ‘Belém’ durante o mês de maio: Assinado: Eugênia Falk.” De solteira, se me permite? — Oh, isso não importa — disse a Sra. Falk. — Evelyn Homan. — De solteira, se posso ousar? — Von Baehr, querido pastor. — Antoinette Rehnjelm. — De solteira, madame? — Rehnjelm, pastor. — Ah! Verdade! Casou-se com seu primo; marido morto; sem filhos. Mas prossigamos: Presentes... Houve uma consternação geral — quase geral. — Mas o senhor também não vai assinar, pastor? — perguntou a Sra. Homan. — Detesto ostentação, senhoras, mas, se é esse o desejo de vocês! Lá vai! Nathanael Skore. — À sua saúde, pastor! Não quer beber um copo de ponche antes de começarmos? — perguntou a anfitriã com um sorriso encantador, que morreu em seus lábios quando olhou para o copo do pastor. Estava vazio; ela o encheu depressa. — Obrigado, Sra. Falk, mas não devemos ser imoderados! Posso começar agora? Por favor, confirmem pelo manuscrito. — Presentes: S.M. a Rainha, quarenta coroas. Condessa Fabelkrantz, cinco coroas e um par de meias de lã. Comerciante atacadista Schalin, duas coroas, um pacote de envelopes, seis penas de aço e um frasco de tinta. Senhorita Amanda Libert, um frasco de água-de-colônia. Senhorita Anna Feif, um par de punhos. Charlie, dois pence e meio de seu cofrinho. Johanna Pettersson, meia dúzia de toalhas. Senhorita Emily Bjoern, um Novo Testamento. Merceeiro Persson, um saco de aveia, um quarto de

batatas e um frasco de cebolinhas em conserva. Comerciante de tecidos Scheike, dois pares de roupas íntimas de lã... — Posso perguntar à reunião se tudo isso deve ser impresso? — interrompeu sua senhoria. — Ora, naturalmente — respondeu o pastor. — Então sou obrigada a renunciar ao meu posto na Comissão Administrativa. — Mas imagina, Lady Rehnjelm, que a sociedade poderia existir com contribuições voluntárias se os nomes dos doadores não aparecessem impressos? Impossível! — A caridade deve lançar seu esplendor sobre a vaidade mesquinha? — Não, não! Não diga isso! A vaidade é um mal, certamente; nós transformamos o mal em bem ao convertê-lo em caridade. Isso não é louvável? — Oh, sim! Mas não devemos chamar coisas pequenas por nomes altissonantes. Se o fazemos, somos vaidosos! — A senhora é muito severa, Lady Rehnjelm! A Escritura nos exorta a perdoar o próximo; a senhora deveria perdoar a vaidade deles. — Estou pronta a perdoá-la nos outros, mas não em mim mesma. É perdoável e bom que senhoras sem outra ocupação encontrem prazer na caridade; mas é vergonhoso chamarem isso de boa ação, visto que é apenas seu prazer — e um prazer maior que a maioria dos outros, por causa da ampla publicidade obtida pela impressão. — Oh! — começou a Sra. Falk, com toda a força de sua terrível lógica — quer dizer então que fazer o bem é vergonhoso, Lady Rehnjelm? — Não, minha querida; mas, a meu ver, é vergonhoso imprimir o fato de alguém ter dado um par de meias de lã... — Mas dar um par de meias de lã é fazer o bem; portanto, deve ser vergonhoso fazer o bem... — Não, mas mandar imprimir isso, minha filha! Você não está escutando o que digo — respondeu sua senhoria, repreendendo a anfitriã teimosa, que não queria ceder e prosseguiu: — Entendo! É a impressão que é vergonhosa! Mas a Bíblia é impressa; logo, é vergonhoso imprimir a Bíblia... — Por favor, continue, pastor — interrompeu sua senhoria, um pouco irritada com a maneira sem tato com que a anfitriã defendia suas inanidades; esta, porém, ainda não considerava a batalha perdida. — A senhora acha abaixo de sua dignidade, Lady Rehnjelm, trocar ideias com uma pessoa tão insignificante quanto eu...? — Não, minha filha; mas guarde suas ideias para si; não quero trocar. — Pode-se chamar isso de discutir uma questão, se me permitem perguntar? O senhor não nos esclareceria esse ponto, pastor? Pode-se chamar de discussão quando uma das partes se recusa a responder ao argumento da outra? — Naturalmente que não, minha querida Sra. Falk — respondeu o pastor, com um sorriso ambíguo que quase levou a Sra. Falk às lágrimas. — Mas não deixemos que uma esplêndida iniciativa seja prejudicada por brigas de ninharia, senhoras! Adiaremos a impressão até que os fundos sejam maiores. Vimos a jovem instituição brotar como uma

semente e vimos que mãos poderosas estão dispostas a cuidar da plantinha; mas precisamos pensar no futuro. — A sociedade tem um fundo; o fundo precisa ser administrado; em outras palavras, devemos procurar um administrador, um homem prático, capaz de transformar estes presentes em dinheiro sonante; precisamos eleger um tesoureiro. Receio que não encontraremos um sem sacrifício pecuniário — consegue-se alguma coisa sem tal sacrifício? As senhoras têm alguém em vista? Não, as senhoras não haviam pensado nisso. — Então posso propor um jovem de caráter firme que, em minha opinião, é exatamente a pessoa certa para o trabalho? A Comissão Administrativa tem alguma objeção a nomear o secretário Ekelund para o posto de tesoureiro, com salário adequado? As senhoras não tinham objeção a fazer, sobretudo porque o jovem era recomendado pelo reverendo Nathanael Skore; e o pastor se sentia tanto mais qualificado para recomendá-lo por ser ele seu parente próximo. E assim a Creche passou a ter um tesoureiro com salário de seiscentas coroas. — Senhoras — começou de novo o pastor —, já trabalhamos o bastante na vinha por hoje? Fez-se silêncio. A Sra. Falk fitava a porta, perguntando-se onde estaria o marido. — Meu tempo é curto, e estou impedido de ficar por mais tempo. Alguém tem alguma outra sugestão a fazer? Não! Ao invocar a bênção do Senhor sobre nossa iniciativa, que começou de modo tão auspicioso, recomendo todos nós à Sua misericórdia amorosa; não posso fazê-lo de melhor maneira senão repetindo as palavras que Ele próprio nos ensinou quando orou: Abba, Pai — Pai nosso... Calou-se como se temesse o som da própria voz, e a Comissão cobriu o rosto com as mãos, como se tivesse vergonha de olhar uns aos outros nos olhos. A pausa que se seguiu tornou-se longa, insuportavelmente longa; ainda assim, ninguém ousava rompê-la; todos olhavam por entre os dedos, esperando que alguém fizesse o primeiro movimento, quando uma puxada violenta da campainha da porta trouxe o grupo de volta à terra. O pastor pegou o chapéu e esvaziou o copo; havia nele algo de homem que procura escapar às escondidas. A Sra. Falk resplandeceu, pois ali estavam o esmagamento, a vingança, a reabilitação. A vingança estava ali, e o esmagamento também; pois o criado lhe entregou uma carta do marido que continha — as convidadas não foram esclarecidas quanto ao conteúdo, mas viram o bastante para declarar imediatamente que tinham compromissos urgentes. Lady Rehnjelm teria gostado de ficar e consolar a jovem anfitriã, cuja aparência traía altíssimo grau de consternação e infelicidade. Esta, porém, não a encorajou; pelo contrário, mostrou-se tão excessivamente ansiosa em ajudar as visitantes com chapéus e mantos que parecia querer livrar-se delas o mais depressa possível. Separaram-se em grande

embaraço. Os passos morreram na escada, e as convidadas que partiam puderam perceber, pela pressa nervosa com que a anfitriã fechou a porta atrás delas, que ela ansiava pela solidão para poder dar vazão aos sentimentos. Era bem verdade. Sozinha nos grandes aposentos, a Sra. Falk rompeu em soluços violentos; mas suas lágrimas não eram as lágrimas que caem como um aguaceiro de maio sobre um velho coração mirrado; eram lágrimas de ira e raiva, que escurecem o espelho da alma e caem como ácido sobre as rosas da saúde e da juventude, fazendo-as murchar.

Capítulo XIV

Absinto

Um sol quente de fim de tarde abrasava as calçadas da cidade provinciana de X-köping. As grandes abóbadas do Paço Municipal ainda estavam desertas; ramos de abeto achavam-se espalhados por todo o chão, e o lugar cheirava a funeral. As garrafas de licor, dispostas em gradação, cochilavam nas prateleiras, em frente às garrafas de aguardente, que usavam ao pescoço os colares de suas ordens e estavam de licença até a noite; o relógio, que nunca podia cochilar, ficava encostado à parede como um camponês alto, matando o tempo, ao que parecia, contemplando um enorme cartaz de espetáculo espetado num cabide ali perto. A abóbada era muito longa e estreita; as duas paredes compridas eram guarnecidas de mesas de bétula que se projetavam da parede, dando ao recinto a aparência de um estábulo, no qual as mesas quadrúpedes representavam cavalos amarrados de cabeça para a parede e com a garupa voltada para a sala; naquele momento, todas dormiam; uma delas erguia um pouco do chão a pata traseira, pois o piso era muito irregular. Via-se que dormiam profundamente, pois as moscas caminhavam com toda calma para cima e para baixo de seus dorsos. O garçom de dezesseis anos, encostado ao relógio alto junto ao cartaz, não dormia; agitava sem cessar seu avental branco contra as moscas que haviam acabado de jantar na cozinha e agora brincavam pelas abóbadas. De vez em quando recostava-se e punha o ouvido no peito do relógio, como se o auscultasse, ou quisesse descobrir o que ele comera no jantar. Logo seria esclarecido. A criatura alta deu um soluço, e exatamente quatro minutos depois soluçou de novo; um gemido e um ronco em seu interior fizeram o rapaz dar um salto; com terrível chocalhar, bateu seis horas, depois do que continuou seu trabalho silencioso. O rapaz também começou a trabalhar. Deu a volta pelo estábulo, escovando os cavalos com o avental e pondo tudo em ordem, como se esperasse visitas. Numa das mesas ao fundo, da qual um espectador podia avistar toda a sala comprida, colocou fósforos, uma garrafa de absinto e dois copos, um cálice de licor e um tumbler; depois foi buscar uma garrafa de água à bomba e a pôs sobre a mesa, ao lado dos inflamáveis. Quando tudo ficou pronto, passou a andar de um lado para outro pela sala, de vez em quando assumindo atitudes inteiramente inesperadas, como se imitasse alguém. Ora ficava de braços cruzados sobre o peito, a cabeça inclinada, fitando ferozmente o papel desbotado das velhas paredes; ora

ficava de pernas cruzadas, os nós dos dedos da mão direita tocando a borda da mesa, segurando na esquerda um lorgnon feito de um pedaço de arame de garrafa de cerveja, através do qual examinava sarcasticamente as molduras do teto. A porta se abriu de repente, e um homem de trinta e cinco anos entrou com segurança, como se entrasse na própria casa. Seu rosto imberbe tinha os traços agudamente talhados que resultam de muito exercício dos músculos faciais, característico de atores e de outra classe de gente. Cada músculo e cada ligamento era claramente visível sob a pele, com suas sombras azuladas sobre o lábio superior e o queixo, mas a miserável armação de arame que punha em movimento aquelas belas tangentes era invisível, pois ele não era como um piano comum, que precisa de pedal. Uma testa alta, um tanto estreita, com as têmporas cavadas, erguia-se como verdadeiro capitel coríntio; mechas negras e desgrenhadas escalavam-na como trepadeiras selvagens, das quais pequenas serpentes retas se lançavam, tentando alcançar as órbitas de seus olhos, mas sempre sem consegui-lo. Nos momentos calmos, seus grandes olhos escuros pareciam doces e tristes; havia, porém, momentos em que ardiam, e então as pupilas pareciam bocas de revólver. Sentou-se à mesa preparada pelo rapaz e olhou tristemente para a garrafa de água. — Por que você sempre me dá uma garrafa de água, Gustav? — Para que o senhor não morra queimado, senhor. — Que lhe importa se eu morrer ou não? Não posso queimar se quiser? — Não seja niilista hoje, senhor. — Niilista? Quem falou com você de niilistas? Quando ouviu essa palavra? Está louco, rapaz? Fale! Levantou-se e disparou alguns tiros de seus revólveres escuros. O medo e a consternação diante da expressão no rosto do ator mantiveram Gustav sem fala. — Responda, rapaz: quando ouviu essa palavra? — O Sr. Montanus a disse há alguns dias, quando veio aqui da igreja — respondeu o rapaz, timidamente. — Montanus, ora! — disse o homem melancólico, sentando-se de novo. — Montanus é dos meus: tem entendimento largo. — Diga, Gustav, qual é o nome — quero dizer, o apelido — com que esses canalhas do teatro me chamam? Conte! Não precisa ter medo. — Eu preferia não dizer, senhor; é muito feio. — Por que não, se pode me agradar com isso? Não acha que eu preciso de um pouco de animação? Tenho cara de quem está terrivelmente alegre? Vamos, diga! O que eles dizem quando perguntam se estive aqui? Não dizem: “O...” — Diabo... — Ah, o diabo! Eles me odeiam, não é? — Odeiam, sim! — Bom! Mas por quê? Fiz-lhes algum mal? — Não, isso eles não podem dizer, senhor. — Não, também acho que não podem. — Mas dizem que o senhor arruína as pessoas, senhor. — Arruíno? — Sim, dizem que o senhor me arruinou, senhor, porque acho que não há nada de novo no mundo. — Hum!

Hum! Suponho que você lhes diga que as piadas deles são velhas? — Sim; tudo o que dizem é velho; eles próprios são tão velhos que me dão náusea. — É mesmo! E você não acha que ser garçom é velho? — Acho, sim; a vida, a morte e tudo mais são uma história velha — não — ser ator seria algo novo. — Não, meu amigo. Essa é a mais velha de todas as histórias velhas. Mas cale-se agora! Quero me esquecer de mim. Bebeu seu absinto e encostou a cabeça na parede, com sua longa risca marrom, a trilha por onde subira a fumaça de seu charuto durante os seis longos anos em que se sentara ali, fumando. Os raios do sol caíam pela janela, passando pela peneira dos grandes álamos lá fora, cuja folhagem clara, dançando na brisa da tarde, lançava sobre a longa parede uma rede trêmula. A sombra da cabeça do homem melancólico, com suas mechas desgrenhadas, caía no canto mais baixo da rede e parecia muito com uma enorme aranha. Gustav voltara ao relógio, onde permanecia sentado em silêncio niilista, observando as moscas dançarem ao redor da luminária suspensa. — Gustav! — veio uma voz da teia de aranha. — Sim, senhor! — foi a pronta resposta do relógio. — Seus pais ainda estão vivos? — Não, senhor, o senhor sabe que não. — Sorte sua. Longa pausa. — Gustav! — Sim, senhor! — Você consegue dormir à noite? — Como assim, senhor? — respondeu Gustav, corando. — Como eu disse! — Claro que consigo! Por que não conseguiria? — Por que quer ser ator? — Não sei! Acho que eu seria feliz! — Não é feliz agora? — Não sei! Acho que não! — O Sr. Rehnjelm esteve aqui outra vez? — Não, senhor, mas disse que viria encontrá-lo aqui por esta hora. Longa pausa; a porta se abriu, e uma sombra caiu na rede de aranha; ela tremeu, e a aranha no canto fez um movimento brusco. — Sr. Rehnjelm? — disse a cabeça melancólica. — Sr. Falander? — Prazer em conhecê-lo! O senhor esteve aqui antes? — Sim; cheguei esta tarde e vim imediatamente. Imaginará meu propósito. Quero entrar para o palco. — Quer mesmo? O senhor me espanta! — Espanto? — Sim! Mas por que vem primeiro a mim? — Porque sei que o senhor é um de nossos melhores atores e porque um amigo comum, o Sr. Montanus, o escultor, me disse que o senhor era digno de toda confiança. — Disse? Bem, que posso fazer pelo senhor? — Quero conselho. — Não quer sentar-se? — Se me permitir ser o anfitrião... — Nem pensar. — Então como meu próprio convidado, se não se incomoda. — Como quiser! Quer conselho? Hum! Devo lhe dar minha opinião franca? Sim, naturalmente! Então me escute, leve a sério o que vou dizer, e nunca esqueça que eu disse isto e aquilo numa noite como esta; responsabilizo-me por minhas palavras. — Dê-me sua opinião franca! Estou preparado para tudo. — Já mandou aprontar os cavalos? Não? Então faça isso e vá para casa. — Acha que sou incapaz de me tornar ator?

— De modo algum! Não creio que haja alguém no mundo inteiro incapaz disso. Ao contrário! Todo mundo tem mais ou menos talento para representar.

— Muito bem, então! — Oh! A realidade é tão diferente do seu sonho! O senhor é jovem, o sangue lhe corre depressa nas veias, mil imagens, luminosas e belas como imagens de conto de fadas, se comprimem em seu cérebro; o senhor quer trazê-las à luz, mostrá-las ao mundo e, fazendo isso, experimentar grande alegria — não é assim? — Sim, sim, o senhor exprime meus próprios pensamentos! — Apenas supus um caso bastante comum — não suspeito de maus motivos por trás de tudo, embora tenha má opinião da maioria das coisas! Pois bem, esse seu desejo é tão forte que o senhor preferiria passar necessidade, humilhar-se, deixar-se sugar até a última gota por vampiros, perder a reputação social, falir, ir para o inferno — a voltar atrás. Estou certo? — Sim! Como me conhece bem! — Certa vez conheci um rapaz — já não o conheço, de tão mudado que está! Tinha quinze anos quando saiu da penitenciária que toda comunidade mantém para as crianças que cometem o crime ultrajante de nascer, e onde os pequenos inocentes são obrigados a expiar a queda dos pais — pois que seria da sociedade, se não fosse assim? Por favor, lembre-me de manter o fio da questão! Ao sair dali, foi por cinco anos para Uppsala e leu uma quantidade terrível de livros; seu cérebro foi dividido em seis escaninhos, nos quais seis espécies de informação — datas, nomes, um armazém inteiro de opiniões prontas, conclusões, teorias, ideias e disparates de toda descrição — foram acondicionadas como carga geral. — Isso ainda poderia passar, pois há muito espaço num cérebro. Mas também esperavam que aceitasse pensamentos alheios, velhos pensamentos podres, que outros haviam mascado durante uma vida inteira e agora vomitavam. Aquilo lhe deu náusea e — tinha vinte anos — foi para o palco. — Olhe para meu relógio! Olhe para o ponteiro dos segundos; ele dá sessenta passinhos antes que um minuto passe; sessenta vezes sessenta antes de ser uma hora; vinte e quatro vezes esse número e é um dia; trezentos e sessenta e cinco vezes e ainda é apenas um ano. — Agora imagine dez anos! Já esperou um amigo diante da casa dele? O primeiro quarto de hora passa num relâmpago! O segundo quarto — oh! a gente não se incomoda de esperar por alguém de quem gosta; o terceiro quarto: ele não vem; o quarto: esperança e medo; o quinto: a gente vai embora, mas volta depressa; o sexto: Maldição! Perdi meu tempo por nada! O sétimo: tendo esperado tanto, posso muito bem esperar mais um pouco; o oitavo: fúria e pragas; o nono: a gente vai para casa, deita-se no sofá e sente-se tão calmo como se caminhasse de braço dado com a morte. — Ele esperou dez anos! Dez anos! Meu cabelo não fica em pé quando digo dez

anos? Olhe para ele! Dez anos se passaram antes que lhe permitissem representar um papel. Quando representou, teve um sucesso tremendo — imediatamente. Mas seus dez anos desperdiçados o haviam levado à beira da loucura; ficou louco por aquilo não ter acontecido dez anos antes. — E espantou-se ao descobrir que a felicidade, quando enfim a tinha ao alcance da mão, não o tornava feliz! E assim foi infeliz. — Mas o senhor não acha que ele precisou dos dez anos para estudar sua arte? — Como poderia estudá-la, se nunca lhe permitiam representar? Era motivo de riso, a escória do cartaz; a direção dizia que não prestava; e, sempre que tentava obter contrato em outro teatro, diziam-lhe que não tinha repertório. — Mas por que não pôde ser feliz quando sua sorte mudou? — Acha que uma alma imortal se contenta com felicidade? Mas por que falar nisso? Sua resolução é irrevogável. Meu conselho é supérfluo. Há apenas um mestre: a experiência, e a experiência é tão caprichosa, ou tão calculista, quanto um professor; alguns alunos são sempre elogiados; outros, sempre espancados. O senhor nasceu para ser elogiado; não pense que digo isso porque pertence a uma boa família; sou suficientemente esclarecido para não responsabilizar esse fato pelo bem ou pelo mal; neste caso, é uma quantidade especialmente desprezível, pois no palco um homem se sustenta ou cai por mérito próprio. — Espero que tenha sucesso cedo, para que não seja esclarecido cedo demais; creio que o merece. — Mas o senhor não tem respeito por sua arte, a maior e mais sublime de todas as artes? — Ela é superestimada, como tudo sobre o que os homens escrevem livros. Está cheia de perigos e pode fazer muito mal! Uma mentira belamente contada pode impressionar como verdade! É como uma assembleia popular, em que a maioria inculta decide a balança. Quanto mais superficial, melhor — quanto pior, melhor! Não quero dizer que seja supérflua. — Essa não pode ser sua opinião! — Essa é minha opinião; ainda assim, posso estar enganado. — Mas o senhor realmente não tem respeito por sua arte? — Pela minha? Por que deveria ter mais respeito pela minha arte do que pela de qualquer outro? — E, no entanto, o senhor representou os maiores papéis! Representou Shakespeare! Representou Hamlet! Nunca foi tocado no íntimo da alma ao dizer aquele tremendo monólogo: Ser ou não ser... — O que quer dizer com tremendo? — Cheio de pensamento profundo. — Explique-se! É tão cheio de pensamento profundo dizer: devo tirar minha vida ou não? Eu o faria se soubesse o que vem depois, e todos os demais fariam a mesma coisa; mas, como não sabemos, não tiramos a vida. Isso é tão profundo assim? — Não, se expresso nesses termos. — Aí está! O senhor certamente já contemplou o suicídio uma vez ou outra, não contemplou? — Sim; suponho que a maioria das pessoas já o fez. — E por

que não o fez? Porque, como Hamlet, não teve coragem, sem saber o que vem depois. O senhor era muito profundo naquele momento? — Naturalmente que não! — Portanto, não passa de banalidade! Ou, expresso numa só palavra, é... o quê, Gustav? — Velho! — veio uma voz do relógio, voz que parecia ter aguardado a deixa. — É velho! Mas, suponhamos que o poeta nos tivesse dado uma suposição aceitável de vida futura; isso, sim, teria sido algo novo. — Tudo o que é novo é excelente? — perguntou Rehnjelm. Sob a pressão de todas as novas ideias que vinha ouvindo, sua coragem minguava rapidamente. — Ideias novas têm um grande mérito: são novas! Tente pensar seus próprios pensamentos, e sempre os achará novos! Acreditaria em mim se eu dissesse que sabia o que o senhor queria antes de entrar por aquela porta? E que sei o que vai dizer agora, visto que estamos discutindo Shakespeare? — O senhor é um homem estranho! Não posso deixar de confessar que tem razão no que diz, embora eu não concorde com o senhor. — O que acha do discurso de Antônio sobre o corpo de César? Não é extraordinário? — Era exatamente disso que eu ia falar. O senhor parece capaz de ler meus pensamentos. — Exatamente o que lhe dizia há pouco. E isso é tão maravilhoso, considerando que todos os homens pensam a mesma coisa, ou ao menos dizem a mesma coisa? Pois bem, que há nele de tão profundo? — Não consigo explicar com palavras... — Não lhe parece uma peça bastante comum de oratória sarcástica? Diz-se exatamente o contrário do que se quer dizer, e, se as pontas forem bem afiadas, elas certamente ferirão. Mas o senhor já encontrou algo mais belo que o diálogo entre Julieta e Romeu depois da noite de núpcias? — Ah! O senhor quer dizer quando ele diz: “É o rouxinol, e não a cotovia”... — Que outra passagem eu poderia querer dizer? Não é essa que todos citam? É uma maravilhosa concepção poética, da qual depende o efeito. Acha que a grandeza de Shakespeare depende de concepções poéticas? — Por que o senhor desfaz tudo o que admiro? Por que tira meus apoios? — Estou jogando fora suas muletas para que aprenda a andar sem elas. Mas peço que se atenha ao ponto. — O senhor não está pedindo; está me obrigando. — Então convém manter distância de mim. Seus pais são contra esse passo? — Sim! Como sabe? — Os pais sempre são. Por que superestimar meu julgamento? Nunca se deve exagerar nada. — Acha que seríamos mais felizes se não exagerássemos? — Mais felizes? Hum! Conhece alguém feliz? Dê-me sua própria opinião, não a convencional. — Não! — Se não acredita que alguém seja feliz, como pode postular uma condição como “mais feliz”? Então seus pais estão vivos? É um erro ter pais. — Por quê? O que quer dizer? — Não acha injusto que uma geração mais velha eduque uma geração mais nova em suas inanidades

antiquadas? Seus pais esperam gratidão do senhor, suponho? — E uma pessoa não deve gratidão aos pais? — Pelo quê? Pelo fato de, com a conivência da lei, nos terem trazido a este mundo de miséria, nos alimentado mal, nos espancado, oprimido, humilhado, contrariado todos os nossos desejos? Acredite: é necessária uma revolução — duas revoluções! Por que não toma um pouco de absinto? Tem medo dele? Olhe para a garrafa! Está marcada com a cruz de Genebra! Cura os feridos no campo de batalha, amigos e inimigos igualmente; entorpece toda dor, embota o fio agudo do pensamento, apaga lembranças, sufoca todas as emoções nobres que iludem a humanidade para a tolice e, por fim, extingue a luz da razão. — Sabe o que é a luz da razão? Primeiro, é uma frase; segundo, é um fogo-fátuo; uma daquelas chamas, sabe, que brincam em lugares onde peixes em decomposição geraram hidrogênio fosforado; a luz da razão é hidrogênio fosforado gerado pela substância cinzenta do cérebro. É uma coisa estranha. Tudo o que há de bom nesta terra perece e é esquecido. — Durante meus dez anos de turnê, e de aparente ociosidade, li todas as bibliotecas que se encontram nas cidades pequenas, e descubro que toda a conversa fiada e todo disparate contido nos livros é popular e constantemente citado; mas a sabedoria é negligenciada e posta de lado. Lembre-me de manter o fio da questão... O relógio executou suas artimanhas diabólicas e trovejou sete horas. A porta foi escancarada, e um homem cambaleou ruidosamente para dentro da sala. Era um homem de cerca de cinquenta anos, com uma cabeça enorme e pesada, fixada entre um par de ombros nodosos como um morteiro sobre uma carreta de canhão, com elevação permanente de quarenta e cinco graus, parecendo prestes a atirar bombas contra as estrelas. A julgar pelo rosto, o proprietário era capaz de todos os crimes possíveis e de todos os vícios impossíveis, mas covarde demais para cometer qualquer um deles. Imediatamente lançou uma bomba contra o homem melancólico e, com aspereza, pediu um copo de grogue de rum, em linguagem gramatical e rude, com voz de cabo. — Este é o homem que tem seu destino nas mãos — sussurrou o homem melancólico a Rehnjelm. — Este é o ator trágico, ator-empresário e meu inimigo mortal. Rehnjelm não pôde reprimir um estremecimento de repugnância ao olhar para o indivíduo terrível que, depois de trocar um olhar de ódio com Falander, encerrava agora o duelo com repetidos escarros. A porta se abriu de novo, e deslizou para dentro a figura quase elegante de um homem de meia-idade, cabelos oleosos e bigode encerado. Tomou familiarmente lugar ao lado do ator-empresário, que lhe ofereceu o dedo médio, onde brilhava um anel com grande cornalina. — Este é o redator do jornal conservador, defensor do trono e do altar. Circula

livremente pelo teatro e tenta seduzir todas as moças sobre as quais o ator-empresário ainda não pôs os olhos. Começou a carreira como funcionário público, mas teve de renunciar ao cargo; tenho vergonha de lhe dizer por quê — explicou Falander. — Mas também tenho vergonha de permanecer na mesma sala que esses senhores; além disso, convidei alguns amigos para cá, esta noite, para uma pequena ceia em comemoração ao meu recente benefício. Se quiser passar a noite em má companhia, entre os atores mais insignificantes, duas senhoras notórias e um velho canalha, será bem-vindo às oito. Rehnhielm hesitou um instante antes de aceitar o convite. A aranha na parede avançou pela rede como se quisesse examiná-la e desapareceu. A mosca permaneceu em seu lugar mais um pouco. O sol desceu atrás da catedral, as malhas da rede se desfizeram como se jamais houvessem existido, e os álamos do lado de fora da janela estremeceram. O grande homem e diretor teatral ergueu a voz e gritou — esquecera-se de como se fala: — Você viu o ataque contra mim no Semanário? — Não dê atenção a essa bobagem. — Não dar atenção? Que diabo quer dizer com isso? Todo mundo não lê? Claro que a cidade inteira lê! Eu gostaria de lhe dar uma surra de chicote! O patife insolente me chama de afetado e exagerado. — Suborne-o! Não faça escândalo! — Suborná-lo? Não tentei? Mas esses jornalistas liberais são esquisitos como o diabo. Se você está em boas relações com eles, até lhe dão uma nota bastante simpática; mas não se deixam subornar, por mais pobres que sejam. — Oh! Você não procede da maneira correta! Não deve fazer isso abertamente; pode mandar presentes que eles possam converter em dinheiro, ou dinheiro mesmo, se quiser, mas anonimamente, e nunca tocar no assunto. — Como faço no seu caso! Não, meu velho, o truque não funciona com eles. Já tentei! É um inferno lidar com gente que tem opiniões. — Quem você acha que era a vítima nas garras do diabo, para mudar de assunto? — Isso não tem nada a ver comigo. — Oh, mas acho que tem! Gustav! Quem era o cavalheiro que estava com o Sr. Falander? — Chama-se Rehnhielm! Quer entrar para o palco. — O que está dizendo? Quer entrar para o palco? Ele! — gritou o ator-empresário. — Sim, é isso — respondeu Gustav. — E, naturalmente, representar papéis trágicos? E ser protegido de Falander? E não vir a mim? E tomar meus papéis? E nos honrar atuando aqui? E eu nada saber de toda a questão? Eu? Eu? Tenho pena dele! É uma pena! Maus presságios para ele. Naturalmente, hei de protegê-lo! Vou tomá-lo sob minha asa! A força de minhas asas pode ser sentida mesmo quando não voo! Elas têm um jeito de beliscar de vez em quando! Era um rapaz bonito! Um rapaz elegante! Belo como Antínoo! Que pena não ter vindo primeiro a mim; eu lhe teria dado os papéis de Falander,

todos eles! Oh! Oh! Oh! Mas ainda não é tarde demais! Hah! Que o diabo o corrompa primeiro! Ele ainda está um pouco fresco demais! Parecia mesmo um menino inocente! Pobre rapazinho! Só direi: Deus o ajude! O som da última frase foi abafado pelo barulho feito pelos bebedores de grogue da cidade inteira, que agora começavam a chegar.

Capítulo XV

A Companhia Teatral “Fênix”

No dia seguinte, Rehnjelm acordou tarde, em sua cama de hotel. As lembranças da noite anterior ergueram-se como fantasmas e o cercaram. Viu de novo a sala bonita, de venezianas cerradas, ricamente enfeitada de flores, onde se dera a orgia. Viu a atriz, uma senhora de trinta e cinco anos que, graças a uma rival mais jovem, tinha de representar os papéis de velha; viu-a entrando na sala num acesso de cólera e desespero pelas novas humilhações que haviam acumulado sobre ela, atirando-se de comprido no sofá, bebendo taça após taça de vinho e, quando a temperatura da sala subia, abrindo o corpete como um homem abre o colete depois de um jantar abundante demais. Viu outra vez o velho cômico que, depois de uma carreira muito curta, fora degradado dos primeiros papéis aos papéis de criado; agora divertia os comerciantes da cidade com suas canções e, acima de tudo, com as histórias de sua breve glória. Mas, bem no centro das nuvens de fumaça e de suas visões de embriaguez, Rehnjelm via a imagem de uma menina de dezesseis anos, que chegara com lágrimas nos olhos e contara ao melancólico Falander que o grande ator-empresário voltara a persegui-la com propostas insultuosas, jurando que, dali em diante, se ela não cedesse, só lhe daria os menores papéis. E via Falander, ouvindo as penas e queixas de todos, soprando sobre elas até que se dissipassem; via-o reduzindo insultos, humilhações, pontapés, acidentes, necessidade, miséria e dor a nada; via-o ensinando os amigos e advertindo-os a nunca exagerar coisa alguma, muito menos seus sofrimentos. Mas seus pensamentos voltavam, uma e outra vez, para a pequena de dezesseis anos, de rosto inocente, de quem ele se fizera amigo e que, na despedida, o beijara com fome, com paixão. Para ser perfeitamente franco, o beijo dela o surpreendera. Mas como era mesmo o nome dela? Ele se levantou e, estendendo a mão para a garrafa de água, pegou um lençinho minúsculo, manchado de vinho. Ah! Ali estava o nome dela, indelével, escrito com tinta de marcar roupa: Agnes! Ele beijou duas vezes o lenço no ponto mais limpo e o guardou em sua caixa. Depois de se vestir cuidadosamente, saiu para procurar o ator-empresário, que esperava, com toda confiança, encontrar no teatro entre meio-dia e três. Para não correr riscos, chegou ao escritório ao meio-dia; não encontrou ninguém ali, exceto um porteiro, que lhe perguntou o que desejava e pôs-se à sua disposição. Rehnjelm não achou que precisaria de sua ajuda e pediu para ver o

ator-empresário; disseram-lhe que o ator-empresário se encontrava naquele momento na fábrica, mas que sem dúvida passaria pelo escritório durante a tarde. Rehnjelm supôs que fábrica fosse uma gíria para teatro, mas o porteiro explicou que o ator-empresário era também fabricante de fósforos. Seu cunhado, o caixa, era funcionário dos Correios e nunca chegava ao teatro antes das duas; seu filho, o secretário, tinha um cargo no telégrafo, e nunca se podia contar com segurança com sua presença. Mas o porteiro, que pareceu adivinhar o objetivo da visita de Rehnjelm, entregou-lhe, por sua própria autoridade e em nome do teatro, um exemplar dos estatutos; o jovem cavalheiro estava livre para entreter-se com aquilo até que chegasse algum membro da direção. Rehnjelm armou-se de paciência e sentou-se no sofá para estudar os documentos. Era meio-dia e meia quando terminou de lê-los. Conversou com o porteiro até quinze para a uma e então pôs-se a sondar o sentido do parágrafo 1º dos estatutos. “O teatro é uma instituição moral”, dizia ele, “portanto os membros da companhia devem empenhar-se em viver no temor de Deus e levar uma vida virtuosa e moral.” Ele virou e revirou a frase, tentando iluminá-la, sem sucesso. “Se o teatro é uma instituição moral”, pensou, “os membros que — além do diretor, do caixa, do secretário, dos maquinistas e dos contrarregas — formam a instituição não precisam empenhar-se em praticar todas essas belas coisas. Se dissesse: o teatro é uma instituição imoral e portanto... aí haveria algum sentido; mas, sem dúvida, não é isso que a direção pretende comunicar.” Pensou no “palavras, palavras” de Hamlet, mas logo se lembrou de que citar Hamlet era gasto, e que se devia vestir os pensamentos com palavras próprias; escolheu então seu próprio termo e chamou o regulamento de disparate, mas logo descartou também a expressão, porque não era original; de resto, o original tampouco era original. O parágrafo 2º ajudou-o a passar um quarto de hora meditando sobre o texto: “O teatro não é um lugar de divertimento; não existe apenas para proporcionar prazer.” Num ponto dizia que o teatro não era um lugar de divertimento e, em outro, que o teatro não existia “apenas” para proporcionar prazer; portanto, existia para proporcionar prazer — até certo ponto. Ele refletiu sobre as circunstâncias em que o teatro ministrava prazer a alguém. Era divertido ver filhos, sobretudo filhos homens, enganando os pais, ainda mais quando os pais eram econômicos, bons e sensatos; era divertido ver esposas enganando os maridos, sobretudo quando o marido era velho e precisava dos cuidados da mulher. Além disso, lembrou-se de ter rido de coração de dois velhos que quase morriam de fome porque seus negócios estavam em decadência, e de que, até hoje, o mundo inteiro ria disso numa peça escrita por um autor clássico. Recordou também ter se divertido muito

com a desgraça de um homem idoso que ficara surdo; e que, junto com seiscentos outros homens e mulheres, berrara de rir de um padre que tentava, por meios naturais, curar sua insanidade, resultado da continência; seu riso fora especialmente estimulado pela hipocrisia empregada pelo padre astuto para alcançar o objeto de seu desejo. Por que se ri?, perguntou-se. E, como não tinha mais nada a fazer, tentou encontrar uma resposta. Ria-se da desgraça, da necessidade, da miséria, do vício, da virtude, da derrota do bem, da vitória do mal. Essa conclusão, em parte nova para ele, pôs-no de bom humor; encontrou grande divertimento em brincar com os próprios pensamentos. Como a direção continuava invisível, prosseguiu no jogo e, antes de passados cinco minutos, chegou à seguinte conclusão: numa tragédia, chora-se justamente por aquilo que, na comédia, faz rir. Nesse ponto seus pensamentos foram interrompidos; o grande ator-empresário irrompeu na sala, roçou por Rehnjelm sem aparentemente notar sua presença e entrou numa sala à esquerda, para onde, um instante depois, o toque violento de uma campainha convocou o porteiro. Em menos de meio minuto, ele havia entrado e saído, anunciando que Sua Alteza estava pronto para receber a visita. Quando Rehnjelm entrou, o diretor já disparara seu tiro e seu morteiro estava fixado num ângulo que o impedia completamente de perceber o mortal nervoso que entrava timidamente na sala. Mas sem dúvida o ouviu, pois lhe perguntou de imediato, de maneira ofensiva, o que queria. Rehnjelm balbuciou que desejava estreiar no palco. — O quê? Uma estreia? O senhor tem repertório? Já representou Hamlet, Lear, Richard Sheridan? Foi chamado dez vezes à boca de cena depois do terceiro ato? Hein? — Nunca representei um papel. — Ah, entendo! Aí já é outra coisa! Sentou-se numa poltrona pintada de prateado e coberta de brocado azul. Seu rosto transformara-se numa máscara. Poderia estar posando para um retrato destinado a uma das biografias de Suetônio. — Quer que eu lhe dê minha opinião franca, hein? Fique longe da profissão teatral! — Impossível! — Repito: fique longe dela! É a pior de todas as profissões! Cheia de humilhações, dissabores, pequenos aborrecimentos e espinhos que amargarão sua vida a ponto de fazê-lo desejar nunca ter nascido. Ele parecia estar dizendo a verdade, mas a resolução de Rehnjelm não se abalou. — Peço-lhe que aceite meu conselho! Eu o conjuro solenemente a abandonar essa ideia. Digo-lhe que as perspectivas são tão ruins que, por anos a fio, o senhor terá simplesmente de entrar mudo em cena. Pense nisso! E não venha me fazer queixas quando for tarde demais. A carreira teatral é tão infernalmente difícil, senhor, que o senhor jamais sonharia em abraçá-la se tivesse o mínimo conhecimento dela! É um inferno! Acredite em mim. Eu falei.

Era fôlego desperdiçado. — Bem, não preferiria um contrato sem estreia? O risco é menor. — Ficarei muito satisfeito; nunca esperei mais do que isso. — Então é melhor assinar este acordo. Salário de mil e duzentas coroas e contrato de dois anos. Está de acordo? Ele tirou debaixo do mata-borrão um contrato já preenchido, assinado pela direção, e entregou-o a Rehnjelm. A cabeça deste rodava ao pensar nas mil e duzentas coroas, e ele assinou sem olhar o conteúdo. Quando terminou, o ator-empresário estendeu-lhe o grande dedo médio com o anel de cornalina e disse: — Seja bem-vindo! Relampejou para ele com as gengivas da arcada superior e com o amarelo sangrento dos olhos, de íris verdes. A audiência estava encerrada. Mas Rehnjelm — em cuja opinião todo o negócio se passara rápido demais —, em vez de se retirar, tomou a liberdade de perguntar se não seria melhor esperar até que todos os membros da direção estivessem reunidos. — A direção? — gritou o grande trágico. — Eu sou a direção. Se tiver perguntas a fazer, dirija-se a mim! Se quiser conselho, venha a mim! A mim, senhor! A mais ninguém! É tudo! Pode ir! A aba do casaco de Rehnjelm deve ter se prendido num prego, pois ele se virou na soleira para ver que aparência tinham aquelas últimas palavras; mas viu apenas as gengivas vermelhas, que tinham o aspecto de um instrumento de tortura, e os olhos injetados; não sentiu desejo algum de pedir explicações e foi direto às Abóbadas da Câmara Municipal para jantar e encontrar Falander. Falander estava sentado a uma das mesas, calmo e indiferente, como se estivesse preparado para o pior. Não se surpreendeu ao saber que Rehnjelm fora contratado, embora a notícia aumentasse consideravelmente sua melancolia. — E o que achou do diretor? — perguntou. — Tive vontade de esbofeteá-lo, mas me faltou coragem. — Também falta à direção; por isso ele governa autocraticamente. A brutalidade sempre governa! Talvez você saiba que ele é dramaturgo, além de todo o resto. — Ouvi falar. — Escreve uma espécie de peça histórica que sempre faz sucesso. A razão é que escreve papéis em vez de criar personagens; manipula os aplausos nas saídas e negocia com o chamado patriotismo. Seus personagens nunca conversam, brigam; homens e mulheres, velhos e jovens, todos eles. Por essa razão, sua peça popular, Os Filhos do Rei Gustavo, é justamente chamada de briga histórica em cinco atos; não contém ação alguma, apenas brigas: querelas de família, pancadarias de rua, cenas no Parlamento, e assim por diante. Perguntas são respondidas por golpes oblíquos, que não provocam cenas, mas escaramuças terríveis. Não há diálogo, apenas bate-boca, em que os personagens insultam uns aos outros, e o mais alto efeito dramático é alcançado por meio de pancadas. Os críticos chamam sua caracterização de grande. O que ele fez de Gustavo Vasa na

peça de que acabo de falar? Um sujeito de ombros largos, barba comprida, fanfarrão, insustentável, de força enorme; na reunião do Parlamento em Västerås, quebra uma mesa com o punho, e em Vadstena despedaça um painel de porta a pontapés. Certa vez, porém, os críticos disseram que suas peças não tinham sentido; ele se irritou e resolveu escrever comédias cheias de sentido. Tinha um menino na escola — o canalha é casado — que fizera travessuras e levava uma surra. Imediatamente, o pai escreveu uma comédia em que pintava os professores e denunciava o tratamento desumano que os meninos recebem hoje nas escolas. Em outra ocasião, foi criticado por um resenhista honesto e imediatamente escreveu uma comédia difamando os jornalistas liberais da cidade. Mas não direi mais nada sobre ele! — Por que ele odeia você? — Porque eu disse, num ensaio, Don Pasquale, apesar de ele sustentar que a pronúncia correta era Pascal. Resultado: fui obrigado, sob pena de multa, a pronunciar a palavra à maneira dele. Era indiferente para ele, disse, como o resto do mundo pronunciava a palavra; em X-köping devia-se pronunciar Pascal, porque esse era o desejo dele. — De onde ele vem? O que era antes? — Você não adivinha que era carpinteiro de rodas? Ele o envenenaria se achasse que você sabe. Mas mudemos de assunto; como você se sente depois das folias de ontem à noite? — Esplêndido! Esqueci completamente de lhe agradecer! — Não fale nisso! Você gosta da garota? Quero dizer, de Agnes? — Gosto muito dela. — E ela ama você? Então está tudo certo! Tome-a! — Que absurdo você diz! Não poderíamos nos casar por muito tempo! — Quem lhe falou em casar? — Aonde quer chegar? — Você tem dezoito anos, ela dezesseis! Vocês estão apaixonados! Se estão de acordo, só falta o detalhe mais íntimo. — Não entendo o que você quer dizer! Está tentando me encorajar a me comportar como um canalha com ela? — Estou tentando encorajá-lo a obedecer à grande voz da natureza e a estalar os dedos para os pequenos mandamentos dos homens. Se os homens condenam sua conduta, é só inveja; sua tão comentada moral não passa de malícia em forma adequada, apresentável. A natureza não o vem chamando há algum tempo para seu grande banquete, deleite dos deuses e horror da sociedade, que teme ter de pagar pensão? — Por que você não me aconselha a casar com ela? — Porque isso é uma coisa inteiramente diferente! Ninguém se prende por toda a vida depois de passar uma noite juntos; não se segue que quem desfrutou o arrebatamento deva também suportar a dor. O matrimônio é assunto de almas; no caso de vocês, não há questão disso. De todo modo, não preciso esporeá-lo; o inevitável há de acontecer. Amem-se enquanto são jovens, antes que seja tarde; amem-se como amam os pássaros, sem se preocupar em mobiliar uma casa; amem

como as flores da espécie Dioecia. — Você não tem o direito de falar da garota com desrespeito. Ela é boa, inocente e digna de pena, e quem nega isso é mentiroso. Já viu olhos mais inocentes que os dela? A verdade não se proclama no som de sua voz? Ela é digna de um amor grande e puro, não apenas da paixão de que você fala. Nunca mais me fale dela dessa maneira. Pode dizer a ela que considerarei a maior felicidade, a mais alta honra, pedir-lhe que se case comigo quando eu for digno dela. Falander balançou a cabeça com tanta violência que as cobras em sua testa se retorceram. — Digno dela? Casamento? Que bobagem! — Falo sério! — Terrível! E se eu lhe dissesse que a garota não apenas carece de todas as qualidades que você lhe atribui, mas possui todas as contrárias, você não acreditaria em mim e me privaria de sua amizade? — Sim! — O mundo está tão cheio de mentiras que ninguém acredita num homem quando ele diz a verdade. — Como se pode acreditar em você, que não tem moral? — Essa palavra de novo! Que palavra extraordinária! Responde a todas as perguntas, corta todas as discussões, desculpa todas as falhas — as próprias, não as dos outros —, derruba todos os adversários, pleiteia a favor ou contra uma causa, exatamente como um advogado. Por ora você me derrotou com ela; da próxima vez, eu o derrotarei. Tenho de ir, tenho aula às três! Adeus, boa sorte! E deixou Rehnjelm entregue ao jantar e às reflexões. * * * Quando Falander chegou em casa, pôs um robe e chinelos, como se não esperasse visitas. Mas parecia cheio de uma inquietação incontrolável. Andava de um lado para o outro no quarto, parando de vez em quando à janela e fitando a rua por trás da cortina. Depois de algum tempo, deteve-se diante do espelho, tirou o colarinho e o pôs sobre a mesa do sofá. Continuou sua caminhada por mais alguns minutos, mas de repente, parando diante de uma bandeja de cartões, pegou o retrato de uma dama, colocou-o sob uma lente de aumento forte e examinou-o como se fosse uma lâmina microscópica. Demorou-se bastante nesse exame. Logo ouviu passos na escada; escondendo depressa a fotografia no lugar de onde a tirara, saltou e foi sentar-se à escrivaninha, de costas para a porta. Estava aparentemente absorto em escrever quando uma batida — duas pancadas curtas e suaves — quebrou o silêncio. — Entre — chamou ele, numa voz que nada tinha de convidativa. Uma jovem, pequena mas bem proporcionada, entrou no quarto. Tinha um rosto oval e delicado, envolto por uma auréola de cabelo que poderia ter sido descolorido pelo sol, pois era de um tom menos acentuado que o louro natural comum. O jogo constante do nariz pequeno e da boca primorosamente recortada produzia curvas travessas que mudavam sem cessar, como as figuras de um caleidoscópio; quando, por exemplo, movia as asas do nariz, de modo que a

cartilagem de um vermelho vivo aparecia como a folha da hepática, os lábios se entreabriam e mostravam as bordas de dentes muito pequenos e regulares que, embora fossem seus, eram brancos e alinhados demais para inspirar confiança. Seus olhos se estreitavam na raiz do nariz e se inclinavam para as têmporas; isso lhes dava uma expressão suplicante, patética, que formava um contraste enfeitador com as partes inferiores e travessas do rosto; tinha pupilas inquietas, ora pequenas como a ponta de uma agulha, ora dilatadas como a objetiva de um telescópio noturno. Ao entrar no quarto, tirou a chave da fechadura e passou o ferrolho. Falander permaneceu sentado à mesa, escrevendo. — Você está atrasada hoje, Agnes — disse ele. — Sim, eu sei — respondeu ela, desafiadora, tirando o chapéu. — Ficamos acordados até tarde ontem à noite. — Por que você não se levanta e me cumprimenta? Não pode estar tão cansado assim! — Perdão, esqueci completamente. — Esqueceu? Venho notando há algum tempo que você tem se esquecido de si mesmo de muitas maneiras. — É mesmo? Desde quando notou isso? — Desde quando? O que quer dizer? Faça o favor de trocar esse robe e esses chinelos. — Esta é a primeira vez que você me encontra com eles, e disse há algum tempo. Não é engraçado? Não acha? — Você está zombando de mim! O que há com você? Anda estranho há algum tempo. — Há algum tempo? Lá vem você de novo! Por que diz há algum tempo? Será porque mentiras precisam ser contadas? Por que haveria necessidade de mentir? — Está me acusando de mentir? — Oh, não, só estou provocando você! — Você acha que não vejo que está cansado de mim? Acha que não vi ontem à noite como foi atencioso com aquela idiota da Jenny? Não tinha uma palavra para mim! — Quer dizer que você está com ciúme? — Ciúme! Não, meu caro, nem um pouco! Se prefere ela a mim, muito bem! Não dou a mínima! — Sério? Não está com ciúme? Em circunstâncias normais, isso seria um fato desagradável. — Em circunstâncias normais? O que quer dizer com isso? — Quero dizer — muito claramente — que estou cansado de você, como você acaba de sugerir. — É mentira! Não está! As asas de seu nariz tremeram, ela mostrou os dentes e o trespassou com as agulhas. — Falemos de outra coisa — disse ele. — O que acha de Rehnjelm? — Gosto muito dele! É um querido! — Ele se apaixonou por você! — Bobagem! — E o pior é que quer se casar com você! — Poupe-me dessas tolices, por favor! — Mas, como ainda não tem vinte anos, vai esperar até ser digno de você, foi o que disse. — O idiota pequeno! — Por digno ele entende quando tiver feito um nome como ator. E não poderá ter sucesso nisso até que o deixem representar papéis. Você não pode dar um jeito nisso por ele? Agnes corou, jogou-se para trás nas almofadas do sofá e exibiu um par de botinhas elegantes, com borlas

douradas. — Eu? Não consigo dar jeito nem para mim! Você está zombando de mim! — Estou mesmo! — Você é um amigo, Gustav, é mesmo! — Talvez seja, talvez não. É difícil dizer. Mas, como moça sensata... — Ah! Cale a boca! Pegou um corta-papel de lâmina afiada e ameaçou-o por brincadeira, embora parecesse muito que falava sério. — Você está muito bonita hoje, Agnes — disse Falander. — Hoje? Por que hoje? Nunca lhe ocorreu antes? — Claro que sim! — Por que está suspirando? — Bebida demais ontem à noite! — Deixe-me olhar para você! O que há com seus olhos? — Falta de sono esta noite, minha querida! — Então vou embora, para você tirar um cochilo. — Não vá! Não consigo dormir mesmo! — Tenho de ir! Na verdade, só vim lhe dizer isso. Sua voz suavizou; as pálpebras baixaram devagar, como a cortina depois de uma cena de morte. — Foi bondade sua vir me dizer que acabou tudo — disse Falander. Ela se levantou e prendeu o chapéu diante do espelho. — Tem algum perfume? — perguntou. — Aqui não; no teatro. — Você devia parar de fumar cachimbo; o cheiro fica nas roupas. — Vou parar. Ela se inclinou e ajeitou a liga. — Peço perdão — disse, olhando para Falander com súplica. — Pelo quê? — perguntou ele, distraído. Como ela não respondeu, ele tomou coragem e respirou fundo. — Aonde vai? — disse. — Provar um vestido; não precisa ter medo — respondeu ela, com inocência, assim pensou. Falander podia facilmente perceber que era uma desculpa. — Adeus, então — disse ele. Ela foi até ele para ser beijada. Ele a tomou nos braços e a apertou contra si como se quisesse esmagá-la; depois beijou-a na testa, levou-a até a porta, empurrou-a para fora e disse brevemente: — Adeus!

Capítulo XVI

Nos Montes Brancos

Numa tarde de agosto, Falk estava outra vez sentado no jardim do Morro de Moisés; mas estava só, e estivera só durante todo o verão. Repassava na mente tudo o que lhe acontecera durante os três meses transcorridos desde sua última visita, quando o coração lhe transbordava de esperança, coragem e força. Sentia-se velho, cansado, indiferente; vira por dentro as casas a seus pés, e em todas as ocasiões suas expectativas haviam sido decepcionadas. Vira a humanidade sob muitos aspectos, aspectos que só se revelam ao olhar do médico dos pobres ou do jornalista, com a única diferença de que o jornalista geralmente vê os homens como desejam parecer, e o médico como são. Tivera toda oportunidade de estudar o homem como animal social em todos os disfarces possíveis; estivera presente a sessões parlamentares, conselhos eclesiásticos, assembleias gerais de acionistas, reuniões filantrópicas, audiências do tribunal de polícia, festas, funerais, comícios de operários; por toda parte ouvira palavras grandes e muitas palavras, palavras jamais usadas no convívio cotidiano, uma espécie particular de palavras que nada significam, pelo menos não aquilo que deveriam significar. Isso lhe dera uma concepção unilateral da humanidade; no homem, só conseguia ver o animal social enganador, criatura que ele é obrigado a ser porque a civilização proíbe a guerra aberta. Seu isolamento o cegava para a existência de outro animal, um animal que “entre vidro e parede” é extraordinariamente amável, desde que não seja exasperado, e que está pronto a aparecer com todas as suas falhas e fraquezas quando não há testemunhas. Era cego para isso, e essa era a razão de ter se tornado amargo. Mas o pior de tudo era ter perdido o respeito por si mesmo. E isso acontecera sem que tivesse cometido um único ato de que precisasse se envergonhar. Seus semelhantes o haviam roubado dele, e não fora coisa muito difícil de fazer. Fora menosprezado por toda parte, e como poderia ele, cuja autoconfiança fora destruída na primeira juventude, respeitar uma pessoa que todos desprezavam? Com muitas pontadas amargas, via que todos os jornalistas conservadores, isto é, homens que defendiam e sustentavam tudo o que era errado — ou, se não podiam defendê-lo, ao menos o deixavam intocado — eram tratados com a máxima cortesia. Ele era desprezado não tanto como homem de imprensa, mas em seu caráter de advogado de todos os pisoteados e maltratados. Passara por tempos de dúvida cruel. Por exemplo: ao relatar a Assembleia

Geral dos Acionistas da Sociedade de Seguros Marítimos “Triton”, usara a palavra fraude. Em resposta à sua reportagem, o Barrete Cinzento publicara um longo artigo provando com tanta clareza que a sociedade era uma instituição nacional, patriótica e filantrópica que ele quase se convencera de ter errado; e o pensamento de ter brincado imprudentemente com a reputação de seus concidadãos foi um pesadelo para ele por muitos dias. Estava agora num estado de espírito que alternava entre o fanatismo e a insensibilidade; seu próximo impulso decidiria a direção que tomaria seu desenvolvimento. Sua vida fora tão sombria durante o verão que ele saudava com prazer malicioso cada dia de chuva, e era uma sensação relativamente agradável observar as folhas farfalhando pelas alamedas do jardim. Estava absorvido em meditações sombriamente humorísticas sobre a vida e seus propósitos, quando uma mão magra e ossuda lhe pousou no ombro, e outra lhe agarrou o braço; sentiu como se a morte viesse buscá-lo pela palavra. Ergueu os olhos e sobressaltou-se: diante dele estava Ygberg, pálido como cadáver, emagrecido, olhando-o com aqueles olhos peculiarmente lavados que só a fome produz. — Bom dia, Falk — sussurrou ele, quase inaudível, e todo o seu corpo parecia chocalhar. — Bom dia, Ygberg — respondeu Falk, subitamente animado. — Sente-se e tome uma xícara de café! Como vai? Parece que esteve deitado sob o gelo. — Ah! Estive tão doente, tão doente! — Parece ter tido um verão tão alegre quanto o meu! — Você também passou tempos difíceis? — perguntou Ygberg, e uma vaga esperança de que fosse assim iluminou seu rosto amarelo. — Só posso dizer: graças a Deus que o verão maldito acabou! Por mim, podia ser inverno o ano inteiro! Não é apenas que se sofra o tempo todo, mas também se é obrigado a ver os outros se divertindo! Não pus um pé fora da cidade; e você? — Não vejo um pinheiro desde que Lundell deixou Lill-Jans, em junho! E por que alguém haveria de querer ver pinheiros? Não é absolutamente essencial; tampouco um pinheiro é coisa extraordinária! Mas não poder ter esse prazer, aí é que está o aguilhão. — Bem, deixemos isso! Está nublando a leste, portanto choverá amanhã; e quando o sol voltar a brilhar, será outono. À sua saúde! Ygberg olhou o ponche como se fosse veneno, mas bebeu assim mesmo. — Mas você escreveu para Smith aquela bela história do anjo da guarda, ou da Sociedade de Seguros Marítimos “Triton” — observou Falk. — Isso não contrariou suas convicções? — Convicções? Não tenho convicções. — Não tem? — Não, só os tolos têm convicções. — Você não tem moral, Ygberg? — Não! Sempre que um tolo tem uma ideia — dá no mesmo se é original ou não —, chama-a de sua convicção, apegando-se a ela e se gaba dela, não porque seja uma convicção, mas porque é a sua convicção. Quanto à Sociedade de

Seguros Marítimos, acredito que seja uma fraude! Tenho certeza de que prejudica muitos homens, os acionistas ao menos; mas é uma coisa esplêndida para outros, os diretores e os funcionários, por exemplo; portanto, no fim das contas, faz um bocado de bem. — Você perdeu todo o senso de honra, velho amigo? — É preciso sacrificar tudo no altar do dever. — Admito isso. — O primeiro e principal dever do homem é viver — viver a qualquer preço! A lei divina e a lei humana o exigem. — Nunca se deve sacrificar a honra. — As duas leis, como eu disse, exigem o sacrifício de tudo — obrigam o pobre a sacrificar sua chamada honra. É cruel, mas não se pode culpar o pobre por isso. — Sua teoria de vida está longe de ser alegre. — Como poderia ser diferente? — É verdade! — Mas, falando de outra coisa: recebi uma carta de Rehnjelm. Leio para você, se quiser. — Soube que ele entrou para o teatro. — Sim, e parece não estar se dando bem. Ygberg tirou uma carta do bolso do peito, pôs um torrão de açúcar na boca e começou a ler. “Se existe um inferno numa vida depois desta, o que é muito duvidoso... — O rapaz virou livre-pensador! “...não pode ser pior que este. Estou contratado há dois meses, mas me parecem dois anos. Um demônio, antes carpinteiro de rodas, agora diretor teatral, tem meu destino nas mãos e me trata de tal maneira que três vezes por dia sinto a tentação de fugir. Mas redigiu com tanto cuidado as cláusulas penais do contrato que minha fuga desonraria o nome de meus pais. “Entrei mudo em cena todas as noites, mas até agora nunca me deixaram abrir os lábios. Durante vinte noites consecutivas, tive de untar o rosto com terra-de-sombra e vestir um traje de cigano, do qual nenhuma peça me serve; as malhas são compridas demais, os sapatos grandes demais, a jaqueta curta demais. “Um subdemônio chamado ponto cuida para que eu não troque meu traje por outro mais adequado; e sempre que tento me esconder atrás da multidão, composta pelos operários da fábrica do diretor-fabricante, ela se abre e me empurra para a ribalta. Se olho para os bastidores, meus olhos caem sobre o subdemônio, parado ali, sorrindo; e, se olho para a plateia, vejo o próprio Satanás sentado num camarote, rindo. “Pareço ter sido contratado para sua diversão, não para representar papel algum. Em certa ocasião, aventurei-me a chamar sua atenção para o fato de que eu deveria ter prática em papéis falados se algum dia viesse a ser ator. Ele perdeu a calma e disse que é preciso aprender a engatinhar antes de aprender a andar. Respondi que eu sabia andar. Ele disse que era mentira e perguntou se eu imaginava que a arte de representar, a mais bela e difícil de todas as artes, não exigia treinamento. “Quando eu disse que era exatamente isso que imaginava, e que aguardava impacientemente o início do meu treinamento, ele me chamou de cachorrinho

ignorante e disse que me expulsaria a pontapés. Quando protestei, perguntou se eu via o palco como refúgio para jovens sem recursos. Minha resposta foi um franco e incondicional Sim. Ele berrou que me mataria. “Este é o presente estado de meus negócios. “Sinto que minha alma se apaga como uma vela de sebo numa corrente de ar, e logo acreditarei que ‘o Mal triunfará, mesmo que esteja oculto em nuvens’, como diz o Catecismo. “Mas o pior de tudo é que perdi todo o respeito por esta arte, que foi o sonho e o amor de minha infância. Posso evitá-lo quando vejo que homens e mulheres sem educação nem cultura, esporeados pela vaidade e pela imprudência, completamente desprovidos de entusiasmo e inteligência, são capazes de representar, em poucos meses, papéis de caráter, papéis históricos, de maneira razoável, sem terem um lampejo sequer de conhecimento da época em que se movem ou da importância do papel que a pessoa representada desempenhou na história? “É assassinato lento, e a convivência com essa turba que me mantém por baixo — alguns membros da companhia já entraram em choque com vários parágrafos do código penal — está fazendo de mim o que nunca fui: um aristocrata. A pressão dos cultos jamais pode pesar tanto sobre os incultos. “Há apenas um raio de luz nessas trevas: estou apaixonado. Ela é o ouro mais puro em meio a toda essa escória. Naturalmente, ela também é perseguida e lentamente assassinada, como eu, desde que recusou as propostas infames do diretor de cena. É a única mulher com espírito vivo entre todos esses animais que chafurdam na sujeira, e me ama com toda a alma. Estamos noivos em segredo. “Aguardo apenas o dia em que terei conquistado sucesso para fazê-la minha esposa. Mas quando será isso? Muitas vezes pensamos em morrer juntos, mas a esperança, a esperança traiçoeira, sempre nos iludiu e nos fez continuar nesta miséria. Ver meu amor inocente ardendo de vergonha quando é obrigada a usar trajes indecentes é mais do que posso suportar. Mas abandonarei este assunto desagradável. “Olle e Lundell mandam lembranças. Olle está muito mudado. Antes era um pagão; agora é cristão, seráfico, quase pietista; ficou gordo de viver comendo bem; pele e cabelo brilham como se tivessem sido encerados; ele pinta cenas religiosas; está tão feliz e contente consigo mesmo que não se consegue falar com ele. Anda sempre com um pentezinho no bolso lateral e, quando quer impressionar as pessoas, penteia os tufos de barba e ajeita o bigode. Joga bilhar e nunca perde a calma quando é derrotado; diz que se habitua à adversidade. Ultimamente dorme de cobertor de algodão, e acha que é seu dever para com a sociedade e para consigo mesmo cuidar da saúde. Agora está pintando o retrato do conde, e no inverno vai para a Itália com uma bolsa do Governo. Neste mundo, basta ter a sorte de encontrar a veia certa; se a

veia não aparece, nada adianta. “Lundell tornou-se religioso; pintou um quadro de altar que acaba de ser consagrado. Deus nos proteja! Não posso entender o que se passa com meus amigos, nem comigo mesmo. Chego, às vezes, a desejar que pudesse voltar à minha antiga casa em Vestmanland, cheia de paz, honesta, silenciosa. Mas nenhum passo que damos na vida pode ser desfeito; tenho sido um mau filho, lancei sombras sobre a velhice de meus pais e os entristeci por meus atos. Se eu tivesse feito isso por uma nobre causa, eles me teriam perdoado e bendito; mas agora, se eu voltar como penitente, terei de dizer: pai e mãe, perdoem-me, fui um tolo! Seria uma humilhação grande demais. “O que devo fazer? Permanecer onde estou e ser pisoteado? Para minha vergonha, devo admitir que às vezes desejo que a velha de casa morra; então poderei voltar, herdar a propriedade e, com o tempo, tornar-me membro do Parlamento. Mas minha noiva? Como posso desejar que ela seja primeiro-ministro ou dona de uma loja de armarinhos? Ah! Minha cabeça está em pedaços; sinto-me como se tivesse sido picado para vira-latas. Escreva-me uma carta longa e sensata, meu bom amigo.” A carta lançara uma sombra sobre os dois companheiros. — Tola juventude — disse Ygberg —, deixando as panelas de carne para procurar a fama e a honra! É justo, profundamente justo, que quem pisa no pão e na manteiga seja obrigado a passar fome. Você não acha? — É verdade! Pode parecer estranho, mas não tenho nada a dizer a seu amigo. Como se pode exigir que eu, que sou absolutamente incapaz de me aconselhar a mim mesmo, seja capaz de aconselhar os outros? — Então você abandonou a ideia de ser pastor de almas? O que me diz disso? Ygberg tirou do bolso um folheto lilás, onde a seguinte pergunta estava impressa em vermelho: A FOLHA DO OPERÁRIO, ÓRGÃO PARA TUDO E PARA TODOS. — É revolucionário! — comentou Falk. — Quer dizer que tem medo? — Talvez! — Vou direto ao ponto. Diga-me, em poucas palavras, se está do nosso lado ou do lado deles. — Ainda não cheguei tão longe! — Está bem! Então não preciso dizer mais nada. — Não fique ofendido. Admito que já cheguei à mesma conclusão que você, a de que a própria vida é a coisa principal, mas não posso aceitar que se deva viver a qualquer preço. — Ah, espere até sofrer um pouco mais; espere até sentir a fome, e então venha a nós. — Acho que é preciso ser muito inescrupuloso para seguir adiante. — Experimente! Talvez não ache tão fácil! — Você ainda faz negócios com Smith? — Não, infelizmente! E você? — Estive com ele por causa de meus poemas. Ele os comprou, dez coroas por fólio, e agora pode me assassinar do mesmo modo que o carpinteiro de rodas está assassinando Rehnjelm. E receio que algo assim esteja para acontecer, pois ainda não ouvi uma palavra sobre eles. Foi tão

extraordinariamente simpático que espero o pior. Se ao menos eu soubesse o que está havendo! Mas o que há com você? Está branco como um lençol. — A verdade é — respondeu Ygberg, agarrando-se ao gradil — que tudo o que comi nestes últimos dois dias foram cinco torrões de açúcar. Acho que vou desmaiar. — Se comida o puser de pé, posso ajudar; felizmente tenho algum dinheiro. — Claro que me porá de pé — sussurrou Ygberg, fraco. Mas não foi assim. Quando estavam sentados na sala de jantar e a comida foi servida, Ygberg piorou, e Falk teve de levá-lo ao seu quarto, que felizmente não ficava muito longe dali. * * * A casa era velha, térrea, construída de madeira; trepara sobre uma rocha e parecia sofrer de doença no quadril. Era manchada como um leproso; muito tempo antes, iam pintá-la, mas, depois de queimada a tinta velha, nada mais fora feito; parecia miserável em todos os aspectos, e era difícil acreditar na lenda do leteiro da Companhia de Seguro contra Incêndio, enferrujando na parede, a saber, que uma fênix deveria renascer das cinzas. Ao pé da casa cresciam dentes-de-leão, urtigas e erva-dos-caminhos, fiéis companheiros da pobreza; pardais banhavam-se na areia escaldante e a espalhavam; crianças de rosto pálido e barriga grande, como se fossem criadas com noventa por cento de água, faziam correntes de dente-de-leão e tentavam amargar suas vidas tristes aborrecendo e insultando umas às outras. Falk e Ygberg subiram uma escada podre, rangente, e chegaram a um grande cômodo. Era dividido em três partes por linhas de giz. A primeira e a segunda divisões serviam de oficina a um marceneiro e a um sapateiro; a terceira era consagrada exclusivamente às ocupações mais íntimas da vida familiar. Sempre que as crianças berravam, o que acontecia uma vez a cada quarto de hora, o marceneiro entrava em fúria e desatava a ralhar e praguejar; o sapateiro protestava com citações da Bíblia. Os nervos do marceneiro estavam tão destroçados por aqueles gritos constantes, pelas punições e reprimendas incessantes, que, cinco minutos depois de participar do rapé da reconciliação oferecido pelo sapateiro, voltava a se enfurecer apesar da firme resolução de ser paciente. Consequentemente, passava quase o dia inteiro em brasa viva. Mas as passagens piores eram quando ele perguntava à mulher “por que essas fêmeas infernais precisavam botar tantas crianças no mundo”; então a mulher em questão entrava em pauta e seu adversário respondia à altura. Falk e Ygberg tiveram de atravessar aquele cômodo para chegar ao sótão deste último, e, embora ambos caminhassem na ponta dos pés, acordaram duas das crianças; imediatamente a mãe começou a cantarolar uma canção de ninar, interrompendo assim uma discussão entre o sapateiro e o marceneiro; naturalmente, este quase teve um acesso. — Cale a boca, mulher! — Cale a boca você! Não pode deixar as

crianças dormirem? — Para o inferno com as crianças! São minhas crianças? Tenho de sofrer pela imoralidade dos outros? Sou um homem imoral? Hein? Tenho filhos? Cale a boca, digo, ou joga minha plaina na sua cabeça. — Mestre, mestre! — começou o sapateiro. — O senhor não devia falar assim das crianças; Deus manda os pequeninos ao mundo. — É mentira, sapateiro! Quem os manda é o diabo! O diabo! E então os pais dissolutos culpam Deus! Deviam se envergonhar! — Mestre, mestre! O senhor não devia usar essa linguagem! A Escritura nos diz que o reino dos céus pertence às crianças. — Ah, sim! Então têm crianças no reino dos céus, é? — Como ousa falar assim! — gritou a mãe furiosa. — Se um dia tiver filhos seus, vou rezar para que nasçam aleijados e doentes; vou rezar para que sejam cegos, surdos e mudos; vou rezar para que sejam mandados para o reformatório e terminem na forca; pode esperar. — Reze à vontade, sua vagabunda inútil! Não vou pôr crianças no mundo para vê-las levar vida de cachorro. Você é que devia ser mandada à Casa de Correção por trazer os coitados a toda esta miséria. Você é casada, diz? Pois bem! Precisa ser imoral porque é casada? — Mestre, mestre! Deus manda as crianças. — É mentira, sapateiro! Li num jornal outro dia que a maldita batata é culpada pelas famílias numerosas dos pobres; você não vê? A batata consiste em duas substâncias, chamadas oxigênio e nitrogênio; sempre que essas substâncias ocorrem em certa quantidade e proporção, as mulheres se tornam prolíficas. — Mas o que se deve fazer? — perguntou a mãe furiosa, a quem essa interessante explicação acalmara um pouco. — Não se deve comer batata; não percebe? — Mas o que se há de comer, se não batata? — Bife, mulher! Bife com cebola! Hein? Não é bom? Ou bife à Chateaubriand! Sabe o que é isso? Hein? Vi n'A Pátria outro dia que uma mulher que tomara grão-do-útero quase morreu, ela e a criança também. — O que é isso? — perguntou a mãe, aguçando os ouvidos. — Gostaria de saber, não é? — É verdade isso que acabou de dizer sobre grão-do-útero? — perguntou o sapateiro, piscando os olhos. — Ohô! Isso lhe traz os pulmões e o fígado para fora, mas há pena pesada para isso, e é como deve ser. — É como deve ser? — perguntou o sapateiro, inerte. — Claro que é! A imoralidade deve ser punida; e é imoral assassinar os próprios filhos. — Filhos! Ora, há diferença — respondeu a mãe furiosa, resignada. — Mas de onde vem essa substância de que o senhor acabou de falar, mestre? — Haha! Você quer mais filhos, sua vadia, embora seja viúva com cinco! Cuidado com esse diabo de sapateiro! Ele é duro com as mulheres, apesar da piedade. Uma pitada de rapé, sapateiro? — Então existe mesmo uma erva... — Quem disse que era erva? Eu disse? Não; é uma substância orgânica. Deixe-me lhe dizer: todas as substâncias — a natureza contém

cerca de sessenta — dividem-se em substâncias orgânicas e inorgânicas. O nome latino desta é *cornuticus secalias*; vem do estrangeiro, por exemplo da Península Calabresa. — É muito cara, mestre? — perguntou o sapateiro. — Cara! — exclamou o marceneiro, manejando a plaina como se fosse uma carabina. — É terrivelmente cara! Falk ouvira a conversa com grande interesse. Agora estremeceu; escutara uma carruagem parando debaixo da janela e o som de duas vozes femininas que lhe pareceram familiares. — Esta casa parece adequada. — Parece? — disse uma voz mais velha. — Acho que parece medonha. — Quero dizer que parece adequada para o nosso propósito. O senhor sabe, cocheiro, se há pobres morando nesta casa? — Não sei — respondeu o cocheiro —, mas juraria que há. — Jurar é pecado, portanto é melhor não o fazer. Espere-nos aqui enquanto subimos para cumprir nosso dever. — Diga, Eugenia, não seria melhor primeiro conversarmos um pouco com as crianças aqui embaixo? — disse a sra. Homan à sra. Falk, ficando para trás. — Talvez seja mesmo melhor. Venha cá, menino! Como você se chama? — Albert — respondeu um garotinho pálido de seis anos. — Você conhece Jesus, meu pequeno? — Não — respondeu a criança com uma risada, enfiando um dedo na boca. — Terrível! — disse a sra. Falk, tirando seu caderno de notas. — Melhor escrever: Paróquia de Santa Catarina. Montes Brancos. Profunda escuridão espiritual no espírito dos jovens. Suponho que escuridão seja a palavra certa? Virou-se para o pequeno: — E você não quer conhecê-lo? — Não! — Gostaria de uma moeda? — Sim! — Deve dizer por favor! Indescriivelmente negligenciados, mas consegui, pela doçura, despertar seus melhores sentimentos. — Que cheiro horrível! Vamos, Eugenia — implorou a sra. Homan. Subiram e entraram no grande cômodo sem bater. O marceneiro agarrou sua plaina e começou a aplainar uma tábua cheia de nós, de modo que as senhoras tiveram de gritar para se fazerem ouvir. — Há alguém aqui sedento de salvação? — gritou a sra. Homan, enquanto a sra. Falk acionava seu borrifador de perfume com tanto vigor que as crianças começaram a chorar com a ardência nos olhos. — A senhora está nos oferecendo salvação? — perguntou o marceneiro, interrompendo o trabalho. — De onde a tirou? Talvez também haja caridade a receber, e humilhação e orgulho? — O senhor é um brutamontes; será condenado — respondeu a sra. Homan. A sra. Falk fez anotações no caderno. — Ele está ótimo — observou. — Há mais alguma coisa que gostaria de dizer? — perguntou a sra. Homan. — Conhecemos o tipo das senhoras! Talvez queiram conversar comigo sobre religião, minhas senhoras? Posso conversar sobre qualquer assunto. Já ouviram alguma coisa sobre os concílios de Niceia ou os Artigos de

Esmalcalda? — Não sabemos nada disso, meu bom homem. — Por que me chama de bom? A Escritura diz que ninguém é bom senão Deus. Então as senhoras nada sabem sobre o Concílio de Niceia? Como ousam ensinar os outros quando nada sabem? E, se querem distribuir caridade, façam-no enquanto lhes dou as costas, pois a verdadeira caridade é dada em segredo. Pratiquem nas crianças, se quiserem; elas não podem se defender. Mas deixem-nos em paz. Deem-nos trabalho e paguem-nos um salário justo, e então não precisarão andar correndo por aí desse jeito. Uma pitada de rapé, sapateiro! — Escrevo: Grande incredulidade, bastante endurecido, Evelyn? — perguntou a sra. Falk. — Eu poria impenitente, querida. — O que estão escrevendo aí, minhas senhoras? Nossos pecados? Ora, esse livro das senhoras é pequeno demais para isso! — O resultado dos chamados sindicatos operários... — Muito bem — disse a sra. Homan. — Tomem cuidado com os sindicatos operários — disse o marceneiro. — Durante centenas de anos fez-se guerra aos reis, mas agora descobrimos que os reis não têm culpa. A próxima campanha será contra todos os ociosos que vivem do trabalho dos outros; então veremos alguma coisa. — Basta! — disse o sapateiro. A mãe furiosa, cujos olhos haviam ficado cravados na sra. Falk durante toda a cena, aproveitou a oportunidade para dizer uma palavra. — Com licença, mas a senhora não é a sra. Falk? — perguntou. — Não — respondeu aquela dama com uma segurança que tirou o fôlego até da sra. Homan. — Mas a senhora é tão parecida com ela quanto é possível ser! Conheci o pai dela, Ronock, que agora está no navio-almirante. — Tudo isso é muito bonito, mas não nos diz respeito... Há outras pessoas nesta casa que precisam de salvação? — Não — disse o marceneiro —, não precisam de salvação; precisam de comida e roupas, ou, melhor ainda, trabalho; muito trabalho e trabalho bem pago. Mas é melhor as senhoras não irem vê-las, porque uma delas está com varíola... — Varíola! — gritou a sra. Homan. — E ninguém disse uma palavra! Venha, Eugenia, vamos informar a polícia imediatamente! Que gente nojenta! — Mas as crianças? De quem são estas crianças? Responda! — disse a sra. Falk, erguendo o lápis em tom ameaçador. — São minhas, senhora — respondeu a mãe. — Mas seu marido? Onde está seu marido? — Desaparecido! — disse o marceneiro. — Mandaremos a polícia no encalço dele! Será enviado à Penitenciária. As coisas precisam mudar aqui! Eu disse que era uma boa casa, Evelyn. — As senhoras não querem se sentar? — perguntou o marceneiro. — É muito mais fácil manter uma conversa sentado. Não temos cadeiras, mas isso não importa; também não temos camas; foram-se em impostos, para a iluminação da rua, para que as senhoras não precisem voltar do teatro no escuro. Não

temos gás, como podem ver por si mesmas. Foram-se no pagamento da taxa de água — para que suas criadas fossem poupadas de subir e descer escadas; aqui a água não está encanada. Foram-se para a manutenção dos hospitais, para que seus filhos não fiquem de cama em casa quando... — Venha embora, Eugenia, pelo amor de Deus! Isto é insuportável! — Concordo com as senhoras, é insuportável — disse o marceneiro. — E virá o dia em que as coisas ficarão piores; nesse dia desceremos dos Montes Brancos com grande estrondo, como uma queda-d'água, e pediremos a devolução de nossas camas. Pediremos? Nós as tomaremos! E as senhoras se deitarão em bancos de madeira, como eu tive de fazer, e comerão batatas até que seus estômagos fiquem duros como tambores e sintam como se tivessem passado pela tortura da água, como nós... Mas as senhoras haviam fugido, deixando para trás uma pilha de folhetos. — Ufa! Que cheiro bestial de água-de-colônia! Cheira a prostitutas! — disse o marceneiro. — Uma pitada de rapé, sapateiro! Enxugou a testa com o avental azul e retomou a plaina, enquanto os outros refletiam em silêncio. Ygberg, que dormira durante toda a cena, acordou então e se preparou para sair de novo com Falk. Mais uma vez a voz da sra. Homan flutuou pela janela aberta: — O que ela quis dizer quando falou que seu pai estava no navio-almirante? Seu pai é capitão, não é? — É como o chamam. Dá no mesmo. Que gente insolente, não? Nunca mais volto lá. Mas vai dar uma bela reportagem. Para o restaurante Hasselbacken, cocheiro!

Capítulo XVII

Natura...

Falander estava em casa estudando um papel, certa tarde, quando foi perturbado por uma batida suave, duas pancadas duplas, à sua porta. Saltou, vestiu às pressas um casaco e abriu. — Agnes! Que visita rara! — Tive de vir vê-lo, está uma chatice dos diabos! — Que linguagem horrível! — Deixe-me praguejar! Isso me alivia. — Hm! Hm! — Dê-me um charuto; não fumo há seis semanas. Essa educação me deixa louca. — Ele é tão severo assim? — Maldito seja! — Que vergonha, Agnes! — Fui proibida de fumar, de praguejar, de beber ponche, de sair à noite! Mas espere até nos casarmos! Eu vou mostrar a ele! — Ele está mesmo falando sério? — Absolutamente! Veja este lenço! — A. R. com uma coroa e nove bolas. — Nossas iniciais são as mesmas e ele está me obrigando a usar o desenho dele. Não é lindo? — Sim, muito bonito. Então já chegou a esse ponto? O anjo, vestido de azul, jogou-se no sofá e deu baforadas no charuto. Falander olhou-lhe o corpo como se fizesse uma avaliação e disse: — Quer um copo de ponche? — Claro! — Está apaixonada por seu noivo? — Ele não pertence à classe dos homens por quem se pode estar realmente apaixonada. Mas não sei. Amor? Hm! O que é amor? — Sim, o que é? — Ah, você sabe o que quero dizer. Ele é muito respeitável, terrivelmente respeitável, mas, mas, mas... — Mas? — É tão correto. Ela olhou para Falander com um sorriso que teria salvado o noivo ausente, se ele pudesse tê-lo visto. — Não é demonstrativo o bastante? — perguntou Falander, curioso, com voz instável. Ela bebeu o copo de ponche, fez uma pausa, sacudiu a cabeça e disse com um suspiro teatral: — Não! A resposta pareceu satisfazer Falander; visivelmente o aliviou. Continuou o interrogatório. — Talvez demore muito até vocês poderem se casar. Ele ainda não representou um único papel. — Não, eu sei. — Você não achará enfadonha a espera? — É preciso ter paciência. Preciso usar o torniquete, pensou Falander. — Suponho que saiba que Jenny e eu somos amantes. — Aquela bruxa velha e feia! Toda uma chuva de auroras boreais brancas flamejou em seu rosto e cada músculo se contraiu, como se ela estivesse sob a influência de uma bateria galvânica. — Ela não é tão velha assim — disse Falander, friamente. — Ouviu dizer que o garçom Gustav vai representar Don Diego na nova peça, e que Rehnjelm recebeu o papel de criado dele? O garçom fatalmente fará sucesso, pois o papel se representa sozinho; mas o pobre Rehnjelm morrerá de vergonha. — Meu Deus! É verdade? — É

verdade, sim. — Isso não vai acontecer! — Quem vai impedir? Ela saltou do sofá, esvaziou o copo e começou a soluçar descontroladamente. — Ah! Como o mundo é amargo, como é amargo! — soluçava. — É como se um poder maligno nos espiasse, descobrisse nossos desejos apenas para contrariá-los; discernisse nossas esperanças para despedaçá-las; antecipasse nossos pensamentos para paralisá-los. Se fosse possível desejar que o mal acontecesse a nós mesmos, devíamos fazê-lo só para enganar esse poder. — Muito justo, minha querida; por isso é preciso estar sempre preparado para um mau final. Mas isso não é o pior. Vou lhe dar um pensamento que a consolará. Você sabe que todo sucesso que alcança implica o fracasso de outra pessoa; se lhe dão um papel, alguma outra mulher fica decepcionada; isso a faz contorcer-se como um verme pisado, e, sem saber, você cometeu uma injustiça; portanto até a felicidade está envenenada. Console-se na desgraça com o pensamento de que cada azar que lhe cabe equivale a uma boa ação, ainda que seja uma boa ação cometida sem que você o saiba; e o pensamento de uma boa ação é o único prazer puro concedido a nós, mortais. — Não quero fazer boas ações! Não quero alegrias puras! Tenho o mesmo direito ao sucesso que todo mundo! E eu vou ter sucesso! — A qualquer preço? — Não vou representar a criada da sua amante a preço nenhum. — Você está com ciúme! Aprenda a suportar o fracasso com graça! Isso é maior — e muito mais interessante. — Diga-me uma coisa! Ela está apaixonada por você? — Receio que me ame até demais. — E você? — Eu? Nunca amarei mulher alguma além de você! Ele agarrou-lhe a mão. Ela saltou do sofá, mostrando as meias. — Você acredita no que se chama amor? — perguntou, fitando-o com as pupilas dilatadas. — Acredito que há várias espécies de amor. Ela atravessou o quarto em direção à porta. — Você me ama inteira e completamente? Pôs a mão na maçaneta. Ele ponderou por dois segundos. Então respondeu: — Sua alma é má, e eu não amo o mal. — Não dou a mínima para minha alma! Você me ama? A mim? — Sim! Tão profundamente... — Por que me mandou Rehnghjelm? — Porque queria descobrir como seria a vida sem você. — Mentiu quando disse que estava cansado de mim? — Sim, menti. — Ah! Seu velho diabo! Ela tirou a chave da fechadura e ele baixou a persiana.

Capítulo XVIII

Nilismo

Quando Falk voltava para casa, numa noite chuvosa de setembro, e entrava na Rua Conde Magni, viu com espanto que suas janelas estavam iluminadas. Quando chegou perto o bastante para lançar de baixo um olhar para dentro do quarto, notou no teto a sombra de um homem que lhe pareceu familiar, embora não conseguisse identificá-la. Era uma sombra de aspecto abatido, e quanto mais ele se aproximava, mais abatida parecia. Ao entrar no quarto, viu Struve sentado à sua escrivaninha, com a cabeça entre as mãos. Suas roupas estavam encharcadas de chuva e grudavam pesadamente ao corpo; havia pequenas poças no chão, que escoavam lentamente pelas frestas. Os cabelos pendiam da cabeça em mechas úmidas, e suas suíças geralmente inglesas caíam como estalactites sobre a gola molhada do casaco. Pusera o chapéu preto ao seu lado, sobre a mesa; ele desabava sob o próprio peso, e a larga faixa de crepe que ostentava sugeria que estava de luto pela juventude perdida. — Boa noite — disse Falk. — Que honra inesperada. — Não zombe de mim — pediu Struve. — E por que não? Não vejo razão para poupá-lo. — Entendo! Você está acabado! — Sim! Em breve também me tornarei conservador. Está de luto, vejo; espero poder felicitá-lo. — Perdi um filhinho. — Então vou felicitá-lo! Mas o que quer aqui? Sabe que eu o desprezo! Suponho que você se despreze também. Não é? — Claro que sim! Mas a vida já não é amarga o bastante sem que a tornemos ainda mais amarga desnecessariamente? Se Deus, ou a Providência, se diverte com isso, segue-se que o homem deva igualmente degradar-se? — Isso soa razoável e lhe faz honra. Não quer vestir meu robe enquanto seca suas roupas? Deve estar com frio. — Obrigado! Mas não devo ficar. — Ah! Fique um pouco! Teremos a oportunidade de pôr as coisas em pratos limpos. — Não gosto de falar de minhas desgraças. — Então fale de seus crimes! — Não cometi nenhum! — Oh, sim, cometeu! Cometeu grandes crimes! Pôs sua mão pesada sobre os oprimidos; chutou os feridos; zombou dos miseráveis. Lembra-se da última greve, quando estive do lado do poder? — Do lado da lei, irmão! — Haha! A lei! Quem ditou a lei que governa a vida do pobre, seu tolo? O rico! Isto é, o senhor fez a lei para o escravo. — A lei foi ditada por toda a nação e pelo senso universal de direito. Deus deu a lei. — Guarde suas palavras grandes quando falar comigo. Quem escreveu a lei de 1734? O sr. Kronstedt! Quem é responsável pela lei de castigos corporais? O coronel

Sabelman — foi seu projeto, e seus amigos, que eram maioria na época, empurraram-no adiante. O coronel Sabelman não é a nação, e seus amigos não são o senso universal de direito. Quem é responsável pela lei sobre sociedades anônimas? O juiz Svindelgren. Quem é responsável pelas novas leis parlamentares? O assessor Vallonius. Quem escreveu a lei de “proteção legal”, isto é, a proteção dos ricos contra as justas reivindicações dos pobres? Um comerciante atacadista de gêneros. Não venha falar comigo! Conheço sua conversa fiada. Quem escreveu a nova lei de sucessão? Criminosos! As leis florestais? Ladrões! A lei relativa às letras dos bancos privados? Trapaceiros! E você sustenta que Deus fez isso? Pobre Deus! — Posso lhe dar um conselho, comprado com minha própria experiência, conselho que lhe será útil por toda a vida? Se quiser escapar da autoimolação, destino de que seu fanatismo o aproxima rapidamente, mude seu ponto de vista o quanto antes. Tome uma vista panorâmica do mundo, e verá como tudo é pequeno e insignificante. Parta da convicção de que o mundo inteiro é um monte de lixo; que os homens são detritos, não melhores que cascas de ovo, talos de cenoura, folhas de repolho, trapos; então nada o surpreenderá, você jamais perderá uma ilusão; ao contrário, será tomado de grande alegria sempre que topar com um belo pensamento, uma boa ação. Tente adquirir um desprezo calmo pelo mundo — não precisa temer tornar-se insensível. — Ainda não alcancei esse ponto de vista, é verdade, mas tenho desprezo pelo mundo. Só que essa é minha desgraça; pois, assim que ouço falar de um único ato de generosidade ou bondade, volto a amar a humanidade e superestimo meus semelhantes, apenas para ser enganado de novo. — Seja mais egoísta! Que o diabo carregue seus semelhantes! — Receio que eu não consiga. — Tente outra profissão; junte-se a seu irmão. Ele parece prosperar neste mundo. Vi-o ontem no conselho eclesiástico da paróquia de São Nicolau. — No conselho eclesiástico? — Sim; esse homem tem futuro. O pastor primarius acenou para ele. Logo será vereador, como todos os proprietários de terras. — E a Triton? — Agora trabalham com debêntures; mas seu irmão não perdeu nada com isso, embora também não tenha ganhado. Não, ele tem outros peixes para fritar! — Não falemos desse homem. — Mas ele é seu irmão! — Isso não é mérito dele! Mas agora me diga o que quer. — O enterro do meu menino é amanhã, e não tenho casaca... — Eu lhe empresto a minha. — Obrigado, irmão. Você me tira de uma situação embaraçosa. Mas ainda não lhe disse onde moro. — Sabe onde ficam os Montes Brancos? — Sim! Está morando na casa manchada sobre a rocha? — Você a conhece? — Estive lá uma vez. — Então talvez conheça Ygberg, o socialista, que desencaminha o povo? Sou o preposto do senhorio — Smith é dono da propriedade — e moro lá de graça

com a condição de cobrar os aluguéis; sempre que os aluguéis não aparecem, as pessoas dizem bobagens que ele lhes meteu na cabeça sobre capital e trabalho, e outras coisas que enchem as colunas da imprensa socialista. Falk não respondeu. — Você conhece Ygberg? — Conheço. Mas não quer provar minha casaca agora? Struve experimentou-a, vestiu por cima seu próprio casaco molhado, abotoou-o até o queixo, acendeu a ponta mastigada de seu charuto, espetada num fósforo, e saiu. Falk acompanhou-o escada abaixo. — Você tem um longo caminho — disse, apenas para dizer alguma coisa. — Deus sabe que tenho! E não tenho guarda-chuva. — Nem sobretudo. Gostaria do meu casaco de inverno? — Muito obrigado. É muita bondade sua. — Pode me devolver depois. Voltou ao quarto, pegou o sobretudo e o entregou a Struve, que esperava no vestibulo. Depois de um breve boa-noite, separaram-se. Falk achou abafada a atmosfera do quarto; abriu a janela. A chuva caía em torrentes, salpicava as telhas e corria para a rua suja. Soou o toque de recolher no quartel em frente; cantavam-se vésperas no alojamento; fragmentos dos versículos fluíam pela janela aberta. Falk sentia-se só e cansado. Ansiava por travar uma batalha contra um representante de tudo o que considerava inimigo do progresso; mas o inimigo, depois de tê-lo vencido em certa medida, fugira. Tentou compreender com clareza de que tratava a disputa, mas fracassou; não conseguia dizer quem tinha razão. Perguntou a si mesmo se a causa que servia, isto é, a causa dos oprimidos, tinha alguma existência. Mas no momento seguinte censurou-se por covardia, e o fanatismo firme que ardia nele irrompeu em novas chamas; condenou a fraqueza que, vez após vez, o induzira a ceder. Há pouco tivera o inimigo nas mãos, e não apenas deixara de lhe demonstrar sua profunda repugnância, como ainda o tratara com bondade e simpatia; o que pensaria ele dele? Não havia mérito nessa boa natureza, pois ela o impedia de chegar a uma decisão firme; não era senão frouxidão moral, que o tornava incapaz de assumir uma luta que lhe parecia cada vez mais superior às forças. Percebeu que precisava apagar o fogo sob as caldeiras; elas não suportariam a pressão, já que nenhum vapor estava sendo usado. Ponderou o conselho de Struve e ruminou até que sua mente se tornou um caos em que verdades e mentiras, certo e errado, dançavam juntos em completa harmonia; seu cérebro, no qual, graças à formação acadêmica, todos os conceitos haviam sido tão bem classificados em escaninhos, logo se pareceria com um baralho bem embaralhado. Conseguiu, além do esperado, trabalhar-se até um estado de completa indiferença; procurou motivos nobres nas ações de seus inimigos, e pouco a pouco lhe pareceu que estivera errado o tempo todo; sentiu-se reconciliado com a ordem existente das coisas e finalmente

chegou à bela conclusão de que era de todo indiferente se o conjunto era preto ou branco. O que existia tinha de existir; ele não tinha o direito de criticá-lo. Achou agradável esse estado de espírito; dava-lhe uma sensação de repouso que lhe fora estranha durante todos aqueles anos em que fizera suas as dores da humanidade. Desfrutava essa calma e um cachimbo de tabaco forte quando uma criada lhe trouxe uma carta recém-entregue pelo carteiro. Era de Olle Montanus e muito longa. Partes dela pareceram impressionar muito Falk. MEU CARO AMIGO, dizia, embora Lundell e eu tenhamos agora concluído nosso trabalho e em breve estejamos de volta a Estocolmo, sinto ainda a necessidade de registrar minhas impressões, porque foram de grande importância para mim e para meu desenvolvimento espiritual. Cheguei a uma conclusão, e estou tão cheio de assombro quanto um pintinho recém-saído do ovo, que encara o mundo com olhos recém-abertos, pisoteando a casca que por tanto tempo lhe bloqueara a luz. A conclusão, naturalmente, não é nova; Platão a propôs antes que houvesse cristianismo: o mundo, o mundo visível, é apenas uma ilusão, o reflexo das ideias; isto é, a realidade é algo baixo, insignificante, secundário e acidental. Sim! Mas procederei sinteticamente, começarei pelo particular e passarei dele ao geral. Falarei primeiro do meu trabalho, no qual tanto o Governo quanto o Parlamento se interessaram. No altar da igreja de Träskola costumavam ficar duas figuras de madeira; uma delas estava quebrada, mas a outra estava inteira. A figura inteira, uma mulher, segurava uma cruz na mão; na sacristia eram conservados dois sacos com fragmentos da figura quebrada. Um arqueólogo erudito examinara o conteúdo dos dois sacos para determinar a aparência da figura quebrada, mas o resultado fora mera conjectura. Contudo, fora muito minucioso. Tomara uma amostra da tinta branca com que a figura fora preparada e a enviara ao Instituto Farmacêutico; este informara que ela continha chumbo e não zinco; portanto, a figura devia datar de antes de 1844, porque o branco de zinco só entrara em uso depois dessa data. (Que se pode dizer de tal conclusão, considerando que a figura poderia ter sido pintada de novo!) Em seguida, enviou uma amostra da madeira ao escritório madeireiro de Estocolmo; informaram-lhe que era bétula. A figura, portanto, era feita de madeira de bétula e datava de antes de 1844. Mas não era só isso que ele buscava. Ele tinha uma razão (!) — em palavras simples, queria engrandecer-se — para que se provasse que as figuras esculpidas datavam do século XVI; e teria preferido que fossem obra do grande — claro que grande, porque seu nome fora talhado tão profundamente no carvalho que se preservou até o nosso tempo — Burchard von Schiedenhanne, que esculpira os assentos do coro da Catedral de Västerås. A pesquisa erudita

prosseguiu. O professor roubou um pouco de gesso das figuras em Västerås e o enviou, junto com uma amostra da sacristia de Träskola, para a Ekole Pollytechnik (não sei soletrar). A resposta esmagou por completo os escarnecedores; a análise provou que as duas amostras de gesso eram idênticas; ambas continham 77 por cento de giz e 35 de ácido sulfúrico; portanto (!) as figuras deviam datar do mesmo período. A idade das figuras estava agora estabelecida; fez-se um desenho da inteira e ele foi “remetido” (que paixão terrível esses homens eruditos têm por “remeter” coisas) à Academia; a única coisa que restava fazer era determinar e reconstruir a quebrada. Durante dois anos inteiros os dois sacos viajaram de um lado para outro entre Upsala e Lund; os dois professores divergiam e mantinham uma viva disputa. O professor de Lund, que acabara de ser nomeado reitor, tomou a figura como tema de seu discurso inaugural e esmagou o professor de Upsala. Este respondeu com uma brochura. Felizmente, naquele exato momento, apareceu um professor da Academia de Arte de Estocolmo com uma opinião totalmente nova; então Herodes e Pilatos “se comprometeram”, como sempre acontece, e atacaram o homem da capital, dilacerando-o com a fúria desenfreada dos provincianos. Eis o compromisso deles: a figura quebrada representara a Incredulidade, porque a outra devia ter sido concebida como Fé, cujo símbolo é a cruz. A suposição (adiantada pelo professor de Lund) de que a figura quebrada se destinara a representar a Esperança, conclusão a que chegara porque um dos sacos continha uma âncora, foi rejeitada, pois isso postularia uma terceira figura, o Amor, da qual não havia vestígio e para a qual não poderia haver espaço; além disso, provou-se por meio de exemplares da rica coleção de pontas de flecha do museu histórico que o fragmento em questão não era uma âncora, mas uma ponta de flecha, que constitui parte das armas pertencentes aos símbolos da Incredulidade. A forma da ponta de flecha, que se assemelhava em todos os detalhes às do período do vice-regente Sture, removeu a última dúvida quanto à idade da figura. Minha tarefa era fazer uma estátua da Incredulidade, como companheira da figura da Fé, de acordo com as instruções dos professores. Recebi minhas instruções e não hesitei. Procurei um modelo masculino, pois a figura devia ser um homem; tive de procurar por muito tempo, mas no fim o encontrei; acredito realmente ter encontrado a personificação da Incredulidade — e obtive um sucesso brilhante. E ali está ele agora, Falander, o ator, à esquerda do altar, com um arco mexicano (usado no drama Ferdinand Cortez) e uma capa de bandido (de Fra Diavolo), mas o povo diz que é a Incredulidade depondo as armas diante da Fé. E o vice-superintendente, que pregou o sermão inaugural, falou dos dons

esplêndidos que Deus às vezes concede ao homem e que, neste caso, concedera a mim; e o conde, que ofereceu o jantar inaugural, declarou que eu criara uma obra-prima, digna de ficar lado a lado com as antiguidades (ele esteve na Itália); e um estudante que ocupa algum cargo na casa do conde aproveitou a oportunidade para escrever e fazer circular alguns versos, nos quais desenvolveu a concepção do Sublimemente Belo e fez uma história do Mito do Diabo. Até agora falei, como verdadeiro egoísta, apenas de mim mesmo. O que direi do quadro de altar de Lundell? Tentarei descrevê-lo. Cristo (Rehnhjelm) pende na cruz ao fundo; à esquerda está o mau ladrão (eu; e o patife me fez mais feio do que sou); à direita, o ladrão arrependido (o próprio Lundell, olhando de soslaio para Rehnhjelm com olhos hipócritas); ao pé da cruz, Maria Madalena (você se lembrará de Marie — com um vestido muito decotado), e um centurião romano (Falander) a cavalo (garanhão pertencente ao vereador Olsson). Não posso descrever a impressão horrível que me causou quando, depois do sermão, o quadro foi descerrado e vi todos aqueles rostos conhecidos me encarando da parede acima do altar, enquanto a comunidade escutava em êxtase as palavras do pregador sobre a grande importância da arte, particularmente da arte a serviço da religião. Quanto a mim, um véu se levantou de muitas coisas; mais tarde lhe direi meus pensamentos sobre Fé e Incredulidade. Vou incorporar minhas ideias sobre a arte e sua elevada missão num ensaio, e lê-lo em algum salão público assim que voltar à cidade. Nem é preciso dizer que o sentimento religioso de Lundell se desenvolveu tremendamente durante aqueles dias “queridos”. Ele é, comparativamente falando, feliz em sua colossal autoilusão, e não tem ideia do canalha que realmente é. Acho que lhe contei tudo; o resto, verbalmente, quando nos encontrarmos. Até lá, adeus. Espero que esteja com saúde e bom ânimo. Seu amigo, OLLE MONTANUS. P.S. Não devo esquecer de lhe contar o resultado da pesquisa antiquária. O fim de tudo foi que o velho Jan, interno dos asilos, lembrou-se de ter visto as figuras quando era criança. Disse que havia três: Fé, Esperança e Amor; e como o Amor era o maior deles, ficava acima do altar. Na primeira década deste século, um raio atingira o Amor e a Fé. As figuras haviam sido obra de seu pai, que era entalhador de figuras de proa no porto naval de Karlskrona. O. M. Depois de ler as cartas, Falk sentou-se à escrivaninha, examinou a lâmpada para ver se havia bastante óleo, acendeu o cachimbo, tirou um manuscrito da gaveta e começou a escrever.

Capítulo XIX

Do Cemitério Ao Botequim

A tarde de setembro jazia cinzenta, quente e imóvel sobre a capital quando Falk subiu as colinas do sul. Ao chegar ao cemitério de Santa Catarina, sentou-se para descansar; notou, com uma sensação de prazer genuíno, que os bordos haviam mudado de cor durante as noites frias recentes, e saudou o outono com sua escuridão, suas nuvens cinzentas e folhas caindo. Nenhum sopro se movia; era como se a Natureza repousasse, cansada depois do trabalho do curto verão. Tudo dormia; os mortos jaziam debaixo da relva, calmos e pacíficos, como se nunca tivessem estado vivos; ele desejou ter todos os homens ali, e estar, ele próprio, com eles. O relógio da torre bateu a hora, e ele se levantou e continuou a caminhada. Desceu a Rua do Jardim, virou na Rua Nova — que parecia ter sido nova havia pelo menos cem anos —, atravessou o Mercado Novo e chegou aos Montes Brancos. Parou diante da casa manchada, ouvindo a tagarelice das crianças, pois, como de costume, havia crianças brincando pela rua; falavam alto e sem reservas enquanto se ocupavam de polir pedacinhos de tijolo, que seriam usados em breve numa brincadeira de amarelinha. — O que você comeu no jantar, Janne? — Isso é da minha conta! — Da sua conta? Foi isso que você disse? Tome cuidado ou leva uma surra. — Não se gabe! Você com esses olhos! — Quem foi que empurrou você no lago outro dia? — Ah! Cala a boca! Janne levou uma surra, e a paz foi restaurada. — Ei! Você roubou agrião no cemitério outro dia, não roubou, Janne? — Aquele aleijado do Olee me denunciou! — E a polícia pegou você, não foi? — Quem liga para a polícia? Eu não! — Não liga? Então venha com a gente hoje à noite; vamos roubar umas peras. — Tem um cachorro feroz atrás da cerca! — Qual nada! Peter, o limpa-chaminés, sobe por cima e um chute dá conta do cachorro. O polimento foi interrompido por uma criada que saiu da casa e começou a espalhar ramos de pinheiro sobre a rua tomada de mato. — Quem vai ser enterrado? — O bebê da mulher do preposto! — Ele é um velho Satanás de primeira, o preposto, não é? Em vez de responder, o outro começou a assobiar uma melodia desconhecida e muito peculiar. — Vamos dar uma surra nos filhotes ruivos dele quando voltarem da escola! Ei! A velha dele não se acha? A diaba velha nos trancou do lado de fora, na neve, outra noite, porque não podíamos pagar o aluguel, e tivemos de passar a noite no celeiro. A conversa se apagou; o último item da conversa não causara a menor impressão no amigo

de Janne. Depois dessa introdução ao estado dos inquilinos feita pelos dois moleques, Falk entrou na casa com sensações nada agradáveis. Foi recebido à porta por Struve, que parecia aflito e tomou o braço de Falk como se fosse lhe confiar um segredo ou reprimir uma lágrima — precisava fazer alguma coisa, então o abraçou. Falk viu-se numa sala grande, com uma mesa de jantar, um aparador, seis cadeiras e um caixão. Lençóis brancos pendiam diante das janelas, através dos quais a luz do dia se filtrava e se quebrava no brilho vermelho das velas de sebo; sobre a mesa havia uma bandeja com taças verdes de vinho e uma sopeira cheia de dalias, goivos e ásteres brancos. Struve agarrou a mão de Falk e o levou até o caixão, onde o bebê jazia sobre aparas, coberto de tule e salpicado de fúcsias. — Aí está! — disse. — Aí está! Falk não sentiu senão a emoção bastante comum que os vivos sempre sentem diante dos mortos; não conseguiu pensar em nada adequado para dizer e, portanto, limitou-se a apertar a mão do pai. — Obrigado, obrigado — balbuciou Struve, desaparecendo num quarto adjacente. Falk ficou sozinho; ouviu cochichos agitados atrás da porta por onde Struve desaparecera; depois houve silêncio por algum tempo; mas logo um murmúrio vindo da outra extremidade da sala atravessou a parede de tábuas. Um soprano estridente parecia recitar longos versos com volubilidade incrível. — Babebibobubybaeoe — Babebibobubybaeoe — Babebibobubybaeoe — soava. Uma voz masculina enraivecida respondeu ao acompanhamento de uma plaina que dizia hwitcho — hwitcho — hwitcho — hwitcho — hitch — hitch. E um prolongado, ribombante mum-mum-mum-mum-mum-mum-mum-mum respondeu, parecendo ansioso por acalmar a tempestade. Mas a plaina cuspiu e espirrou outra vez seu hwitcho — hwitcho, e logo em seguida uma tempestade de Babili — bebili — bibili — bobili — bubili — bybili — baebili — boe — irrompeu com nova fúria. Falk adivinhou o assunto em discussão, e certa entonação lhe deu a ideia de que o bebê morto estava envolvido na argumentação. Os sussurros, ocasionalmente interrompidos por soluços altos, recomeçaram atrás da porta por onde Struve desaparecera; por fim, ela se abriu e Struve apareceu conduzindo pela mão uma mulher com aparência de lavadeira; estava vestida de preto, e suas pálpebras estavam vermelhas e inchadas de chorar. Struve a apresentou com toda a dignidade de um pai de família: — Minha esposa, sr. Falk, meu velho amigo. Falk apertou uma mão dura como um besouro e recebeu um sorriso avinagrado. Procurou algumas banalidades que contivessem as palavras “esposa” e “dor” e, como teve razoável sucesso, foi recompensado por Struve com um abraço. A sra. Struve, ansiosa por não ficar de fora, começou a escovar as costas do casaco do marido. — É horrível

como você parece catar toda sujeira que existe, Christian — disse ela. — Suas costas estão sempre empoeiradas. Não acha que meu marido sempre parece um porco, sr. Falk? O pobre Falk não precisou responder a essa observação carinhosa; atrás das costas da mãe apareceram então duas cabeças, fitando o visitante com um sorriso arreganhado. A mãe as acariciou afetuosamente. — O senhor já viu meninos mais feios, sr. Falk? — perguntou. — Não parecem exatamente raposinhas? Essa afirmação era tão inegavelmente exata que Falk se sentiu compelido a negá-la com entusiasmo. A abertura da porta do vestíbulo e a entrada de dois homens interromperam todas as gentilezas restantes. O primeiro dos recém-chegados era um homem de trinta anos, ombros largos, cabeça quadrada, cuja parte anterior deveria representar o rosto; a pele parecia a tábua meio podre de uma ponte, na qual vermes tivessem aberto seus labirintos; a boca larga, sempre um pouco aberta, mostrava os quatro caninos reluzentes; sempre que sorria, o rosto parecia se dividir em duas partes; a boca abria-se até o quarto molar; nenhum fio de cabelo crescia no solo estéril; o nariz fora tão mal encaixado que se podia ver através dele até o fundo da cabeça; na parte superior do crânio crescia algo que parecia capacho de fibra de coco. Struve, que possuía a faculdade de enobrecer seu ambiente, apresentou o candidato Borg como dr. Borg. Este, sem sinal de prazer nem de aborrecimento, estendeu o braço ao companheiro, que lhe tirou o casaco e pendurou-o na dobradiça da porta de entrada, ato que arrancou da sra. Struve a observação de que a casa velha estava em estado tão ruim que nem ao menos havia um cabide no vestíbulo. O homem que ajudara Borg a tirar o sobretudo foi apresentado como sr. Levi. Era um jovem alto, crescido demais; o crânio parecia apenas um desenvolvimento para trás do osso nasal, e o tronco, que chegava aos joelhos, parecia ter sido puxado por uma fieira, como se puxa o arame; os ombros caíam como beirais; não havia vestígio de quadris, as canelas subiam até as coxas; os pés estavam deformados como um par de sapatos velhos; o peito do pé cedera. As pernas se curvavam para fora e para baixo, como as pernas de um trabalhador que carregou pesos enormes ou passou a maior parte da vida em pé. Era um puro tipo servil. O candidato ficara à porta; tirara as luvas, pousara a bengala, assoara o nariz e guardara o lenço no bolso sem dar a menor atenção às repetidas tentativas de Struve de apresentá-lo; acreditava ainda estar no vestíbulo; mas agora pegou o chapéu, raspou o pé no assoalho e deu um passo para dentro da sala. — Bom dia, Jenny! Como vai? — disse, agarrando a mão da sra. Struve com tanta avidez como se fosse questão de vida ou morte. Inclinou-se, quase imperceptivelmente, para Falk, com o rosnado de um cão que vê outro cão estranho em seu quintal. O

jovem sr. Levi seguiu nos calcanhares do candidato, correspondendo a seus sorrisos, aplaudindo seus sarcasmos e, em geral, curvando-se à sua superioridade. A sra. Struve abriu uma garrafa de hock e encheu as taças. Struve ergueu a sua e deu as boas-vindas aos convidados. O candidato abriu a boca, fez da língua um canal, derramou nela o conteúdo da taça, fez uma careta como se fosse remédio e engoliu. — Está terrivelmente azedo e ruim — disse a sra. Struve. — Você prefere um copo de ponche, Henrik? — Sim, está muito ruim — concordou o candidato, e Levi o secundou com entusiasmo. O ponche foi trazido. O rosto de Borg clareou; procurou uma cadeira, e imediatamente Levi lhe trouxe uma. O grupo sentou-se ao redor da mesa de jantar. O perfume forte dos goivos misturava-se ao cheiro do vinho; as velas se refletiam nos copos, a conversa animou-se, e logo uma coluna de fumaça pairava sobre a cadeira do candidato. A sra. Struve lançou um olhar inquieto ao pequeno dorminhoco junto à janela, mas ninguém viu seu olhar. Logo uma carruagem parou na rua diante da casa. Todos se levantaram, exceto o candidato. Struve tossiu e, em voz baixa, como se tivesse algo desagradável a dizer, sussurrou: — Vamos nos preparar agora? A sra. Struve foi até o caixão e inclinou-se sobre ele, chorando amargamente; quando, ao recuar, viu o marido atrás dela com a tampa do caixão, rompeu em soluços altos. — Ora, ora, componha-se — disse Struve, apressando-se em parafusar a tampa como se quisesse esconder alguma coisa. Borg, parecendo um cavalo a bocejar, engoliu mais um copo de ponche. O sr. Levi enfiou um par de luvas brancas que não tinham sido lavadas desde a última festa. Falk adivinhou que Struve era o único que carregaria o caixão, aproximou-se e ofereceu sua ajuda. O pai, porém, recusou, dizendo que o senhor candidato Borg cumpriria esse dever, como o mais antigo dos amigos da casa. Borg protestou em nome dos céus, afirmando que não era amigo da casa, mas Struve não prestou atenção à observação. Em seguida desceu com o caixão, acompanhado de Borg, que executou suas instruções como se obedecesse a um superior. Depois de colocar o caixão no coche, entraram na carruagem; o último olhar de Falk caiu na sra. Struve, que já tirara alguns lençóis e apagava as velas; e viu os dois filhotes parados ao lado dela, cada qual com uma taça de vinho na mão. A carruagem sacolejou rua após rua; ninguém tentou falar. Struve, sentado com o caixão nos joelhos, parecia constrangido; ainda era dia; ansiava por se tornar invisível. A viagem até o cemitério foi longa, mas enfim chegou ao fim. Chegaram. Uma fila de carruagens estava diante do portão. Compraram coroas, e o coveiro tomou posse do caixão. Depois de uma longa caminhada, o pequeno cortejo parou bem ao fundo, no lado norte do cemitério, perto de um novo campo de areia. O coveiro pôs o caixão em

posição. Borg comandou: — Segurem firme! Aliviem! Soltem! E a pequena criança sem nome foi baixada três jardas dentro da terra. Houve uma pausa; todas as cabeças se inclinaram e todos os olhos miraram a cova, como se esperassem alguma coisa. Um céu de chumbo escurecia melancolicamente sobre o grande campo de areia deserto, cujas estacas brancas pareciam sombras de criancinhas que haviam perdido o caminho. O bosque escuro poderia ser o fundo de uma lanterna mágica; o vento estava mudo. De repente, uma voz se ergueu, trêmula a princípio, mas crescendo em clareza e intensidade, como se falasse de uma convicção interior. Levi estava em pé sobre a mortalha, de cabeça descoberta: — Na guarda segura do Altíssimo, repousando à sombra de Sua onipotência, digo ao Eterno: Ó Tu, minha fortaleza, minha defesa por toda a eternidade, meu Deus em quem confio — Kadish. Senhor, Deus Todo-Poderoso, que Teu santo nome seja adorado e santificado em todo o mundo. Tu, a Teu tempo, renovarás o mundo. Despertarás os mortos e os chamarás a uma nova vida. A paz eterna reina em Teu reino. Dá-nos, e a todo Israel, Tua paz. Amém. “Dorme em paz, pequenino, a quem nenhum nome foi dado. Aquele que conhece os Seus Ihe dará um nome; dorme em paz na noite de outono; nenhum espírito mau te molestará, embora nunca tenhas recebido a água santa; alegre-te por ter sido poupado da batalha da vida; podes dispensar seus prazeres. “Conta-te feliz por te terem permitido partir antes de conhecer o mundo; pura e sem mancha tua alma deixou sua delicada morada; por isso não lançaremos terra sobre teu caixão, pois a terra é emblema de dissolução; vamos deitar-te em flores, pois, como a flor perfura o solo, assim tua alma se erguerá da tumba escura para a luz; do espírito vieste, ao espírito retornarás.” Deixou cair sua coroa na pequena cova e cobriu a cabeça. Struve deu alguns passos em sua direção, agarrou-lhe a mão e apertou-a calorosamente; lágrimas rolavam por suas faces, e ele pediu a Levi o empréstimo do lenço. Borg, depois de lançar sua coroa na cova, virou-se para ir embora, e os outros o seguiram lentamente. Falk permaneceu fitando a cova aberta, mergulhado em pensamentos profundos. A princípio viu apenas um quadrado de escuridão; mas aos poucos apareceu um ponto claro, que cresceu e tomou forma; parecia um disco e brilhava com a brancura de um espelho — era o escudo em branco no qual a vida da criança deveria ter sido registrada. Reluzia vivamente na escuridão, refletindo a luz diurna ininterrupta. Ele deixou cair sua coroa. Houve um baque fraco, surdo, e a luz se apagou. Virou-se e seguiu os outros. Ao chegarem à carruagem, houve uma breve discussão. Borg a interrompeu. — Ao Restaurante Norrbacka! — disse, brevemente. * * * Poucos minutos depois, o grupo estava na grande sala do primeiro andar; foram recebidos por

uma moça que Borg abraçou e beijou; feito isso, empurrou o chapéu para debaixo do sofá, ordenou que Levi o ajudasse a tirar o sobretudo e pediu um quarto de galão de ponche, vinte e cinco charutos, meio quartilho de conhaque e um pão de açúcar. Por fim, tirou o casaco e sentou-se em mangas de camisa no único sofá da sala. O rosto de Struve irradiou quando viu os preparativos para uma orgia e ele gritou por música. Levi foi ao piano e martelou uma valsa, enquanto Struve enfiava o braço no de Falk e caminhava com ele de um lado para o outro. Tocou levemente na vida em geral, na dor e na alegria, na natureza inconstante do homem e assim por diante, tudo para provar que era pecado lamentar aquilo que os deuses — disse deuses porque já dissera pecado e não queria ser tomado por pietista — haviam dado e tomado. Essa reflexão foi aparentemente feita como introdução à valsa que, logo em seguida, ele dançou com a moça que trouxera a tigela. Borg encheu os copos, chamou Levi, indicou um copo com a cabeça e disse: — Agora vamos beber ao nosso amor fraternal; depois podemos ser grosseiros à vontade. Levi expressou sua apreciação pela honra. — À sua saúde, Isaac! — disse Borg. — Meu nome não é Isaac! — Que diabos me importa o seu nome? Eu o chamo de Isaac, meu Isaac. — Você é um diabo divertido... — Diabo! Que vergonha, judeu! — Íamos ser grosseiros à vontade... — Íamos? Eu ia, no que diz respeito a você! Struve achou melhor intervir. — Obrigado, irmão Levi, por suas belas palavras — disse. — Que oração era aquela? — Nossa oração fúnebre! — Era bela! — Nada senão palavras vazias — interveio Borg. — O cão infiel só rezou por Israel; portanto a oração não podia ter sido destinada à criança. — Todos os que não são batizados são considerados pertencentes a Israel — respondeu Levi. — E depois você atacou o batismo — continuou Borg. — Não permito que ninguém ataque o batismo; nós mesmos podemos fazer isso. E, além disso, você atacou a doutrina da justificação pela fé. Deixe-a em paz no futuro; não permito que estrangeiros ataquem nossa religião. — Borg tem razão nesse ponto — disse Struve. — Devemos traçar a linha antes de atacar o batismo ou qualquer outra das verdades sagradas; e devo pedir que vocês não se entreguem esta noite a nenhuma discussão frívola sobre essas coisas. — Você deve nos pedir? — zombou Borg. — Deve mesmo? Está bem! Eu o perdoo se ficar calado. Toque alguma coisa, Isaac! Música! Por que a música emudece no banquete de César? Música! Mas nada dessas velharias! Toque alguma coisa nova! Levi foi ao piano e tocou a abertura de A Muda. — Agora vamos conversar — disse Borg. — O senhor parece deprimido, sr. Falk; tome um copo comigo. Falk, que sentia certo embaraço na companhia de Borg, aceitou a oferta com reservas mentais. Mas a conversa languesceu; todos pareciam

temer uma colisão. Struve esvoaçava como uma mariposa em busca de prazer, mas, incapaz de encontrá-lo, voltava uma e outra vez à mesa do ponche; de vez em quando dava alguns passos de dança para manter a ficção de que a reunião era alegre e festiva; mas esse não era de modo algum o caso. Levi oscilava entre o piano e o ponche. Tentou cantar uma canção alegre, mas era tão gasta que ninguém quis ouvi-la. Borg falava no máximo volume, “para levantar o ânimo”, como dizia, mas o grupo ficava cada vez mais silencioso, quase se poderia dizer inquieto. Falk caminhava de um lado para o outro, taciturno, portentoso como uma nuvem de tempestade. Por ordem de Borg, serviu-se uma tremenda ceia, uma sexa. Os convivas sentaram-se em silêncio ominoso. Struve e Borg beberam quantidades imoderadas de conhaque; no rosto deste último surgiram manchas vermelhas aqui e ali, e o branco dos olhos parecia amarelo. Struve, porém, lembrava um queijo Edam envernizado; estava uniformemente vermelho e gorduroso. Ao lado deles, Falk e Levi pareciam crianças, comendo sua última ceia na companhia de gigantes. Borg olhou para Levi. — Passe o salmão ao mexeriqueiro — ordenou, a fim de romper o silêncio monótono. Levi passou o prato a Struve. Este empurrou os óculos para a testa e cuspiu veneno. — Que vergonha, judeu — espumou, atirando o guardanapo no rosto de Levi. Borg pôs uma mão pesada na careca de Struve. — Silêncio, canalha! — disse. — Que companhia horrível em que fui me meter! Deixem-me lhes dizer, senhores, que sou velho demais para ser tratado como colegial — disse Struve, trêmulo, esquecendo sua bonomia habitual. Borg, que já comera o bastante, levantou-se da mesa. — Ugh! — disse. — Que gente bestial vocês são! Pague, Isaac, eu lhe devolvo depois; vou embora. Vestiu o sobretudo, pôs o chapéu na cabeça, encheu um copo com ponche, acrescentou-lhe conhaque, esvaziou-o de um gole, apagou algumas velas ao passar, quebrou alguns copos, embolsou um punhado de charutos e uma caixa de fósforos e cambaleou para fora da sala. — Que pena que um gênio como esse beba assim — disse Levi, solenemente. Um momento depois, Borg voltou à sala, foi até a mesa de jantar, pegou o candelabro, acendeu o charuto, soprou a fumaça no rosto de Struve, mostrou a língua, exibiu os dentes de trás, apagou as luzes e partiu novamente. Levi rolou no chão, gritando de rir. — A que escória você me apresentou? — perguntou Falk, grave. — Ah, meu caro, ele está bêbado esta noite, mas é filho do professor doutor... — Não perguntei quem era o pai dele, perguntei quem ele era — disse Falk, cortando-o. — Entendo agora por que você permite que um cão desses o intimide; mas pode me dizer por que ele se associa a você? — Reservo minha resposta a todas essas futilidades — respondeu Struve, rígido. — Reserve mesmo, mas

reserve para si! — O que há com você, irmão Levi? — perguntou Struve, solícito. — Parece tão grave. — É uma grande pena que um gênio como Borg beba tanto — respondeu Levi. — Como e quando ele demonstra seu gênio? — perguntou Falk. — Um homem pode ser gênio sem escrever versos — disse Struve, incisivo. — Imagino que sim; escrever versos não pressupõe gênio, e tampouco um homem é gênio se se comporta como um bruto — disse Falk. — Não seria melhor pagarmos e irmos embora? — observou Struve, apressando-se para a porta. Falk e Levi pagaram. Quando saíram à rua, chovia e o céu estava negro; apenas o reflexo da cidade iluminada a gás clareava fracamente o céu. A carruagem partira; nada lhes restava senão erguer as golas e caminhar. Tinham chegado até a pista de boliche quando foram assustados por gritos terríveis acima de suas cabeças. — Malditos! — berrou uma voz, e, erguendo os olhos, viram Borg balançando-se num dos galhos mais altos de uma tília. O galho quase tocava o chão, mas, no instante seguinte, descreveu uma curva tremenda para cima. — Ah! Não é colossal! — gritou Levi. — Colossal! — Que louco — sorriu Struve, orgulhoso de seu protegido. — Venha, Isaac! — berrou Borg, lá no alto. — Venha, judeu, vamos tomar dinheiro emprestado um do outro! — Quanto você quer? — perguntou Levi, agitando a carteira. — Nunca peço menos de cinquenta! No instante seguinte, Borg escorregara até o chão e embolsara a nota. Depois tirou o sobretudo. — Vista isso de novo imediatamente! — ordenou Struve. — O que está dizendo? Que devo vestir de novo? Quem é você para me dar ordens? Hein? Quer briga? Esmagou o chapéu contra a árvore, tirou o casaco e o colete e deixou a chuva bater na camisa. — Venha cá, seu patife! Vamos brigar! Agarrou Struve pela cintura e, cambaleando para trás, ambos caíram na vala. Falk apressou-se em ir embora o mais rápido que pôde. E, por muito tempo, ainda ouviu atrás de si explosões de riso e gritos de bravo. Conseguia distinguir a voz de Levi berrando: — É divino, é colossal — é colossal! E a de Borg: — Traidor! Traidor!

Capítulo XX

No Altar

O relógio dos Porões da Prefeitura de X-köping trovejou a sétima hora de uma noite de outubro quando entrou o diretor do Teatro Municipal. Resplandecia como pode resplandecer um sapo depois de uma boa refeição; parecia feliz, mas os músculos de seu rosto, pouco acostumados a exprimir semelhantes emoções, repuxavam-lhe a pele em rugas aflitas e o desfiguravam ainda mais que de costume. Fez um aceno patronal ao pequeno chefe dos garçons, todo murcho, que estava atrás do balcão contando os fregueses. — Então, como o mundo o tem tratado? — vociferou o diretor em alemão; há muito tempo ele abandonara o hábito de falar. — Obrigado! — respondeu o chefe dos garçons na mesma língua; e, como esse era todo o alemão que os dois senhores conheciam, a conversa prosseguiu em sueco. — Então, que achou do rapaz, do Gustav? O Don Diego dele não foi excelente? Admita: eu sei fazer atores, não sei? — Não há como negar! Imagine, aquele menino! É bem verdade o que o senhor disse: é mais fácil fazer alguma coisa de um homem que não foi arruinado pela cultura dos livros. — Os livros são a ruína de muita gente. Ninguém sabe disso melhor do que eu. Mas, por acaso, você entende alguma coisa de livros? Eu entendo! Vai ver coisas curiosas quando o jovem Rehnjelm fizer Horácio! Prometi-lhe o papel porque ele não me dava sossego; mas também o preveni de que não esperasse nenhum auxílio de minha parte. Não quero ser responsabilizado pelo fracasso dele; disse-lhe ainda que só lhe permitia representar o papel para mostrar como é difícil atuar quando a gente não tem talento. Ah! Ele vai levar uma descompostura tal que nunca mais olhará para um papel. Espere e verá! Mas não era isso que eu queria lhe dizer. Tem dois quartos livres? — Os dois pequenos? — Esses mesmos! — Estão à disposição do senhor! — Ceia para dois, o melhor que puder fazer. É melhor que você mesmo sirva à mesa. Não vociferou as últimas palavras; o chefe dos garçons inclinou-se: havia compreendido. Nesse momento Falander entrou na sala. Tomou seu lugar habitual sem sequer olhar para o diretor. Este se levantou imediatamente. — Às oito, então — sussurrou ao passar pelo balcão, e saiu. O chefe dos garçons trouxe a Falander uma garrafa de absinto e todos os apetrechos de costume. Como o ator não parecia disposto a conversar, o chefe esfregou a mesa com o guardanapo; como isso não adiantasse, tornou a encher o porta-fósforos e disse: — Ceia esta noite, nos quatinhos! Hum! —

De quem e de que você está falando? — Daquele que acabou de sair. — Entendo! Mas isso é raro; em geral ele é tão sovina. Ceia para um? — Para dois — respondeu o chefe dos garçons, piscando. — Nos quatinhos, hum! Falander apurou o ouvido; ao mesmo tempo, envergonhou-se de dar atenção a mexericos e deixou o assunto. Mas não era isso que queria o chefe dos garçons. — Eu me pergunto quem será. A mulher dele está doente, e... — Que nos importa? Deixe o monstro cear com quem quiser! Tem jornal da noite? O chefe dos garçons foi poupado de responder. Rehnjelm se aproximava da mesa, radiante, como um homem que enxerga um raio de luz no caminho. — Deixe o absinto em paz esta noite — disse ele — e seja meu convidado. Estou feliz, eu poderia chorar. — O que aconteceu? — perguntou Falander, inquieto. — Por acaso ele lhe deu um papel? — Deu, seu pessimista! Vou fazer Horácio... O rosto de Falander se anuviou. — E ela fará Ofélia. — Como você sabe? — Eu sinto. — Você e seus pressentimentos! Mas, afinal, não era tão difícil adivinhar. Não acha que ela merece? Têm alguma Ofélia melhor em toda a companhia? — Não, isso eu admito! Você gosta do seu papel? — Oh! É esplêndido! — É extraordinário como as opiniões diferem. — O que você acha? — Acho que ele é o maior patife de toda a corte; diz sim a tudo: “Sim, meu príncipe; sim, meu bom príncipe.” Se fosse realmente amigo de Hamlet, às vezes diria não, e não concordaria sempre com ele como qualquer bajulador. — Vai derrubar mais um dos meus ideais? — Derrubarei todos os seus falsos ídolos! Como você pode — enquanto considera grandes e esplêndidas todas as criações mesquinhas do homem — aspirar ao eterno? Se vê perfeição e excelência em tudo aqui embaixo, como há de ansiar pelo verdadeiramente perfeito? Acredite em mim: o pessimismo é o idealismo mais verdadeiro! E é também uma doutrina cristã, se isso lhe serve de bálsamo à consciência, pois o cristianismo nos ensina que o mundo é um vale de lágrimas do qual a morte nos libertará! — Você não pode me deixar acreditar que o mundo é belo? Não pode me deixar ser grato Àquele que dá todas as coisas boas, e alegrar-me com a felicidade que a vida tem a oferecer? — Sim, sim, meu rapaz, alegre-se, alegre-se, creia e espere! Como todos os homens buscam a mesma coisa — a felicidade —, você terá uma chance em 1.439.134.300 de conquistá-la, visto que o denominador dessa fração representa o número de pessoas sobre a terra. A felicidade que lhe veio hoje vale a tortura e as humilhações dos últimos meses? E, além disso, que grande sorte é essa? Deram-lhe um papel, um papel no qual você não pode fazer sucesso — com isso não quero dizer que necessariamente vá fracassar. Você tem certeza de que... Ele fez uma pausa para respirar. — De que Agnes terá sucesso no papel de Ofélia? Ela pode

aproveitar bem a rara oportunidade e tirar do papel tanto quanto tiram a maioria das atrizes. Sinto tê-lo deixado triste; não acredite no que eu disse; afinal, quem sabe se estou certo ou errado? — Se eu não o conhecesse melhor, poderia acreditar que você está com ciúme. — Não, meu rapaz; nada me agradaria mais do que ver os seus desejos, e os de todos os homens, prontamente satisfeitos; então talvez os pensamentos dos homens se voltassem para coisas mais altas. Talvez seja esse o sentido da vida. — Você pode dizer isso com tanta calma; já teve sucesso há muito tempo. — E não é esse um estado de espírito bastante desejável? Não ansiamos tanto pela felicidade quanto pela faculdade de sorrir de nossos esforços ardentes. Digo ardentes de propósito. Oito badaladas trovejaram pela sala. Falander levantou-se depressa, como se fosse sair, passou a mão pela testa e sentou-se outra vez. — Agnes foi visitar tia Beata esta noite? — perguntou casualmente. — O que faz você pensar nisso? — Apenas suponho, porque você está sentado aqui com tanta tranquilidade. Ela lhe disse que leria o papel para a tia, já que o tempo é tão curto, não disse? — Disse. Você a viu esta noite? — Não! Dou minha palavra de honra que não! Só não consigo imaginar outra coisa que a impedisse de passar uma noite livre com você. — Você adivinhou. Ela me insistiu para que eu saísse e passasse a noite com amigos; acha que fico demais em casa. Querida menina! Tem um coraçãozinho tão terno e amoroso. — Sim, muito terno! — Só uma vez esperei por ela em vão; a tia a reteve até tarde e esqueceu de me avisar. Pensei que ia enlouquecer e não dormi a noite toda. — Está se referindo à noite de seis de julho, suponho. — Você me assusta! Está nos vigiando? — Por que eu faria isso? Sei do seu noivado e o ajudo de todas as maneiras que posso. E por que eu não haveria de saber que foi terça-feira, seis de julho? Você me contou isso mais de uma vez. — É verdade! Por algum tempo nenhum dos dois falou. — É extraordinário — disse Rehnjelm, rompendo de súbito o silêncio — como a felicidade pode nos deixar melancólicos; sinto-me inquieto esta noite, e teria preferido passar a noite com Agnes. Vamos para os quatinhos e mandemos chamá-la. Ela poderia dizer que chegaram amigos do interior. — Ela não faria isso; não conseguiria mentir. — Ora, bobagem! A mulher que não consegue ainda não nasceu! Falander fitou Rehnjelm com uma expressão tão peculiar que este ficou intrigado. — Vou ver se os quatinhos estão livres — disse ele, após uma breve pausa. — Podemos mandar-lhe um recado, se estiverem. — Então vamos juntos! Rehnjelm preparou-se para segui-lo, mas Falander o deteve. — Volto em dois minutos! Retornou com o rosto muito branco, mas perfeitamente calmo. — Estão ocupados — disse em voz baixa. — Que aborrecimento! — Façamos

companhia um ao outro e sejamos tão alegres quanto possível! E fizeram companhia um ao outro, comeram, beberam e falaram da vida, do amor e da maldade humana; e, quando tinham comido, bebido e falado o bastante, foram para casa e para a cama.

Capítulo XXI

Uma Alma Ao Mar

Rehnhjelm acordou na manhã seguinte às quatro horas; alguém havia chamado seu nome. Sentou-se na cama e escutou: não havia som algum. Ergueu a persiana e olhou para fora, para uma manhã cinzenta de outono, ventosa e chuvosa. Voltou para a cama e tentou dormir, mas em vão. Havia vozes estranhas no vento; elas gemiam, advertiam, choravam e ganiam. Tentou pensar em alguma coisa agradável: em sua felicidade. Pegou seu papel e começou a decorá-lo; parecia não haver nele senão sim, meu príncipe; pensou nas palavras de Falander e não pôde deixar de admitir que ele tinha certa razão. Tentou imaginar-se no palco como Horácio; tentou imaginar Agnes no papel de Ofélia, e nela não conseguia ver senão uma intrigante hipócrita, estendendo redes para Hamlet a conselho de Polônio. Tentou afastar esse pensamento, e em vez de Agnes viu a coquete senhorita Jacqueline, a última que representara o papel no Teatro Municipal. Tentou em vão expulsar essas fantasias desagradáveis; elas o seguiam como mosquitos. Por fim, exausto pela tensão, adormeceu, mas apenas para sofrer o mesmo tormento em sonho; despertou com esforço, porém logo tornou a cair no sono, e imediatamente as mesmas visões o perturbaram. Por volta das nove horas acordou com um grito e saltou da cama como se fugisse de maus espíritos. Quando olhou no espelho, viu que seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Vestiu-se às pressas e, ao pegar a bota, uma grande aranha atravessou o chão. A visão o agradou, pois acreditava na superstição de que a aranha é mensageira de felicidade; recuperou o bom humor e concluiu que, se um homem quisesse uma noite de sono sossegado, deveria evitar caranguejos no jantar. Tomou café, fumou um cachimbo e sorriu para as pancadas de chuva e o vento. Uma batida à porta o arrancou de seu devaneio; sobressaltou-se, pois tinha medo de notícias, sem saber por quê; mas pensou na aranha e abriu a porta com calma. Uma criada entregou-lhe uma carta de Falander, pedindo que fosse a seus aposentos às dez, para tratar de assunto muito importante. De novo foi assaltado pela sensação indescritível de medo que perturbara seu sono matinal; tentou matar o tempo até as dez. Foi impossível; vestiu-se e foi à casa de Falander. Este se levantara cedo; seu quarto estava arrumado e ele pronto para receber o amigo. Cumprimentou Rehnhjelm com cordialidade, mas com gravidade incomum. Rehnhjelm o cobriu de perguntas, mas Falander se recusou a

responder antes das dez. A ansiedade de Rehnjelm aumentou e ele quis saber se havia notícias desagradáveis; Falander respondeu que nada na terra era desagradável quando se olhava as coisas sob a luz adequada. E declarou que muitas situações chamadas de insuportáveis podiam ser suportadas com bastante facilidade, desde que não se exagerasse sua importância. O tempo passou lentamente, mas enfim bateram dez horas. Duas pancadinhas suaves à porta aliviaram a tensão. Falander abriu imediatamente e deixou Agnes entrar. Sem olhar para os presentes, ela tirou a chave da fechadura e trancou a porta por dentro. Um constrangimento momentâneo se apoderou dela quando, ao virar-se, viu-se diante de dois homens em vez de um só; mas seu embaraço deu lugar a uma surpresa agradável quando reconheceu Rehnjelm. Jogando de lado a capa impermeável, correu para ele; ele a tomou nos braços e a apertou apaixonadamente contra o peito, como se não a visse havia um ano. — Você esteve ausente muito tempo, Agnes! — Muito tempo? O que quer dizer? — Sinto como se não a visse há uma vida inteira. Como você está bonita! Dormiu bem? — Você acha que estou melhor do que de costume? — Sim! Está corada e tem covinhas nas faces! Não vai dar bom-dia a Falander? Este permanecia imóvel, escutando a conversa, mas seu rosto estava mortalmente branco e ele parecia absorto em pensamentos. — Como você parece gasto — disse Agnes, atravessando o quarto com os movimentos graciosos de uma gatinha, quando Rehnjelm a soltou dos braços. Falander não respondeu. Agnes olhou-o com mais atenção e de repente percebeu seus pensamentos. Uma expressão fugaz de inquietação passou por seu rosto como a superfície de um lago encrespada pela brisa; mas ela recuperou imediatamente a serenidade de costume, lançou um olhar a Rehnjelm, compreendeu a situação e preparou-se para qualquer coisa. — Podemos saber que assunto tão importante nos reuniu aqui a esta hora matinal? — perguntou alegremente, pousando a mão no ombro de Falander. — Certamente — disse este, com uma resolução tão firme que o rosto dela empalideceu; mas no mesmo instante ergueu a cabeça, como se quisesse forçar os pensamentos a tomar outra direção. — É meu aniversário, e quero que vocês tomem café comigo. Agnes, que vira o trem avançar em linha reta contra ela, sentiu-se aliviada; desatou em riso alegre e abraçou Falander. — Mas, como o café foi encomendado para as onze, teremos de esperar um pouco. Não querem sentar-se? Houve um silêncio de mau agouro. — Passou um anjo pela sala — disse Agnes. — Você! — disse Rehnjelm, beijando-lhe a mão com respeito e ardor. Falander parecia ter sido arremessado da sela e fazia violentos esforços para recuperá-la. — Vi uma aranha esta manhã — disse Rehnjelm. — Isso anuncia felicidade. — *Araignée matin: chagrin* —

disse Falander. — Nunca ouviu isso? — O que significa? — perguntou Agnes. — Aranha de manhã: desgosto e pesar. — Hum! De novo ficaram em silêncio. O único som que perturbava a quietude era o da chuva batendo em rajadas contra as janelas. — Li um livro terrivelmente trágico ontem à noite — observou Falander pouco depois. — Quase não preguei o olho. — Que livro foi? — perguntou Rehnjelm, sem demonstrar grande interesse. — O título era Pierre Clément, e o assunto, o velho jogo feminino. Mas era contado tão bem que me causou profunda impressão. — Posso perguntar o que é o velho jogo feminino? — disse Agnes. — Infidelidade e traição! — E esse Pierre Clément? — Foi traído, é claro. Era um jovem artista, apaixonado pela amante de outro homem... — Lembro-me do livro; gostei muito. Ela não ficou depois noiva de um homem a quem realmente amava? Sim, era isso, e durante todo esse tempo manteve a antiga ligação. O autor queria mostrar que a mulher pode amar de duas maneiras; o homem, de uma só. Isso é verdade, não é? — Certamente! Mas chegou o dia em que o noivo dela ia concorrer com um quadro. Para encurtar a história, ela se entregou ao presidente, e Pierre Clément ficou feliz e pôde se casar. — E com isso o autor queria mostrar que a mulher sacrificará tudo pelo homem que ama; já o homem, por outro lado... — Essa é a afirmação mais infame que já ouvi! — explodiu Falander. Levantou-se, foi à escrivaninha, abriu a tampa de supetão e tirou uma caixa preta. — Aqui — disse, entregando-a a Agnes. — Vá para casa e livre o mundo de um monstro. — O que é isto? — riu Agnes, abrindo a caixa e tirando um revólver de seis tiros. — Ora, que coisa adorável! Você não usou isto como Karl Moor? Creio que está carregado. Ergueu o revólver e atirou para cima, pela chaminé. — Tranque isso — disse ela. — Isto não é brinquedo, meus amigos. Rehnjelm observara a cena sem fala. Compreendia muito bem o significado, mas não conseguia dizer uma palavra; e estava tão enfeitado pela moça que nem sequer podia sentir raiva dela. Percebia que fora apunhalado, mas ainda não tivera tempo de sentir a dor. A impudência da moça desconcertou Falander; ele precisava de tempo para se recuperar; sua execução moral fracassara por completo, e seu coup de théâtre fora desastroso para ele mesmo. — Não seria melhor irmos agora? — perguntou Agnes, ajeitando o chapéu diante do espelho. Falander abriu a porta. — Vá para o diabo! — disse. — Você destruiu a paz de espírito de um homem honesto. — Do que você está falando? Feche a porta! Não está exatamente quente aqui. — Entendo, preciso falar com mais clareza. Onde você estava ontem à noite? — Hjalmar sabe, e isso não é da sua conta. — Você não estava na casa de sua tia! Ceou com o diretor! — É mentira! — Eu a vi às nove nos Porões da Prefeitura. — Estou dizendo que é mentira! Eu

estava em casa a essa hora! Vá perguntar à criada de minha tia, que me acompanhou até em casa. — Nunca teria esperado isso de você! — Não seria melhor pararmos de falar bobagens e irmos embora? Você não deveria ler livros estúpidos a noite inteira; assim não estaria de mau humor no dia seguinte. Ponham os chapéus e venham. Rehnjelm levou a mão à cabeça para sentir se ela estava em seu lugar habitual, pois tudo lhe parecia de pernas para o ar. Ao verificar que ela ainda estava ali, tentou chegar a uma compreensão clara do assunto, mas não conseguiu. — Onde você estava no dia seis de julho? — perguntou Falander, com a severidade de um juiz. — Que pergunta idiota! Como posso me lembrar do que aconteceu há três meses? — Você estava comigo, mas disse a Hjalmar que estava com sua tia. — Não o escute — disse Agnes, aproximando-se de Rehnjelm e acariciando-o. — Ele está falando bobagens. A mão de Rehnjelm disparou; ele a agarrou pelo pescoço e a lançou de costas atrás da estufa, onde ela caiu sobre uma pequena pilha de lenha e permaneceu deitada, quieta e imóvel. Ele pôs o chapéu, mas Falander teve de ajudá-lo com o casaco, pois tremia violentamente. — Venha, vamos embora — disse, cuspidando na pedra da lareira. Falander hesitou por um instante, tomou o pulso de Agnes e depois seguiu Rehnjelm, alcançando-o no vestibulo inferior. — Eu o admiro! — disse. — O assunto estava realmente acima de qualquer discussão. — Então que assim permaneça para sempre! Não temos muito tempo para desfrutar da companhia um do outro. Vou para casa no próximo trem, para trabalhar e esquecer! Vamos agora aos porões. Foram aos porões e tomaram um quarto reservado, onde lhes serviram café da manhã. — Meu cabelo ficou grisalho? — perguntou Rehnjelm, passando a mão pelos cabelos úmidos, que se colavam ao crânio. — Não, velho amigo, isso não acontece com frequência; nem eu fiquei grisalho. — Ela está ferida? — Não! — Foi neste quarto... foi aqui que a encontrei pela primeira vez. Levantou-se da mesa, cambaleou até o sofá e caiu de joelhos ao lado dele. Enterrando a cabeça nas almofadas, rompeu em lágrimas como uma criança chorando no colo da mãe. Falander tomou-lhe a cabeça com as duas mãos, e Rehnjelm sentiu algo quente e escaldante cair sobre sua nuca. — Onde está agora a sua filosofia, velho amigo? Ponha-a para fora! Estou me afogando! Dê-me uma palha a que eu possa me agarrar! — Pobre rapaz! Pobre velho rapaz! — Preciso vê-la! Preciso pedir-lhe perdão! Eu a amo apesar disso! Apesar disso! Você tem certeza de que ela não está ferida? Oh, meu Deus, como se pode ser tão infeliz e ainda assim não morrer! * * * * * Às três horas da tarde, Rehnjelm partiu para Estocolmo. Falander bateu a porta do vagão atrás dele e girou a maçaneta.

Capítulo XXII

Tempos Difíceis

Também para Sellén o outono trouxera grandes mudanças. Seu poderoso patrono morrera, e toda lembrança dele devia ser apagada; nem mesmo a memória de seus bons atos deveria sobreviver. Que a bolsa de Sellén fosse suspensa era coisa natural, tanto mais que o artista não conseguia obrigar-se a requerer sua continuação. Ele não acreditava precisar de novo auxílio depois de ter recebido uma vez a mão que o erguera; além disso, havia tantos membros mais jovens de sua profissão em necessidade ainda maior. Mas fizeram-no compreender que não apenas o sol se apagara: os planetas menores também sofriam eclipse total. Durante o verão, trabalhara com afinco e fizera grande progresso em sua arte; entretanto, o presidente declarou que ela havia deteriorado e que seu sucesso na primavera não passara de um golpe de sorte; o professor de pintura de paisagem lhe dissera, como amigo, que ele jamais seria um grande artista; e o acadêmico aproveitara a oportunidade para se reabilitar, agarrando-se à sua primeira opinião. Além disso, o gosto do público em matéria de quadros mudara; o punhado de ignorantes ricos que tinha o hábito de comprar pinturas e por isso ditava a moda não queria paisagens, mas retratos das estações de águas e dos lugares de veraneio que conhecia; e mesmo esses eram difíceis de vender. A única procura era por cenas de gênero sentimentais e figuras seminuas. Assim, Sellén caíra em tempos ruins, pois não conseguia pintar contra seu melhor juízo. Alugava agora um antigo estúdio fotográfico no alto de uma casa da Rua do Governo. O alojamento consistia no próprio estúdio, com o assoalho podre e o telhado com goteiras — este último defeito não se fazia sentir no momento, pois era inverno e o telhado estava coberto de neve — e no antigo quarto escuro, que cheirava a colódio e, por essa razão, só podia ser usado como depósito de lenha ou carvão quando as circunstâncias permitiam a compra de combustível. O único móvel era um banco de jardim de madeira, cravejado de pregos salientes. Era tão curto que um homem que o usasse como cama — e ele era sempre usado como cama quando o dono, ou melhor, o tomador emprestado, passava a noite em casa — precisava ou puxar os joelhos até o queixo, ou deixar as pernas penduradas para fora. A roupa de cama consistia em metade de um cobertor — a outra metade estava no penhorista — e uma pasta de couro, abarrotada até arrebentar de estudos e esboços. No quarto escuro havia uma torneira e uma bacia com cano de

escoamento — o único substituto de uma mesa de toalete. Numa tarde fria, pouco antes do Natal, Sellén estava diante do cavalete, pintando pela terceira vez um quadro novo sobre uma tela velha. Acabara de se levantar de seu leito duro; nenhuma criada entrara para acender o fogo — em parte porque ele não tinha criada, em parte porque não tinha com que fazer fogo —; nenhuma criada escovara suas roupas nem trouxera seu café. E, no entanto, estava diante do cavalete assobiando alegremente, empenhado em pintar um pôr do sol brilhante, quando soaram quatro batidas à porta. Sellén abriu sem hesitar e deixou entrar Olle Montanus, vestido de modo muito simples e muito leve, sem sobretudo. — Bom-dia, Olle! Como vai? Dormiu bem? — Obrigado. — Como vai a caixa? — Ah! Mal! — E as notas? — Há tão poucas em circulação. — Entendo! Não vão emitir mais? E os valores? — Não há nenhum. — Você acha que vai ser um inverno duro? — Vi muitos tagarelas esta manhã; isso significa inverno duro. — Fez um passeio matinal? — Andei a noite inteira, depois de deixar O Quarto Vermelho à meia-noite. — Você esteve no Quarto Vermelho ontem à noite? — Sim; e fiz dois novos conhecidos: o doutor Borg e um homem chamado Levin. — Ah! Esses patifes! Eu os conheço! Por que não passou a noite com eles? — Torceram o nariz para mim porque eu não tinha sobretudo, e fiquei com vergonha. Mas estou acabado; vou descansar alguns instantes no seu sofá! Percorri a cidade inteira e metade em volta dela; preciso tentar conseguir trabalho hoje num pedreiro, ou morro de fome. — É verdade que você é membro da União Operária “Estrela do Norte”? — É verdade; vou dar uma conferência lá no domingo que vem, sobre a Suécia. — Bom assunto! Muito a dizer! — Se eu adormecer no seu sofá, não me acorde; estou morto. — Está bem, velho! Durma! Alguns instantes depois, Olle dormia profundamente e roncava alto. A cabeça pendia sobre uma das traves laterais que sustentavam seu pescoço grosso, e as pernas sobre a outra. — Pobre diabo! — murmurou Sellén, cobrindo-o com o cobertor. Houve outra batida; como lhe era desconhecida, Sellén achou prudente não lhe dar atenção. Com isso, o alvoroço se tornou tão furioso que dissipou seus receios, e ele abriu a porta ao doutor Borg e a Levin. Borg foi o primeiro a falar. — Falk está aqui? — Não! — Quem é aquele saco de lenha ali? — continuou Borg, apontando para Olle com sua bota de neve. — Olle Montanus. — Ah! Aquele sujeito extraordinário que estava com Falk ontem à noite! Está dormindo? — Está. — Passou a noite aqui? — Sim. — Por que você não tem fogo? Está um frio dos diabos. — Porque não tenho lenha. — Mandê buscar, então! Onde está a criada? Vou fazê-la correr. — Foi à missa da manhã. — Acorde aquele boi dorminhoco ali e mande-o! — Não, deixe-o dormir — objetou Sellén, cobrindo Olle, que

continuava roncando alto. — Então preciso lhe mostrar outro método. O que há debaixo do assoalho? Terra ou entulho? — Não entendo dessas coisas — respondeu Sellén, pisando cautelosamente em algumas folhas de papelão que estavam no chão. — Você tem outro pedaço de papelão? — O que está tramando? — perguntou Sellén, ficando vermelho até a raiz dos cabelos. — Preciso dele, e de uma pinça de lareira. Sellén entregou-lhe os objetos pedidos, pegou seu banquinho de desenho e sentou-se sobre os pedaços de papelão como quem guarda um tesouro. Borg tirou o casaco e, com a ajuda da pinça, soltou uma tábua do assoalho, apodrecida pela chuva e pelos ácidos. — Maldito seja! O que está fazendo? — exclamou Sellén. — Eu fazia isso nos meus tempos de estudante em Uppsala — disse Borg. — Mas não se pode fazer esse tipo de coisa em Estocolmo! — Ora, diabo, estou com frio! Preciso de fogo. — Mas não há necessidade de arrebentar o assoalho no meio do quarto! Aparece demais! — Que me importa isso? Não moro aqui. Mas isto está duro demais. Nesse meio-tempo aproximara-se de Sellén, e de repente empurrou-o com banquinho e tudo. Ao cair, o artista arrastou consigo os pedaços de papelão, deixando exposto o enchimento nu do assoalho. — Miserável! Ter uma madeireira perfeita e não dizer uma palavra! — Foi a chuva que fez isso! — Não me importa quem fez! Vamos acender fogo! Arrancou alguns pedaços de madeira com as mãos fortes, e logo um fogo ardia na lareira. Levin observara a cena quieto, neutro e polido. Borg sentou-se diante do fogo e pôs a pinça para ficar rubra. De novo bateram à porta: três pancadas curtas e uma mais longa. — É Falk — disse Sellén, abrindo a porta. Falk entrou, parecendo um pouco febril. — Quer dinheiro? — disse Borg ao recém-chegado, pousando a mão no bolso do peito. — Que pergunta é essa? — disse Falk, olhando para ele com dúvida. — Quanto você quer? Posso lhe arranjar. — Está falando sério? — perguntou Falk, e seu rosto se iluminou. — Sério? Hum! Quanto? O número! A quantia! — Eu poderia me arranjar com, digamos, sessenta coroas. — Santo Deus, como você é modesto — observou Borg, voltando-se para Levin. — Sim, é muito pouco — disse este. — Pegue o máximo que puder, Falk, enquanto a bolsa está aberta. — Prefiro não fazer isso! Sessenta coroas é tudo de que preciso, e não posso me permitir contrair um empréstimo maior. Mas como ele será pago? — Doze coroas a cada seis meses, vinte e quatro coroas por ano, em duas parcelas — disse Levin, pronto e firme. — São condições fáceis — respondeu Falk. — Onde se consegue dinheiro nesses termos? — No Banco dos Carpinteiros de Rodas. Dê-me papel e pena, Levin! Rápido como um raio, Levin produziu uma nota promissória, uma pena e um tinteiro de bolso. A nota já fora preenchida pelos outros. Quando Falk viu a cifra de oitocentas, hesitou

por um instante. — Oitocentas coroas? — perguntou. — Você pode receber mais, se não estiver satisfeito. — Não, não quero; dá no mesmo quem fique com o dinheiro, contanto que seja pago direitinho. Mas vocês conseguem levantar dinheiro com uma letra dessas, sem garantia? — Sem garantia? Você está esquecendo que nós a garantimos — respondeu Levin, com familiaridade desdenhosa. — Não quero depreciá-la — observou Falk. — Sou grato por suas garantias, mas não acredito que a letra seja aceita. — Ah, não será? Já foi aceita — disse Borg, tirando uma letra aceita, como a chamou. — Vamos, Falk, assine! Falk assinou o nome. Borg e Levin o observavam, espiando por cima de seus ombros como policiais. — Assessor — ditou Borg. — Não, sou jornalista — objetou Falk. — Isso não serve; você está registrado como assessor e como tal ainda figura no Anuário. — Você verificou isso? — É preciso ser correto nas questões de forma — disse Borg gravemente. Falk assinou. — Venha cá, Sellén, e testemunhe — ordenou Borg. — Não sei se devo — respondeu Sellén. — Lá em casa, no campo, vi tanta desgraça nascida de assinaturas assim... — Você não está no campo agora e não está lidando com camponeses. Não há razão para que não testemunhe que a assinatura de Falk é genuína. Sellén assinou, sacudindo a cabeça. — E agora desperte aquele boi de carga ali e faça com que ele também testemunhe a assinatura. Como todos os sacolejos foram inúteis, Borg pegou a pinça, agora rubra, e a colocou debaixo das narinas do dorminhoco. — Acorde, cão, e terá o que comer! Olle saltou e esfregou os olhos. — Você deve testemunhar a assinatura de Falk. Entendeu? Olle pegou a pena e escreveu o nome em obediência ao ditado dos dois avalistas. Quando acabou, voltou-se para o banco a fim de deitar-se novamente, mas Borg o impediu. — Espere um minuto — disse. — Falk precisa primeiro assinar uma contragarantia. — Não faça isso, Falk — disse Olle. — Vai acabar mal; haverá encrenca. — Silêncio, cão! — berrou Borg. — Venha cá, Falk! Acabamos de garantir sua letra, como sabe; tudo que queremos agora é uma contragarantia em lugar da de Struve, contra quem foi movida uma ação. — O que você quer dizer com contragarantia? — É só uma questão de forma; o empréstimo era de oitocentas coroas no Banco dos Pintores; a primeira prestação foi paga, mas agora que Struve foi acionado, precisamos encontrar um substituto. É um empréstimo velho e seguro, sem risco; o dinheiro venceu há um ano. Falk assinou, e os outros dois testemunharam. Borg dobrou cuidadosamente as letras e entregou-as a Levin, que se virou imediatamente para sair. — Dou-lhe uma hora — disse Borg. — Se não estiver de volta com o dinheiro até lá, ponho a polícia no seu rastro. E, satisfeito com o trabalho da manhã, esticou-se no banco onde Olle estivera deitado. Este cambaleou até o fogo,

deitou-se no chão e se encolheu como um cão. Por algum tempo ninguém falou. — Diga, Olle — disse Sellén por fim, rompendo o silêncio —, suponhamos que assinássemos uma letra dessas... — Vocês seriam mandados para Rindö — disse Borg. — O que é Rindö? — perguntou Sellén. — Uma prisão de condenados no Arquipélago; mas, se os senhores preferirem o lago Mälär, há lá uma prisão chamada Långholmen. — Mas falando sério — disse Falk —, o que acontece quando alguém não consegue pagar no dia em que o dinheiro vence? — Toma-se um novo empréstimo no Banco dos Alfaiates, por exemplo — respondeu Borg. — Por que você não vai ao Banco Imperial? — perguntou Falk. — Porque está podre! — respondeu Borg. — Você consegue entender alguma coisa disso tudo? — disse Sellén a Olle. — Nem uma palavra — respondeu este. — Entenderá quando vocês forem membros da Academia e seus nomes aparecerem no Anuário.

Capítulo XXIII

Audiências

Nicholas Falk estava sentado em seu escritório; era a manhã da véspera de Natal. Estava um pouco mudado: o tempo raleara-lhe os cabelos claros, e as paixões tinham cavado pequenos canais em seu rosto, por onde corriam os ácidos que aquele solo ressequido destilava. Inclina-se sobre um livrinho do feitio e tamanho do Catecismo, e sua pena atarefada parecia picotar desenhos. Houve uma batida à porta; imediatamente o livro desapareceu sob a tampa da escrivaninha e foi substituído pelo jornal da manhã. Falk estava absorvido na leitura quando sua mulher entrou. — Sente-se — disse ele, polidamente. — Não, obrigada; estou com pressa. Você leu o jornal da manhã? — Não! — Mas está lendo neste exato momento! — Acabei de pegá-lo. — Viu a crítica dos poemas de Arvid? — Vi. — E então? Foram muito elogiados. — Ele mesmo escreveu a crítica. — Você disse a mesma coisa ontem à noite quando estava lendo o Barrete Cinzento. — O que veio fazer aqui? — Acabo de encontrar a mulher do almirante; ela aceitou nosso convite e disse que ficaria encantada em conhecer o jovem poeta. — Disse mesmo? — Disse, sim. — Hum! Naturalmente é possível a gente se enganar, embora eu não admita que tenha me enganado. Suponho que esteja querendo dinheiro outra vez? — Outra vez? Faz quanto tempo que você não me dá nenhum? — Tome, então! Mas agora vá, e não me incomode de novo antes do Natal; você sabe que foi um ano ruim. — Pois eu não sei disso, absolutamente! Todos dizem que foi um ano esplêndido. — Para a agricultura, sim, mas não para as sociedades de seguros. Agora vá! A senhora Falk saiu, cedendo passagem a Fritz Levin, que entrou cautelosamente, como se temesse uma armadilha. — O que veio fazer? — perguntou Falk. — Ah, eu só queria lhe desejar bom-dia de passagem. — Boa ideia! Eu mesmo queria vê-lo. — Quería mesmo? — Você conhece o jovem Levi? — Claro que conheço! — Leia este jornal em voz alta, por favor! Levin leu, em voz alta: — “Magnífico legado: com uma generosidade hoje não raro encontrada entre a classe mercantil, o negociante atacadista senhor Charles Nicholas Falk, a fim de comemorar o aniversário de um matrimônio feliz, legou à creche ‘Belém’ a soma de vinte mil coroas, metade a ser paga imediatamente e a outra metade após a morte do generoso doador. O legado é tanto mais significativo quanto a senhora Falk é uma das fundadoras da instituição filantrópica.” — Serve? — perguntou Falk. — Esplendidamente! O

Ano-Novo lhe trará a Ordem de Vasa! — Quero que você leve a escritura de doação e o dinheiro ao Comitê Administrativo da creche, isto é, à minha mulher, e depois vá procurar o jovem Levi. Entendeu? — Perfeitamente. Falk deu-lhe a escritura de doação, escrita em pergaminho, e o montante. — Conte o dinheiro para ver se está certo. Levin abriu um maço de papéis e arregalou os olhos diante de cinquenta folhas cobertas de desenhos litográficos em todas as cores possíveis. — Isto é dinheiro? — perguntou. — São títulos — respondeu Falk. — Cinquenta ações de duzentas coroas cada uma no “Triton”, que lego à creche Belém. — Haha! Então acabou-se o “Triton”, e os ratos estão deixando o navio que afunda! — Não disse isso — respondeu Falk, rindo maliciosamente. — Mas, se for esse o caso, a creche irá à falência. — Isso não me diz respeito, e diz respeito ainda menos a você. Mas há outra coisa que quero que faça. Você deve... sabe o que quero dizer quando digo deve... — Sei, sei: oficiais de justiça, notas promissórias... Continue! — Você deve induzir Arvid a vir jantar aqui no feriado... — Será tão fácil quanto arrancar três fios da barba do gigante. Agora admite que fui sábio quando me recusei a lhe dar seu recado da primavera passada? Não previ isso o tempo todo? — Previu? Bem, não importa; cale a boca e faça o que lhe mando! Quanto a isso, basta! Há outra coisa. Notei sintomas de remorso em minha mulher. Ela deve ter encontrado a mãe, ou uma das irmãs. O Natal é uma época sentimental. Vá à casa de minha sogra e atíçe um pouco a discórdia! — Comissão muito desagradável! — Vá! Próximo... Levin saiu. O visitante seguinte foi o mestre-escola Nyström, admitido por uma porta secreta ao fundo. À sua entrada, o jornal da manhã foi largado e o livro comprido e estreito reapareceu. Nyström estava em frangalhos. Seu corpo reduzira-se a um terço do tamanho anterior, e suas roupas estavam extremamente surradas. Permaneceu humildemente de pé junto à porta, tirou do bolso uma caderneta muito usada e esperou. — Pronto? — perguntou Falk, mantendo o lugar no livro com o indicador. — Pronto — respondeu Nyström, abrindo a caderneta. — Número 26. Tenente Kling, 1.500 coroas. Pago? — Não pago. — Prorrogar, com juros extras e comissão. Visitar em endereço particular. — Nunca recebe em casa. — Ameaçá-lo por carta, no quartel. — Número 27. Juiz Dahlberg, 800 coroas. Vejamos. Filho do negociante atacadista Dahlberg, avaliado em 35.000. Conceder prazo por enquanto, mas fazer com que pague os juros. — Nunca paga os juros. — Mandar cartão-postal para a repartição. — Número 28. Capitão Stjernborst, 4.000. Esse sujeito não vale nada! Pago? — Não pago. — Bom. Instruções: visitá-lo ao meio-dia na sala da guarda. Vista-se — você, quero dizer — de modo comprometedor. Aquele seu sobretudo vermelho com costuras

amarelas, você sabe. — Inútil! Já fui à sala da guarda no auge do inverno sem sobretudo nenhum. — Então vá aos avalistas! — Já fui, e mandaram-me para o inferno. Disseram que garantia era só questão de forma. — Então vá procurá-lo numa quarta-feira à uma da tarde, nos escritórios do “Triton”; leve Andersson com você, assim serão dois. — Já foi feito. — Foi? Como reagiram os diretores? — perguntou Falk, levantando-se. — Ficaram constrangidos. — Mesmo? Muito constrangidos? — Muito constrangidos. — E ele próprio? — Levou-nos para o corredor e prometeu pagar se nunca mais o procurássemos ali. — Ora essa! Ele passa duas horas por semana lá e recebe seis mil coroas porque seu nome é Stjernborst. Vejamos! Hoje é sábado. Esteja no “Triton” pontualmente às doze e meia; se me vir lá, e espero que verá, nem um piscar de olhos. Entendeu? Certo! Algum negócio novo? — Trinta e cinco novos pedidos. — Sim, sim, amanhã é véspera de Natal. Falk remexeu um maço de promissórias; de vez em quando sorria ou murmurava uma palavra. — Santo Deus! Ele chegou a isso? E este aqui... e aquele outro, tido como homem tão seguro! Sim, sim, tempos difíceis nos aguardam a todos. Ah! Ele também quer dinheiro? Então comprarei a casa dele... Outra batida à porta. A escrivaninha foi fechada; papéis e catecismo desapareceram como por encanto, e Nyström sumiu pela porta secreta. — Às doze e meia — sussurrou Falk, enquanto ele saía. — Mais uma coisa! Terminou o poema? — Sim — respondeu uma voz abafada. — Ótimo! Mantenha pronta a promissória de Levin, para que possa ser apresentada à sua matriz a qualquer momento. Um dia ainda arrebitarei com ele. O patife é traiçoeiro. Arrumou a gravata, puxou os punhos da camisa e abriu a porta que dava para uma pequena sala de espera. — Ah! Bom-dia, senhor Lundell! Muito satisfeito em vê-lo! Entre, por favor! Como vai? Eu havia trancado a porta por alguns instantes. Era mesmo Lundell; Lundell vestido no auge da moda, como um balconista; usava corrente de relógio, anéis, luvas e galochas. — Espero não estar vindo em momento inconveniente. — De modo algum! Acha, senhor Lundell, que conseguirá terminá-lo até amanhã? — Precisa estar terminado amanhã? — Absolutamente! Amanhã será um dia memorável para a creche; a senhora Falk apresentará publicamente meu retrato à instituição, para ser pendurado no refeitório. — Então não devemos permitir que obstáculo algum se interponha — respondeu Lundell, tirando de um armário um cavalete e uma tela quase pronta. — Se o senhor puder posar para mim por alguns instantes, darei os últimos retoques ao quadro. — Com todo prazer do mundo. Falk sentou-se numa cadeira, cruzou as pernas, lançou-se numa atitude de estadista e tentou parecer aristocrático. — O senhor não quer conversar? Embora seu rosto seja extremamente interessante em repouso, quanto mais

traços característicos eu conseguir fazer surgir, melhor. Falk sorriu afetadamente; um clarão de prazer e satisfação iluminou suas feições grosseiras. — Espero que possa jantar conosco no feriado, senhor Lundell. — Obrigado... — Poderá estudar os rostos de muitos homens distintos, então, homens cujas feições merecem ser fixadas em tela muito mais do que as minhas. — Talvez eu tenha a honra de pintá-los? — Terá, se eu o recomendar. — Ah, o senhor realmente acha? — Certamente. — Acabo de captar uma nova expressão em seu rosto. Tente conservá-la por alguns instantes. Aí! Excelente! Receio que terei de trabalhar neste retrato o dia inteiro. Há tantos detalhes que só se descobrem aos poucos. Seu rosto é rico em traços interessantes. — Nesse caso, é melhor jantarmos juntos! Precisamos nos ver bastante, senhor Lundell, para que tenha oportunidade de estudar meu rosto para uma segunda edição, que é sempre bom ter. Realmente, devo dizer que são poucas as pessoas por quem me senti tão fortemente atraído desde o primeiro instante quanto por você, senhor Lundell. — Ah, meu caro senhor! — E deixe-me dizer que meus olhos são penetrantes e bem capazes de distinguir a verdade da lisonja. — Percebi isso desde o primeiro momento — respondeu Lundell, sem escrúpulos. — Minha profissão me deu compreensão do caráter humano. — O senhor é de fato um observador muito agudo. Nem todos me compreendem. Minha mulher, por exemplo... — Ah! Não se pode esperar que as mulheres... — Não, não era bem isso que eu queria dizer. Mas posso oferecer-lhe um cálice de bom vinho do Porto velho? — Obrigado, senhor; por princípio, nunca bebo quando estou trabalhando... — Muito certo! Respeito esse princípio — sempre respeito princípios — tanto mais porque compartilho dele. — Mas, quando não estou trabalhando, aprecio um cálice. — Exatamente como eu. Bateram doze e meia. Falk levantou-se. — Desculpe-me, preciso deixá-lo por pouco tempo, a negócios. Voltarei quase imediatamente. — Certamente: negócios antes de tudo. Falk pôs o chapéu e o casaco e saiu. Lundell ficou sozinho. Acendeu um charuto e estudou o retrato. Observador algum, por mais perspicaz que fosse, poderia adivinhar seus pensamentos; ele adquirira conhecimento suficiente da arte de viver para ocultar suas opiniões mesmo quando estava só; mais ainda: tinha medo de chegar a um entendimento claro consigo mesmo.

Capítulo XXIV

Sobre A Suécia

Haviam chegado à sobremesa. O champanhe cintilava nos copos, que refletiam os raios de luz do lustre na sala de jantar de Nicholas Falk. Arvid era saudado por todos os lados com apertos de mão amistosos, cumprimentos e felicitações, advertências e conselhos; todos queriam estar presentes e partilhar de seu triunfo, pois ele obtivera um sucesso decidido. — Assessor Falk! Estou encantado! — disse o presidente da Junta de Pagamento dos Salários dos Funcionários, acenando-lhe com a cabeça do outro lado da mesa. — Aprecio plenamente o seu talento. Arvid guardou tranquilamente no bolso o elogio insultuoso. — Por que seus poemas são tão melancólicos? — perguntou uma jovem bela à direita do poeta. — Quase se poderia pensar que o senhor sofre de um amor infeliz. — Assessor Falk, permita-me beber à sua saúde — disse o redator-chefe do Barrete Cinzento, à esquerda, alisando a longa barba loira. — Por que não escreve para o meu jornal? — Não creio que publicassem meus artigos — respondeu Arvid. — Não vejo por que não. — Nossas opiniões divergem muito... — Ah! Isso não é nem de longe tão grave quanto pensa. Fazem-se concessões. Nós não temos opiniões. — À sua saúde, Falk! — gritou Lundell, excitado, do outro lado da mesa. — À sua saúde! Levi e Borg tiveram de segurá-lo; do contrário ele se teria levantado e feito um discurso. Era a primeira vez que Lundell era convidado para um jantar dessa espécie, e a assembleia brilhante, a comida e a bebida luxuosas o embriagavam; mas, como todos os convidados estavam mais ou menos alegres, felizmente ele não atraiu atenção desagradável. O coração de Arvid Falk bateu mais depressa ao ver todas aquelas pessoas que o haviam readmitido em seu círculo sem pedir explicações nem desculpas. Dava-lhe uma sensação de segurança sentar-se naquelas velhas cadeiras que tinham feito parte do lar de sua infância. Com melancolia, reconheceu o alto centro de mesa que, nos tempos antigos, só via a luz do dia uma vez por ano. Mas o número de pessoas novas o distraía; seus rostos amistosos não o enganavam: certamente não lhe desejavam mal, mas a amizade delas dependia de uma combinação de circunstâncias. Além disso, ele via toda a reunião à luz de um baile de máscaras. Que interesse comum poderia formar um vínculo entre seu irmão inculto e o professor Borg, o homem de grande reputação científica? Eram acionistas da mesma companhia! O que fazia ali o orgulhoso capitão Gyllenborst? Viera por causa do jantar? Impossível, ainda

que um homem vá longe por um bom jantar. E o presidente? O almirante? Devia haver laços invisíveis, laços fortes, talvez inquebráveis. A alegria aumentava, mas o riso era estridente demais; os lábios transbordavam de espírito, mas o espírito mordida. Falk sentia-se mal. Parecia-lhe que os olhos de seu pai olhavam com raiva para aquela assembleia da tela pintada que pendia sobre o piano. Nicholas Falk resplandecia de satisfação; não via nem ouvia nada desagradável, mas evitava tanto quanto possível cruzar o olhar do irmão. Eles ainda não haviam conversado, pois Arvid, em obediência às instruções de Levin, só chegara depois que todos os convidados já estavam reunidos. O jantar se aproximava do fim. Nicholas fez um discurso sobre “o vigor e a firme resolução” necessários para que um homem realizasse seu propósito: a conquista da independência financeira e de uma boa posição social. — Essas duas qualidades — disse o orador — elevam o amor-próprio de um homem e o dotam daquela firmeza sem a qual seus esforços são inúteis, pelo menos no que diz respeito ao bem comum. E o bem geral, senhores, deve ser sempre nosso mais alto empenho; não tenho dúvida de que — se a verdade fosse conhecida — ele é a ambição de todos aqui presentes. Bebo à saúde de todos aqueles que hoje honraram minha casa e espero que eu possa muitas vezes — no futuro — desfrutar do mesmo privilégio. O capitão Gyllenborst, que estava ligeiramente embriagado, respondeu num discurso longo e jocoso que, pronunciado em outra casa, diante de pessoas em outro estado de espírito, teria sido chamado de escandaloso. Atacou o espírito comercial que se espalhava e declarou que tinha amor-próprio de sobra, embora não fosse de modo algum financeiramente independente; naquela mesma manhã fora obrigado a resolver um assunto de natureza muito desagradável — mas, apesar disso, possuía força de caráter suficiente para estar presente ao banquete; e, quanto à sua posição social, ela não ficava atrás de nenhuma — tinha certeza de que essa era a opinião de todos, pois, caso contrário, não estaria sentado àquela mesa, como hóspede de anfitrião tão encantador. Quando ele concluiu, a companhia respirou aliviada. — Foi como se uma nuvem de tempestade passasse por cima de nossas cabeças — observou a jovem bela, e Arvid Falk concordou de todo o coração. Havia tanto embuste, tanta fraude na atmosfera, que Arvid ansiava por se retirar. Aquelas pessoas, que pareciam tão honestas e respeitáveis, davam a impressão de estar presas por uma corrente invisível contra a qual se debatiam de vez em quando com fúria reprimida. O capitão Gyllenborst tratava seu anfitrião com desprezo aberto, embora jocoso. Fumava charuto na sala de visitas, comportava-se em geral como um grosseirão e não dava atenção alguma às senhoras. Cuspia na

lareira, criticava sem piedade os oleógrafos nas paredes e exprimia em voz alta seu desprezo pelos móveis de mogno. Os outros cavalheiros eram indiferentes; deram a Falk a impressão de que estavam de serviço. Irritado e perturbado, ele deixou a festa sem ser notado. Na rua, embaixo, Olle o esperava. — Eu realmente não achei que você viria — disse Olle. — Está tão lindamente iluminado lá em cima. — Que razão! Gostaria que você estivesse lá! — Como Lundell está se saindo na sociedade elegante? — Não o inveje. Ele não terá vida fácil se pretende abrir caminho como retratista. Mas falemos de outra coisa. Anseio por esta noite, para estudar o operário de perto. Será como uma lufada de ar fresco depois desses vapores mortíferos; sinto como se me permitissem passear no bosque depois de longo tempo internado num hospital. Pergunto-me se ficarei desiludido. — O operário é desconfiado; você terá de ter cuidado. — Ele é generoso? Livre de mesquinha? Ou a pressão que o esmagou por tanto tempo o estragou? — Poderá ver por si mesmo. A maioria das coisas neste mundo difere de nossas expectativas. — É verdade, infelizmente. Meia hora depois, tinham chegado ao grande salão da União Operária “Estrela do Norte”. O lugar já estava lotado. A casaca preta de Arvid não produziu boa impressão; ele captou muitos olhares hostis de olhos irritados. Olle apresentou Arvid a um homem alto e esquelético, de rosto cheio de paixão, que parecia sofrer de tosse incessante. — Marceneiro Eriksson! — Sou eu — disse este. — E este é um daqueles senhores que querem se lançar candidato? Não parece grande o bastante para isso. — Não, não — disse Olle. — Ele veio por causa do jornal. — Que jornal? Há tantos tipos diferentes. Talvez tenha vindo zombar de nós? — Não, não, nada disso — disse Olle. — É um amigo, e fará tudo que puder por vocês. — Entendo! Isso muda as coisas. Mas não confio nesses senhores; um deles morou conosco, isto é, morávamos na mesma casa, nas Montanhas Brancas; era agente do senhorio — Struve era o nome do patife. Houve uma pancada de martelo. A presidência foi assumida por um homem idoso, Löfgren, carpinteiro de rodas, vereador e portador da medalha Litteris et artibus. Exercera muitos cargos e adquirira grande rotina dramática. Caracterizava-o certa venerabilidade, capaz de conter tempestades e silenciar reuniões ruidosas. Seu rosto largo, ornamentado por suíças e um par de óculos, era emoldurado por uma peruca de juiz. O secretário sentado a seu lado era um dos supranumerários da grande Junta dos Funcionários; usava pincenê e exprimia, com um sorriso camponês, sua insatisfação com tudo que era dito. O banco da frente estava ocupado pelos membros mais aristocráticos da União: oficiais, funcionários públicos, negociantes atacadistas; apoiavam todas as resoluções leais e, com sua habilidade parlamentar superior, votavam contra toda tentativa de

reforma. O secretário leu a ata, que o banco da frente aprovou. Em seguida foi lido o primeiro item da ordem do dia: — “A Comissão Preparatória sugere que a União Operária ‘Estrela do Norte’ exprima a insatisfação que todo cidadão de bom senso deve sentir em relação aos movimentos ilegais que, sob o nome de greves, se espalham por quase toda a Europa.” — É essa a vontade da União? — Sim, sim! — gritou o banco da frente. — Senhor presidente! — clamou o marceneiro das Montanhas Brancas. — Quem está fazendo tanto barulho lá atrás? — perguntou o presidente, olhando por cima dos óculos com um rosto que sugeria que em breve recorreria à bengala. — Ninguém está fazendo barulho; estou pedindo permissão para falar. — Quem é “estou”? — Mestre-marceneiro Eriksson. — O senhor é mestre? Desde quando? — Sou oficial já fora do meu tempo; nunca tive meios para obter a carta de mestre da cidade, mas sou tão hábil quanto qualquer outro mestre e trabalho por minha conta. — Peça ao oficial-marceneiro Eriksson que se sente e pare de interferir. É vontade da União responder afirmativamente à questão? — Senhor presidente! — O que há? — Peça permissão para falar! Deixe-me falar! — berrou Eriksson. Houve um murmúrio nos bancos do fundo: — É a vez de Eriksson falar. — Oficial Eriksson... o senhor escreve seu nome com x ou com z? — perguntou o presidente, instigado pelo secretário. O banco da frente sacudiu-se de riso. — Eu não soletrarei, senhores; eu discutirei — disse o marceneiro, com os olhos em brasa. — Eu discutirei, digo. Se eu tivesse o dom de fazer discursos, mostraria aos senhores que os grevistas têm razão; pois, se mestres e patrões engordam porque nada têm a fazer senão bajular e curvar-se nas recepções da corte e cerimônias semelhantes, o operário deve pagar a conta com seu suor. Sabemos por que vocês não querem nos pagar salários justos: é porque assim obteríamos o voto parlamentar, e é disso que vocês têm medo... — Senhor presidente! — Capitão von Sporn! — Senhor presidente, senhores! É muito de lamentar que, numa reunião desta União, que goza de reputação por sua conduta digna — demonstrada pela última vez no casamento real —, se permita que pessoas sem o menor vestígio de tato parlamentar comprometam uma sociedade respeitável por um desprezo sem vergonha e temerário de toda compostura. Acreditem, senhores: coisa semelhante jamais poderia ter acontecido num país onde, desde a primeira juventude, a disciplina militar... — Consciência — disse Eriksson a Olle. — ...tivesse sido a regra; onde o hábito de controlar a si mesmo e aos outros tivesse sido adquirido! Creio expressar o sentimento geral da reunião quando digo que espero que uma cena tão penosa nunca mais ocorra entre nós. Digo nós — pois eu também sou um operário —, todos o somos aos olhos do Eterno — e digo isso como membro desta União. Dia

de luto seria aquele em que eu me visse obrigado a retirar as palavras que pronunciei recentemente em outra reunião — foi na reunião da Liga Nacional dos Promotores da Consciência —, as palavras: “Tenho alta opinião do operário sueco.” — Muito bem! Muito bem! — A reunião aceita a sugestão da Comissão Preparatória? — Sim! Sim! — Segundo item: por instigação de vários membros da União, a Comissão Preparatória submete à reunião a proposta de coletar uma soma que não exceda três mil coroas como homenagem ao duque de Dalsland por ocasião de sua próxima confirmação. O presente deve ser expressão da gratidão do operário à Família Real e, mais especialmente, de sua desaprovação daqueles distúrbios operários que, sob o nome de “Comuna”, devastaram a capital francesa. — Senhor presidente! — Doutor Habermeld! — Não, sou eu, Eriksson; peço permissão para dizer algumas palavras. — Ah! Bem! Eriksson tem permissão para falar. — Quero apenas assinalar que não foram os operários, mas funcionários, advogados, oficiais — conscritos — e jornalistas os culpados pela Comuna de Paris. Se eu tivesse o dom de fazer discursos, pediria àqueles senhores que exprimissem suas ideias num álbum de confissões. — A reunião concorda com a proposta? — Sim, sim! E os escriturários começaram a escrever, conferir e tagarelar, exatamente como faziam nas reuniões parlamentares. — As coisas são sempre conduzidas assim? — perguntou Falk. — Não acha divertido, senhor? — disse Eriksson. — É de fazer os cabelos ficarem brancos. Chamo isso de corrupção e traição. Nada além de mesquinhez e egoísmo. Não há entre eles um só homem que tenha realmente a causa no coração. E por isso as coisas que precisam acontecer acontecerão. — Que coisas? — Veremos! — disse o marceneiro, tomando a mão de Olle. — Está pronto? Agente firme, vão criticá-lo duramente. Olle assentiu, malicioso. — O pedreiro oficial Olle Montanus anunciou uma conferência sobre a Suécia; o assunto é vasto. Mas, se ele prometer não exceder meia hora, ouviremos o que tem a dizer. Que dizem, senhores? — Ouçamos! Ouçamos! — Por favor, senhor Montanus. Olle sacudiu-se como um cão prestes a saltar e abriu caminho por entre a assembleia, que o examinava com olhos curiosos. O presidente iniciou uma breve conversa com o banco da frente, e o secretário bocejou antes de pegar um jornal, para mostrar à reunião que ele, ao menos, não iria escutar. Olle subiu à tribuna, baixou as pálpebras pesadas e moveu as mandíbulas, fingindo falar; quando a sala ficou realmente silenciosa, tão silenciosa que todos podiam ouvir o que o presidente dizia ao capitão, começou: — Sobre a Suécia. Alguns pontos de vista. E, após uma pausa: — Senhores! Talvez não passe de uma suposição infundada afirmar que a ideia mais produtiva e o esforço mais vigoroso de nosso tempo consistem na

supressão do patriotismo míope, que divide as nações e as lança umas contra as outras como inimigas; vimos os meios empregados para alcançar esse objetivo, a saber, as exposições internacionais e seus resultados: diplomas honorários. A plateia pareceu intrigada. — Onde ele quer chegar? — disse Eriksson. — É um pouco inesperado, mas soa bem. — Hoje, como no passado, a Suécia marcha à frente da civilização; ela espalhou, mais do que qualquer outra nação, o ideal cosmopolita, e, se podemos confiar nas estatísticas, alcançou muito. Circunstâncias excepcionalmente favoráveis contribuíram para esse resultado. Examiná-las-ei brevemente, e então passarei a assuntos mais leves, como a forma de governo, o imposto sobre a terra e assim por diante. — Vai ser um tanto longo — disse Eriksson, cutucando Arvid —, mas é um sujeito divertido. — A Suécia, como todos sabem, foi originalmente uma colônia alemã, e a língua sueca, que se conservou bastante pura até nossos dias, não é nem mais nem menos do que o baixo-alemão e seus doze dialetos. Essa circunstância — refiro-me à dificuldade de comunicação entre as províncias — foi um fator poderoso para impedir o desenvolvimento daquele sentimento nacional doentio. Outros fatos felizes se opuseram a uma influência alemã unilateral que atingira o auge quando a Suécia se tornou uma província alemã sob Alberto de Mecklemburgo. O principal desses fatos é a conquista das províncias dinamarquesas: Escânia, Halland, Blekinge, Bohuslän e Dalsland; as províncias mais ricas da Suécia são habitadas por dinamarqueses que ainda falam a língua de seu país e se recusam a reconhecer o domínio sueco. — Que diabos ele pretende? Está louco? — Os habitantes da Escânia, por exemplo, até hoje consideram Copenhague sua capital e constituem a oposição no Parlamento. O mesmo se aplica à Göteborg dinamarquesa, que não reconhece Estocolmo como capital do reino. Formou-se ali uma colônia inglesa, e a influência inglesa é predominante. Essas pessoas, os ingleses, pescam nas águas próximas à costa e, durante o inverno, quase todo o comércio atacadista está em suas mãos; retornam ao próprio país no verão e desfrutam os lucros do inverno em suas villas nas Highlands escocesas. Gente excelente, no entanto! Têm até seu próprio jornal, no qual louvam seus próprios atos, sem, é preciso admitir, censurar os dos outros. A imigração é outro fator da máxima importância. Temos os finlandeses nas florestas finlandesas, mas também os temos na capital, onde se refugiaram quando a situação política os expulsou de seu próprio país. Em todas as nossas obras de ferro mais importantes, encontra-se um bom número de valões; vieram no século XVII e até hoje falam seu francês quebrado. Todos sabem que devemos a nova constituição sueca a um valão. Gente capaz, esses valões, e

muito honesta! — Que diabos isso tudo significa? — No reinado do rei Gustavo Adolfo, uma carga inteira de escória escocesa desembarcou em nossa costa e tomou serviço no exército; por fim, abriu caminho à força até a Casa dos Nobres. Na costa leste há muitas famílias que conservam tradições de sua imigração da Livônia e de outras províncias eslavas, e por isso não surpreende que encontremos com frequência, entre nós, puros tipos tártaros. Sustento que a nação sueca está se desnacionalizando rapidamente. Abram um livro de heráldica e contem os nomes suecos! Se passarem de vinte e cinco por cento, os senhores podem cortar meu nariz! Abram o Anuário ao acaso! Conte a letra G e, de quatrocentos nomes, duzentos eram estrangeiros. Qual é a causa disso? Há muitas causas, mas as principais são as dinastias estrangeiras e as guerras de conquista. Quando se pensa em toda a escória que em uma época ou outra se sentou no trono sueco, não se pode deixar de maravilhar-se com a lealdade da nação ao rei. A lei constitucional segundo a qual os reis da Suécia devem ser estrangeiros está fadada a prestar enorme auxílio ao trabalho de desnacionalização; isso se provou um fato. Estou convencido de que o país lucrará com sua aliança com nações estrangeiras; não pode perder nada — porque nada tem a perder. O país não tem nacionalidade; Tegnér descobriu isso em 1811 e lamentou o fato com curta visão. Mas sua descoberta chegou tarde demais, pois a raça já fora arruinada pelo constante recrutamento para as tolas guerras de conquista. Do milhão de homens que habitava o país nos dias de Gustavo Adolfo, setenta mil alistaram-se e foram mortos nas guerras. Não sei quantos ficaram por conta de Carlos X, Carlos XI e Carlos XII; mas é fácil imaginar a descendência daqueles que ficaram para trás, os homens que a Coroa rejeitara como ineptos para o serviço. Repito minha afirmação de que a Suécia não tem nacionalidade. Alguém pode me dizer o que há de sueco na Suécia, exceto seus abetos, pinheiros e minas de ferro? E estas últimas logo desaparecerão do mercado. O que é nosso folclore senão más traduções de baladas francesas, inglesas e alemãs? O que são os trajes nacionais, cujo desaparecimento tanto lamentamos, senão fragmentos e farrapos dos trajes aristocráticos medievais? Nos dias de Gustavo I, os homens de Dalarna exigiam que fossem punidos todos os que usassem roupas decotadas ou multicoloridas. Provavelmente o alegre traje cortesão da Borgonha ainda não se infiltrara até as mulheres de Dalarna. Mas desde então a moda mudou muitas vezes. Digam-me um poema sueco, uma obra de arte, uma peça musical tão especificamente sueca que difira de todas as outras não suecas! Mostrem-me um edifício sueco! Não existe um, e se existisse seria ou má arquitetura ou construído em estilo estrangeiro. Não creio exagerar quando

sustento que a nação sueca é estúpida, vaidosa, servil, invejosa e grosseira. E por essa razão aproxima-se do fim, e aproxima-se dele a passos de gigante. Um tumulto ergueu-se no salão, mas gritos de Carlos XII podiam ser ouvidos acima da confusão. — Senhores, Carlos XII está morto; deixem-no dormir até seu próximo jubileu. A ninguém somos mais devedores por nossa desnacionalização do que a ele, e por isso, senhores, peço três vivas a Carlos XII! Senhores, viva Carlos XII! — Chamo a reunião à ordem! — gritou o presidente. — É possível imaginar que uma nação seja culpada de tolice maior do que ir a nações estrangeiras aprender a escrever poesia? Que bois insuperáveis deviam ser, andando durante mil e seiscentos anos atrás do arado sem jamais conceber a ideia de inventar uma canção! Então apareceu um camarada jovial da corte de Carlos XII e destruiu toda a obra de desnacionalização. A língua literária, que até então fora o alemão, deveria doravante ser o sueco: abaixo o cão Stjernhjelm! Como era o nome dele? Edvard Stjernström! O martelo do presidente caiu sobre a mesa com estrondo. A perturbação cresceu. — Detenham-no! Abaixo o traidor! Ele está rindo de nós! — A nação sueca sabe gritar e berrar, disso estou ciente! Não sabe fazer mais nada! E, como os senhores não me permitirão continuar minha conferência e discutir o governo e os arrendamentos reais, concluirei dizendo que os brutamontes servis que ouvi esta noite estão maduros para a autocracia que certamente terão. Acreditem em minhas palavras: terão uma monarquia absoluta dentro de pouco tempo! Um empurrão vindo de trás arrancou as palavras da garganta do orador. Ele se agarrou à mesa. — E uma raça ingrata que não quer ouvir a verdade... — Ponham-no para fora! Rasguem-no em pedaços! Olle foi arrastado da tribuna; mas até o último momento, enquanto socos e golpes choviam sobre ele, gritava como um louco: — Viva Carlos XII! Abaixo Georg Stjernhjelm! Por fim, Olle e Arvid estavam na rua. — O que você tinha na cabeça? — perguntou Falk. — Deve ter perdido o juízo! — Creio que perdi! Eu havia decorado meu discurso durante as últimas seis semanas; sabia palavra por palavra o que ia dizer; mas quando subi à tribuna e vi todos aqueles olhos fitando-me, tudo se despedaçou; meus argumentos artificiais ruíram como um andaime; o chão cedeu debaixo de meus pés, e meus pensamentos viraram confusão. Foi muito maluco? — Sim, foi ruim, e os jornais vão despedaçá-lo. — É uma pena, admito. Eu achava que estava tornando tudo tão claro. Mas foi divertido lhes dar uma bela dose, uma vez que fosse. — Você apenas prejudicou sua causa; nunca mais o deixarão falar. Olle suspirou. — Por que diabos não conseguiu deixar Carlos XII em paz? Esse foi seu pior erro. — Não me pergunte! Não sei! — Você ainda ama o operário? — perguntou Falk. —

Tenho pena dele por permitir que aventureiros o enganem, e nunca abandonarei sua causa, pois sua causa é a questão candente do futuro próximo, e toda a sua política não vale um vintém em comparação. Os dois amigos voltavam para a velha Estocolmo e por fim entraram num café. Era entre nove e dez horas, e a sala estava quase vazia. Um único freguês estava sentado perto do balcão. Lia de um livro para uma moça que, ao seu lado, fazia costura. Era uma cena bonita e doméstica, mas pareceu causar forte impressão em Falk, que se sobressaltou violentamente e mudou de cor. — Sellén! Você aqui? Boa noite, Beda! — disse, com cordialidade artificial que lhe caía estranhamente, apertando a mão da moça. — Olá! Falk, velho amigo! — disse Sellén. — Então você também tem o hábito de vir aqui? Eu devia ter adivinhado; quase nunca está no Quarto Vermelho agora. Arvid e Beda trocaram olhares. A jovem parecia distinta demais para sua posição; tinha um rosto delicado e inteligente, que traía uma tristeza secreta, e uma figura esguia. Seus movimentos eram cheios de autoconfiança e modéstia; seus olhos se implantavam no rosto com uma leve inclinação para cima; pareciam perscrutar o céu como se esperassem que algum mal caísse das nuvens; fora isso, pareciam prontos para jogar todos os jogos que o capricho do momento ditasse. — Como você está grave — disse ela a Arvid, e seu olhar desceu para a costura. — Estive numa reunião grave — disse Arvid, corando como uma moça. — O que vocês estavam lendo? — Eu estava lendo a Dedicatória do Fausto — disse Sellén, estendendo a mão e brincando com a costura de Beda. Uma nuvem escureceu o rosto de Arvid. A conversa tornou-se forçada e contida. Olle sentou-se mergulhado em meditações, cujo assunto devia ser o suicídio. Arvid pediu um jornal, e deram-lhe O Incorrupível. Lembrou-se de que esquecera de procurar a crítica de seus poemas. Abriu rapidamente o jornal e, na página três, encontrou o que buscava. Seus olhos não encontraram nem elogios nem ataques; o artigo era ditado por interesse genuíno e profundo. O crítico achava a poesia de Arvid nem melhor nem pior do que a média, mas igualmente egoísta e sem sentido; dizia que ela tratava apenas dos assuntos privados do poeta, de relações ilícitas, reais ou fictícias; que flertava com pequenos pecados, mas não lamentava os grandes; que não era melhor que a poesia de revista de moda inglesa, e sugeria que o retrato do autor deveria preceder a folha de rosto; assim os poemas ficariam ilustrados. Essas verdades simples causaram forte impressão em Arvid; ele só lera o anúncio no Barrete Cinzento, escrito por Struve, e a crítica no Barrete Vermelho, colorida pela amizade pessoal. Levantou-se com um breve boa-noite. — Já vai? — perguntou Beda. — Sim; vamos nos ver amanhã? — Sim, como de costume. Boa noite. Sellén e Olle o seguiram. — Ela é uma

criança rara — disse Sellén, depois que avançaram um pouco em silêncio. — Eu lhe agradeceria que fosse um pouco mais contido em sua crítica. — Entendo. Você está apaixonado por ela! — Sim. Espero que não se importe. — Nem um pouco. Não vou me pôr em seu caminho! — E peço que não acredite em mal algum sobre ela... — Claro que não! Ela esteve no palco... — Como sabe? Ela nunca me disse isso! — Não, mas disse a mim; nunca se deve confiar demais nesses diabretes. — Pois bem! Não há mal nisso! Eu a tirei de seu meio assim que puder. Nossas relações se limitam a nos encontrarmos no Parque Haga às oito da manhã e bebermos a água da fonte. — Que doce e simples! Vocês nunca saem para cear? — Nunca pensei em fazer uma sugestão tão imprópria; ela a recusaria com desprezo. Você está rindo! Ria, se quiser! Ainda tenho fé numa mulher que ama, seja qual for a classe a que pertença e qualquer que tenha sido seu passado. Ela me disse que sua vida não esteve acima de censura, mas prometi nunca lhe perguntar sobre o passado. — Então é sério? — Sim, é sério. — Aí é outra coisa. Boa noite, Falk! Você vem comigo, Olle? — Boa noite. — Pobre Falk! — disse Sellén a Olle. — Agora é a vez dele de passar pelo moinho. Mas não há remédio; é como trocar os dentes; um homem não está crescendo enquanto não tiver tido sua experiência. — E a moça? — perguntou Olle, apenas para mostrar interesse educado, pois seus pensamentos estavam em outro lugar. — Ela está bem, à sua maneira, mas Falk leva o assunto a sério; ela também, aparentemente, enquanto enxergar alguma perspectiva de conquistá-lo; mas, se Falk não for rápido, ela se cansará de esperar, e quem sabe se não se divertirá nesse meio-tempo com outro? Não, você não entende dessas coisas; um homem não deve hesitar num caso amoroso, mas agarrar com as duas mãos; do contrário, outro entra e estraga o jogo. Você já esteve apaixonado, Olle? — Tive um caso com uma de nossas criadas em casa; houve consequências, e meu pai me pôs para fora. Desde então, não olhei para mulher alguma. — Isso não foi nada muito complicado. Mas ser traído, como se diz, é isso que dói, posso lhe garantir! É preciso ter nervos como cordas de violino para jogar esse jogo. Veremos que tipo de luta Falk travará; em alguns homens a coisa vai muito fundo, e isso é pena. — A porta está aberta, entre, Olle! Espero que as camas estejam bem-feitas, para que você se deite macio; mas deve desculpar minha velha arrumadeira, ela não consegue afogar os colchões de pena; seus dedos são fracos, entende, e o travesseiro, temo, talvez esteja duro e cheio de caroços. Tinham subido as escadas e entravam no estúdio. — Está cheirando a umidade, como se a criada tivesse arejado o quarto ou esfregado o chão. — Você está rindo de si mesmo! Não pode haver mais esfregação, você já não tem chão. — Não

tenho? Ah! Isso muda as coisas! Mas o que aconteceu com ele? Foi usado como combustível? Então nada nos resta senão deitar sobre nossa mãe terra, ou entulho, ou seja lá o que for. Deitaram-se vestidos sobre o enchimento do assoalho, depois de fazerem uma espécie de cama com pedaços de lona e jornais velhos, e empurraram caixas cheias de esboços para debaixo da cabeça. Olle riscou um fósforo, tirou uma vela de sebo do bolso da calça e a pôs no chão ao lado. Um clarão débil tremeluziu pelo enorme estúdio nu, resistindo com paixão aos volumes de escuridão que tentavam entrar pelas janelas colossais. — Está frio esta noite — disse Olle, abrindo um livro ensebado. — Frio! Ora, não! Há só vinte graus abaixo de zero lá fora e trinta aqui dentro, porque estamos tão no alto. Que horas serão? — Creio que São João acabou de dar uma hora. — São João? Eles não têm relógio! São tão pobres que tiveram de empenhá-lo. Houve uma longa pausa, que por fim foi quebrada por Sellén. — O que está lendo, Olle? — Não importa! — Não importa? Não seria melhor ser um pouco mais civilizado, visto que você é meu hóspede? — Um velho livro de cozinha que peguei emprestado de Ygberg. — Diabo! Então vamos lê-lo; hoje só tomei uma xícara de café e três copos d'água. — O que você quer? — perguntou Olle, virando as páginas. — Quer peixe? Sabe o que é maionese? — Maionese? Não! Leia! Parece bom! — Pois escute! Número 139. Maionese: tome um pouco de manteiga, farinha e uma pitada de mostarda inglesa, e faça uma pasta lisa. Bata com bom caldo e, quando ferver, acrescente as gemas de alguns ovos; bata bem e deixe esfriar. — Não, obrigado; isso não enche o bastante... — Ah, mas isso não é tudo. Depois, tome algumas colheradas de bom azeite de salada, vinagre, uma colherada de creme, um pouco de pimenta branca... Ah, sim, agora vejo, não serve. Quer algo mais substancioso? — Tente achar sapo-no-buraco. É meu prato favorito. — Não consigo continuar lendo. — Continue! — Não, deixe-me em paz! Ficaram em silêncio. A vela apagou-se, e tudo ficou escuro. — Boa noite, Olle; agasalhe-se bem, ou vai passar frio. — Com quê? — Não sei. Não estamos nos divertindo à beça? — Pergunto-me por que a gente não se mata quando sente tanto frio. — Porque seria errado. Acho bastante interessante viver, nem que seja só para ver no que tudo isso vai dar no fim. — Seus pais estão vivos, Sellén? — Não; sou ilegítimo. E os seus? — Sim; mas dá no mesmo. — Você deveria ser mais grato à Providência, Olle; devemos sempre ser gratos à Providência — não sei muito bem por quê. Mas suponho que devemos. De novo houve silêncio. Da vez seguinte, foi Olle quem o quebrou. — Está dormindo? — Não; estou pensando na estátua de Gustavo Adolfo; você acreditaria se eu... — Não está com frio? — Frio? Está bem quente aqui. — Meu pé direito está congelado. — Puxe a caixa de tintas

sobre você e enfie os pincéis dos lados, então ficará mais aquecido. — Acha que existe alguém no mundo em situação tão ruim quanto a nossa? — Situação ruim? Você chama isto de situação ruim quando temos um teto sobre a cabeça? Alguns professores da Academia, homens que agora usam chapéus de três pontas e espadas, estiveram muito piores do que nós. O professor Lundström dormiu durante quase todo o mês de abril no teatro do Jardim do Lúpulo. Havia estilo nisso! Ele tinha todo o camarote esquerdo, e afirma que depois da uma hora não havia uma única poltrona vazia; no inverno a casa estava sempre cheia, e no verão, vazia. Boa noite, vou dormir agora. Sellén roncou. Mas Olle levantou-se e pôs-se a andar pelo quarto, para lá e para cá, até a aurora romper no leste; então o dia teve pena dele e lhe deu a paz que a noite lhe negara.

Capítulo XXV

A Última Peça

Passou o inverno; devagar para os sofreadores, mais depressa para os menos infelizes. Chegou a primavera, com suas esperanças frustradas de sol e verdura, e por sua vez abriu espaço ao verão, que não passou de uma breve introdução ao outono. Numa manhã de maio, Arvid Falk, agora integrante do quadro permanente da Bandeira Operária, passeava pelo cais, observando os navios que carregavam e descarregavam. Parecia menos bem tratado que em outros tempos; os cabelos negros estavam mais compridos do que a moda permitia, e ele usava uma barba à Henrique IV, que dava ao rosto magro uma expressão quase selvagem. Um fogo sinistro ardia-lhe nos olhos, desses que denunciam o fanático ou o bêbado. Parecia esforçar-se para escolher entre as embarcações, mas não conseguia decidir. Depois de hesitar durante bom tempo, abordou um dos marinheiros, que empurrava um carrinho cheio de mercadorias para um brigue. Tirou o chapéu com cortesia. — Poderia me dizer qual é o destino deste navio? — perguntou timidamente, imaginando falar com voz firme. — Navio? Não estou vendo navio nenhum. Os circunstantes riram. — Mas, se quer saber para onde vai este brigue, vá ler aquele aviso ali! Falk ficou desconcertado, mas obrigou-se a dizer, irritado: — Não pode dar uma resposta civilizada a uma pergunta civilizada? — Vá para o inferno e não fique aí praguejando contra os outros! Atenção! A conversa se interrompeu, e Falk tomou uma decisão. Voltou pelo caminho por onde viera, subiu por uma viela, atravessou Köpmantorget e virou na Kindstugatan. Deteve-se diante da porta de uma casa de aspecto imundo. Hesitou outra vez; nunca conseguia vencer seu pecado dominante, a indecisão. Um menininho esfarrapado e vesgo vinha correndo, com as mãos cheias de provas em tiras compridas; quando ia passar por Falk, este o deteve. — O redator está lá em cima? — perguntou. — Está; chegou às sete — respondeu o menino, sem fôlego. — Perguntou por mim? — Mais de uma vez. — Está de mau humor? — Está sempre. O menino subiu a escada como uma flecha. Falk, seguindo-lhe os passos, entrou na redação. Era um buraco, com duas janelas dando para uma rua escura; diante de cada janela havia uma mesa simples de pinho, coberta de papéis, penas, jornais, tesouras e um frasco de goma. Uma das mesas era ocupada por seu velho amigo Ygberg, vestido com uma casaca preta e esfarrapada, às voltas com a leitura de provas. À outra mesa, a de Falk, estava sentado um homem em mangas de

camisa, com a cabeça coberta por um gorro de seda preta do tipo que agradava aos comunardos. O rosto era coberto por uma barba ruiva, e a figura atarracada, de contornos pesados, traía o homem do povo. Quando Falk entrou, as pernas do comunardo chutaram violentamente a mesa; ele arregaçou as mangas, deixando à mostra tatuagens azuis que representavam uma âncora e um R anglo-saxão, agarrou uma tesoura, cravou-a selvagemmente na primeira página de um jornal matutino, recortou um parágrafo e disse, rudemente, de costas para Falk: — Onde você esteve? — Estive doente — respondeu Falk, num tom desafiador, como pensou; humilde, como Ygberg lhe diria mais tarde. — Mentira! Você esteve bebendo! Eu o vi no Naples ontem à noite... — Creio que posso ir aonde quiser. — Pode fazer o que quiser; mas tem de estar aqui na hora exata, conforme nosso acordo. São oito e quinze. Sei muito bem que os senhores que frequentaram universidade, onde imaginam aprender muita coisa, não têm noção nenhuma de método nem de maneiras. Você não acha falta de educação chegar atrasado ao trabalho? Não está se comportando como um grosseirão quando obriga seu empregador a fazer o seu serviço? Hein? É o mundo de pernas para o ar! O empregado trata o patrão — ou o empregador, se preferir — como se fosse um cachorro, e o capital é o oprimido. — Quando chegou a essas conclusões? — Quando? Agora mesmo, senhor! Agora mesmo! E espero que sejam conclusões dignas de consideração, apesar disso. Mas descobri outra coisa: você é um ignorante; não sabe ortografia! Olhe isto! O que está escrito aqui? Leia! “Esperamos que todos os que terão de passar pelo exercício no ano que vem...” É possível? “Que... no ano que vem...” — Bem, está perfeitamente certo — disse Falk. — Certo? Como se atreve a dizer que está certo? O uso é dizer “que, no ano que vem,” e, portanto, também se deve escrever dessa forma. — Isso também está certo; as determinações temporais podem reger tanto o acusativo como... — Nada desse palavrorio de letrado! Não venha me dizer bobagens! Além disso, você escreve ex-ercício só com x, embora devesse escrever ex-ercício. Não arranje desculpas: é ex-ercício ou ex-ercício? — Naturalmente as pessoas dizem... — As pessoas dizem; portanto ex-ercício está certo. A pronúncia corrente é que deve ser correta. Ou talvez, feitas as contas, eu seja um tolo? Talvez eu não saiba escrever direito? Mas chega, agora! Ao trabalho; e, da próxima vez, preste um pouco mais de atenção ao relógio. Ele saltou da cadeira com um berro e deu um tabefe no menino da tipografia. — Está dormindo em plena luz do dia, seu moleque? Eu lhe ensino a ficar acordado. Você ainda não está velho demais para apanhar. Agarrou a vítima pelos suspensórios, atirou-a sobre um monte de jornais invendidos e bateu nela

com o cinto. — Eu não estava dormindo! Eu não estava dormindo! Só estava fechando os olhos um pouquinho — uivou o menino. — Como? Atreve-se a negar? Aprendeu a mentir, mas eu lhe ensino a falar a verdade! Estava dormindo ou não estava? Diga a verdade, ou vai se arrepender. — Eu não estava dormindo — choramingou o menino, ainda jovem e inexperiente demais para sair da dificuldade por meio de uma mentira. — Ah, então pretende sustentar a mentira, diabinho empedernido! Mentiroso insolente! Ia continuar a surra quando Falk se levantou, aproximou-se do redator e disse com firmeza: — Não encoste nele! Eu vi que ele não estava dormindo. — Por Deus! Ouçam isto! Quem diabos é você? “Não encoste nele!” Quem disse essas palavras? Devo ter ouvido um mosquito zumbindo. Ou talvez meus ouvidos me enganassem. Assim espero! Espero mesmo! Senhor Ygberg! O senhor é pessoa decente. Não passou pela universidade. Por acaso viu se este menino, que estou segurando pelos suspensórios como um peixe, estava dormindo ou não? — Se não estava dormindo — respondeu Ygberg, fleumático e prestativo —, estava quase pegando no sono. — Boa resposta! O senhor se importaria de segurá-lo, senhor Ygberg, enquanto lhe dou uma lição de verdade com a bengala? — O senhor não tem o direito de bater nele — disse Falk. — Se se atrever a tocá-lo, abro a janela e chamo a polícia. — Sou o dono da minha casa e sempre bato nos meus aprendizes. Ele é aprendiz, e mais tarde será empregado na redação. É isso que vai acontecer, embora haja pessoas que imaginem que só se pode editar um jornal direito quando se passou pela universidade. Fale, Gustav: você está aprendendo o ofício de jornal? Responda, mas diga a verdade, senão... Antes que o menino tivesse tempo de responder, a porta se abriu e uma cabeça espiou para dentro — uma cabeça muito notável, e certamente não daquelas que se esperariam em semelhante lugar; mas era uma cabeça conhecida, já pintada cinco vezes. Ao vê-la, o redator afivelou o cinto às pressas, vestiu o paletó, curvou-se e sorriu. O visitante perguntou se o redator estava livre. Recebeu resposta satisfatória, e o último vestígio do homem do povo desapareceu quando um movimento rápido varreu da cabeça do redator o gorro de comunardo. Os dois entraram numa sala interna e a porta se fechou atrás deles. — Que será que o conde quer? — perguntou Ygberg, com ar de colegial quando o mestre deixa a sala. — Eu não me pergunto nada — disse Falk. — Acho que sei que espécie de canalha ele é, e que espécie de canalha é o redator. Mas me surpreende ver que você passou de simples cabeça-dura a patife infame, e que se presta a esses atos vergonhosos. — Não perca a calma, meu caro! Você não esteve na Câmara ontem à noite? — Não! Na minha opinião, o Parlamento é uma farsa, salvo quando se trata de interesses

privados. E o Triton? — A questão foi posta em votação, e resolveu-se que o Governo, em vista da grandeza, do patriotismo que caracterizava a empresa, assumiria as debêntures enquanto a sociedade entrava em liquidação, isto é, liquidava os negócios correntes. — Quer dizer que o Governo vai escorar a casa enquanto os alicerces ruem, para dar aos diretores tempo de se pôr a salvo. — Você preferiria que todos aqueles pequenos... — Sei o que vai dizer: todos aqueles pequenos capitalistas. Sim, eu preferiria vê-los trabalhando com seu pequeno capital a vê-los sem fazer nada e emprestando-o a juros; mas, acima de tudo, gostaria de ver aqueles trapaceiros na cadeia. Isso ajudaria a pôr fim a essas fraudes. Mas eles chamam isso de economia política! É vil! Há outra coisa que quero dizer: você cobiça meu posto. Pois ele é seu! Odeio a ideia de vê-lo sentado no seu canto com o coração cheio de amargura porque precisa varrer o chão depois de mim na leitura de provas. Já há artigos meus demais, não publicados, sobre a mesa deste desprezível apóstolo da liberdade para que eu me sinta tentado a continuar contando lorotas. O Barrete Vermelho era conservador demais para o meu gosto, mas A Bandeira Operária é suja demais. — Fico feliz em vê-lo abandonar suas quimeras e ouvir o bom senso. Vá para o Barrete Cinzento; lá você terá uma oportunidade. — Perdi a ilusão de que a causa dos oprimidos esteja em boas mãos, e acho que seria uma esplêndida missão esclarecer o povo sobre o valor da opinião pública — especialmente da opinião pública impressa — e sobre sua origem; mas nunca abandonarei a causa. A porta da sala interna se abriu outra vez, e o redator saiu. Parou no meio da redação e disse, numa voz de conciliação artificial, quase polida: — Quero que cuide da redação por um dia, senhor Falk. Preciso me ausentar a negócios importantes. O senhor Ygberg o ajudará no expediente cotidiano. Sua Senhoria usará minha sala por alguns minutos. Espero, senhores, que providenciem para que nada lhe falte. — Ah, por favor, não se incomodem — veio a voz do conde, lá de dentro, onde ele estava inclinado sobre um manuscrito. O redator saiu e, coisa estranha, dois minutos depois o conde também saiu; esperara apenas o suficiente para não ser visto na companhia do redator da Bandeira Operária. — Tem certeza de que ele foi embora? — perguntou Ygberg. — Espero que sim — disse Falk. — Então vou descer até Munkbron e ver as senhoras fazendo compras. A propósito, você viu Beda depois disso? — Depois de quê? — Depois que ela deixou o Naples e foi morar num quarto sozinha. — Como sabe que ela fez isso? — Controle-se, Falk. Você nunca vai subir na vida se não fizer isso. — Sim, você tem razão. Preciso encarar as coisas com mais calma, senão vou perder o juízo! Mas aquela moça, que amei tanto! Como ela me tratou vergonhosamente! Dar àquele brutamontes tudo o que

me negou! E ainda ter a cara de me dizer que isso provava a pureza do amor dela por mim! — Dialética excelente! E ela também está certa, pois sua primeira proposição é correta. Ela ama você, não ama? — Está correndo atrás de mim, pelo menos. — E você? — Eu a odeio com toda a minha alma, mas tenho medo de encontrá-la. — O que prova que você ainda está apaixonado por ela. — Vamos mudar de assunto! — Você realmente precisa se controlar, Falk! Tome-me como exemplo! Mas agora vou me bronzear um pouco; deve-se aproveitar a vida tanto quanto possível neste mundo lúgubre. Gustav, você pode ir jogar botões por uma hora, se quiser. Falk ficou sozinho. O sol lançava seus raios sobre o telhado íngreme do outro lado e aquecia o quarto; ele abriu a janela e pôs a cabeça para fora em busca de ar fresco, mas só respirou os odores acres da sarjeta. Seu olhar percorreu a rua à direita e, muito ao longe, viu uma parte de um vapor, algumas ondas do lago Mälaren cintilando ao sol, e uma depressão nas rochas do outro lado, que aqui e ali começavam a mostrar um pouco de verde. Pensou nas pessoas que aquele vapor levaria para o campo, que se banhariam naquelas ondas e regalariam os olhos com o verde novo. Mas nesse instante o latoeiro de baixo começou a martelar uma chapa de ferro, de tal modo que a casa e as vidraças tremeram; dois ou três trabalhadores passaram com uma carroça ruidosa e fedorenta, e do botequim em frente veio uma baforada de aguardente, cerveja, serragem e ramos de pinheiro. Ele fechou a janela e sentou-se à mesa. Diante dele estava uma pilha de uns cem jornais de província, dos quais devia fazer recortes. Tirou os punhos e começou a examiná-los. Cheiravam a óleo e fuligem e lhe enegreceram as mãos — essa era sua principal característica. Nada que ele considerasse digno de reprodução tinha utilidade, pois era preciso levar em conta o programa do jornal. Uma notícia informando que os operários de certa fábrica haviam dado ao contramestre uma tabaqueira de prata precisava ser recortada; mas a nota sobre um fabricante que dera quinhentas coroas ao fundo de seus trabalhadores devia ser ignorada. Um parágrafo relatando que o duque de Halland inaugurara um bate-estacas, e que o diretor Holzheim celebrara o acontecimento em versos, tinha de ser recortado e reproduzido na íntegra “porque o povo gostava de ler esse tipo de coisa”; se ele pudesse acrescentar um pouco de sarcasmo mordaz, tanto melhor, pois então “com certeza ouviriam falar no assunto”. Em linhas gerais, a regra era recortar tudo o que se dissesse a favor dos jornalistas e dos trabalhadores, e tudo o que depreciasse clérigos, oficiais, comerciantes atacadistas — não varejistas —, profissionais liberais e escritores famosos. Além disso, ao menos uma vez por semana, era seu dever atacar a administração do Teatro Real e criticar

severamente, em nome da moralidade e da decência pública, as comédias musicais frívolas encenadas no Pequeno Teatro — ele notara que os trabalhadores não frequentavam esses teatros. Uma vez por mês, os vereadores deviam ser acusados de extravagância. Sempre que surgisse oportunidade, a forma de governo, não o Governo em si, devia ser atacada. O redator censurava com severidade todos os ataques a certos membros do Parlamento e a ministros. Quais? Esse era um mistério desconhecido até do redator; dependia de uma combinação de circunstâncias com a qual apenas o proprietário secreto do jornal podia lidar. Falk trabalhou com a tesoura até ficar com uma das mãos preta. Recorria com frequência ao frasco de goma, mas a goma cheirava azedo e o calor na sala era sufocante. O pobre aloé, capaz de suportar a sede como um camelo e de receber pacientemente incontáveis estocadas de uma pena de aço irritada, acentuava a terrível semelhança com um deserto. Fora espetado até se cobrir de feridas negras; suas folhas brotavam da terra ressequida como um feixe de orelhas de burro. Falk provavelmente tinha uma vaga consciência disso enquanto estava sentado, mergulhado em pensamentos, pois, antes de perceber o que fazia, havia decepado todos os lóbulos daquelas orelhas. Quando notou o que fizera, pintou as feridas com goma e ficou olhando enquanto secavam ao sol. Perguntou-se vagamente, por alguns momentos, como conseguiria jantar, pois se desviara para aquela senda que leva à destruição, as chamadas “circunstâncias difíceis”. Por fim, acendeu um cachimbo e observou a fumaça apaziguadora subir e banhar-se, por alguns segundos, na luz do sol. Aquilo o fez sentir-se mais tolerante com a pobre Suécia, tal como ela se exprimia nesses relatórios diários, semanais e mensais chamados Imprensa. Pôs a tesoura de lado e atirou os jornais para um canto; dividiu o conteúdo da bilha de barro com o aloé. O objeto miserável parecia uma criatura a quem tivessem cortado as asas; um espírito de cabeça para baixo num brejo, cavando em busca de alguma coisa — pérolas, por exemplo, ou, ao menos, conchas vazias. Então o desespero, como um curtidor, agarrou-o de novo com um longo gancho e o empurrou para dentro da cuba, onde seria preparado para a faca que lhe arrancaria a pele e o tornaria igual a todos os outros. E ele não sentiu remorso, nem pesar por uma vida desperdiçada, mas apenas o desespero de ter de morrer ainda jovem, morrer a morte espiritual, antes de ter tido a oportunidade de ser útil no mundo; o desespero de ser lançado ao fogo como um caniço inútil. O relógio da igreja Alemã bateu onze horas, e os carrilhões começaram a tocar “Ó terra abençoada” e “Minha vida, uma onda”; como se tomado pela mesma ideia, um realejo italiano, com acompanhamento de flauta, começou a tocar “O Danúbio Azul”. Tanta música

deu nova vida ao funileiro de baixo, que passou a martelar a chapa de ferro com energia redobrada. O estrépito e o alvoroço impediram Falk de perceber a porta se abrindo e a entrada de dois homens. Um deles tinha a figura alta e magra, nariz aquilino e cabelos compridos; o outro era baixo, louro e atarracado; o rosto suado lembrava muito o quadrúpede que os hebreus consideram mais impuro que todos. A aparência exterior de ambos denunciava uma ocupação que não exigia muita força mental nem grande força física; havia nela uma qualidade vaga, indicativa de hábitos e trabalhos irregulares. — Psiu! — sussurrou o homem alto. — Está sozinho? Falk ficou em parte satisfeito, em parte aborrecido ao ver os visitantes. — Completamente sozinho; o Vermelho saiu da cidade. — Saiu? Então venha jantar conosco. Falk não se opôs; trancou a redação e acompanhou os visitantes até o boteco mais próximo, onde os três se sentaram no canto mais escuro. — Tome, beba aguardente — disse o homem atarracado, cujos olhos vidrados faiscavam ao ver a garrafa. Mas Falk, que só se juntara aos amigos porque ansiava por simpatia e consolo, não deu atenção aos prazeres oferecidos. — Faz muito tempo que não me sinto tão miserável — disse. — Coma pão com manteiga e um arenque — disse o homem alto. — Vamos pedir queijo com alcaravia. Ei! Garçon! — Não podem me aconselhar? — recomeçou Falk. — Não suporto mais o Vermelho, e preciso... — Ei! Garçon! Traga pão preto! Beba, Falk, e não fale bobagem. Falk perdeu o prumo; não fez segunda tentativa de encontrar solidariedade para suas dificuldades mentais, mas tentou outra via, nada incomum. — Então o conselho de vocês é a garrafa de aguardente? — disse. — Muito bem; de todo o coração, então! O álcool correu por suas veias como veneno, pois não estava acostumado a tomar bebidas fortes pela manhã; o cheiro da comida, o zumbido das moscas, o odor das flores murchas que estavam ao lado do centro de mesa sujo, tudo lhe produziu uma estranha sensação de bem-estar. E seus companheiros ordinários, com a roupa branca descuidada, os paletós engordurados e os rostos sujos de aves de cadeia, harmonizavam tão bem com sua própria posição degradada que ele sentiu uma alegria selvagem subir-lhe ao coração. — Estivemos no Djurgården ontem à noite e, por Deus, como bebemos! — disse o homem gordo, saboreando outra vez, pela memória, os prazeres passados. Falk não respondeu; além disso, seus pensamentos corriam por outro trilho. — Não é delicioso ter a manhã livre? — disse o homem alto, que parecia desempenhar o papel de tentador. — É, sim! — respondeu Falk, tentando medir sua liberdade, por assim dizer, com um olhar pela janela; mas tudo o que viu foi uma escada de incêndio e uma lata de lixo num pátio que nunca recebia mais que um pálido reflexo do céu de verão. — Meio litro! É

isso! Ah! Bem, e o que vocês dizem do Triton? Ha-ha-ha! — Não ria — disse Falk. — Muito pobre-diabo vai sofrer com isso. — Que pobres-diabos? Pobres capitalistas? Você sente pena dos que não trabalham e vivem dos rendimentos do dinheiro? Não, meu rapaz, você ainda está cheio de preconceitos! Havia uma história engraçada na Vespa sobre um comerciante atacadista que legou vinte mil coroas à creche Belém e recebeu a Ordem de Vasa por sua munificência; agora se descobriu que o legado era em ações do Triton, com responsabilidade solidária, e portanto a creche, é claro, está falida. Não é uma maravilha? O ativo era de vinte e cinco berços e um óleo de mestre desconhecido. É engraçadíssimo! O retrato foi avaliado em cinco coroas! Ha-ha-ha! O tema da conversa irritou Falk, pois ele sabia mais sobre o assunto que os outros dois. — Você viu que o Barrete Vermelho desmascarou aquele farsante Schoenström, que publicou aquele volume de versos miseráveis no Natal? — disse o gordo. — Foi um prazer raro conhecer a verdade sobre o canalha. Eu mesmo mais de uma vez lhe dei uma boa surra na Cobra de Cobre. — Mas você foi um tanto injusto; os versos dele não eram tão ruins como você disse — observou o homem alto. — Não tão ruins? Eram piores que os meus, que o Barrete Cinzento estraçalhou. Não se lembra? — A propósito, Falk, você esteve no teatro do Djurgården? — perguntou o homem alto. — Não. — Que pena! Aquela quadrilha de ladrões do Lundholm está representando lá. Insolente, aquele diretor! Não mandou lugares para a Cobra de Cobre, e, quando chegamos ao teatro ontem à noite, pôs-nos para fora. Mas vai pagar por isso! Você dá uma paulada no cachorro! Aqui estão papel e lápis. Cabeçalho: “Teatro e Música. Teatro de Djurgården.” Agora, continue! — Mas eu não vi a companhia. — Que importância tem isso? Nunca escreveu sobre coisa que não tivesse visto? — Não! Desmascarei impostores, mas nunca ataquei gente inofensiva, e nada sei dessa companhia. — São uma turma miserável. Só escória — afirmou o homem gordo. — Afie a pena e esmague-lhe o calcanhar; você é esplêndido nisso. — Por que vocês mesmos não lhe esmagam o calcanhar? — Porque os tipógrafos conhecem nossa letra, e alguns deles circulam no meio da multidão. Além disso, Lundholm é sujeito violento; com certeza vai invadir a redação. Então será bom poder dizer a ele que a crítica é uma comunicação do público. E, enquanto você escreve sobre o palco, eu faço os concertos. Houve um concerto sacro na semana passada. O sujeito não se chamava Daubry? Com y? — Não, com i — corrigiu o gordo. — Não se esqueça de que ele é tenor e cantou o Stabat Mater. — Como se escreve isso? — Eu lhe digo daqui a pouco. O redator gordo da Cobra de Cobre tirou um pacote de jornais sebertos de cima do medidor de gás. — Aqui está o programa inteiro e, creio,

uma crítica também. Falk não pôde deixar de rir. — Como uma crítica pôde sair ao mesmo tempo que o anúncio? — Por que não poderia? Mas não vamos precisar dela; eu mesmo vou criticar aquela cambada francesa. É melhor você cuidar dos livros, Gordo! — Os editores mandam livros para a Cobra de Cobre? — perguntou Falk. — Você enlouqueceu? — Vocês mesmos os compram para fazer as resenhas? — Comprá-los? Novato! Tome outro copo, anime-se, e eu lhe pago uma costeleta. — Vocês leem os livros que resenham? — Quem você acha que tem tempo de ler livros? Já não basta escrever sobre eles? É suficiente ler os jornais. Além disso, nosso princípio é desancar tudo. — Um princípio absurdo! — De modo nenhum! Ele põe do nosso lado todos os inimigos e invejosos do autor — e assim ficamos em maioria. Os neutros preferem ver um autor desancado a vê-lo elogiado. Para o zé-ninguém, há algo de edificante e consolador em saber que o caminho da fama é coberto de espinhos. Não acha? — Talvez você tenha razão. Mas é terrível brincar assim com destinos humanos. — Ora! Faz bem a jovens e velhos; sei disso, pois fui desancado sem descanso na juventude. — Mas vocês desviam a opinião pública. — O público não quer ter opinião; quer satisfazer suas paixões. Se elogio seu inimigo, você se contorce como um verme e me diz que não tenho julgamento; se elogio seu amigo, diz que tenho. Pegue aquela última peça do Teatro Dramático, Gordo, que acabou de sair em livro. — Tem certeza de que saiu? — Absoluta. É bastante seguro dizer que falta ação; essa é uma frase que o público conhece bem. Ria um pouco da “bela linguagem”; é um bom elogio depreciativo, bem antigo. Depois ataque a direção por ter aceitado tal peça e assinale que a lição moral é duvidosa — uma coisa muito segura de se dizer sobre quase tudo. Mas, como você não viu a representação, diga que a falta de espaço nos obriga a adiar a crítica da atuação. Faça isso e não poderá errar. — Quem é o infeliz autor? — perguntou Falk. — Ninguém sabe. — Pense nos pais dele, nos amigos, que talvez leiam suas observações completamente injustas. — Que tem a Cobra de Cobre com isso? Eles esperavam ver um amigo ser desancado; sabem o que esperar da Cobra de Cobre. — Vocês não têm consciência? — O público que nos sustenta tem consciência? Acha que poderíamos sobreviver se ele não nos sustentasse? Quer ouvir um parágrafo que escrevi sobre o estado atual da literatura? Posso lhe garantir que dará muito em que pensar. Tenho uma cópia comigo. Mas peçamos stout primeiro. Garçom! Ei! Agora vou lhe oferecer um prazer; aproveite, se quiser. “Há muitos anos não se ouvia tanto choramingo na fábrica sueca de versos; esse lamuriar constante é capaz de levar um homem ao manicômio. Canalhas robustos miam como gatos em março; imaginam que anemia e adenoides

despertarão interesse público agora que a física saiu de moda. E, no entanto, têm lombos largos como cavalos de cervejaria e rostos vermelhos como taberneiros. Este aqui choraminga sobre a infidelidade das mulheres, embora tudo o que possua a esse respeito seja a lealdade comprada de uma meretriz; aquele ali nos diz que não tem ouro, mas que sua 'harpa é tudo o que possui no mundo' — mentiroso! Tem cinco mil coroas de dividendos por ano e direito a uma cadeira dotada na Academia Sueca. Um terceiro é um zombador infiel e cínico, que não pode abrir os lábios sem exalar seu espírito impuro e balbuciar blasfêmias. Seus versos não são nem um pouco melhores que aqueles que, trinta anos atrás, as filhas dos pastores cantavam ao violão. Deveriam escrever para confeitheiros a um vintém por linha, e não desperdiçar o tempo de editores, tipógrafos e críticos com suas rimas. Sobre o que escrevem? Sobre nada, isto é, sobre si mesmos. É falta de educação falar de si, mas é perfeitamente correto escrever sobre si. De que se queixam? Da incapacidade de alcançar sucesso? Sucesso? Eis a palavra! Produziram um único pensamento capaz de beneficiar seus semelhantes, a época em que vivem? Se ao menos uma vez tivessem defendido a causa dos desamparados, seus pecados talvez lhes fossem perdoados; mas não o fizeram. Por isso são como metal que soa — não, são como uma lata tinindo e o guizo rachado do barrete de um bobo —, pois não têm outro amor senão o amor pela próxima edição de seus livros, o amor pela Academia e o amor por si mesmos.” — Isso é sarcasmo, não é? Hein? — É injusto — disse Falk. — Acho muito impressionante — disse o homem gordo. — Você não pode negar que está bem escrito. Pode? Ele maneja uma pena capaz de furar sola de sapato. — Agora, rapazes, parem de falar e escrevam; depois terão café e licores. E eles escreveram sobre mérito humano e indignidade humana, e partiram corações como quem quebra cascas de ovo. Falk sentiu um desejo indescritível de ar fresco; abriu a janela que dava para o pátio; era escuro e estreito como um túmulo; tudo o que podia ver era um quadradinho de céu, se inclinasse a cabeça bem para trás. Imaginou que estava sentado em seu túmulo, respirando vapores de aguardente e cheiros de cozinha, comendo o banquete fúnebre no enterro de sua juventude, de seus princípios e de sua honra. Sentiu o cheiro das flores de sabugueiro que estavam sobre a mesa, mas elas fediam a decomposição; olhou mais uma vez pela janela, ansioso por encontrar um objeto que não lhe inspirasse asco, mas nada havia senão uma lata de lixo recém-alcatroada — de pé como um caixão — com seu conteúdo de enfeites descartados e trastes quebrados. Seus pensamentos subiram pela escada de incêndio, que parecia conduzir da sujeira, do fedor e da vergonha diretamente ao céu azul; mas não havia anjos subindo e

descendo, e nenhum amor velava lá de cima — não havia nada além do vazio azul e desocupado. Falk pegou a pena e começou a sombrear as letras do título “Teatro”, quando uma mão forte agarrou-lhe o braço e uma voz firme disse: — Venha comigo. Quero falar com você! Ele ergueu os olhos, surpreso e envergonhado. Borg estava ao seu lado, aparentemente decidido a não deixá-lo escapar. — Posso apresentar... — começou Falk. — Não, não pode — interrompeu Borg. — Não quero conhecer nenhum escrevinhador bêbado. Venha. Arrastou Falk até a porta. — Onde está seu chapéu? Ah, está aqui! Venha! Estavam na rua. Borg tomou-lhe o braço, levou-o à praça mais próxima, enfiou-o numa loja e comprou-lhe um par de sapatos de lona. Feito isso, arrastou-o através da eclusa até o porto. Um cúter estava ali, preso às amarras, mas pronto para sair ao mar; dentro do cúter, o jovem Levi lia uma gramática latina e mordiscava um pedaço de pão com manteiga. — Este — disse Borg — é o cúter Urijah; é um nome feio, mas o barco é bom e está seguro no Triton. Ali está seu proprietário, o rapaz hebreu Isaac, lendo gramática latina — o idiota quer entrar na universidade —, e deste instante em diante você está contratado como tutor dele para o verão. Agora partimos para nossa residência de veraneio em Nämddö. Todos a bordo! Sem discussão! Prontos? Largar!

Capítulo XXVI

Correspondência

CANDIDATO BORG ao LITERATO STRUVE NÄMDÖ, em junho de 18.. — VELHO MEXERIQUEIRO! — Como estou convencido de que nem você nem Levin pagaram as prestações do empréstimo feito pelo Banco dos Sapateiros, envio-lhe junto uma nota promissória, para que possa levantar um novo empréstimo no Banco dos Construtores. Se sobrar alguma coisa depois de pagas as prestações, dividiremos o excedente igualmente entre nós. Por favor, mande-me minha parte pelo vapor até Dalarö, onde passarei para buscá-la. Há um mês tenho Falk sob tratamento, e creio que ele está a caminho da recuperação. Você se lembrará de que, depois da famosa conferência de Olle, ele nos deixou abruptamente e, em vez de tirar proveito do irmão e de suas relações, entrou para o quadro da Bandeira Operária, onde foi maltratado por cinquenta coroas por mês. Mas o vento de liberdade que soprava ali deve ter exercido sobre ele um efeito desmoralizante, pois ele se tornou taciturno e descuidou da aparência. Com a ajuda da moça Beda, fiquei de olho nele, e, quando o considerei maduro para uma ruptura com os comunardos, fui buscá-lo. Encontrei-o numa taverna ordinária chamada “A Estrela”, em companhia de dois pasquineiros com quem bebia aguardente — creio que ao mesmo tempo escreviam. Estava em condição melancólica, como você diria. Como sabe, encaro a humanidade com calma indiferença; os homens, para mim, são preparações geológicas, minerais; alguns cristalizam sob uma condição, outros sob outra; tudo depende de certas leis ou circunstâncias que deveriam nos deixar completamente impassíveis. Não choro pelo espato calcário porque ele não é duro como um cristal de rocha. Portanto, não posso considerar melancólica a condição de Falk; era o resultado de seu temperamento — coração, você diria — somado às circunstâncias que seu temperamento criara. Mas, sem dúvida, ele estava “no fundo” quando o encontrei. Levei-o a bordo do nosso cúter e ele permaneceu passivo. Mas, assim que nos afastamos, virou-se e viu Beda parada na margem, acenando para ele; não consigo imaginar como ela chegou lá. Ao vê-la, nosso homem perdeu completamente a cabeça. “Ponham-me em terra!”, gritou, ameaçando saltar pela borda. Segurei-o pelos braços, empurrei-o para dentro da cabine e tranquei a porta. Ao passarmos por Vaxholm, postei duas cartas; uma ao redator da Bandeira Operária, pedindo que desculpasse a ausência de Falk, e outra à senhoria dele, pedindo que lhe

mandasse as roupas. Enquanto isso, ele se acalmara, e, quando contemplou o mar e os escolhos, ficou sentimental e disse uma porção de disparates: que perdera toda a esperança de voltar a ver a verde terra de Deus (?) e assim por diante. Mas logo começou a sofrer de algo parecido com escrúpulos de consciência. Sustentava que não tinha o direito de ser feliz e tirar férias quando havia tanta gente infeliz no mundo; imaginava que estava negligenciando seu dever para com o canalha que edita a *Bandeira Operária*, e nos suplicou que remássemos de volta. Quando lhe falei do tempo terrível que acabara de atravessar, respondeu que era dever de todos os homens trabalhar e sofrer uns pelos outros. Essa opinião quase se transformara nele numa religião, mas eu o curei com água gasosa e banhos salinos. Estava completamente quebrado, e tive grande dificuldade em remendá-lo, pois era difícil dizer onde terminava o mal físico e começava o psíquico. Devo dizer que, em certo aspecto, ele me causa espanto — não direi admiração, pois nunca admiro ninguém. Parece sofrer de uma mania extraordinária que o faz agir em contradição direta com o próprio interesse. Poderia estar numa posição esplêndida se não tivesse abandonado a carreira no serviço público, sobretudo porque o irmão, nesse caso, o teria ajudado com uma soma de dinheiro. Em vez disso, lançou a reputação aos ventos e se escravizou para um plebeu brutal; e tudo por causa de seus ideais! É extraordinário! Mas parece enfim estar melhorando, principalmente depois de uma lição que recebeu aqui. Você acredita que ele chamava os pescadores de “senhor” e tirava o chapéu para eles? Além disso, entregava-se a conversas cordiais com os nativos, a fim de descobrir “como aquela gente vivia”. O resultado foi que os pescadores aguçaram as orelhas, e um deles me perguntou, um dia, se “esse Falk” pagava a própria pensão, ou se o doutor — eu — pagava por ele. Conteí isso a Falk, e ele se abateu; fica sempre abatido quando lhe roubam uma ilusão. Alguns dias depois, conversou com nosso senhorio sobre o sufrágio universal; mais tarde, nosso senhorio perguntou-me se Falk estava em circunstâncias difíceis. Nos primeiros dias, ele corria para cima e para baixo na praia como um louco. Muitas vezes nadava para muito longe, fiorde adentro, como se jamais pretendesse voltar. Como sempre considerei o suicídio um direito sagrado de cada indivíduo, não interfeiri. Isaac me contou que Falk lhe abria o coração a respeito da moça Beda; ela parece tê-lo feito de bobo de maneira horrorosa. A propósito de Isaac! É um dos sujeitos mais espertos que já encontrei. Depois de um mês de estudo, dominou a gramática latina e lê seu César como nós lemos o Barrete Cinzento; além disso, entende tudo, coisa que nós nunca fizemos. Seu cérebro é receptivo, isto é, capaz de assimilar conhecimento, e, além disso, prático; essa combinação

produziu muitos gênios, apesar da estupidez grosseira em muitos outros aspectos. De vez em quando, ele se entrega a seus instintos comerciais; outro dia deu-nos um exemplo brilhante de seu talento nessa direção. Nada sei de sua situação financeira — nesse ponto ele é muito reservado —, mas, há pouco tempo, precisou pagar algumas centenas de coroas. Estava muito agitado e, como não queria recorrer ao irmão — o do Triton —, com quem não se dá bem, pediu-me que lhe emprestasse a quantia. Eu não estava em condições de fazê-lo. Então ele se sentou, pegou uma folha de papel de carta, escreveu uma carta e a mandou por mensageiro especial. Por alguns dias, nada aconteceu. Diante da nossa cabana crescia um lindo pequeno bosque de carvalhos, que nos dava sombra contra o sol e abrigo contra as fortes brisas do mar. Não entendo muito de árvores nem de coisas referentes à natureza, mas gosto de sentar-me à sombra nos dias quentes. Uma manhã, ao levantar a persiana, fiquei assombrado; eu olhava para o fiorde aberto e para um iate ancorado a cerca de um cabo da margem. Todas as árvores tinham desaparecido, e Isaac estava sentado num toco, lendo Euclides e contando os troncos à medida que eram carregados para bordo do iate. Acordei Falk; ele ficou furioso e brigou com Isaac, que ganhou mil coroas no negócio. Nosso senhorio recebeu duzentas, tudo o que pedira. Eu poderia ter matado Isaac, não por ter mandado cortar as árvores, mas por eu não ter pensado nisso antes. Falk disse que era antipatriótico, mas Isaac jura que a remoção do “entulho” melhorou a vista; declara que na semana que vem pegará um barco e visitará os ilhéus vizinhos com o mesmo objetivo. A mulher do nosso senhorio chorou o dia inteiro, mas o marido foi a Dalarö comprar-lhe um vestido novo; ficou fora dois dias inteiros e, quando finalmente voltou, estava bêbado; não havia nada no barco, e, quando a mulher perguntou pelo vestido novo, o pescador confessou que se esquecera completamente dele. Basta por agora. Escreva logo e conte-me alguns escândalos novos, e tenha cuidado ao manipular o empréstimo. Seu inimigo mortal e avalista, H. B. P.S. Li nos jornais que um Banco do Serviço Público está prestes a ser criado. Quem vai pôr dinheiro nele? Fique de olho, para podermos colocar ali uma letra quando chegar a hora. Por favor, insira o seguinte parágrafo no Barrete Cinzento; ele influirá em meu diploma de medicina. **DESCOBERTA CIENTÍFICA:** O Când. Med. Henrik Borg, um de nossos mais distintos jovens médicos, descobriu, enquanto se dedicava a pesquisas zootômicas nos escolhos próximos a Estocolmo, uma nova espécie da família Clypeaster, à qual deu o nome muito pertinente de maritimus. Suas características podem ser descritas da seguinte forma: lâminas cutâneas em cinco escudos ambulacrários porosos e cinco escudos

interambulacrários, com verrugas em vez de espinhos. O animal despertou grande interesse no mundo científico. * * * * * ARVID FALK a BEDA PETERSON NÄMDÖ, em agosto de 18.. — Quando caminho à beira-mar e vejo as algas crescendo entre areia e seixos, penso em você, florescendo por um inverno inteiro numa estalagem da velha Estocolmo. Nada conheço de mais delicioso que me deitar de bruços sobre uma rocha e sentir os fragmentos de gnaisse fazendo cócegas nas minhas costelas enquanto fito o mar. Isso me enche de orgulho, e imagino ser Prometeu, enquanto o abutre — isto é, você — tem de ficar deitado num colchão de penas na rua Sandberg e engolir mercúrio. A alga marinha não serve para nada enquanto cresce no fundo do mar; mas, quando apodrece na praia, cheira a iodo, que é remédio para o amor, e a brometo, que é remédio para a loucura. Não existia inferno antes que o Paraíso estivesse completo, isto é, antes que a mulher fosse criada — piada velha! Longe, junto ao mar aberto, vive um casal de êideres, dentro de um velho quarto de tonel. Quando se considera que as asas estendidas do êider medem dois pés, isso parece um milagre — e o amor é um milagre. O mundo inteiro é pequeno demais para mim. * * * * * BEDA PETERSON ao SR. FALK ESTOCOLMO, em agosto de 18.. — QUERIDO AMIGU, — acabei de reseber sua carta, mas não posso dizer que compriendi, vejo que você pensa que estou na rua Sandberg, mas isso é uma grandi mintira e posso compriender por que aquele canalha diz que estou, é uma grandi mintira e eu juro que amo você tanto como antes, muitas vezes tenho saudadi de ver você mas ainda não pode ser. Sua fiel Beda. P.S. Querido Arvid, se você pudesse me imprestar 30 coroas até o dia 15, eu juro que pago de volta no dia 15 porque vou reseber dinheiro então, tenho estado tão doenti e muitas vezes fico tão triste que queria estar morta. A moça do café era uma criatura orrível que tinha ciúmes por causa do gordo Berglund e foi por isso que saí. Tudo que dizem de mim é mentira, espero que você esteja bem e não esqueça da sua. A mesma. Pode mandar o dinheiro para Hulda no Café, então eu vou reseber. * * * * * CANDIDATO BORG ao LITERATO STRUVE NÄMDÖ, em agosto de 18.. — PATIFE CONSERVADOR! — Você deve ter desviado o dinheiro, pois, em vez de receber numerário, recebi uma intimação de pagamento do Banco dos Sapateiros. Imagina que um homem tem o direito de roubar porque tem mulher e filhos? Preste contas imediatamente, senão subirei à cidade e farei um escândalo. Li o parágrafo, que, naturalmente, não estava sem erros. Dizia “zoológico” em vez de “zootômico”, e “Crypeaster” em vez de “Clypeaster”. Apesar disso, espero que sirva ao seu propósito. Falk enlouqueceu depois de receber, há um ou dois dias, uma carta em caligrafia feminina. Num minuto trepava em árvores, no seguinte

mergulhava até o fundo do mar. Suponho que tenha sido a crise — falei com ele como um pai um pouco mais tarde. Isaac vendeu seu iate sem pedir minha permissão e, por essa razão, somos neste momento inimigos. No presente, está lendo o segundo livro de Lívio e fundando uma Companhia de Pesca. Comprou uma rede de strömming, uma espingarda de focas, vinte e cinco piteiras, uma linha de salmão, duas redes de robalo, um galpão para redes de arrasto e uma — igreja. Esta última parece incrível, mas é pura verdade. Admito que ela foi um pouco chamuscada pelos russos em 1719, mas as paredes ainda estão de pé. A paróquia possui uma nova, que serve ao uso comum; a velha era utilizada como depósito paroquial. Isaac pensa em oferecê-la de presente à Academia de Letras, História e Antiguidades, na esperança de receber a Ordem de Vasa. Esta já foi concedida por menos. O tio de Isaac, que é estalajadeiro, recebeu-a por tratar os surdos-mudos com pão com manteiga e cerveja quando eles usavam o picadeiro no outono. Fez isso durante seis anos. Então recebeu sua recompensa. Agora não dá mais atenção aos surdos-mudos, o que prova como a Ordem de Vasa pode ser fatal em certas circunstâncias. A menos que eu afogue o patife do Isaac, ele não descansará enquanto não tiver comprado toda a Suécia. Recomponha-se e comporte-se como homem honrado, ou cairei sobre você como Jeú, e então estará perdido. H. B. P.S. Quando escrever a nota relativa aos estrangeiros ilustres em Dalarö, mencione a mim e a Falk, mas ignore Isaac; sua presença me irrita — ele foi vender o iate. Mande-me alguns formulários de letra — azuis, Sola- — quando enviar o dinheiro. * * * * * CANDIDATO BORG ao LITERATO STRUVE NÄMDÖ, em setembro de 18.. — HOMEM DE HONRA! — O dinheiro chegou! Parece ter sido trocado, pois o Banco dos Construtores sempre paga em cédulas escanianas de cinquenta. Mas não importa! Falk está bem; atravessou a crise como um homem; recuperou a autoconfiança — qualidade importantíssima no que diz respeito ao sucesso mundano, mas que, segundo as estatísticas, é consideravelmente enfraquecida nas crianças que perdem a mãe cedo. Receitei-lhe uma prescrição que prometeu tentar com tanto mais disposição quanto a mesma ideia já lhe ocorrera. Voltará à antiga profissão, mas sem aceitar a ajuda do irmão — seu último ato de loucura, que não aprovo —, reingressará na sociedade, registrará seu nome com o resto do gado, tornar-se-á respeitável, conquistará uma posição social e manterá a boca fechada até que sua palavra tenha peso. Esta última medida é absolutamente necessária se ele quiser permanecer vivo; tem tendência à insanidade e acabará perdendo a razão se não se esquecer de todas essas ideias que realmente não consigo compreender; e não creio que ele próprio pudesse definir o que deseja. Começou a cura, e estou espantado

com seu progresso. Tenho certeza de que acabará como membro da Casa Real. Era isso que eu acreditava até alguns dias atrás, quando ele leu num jornal uma notícia sobre a Comuna de Paris. Teve imediatamente uma recaída e voltou a trepar em árvores. Superou-a, porém, e agora não ousa olhar para um jornal. Mas nunca diz uma palavra. Cuidado com esse homem quando seu aprendizado terminar. Isaac agora estuda grego. Considera os manuais estúpidos e compridos demais; por isso os desmonta, recorta as partes mais importantes e as cola num livro-caixa que organizou como resumo para seus próximos exames. Infelizmente, seu conhecimento crescente dos clássicos torna-o atrevido e desagradável. Assim, por exemplo, atreveu-se outro dia, jogando damas com o pastor, a contradizê-lo e a sustentar que os judeus haviam inventado o cristianismo e que todos os batizados eram, na verdade, judeus. O latim e o grego o arruinaram! Receio ter criado um dragão em meu peito peludo; se assim for, então a semente da mulher deverá esmagar a cabeça da serpente. H. B. P.S. Falk raspou a barba americana e já não tira o chapéu para os pescadores. Você não terá mais notícias minhas de Nãmdö. Voltamos à cidade na segunda-feira.

Capítulo XXVII

Recuperação

Era outono outra vez. Numa clara manhã de novembro, Arvid Falk caminhava de sua residência agora elegante na Storgatan para o pensionato feminino —manska, junto à praça de Karl XIII, onde devia iniciar sua função como professor de língua sueca e história. Durante os meses de outono, abrira caminho de volta à sociedade civilizada, procedimento que lhe fizera compreender que se tornara um perfeito selvagem durante suas andanças. Descartara o chapéu desacreditado e comprara uma cartola, que no princípio achou difícil manter na cabeça; comprara luvas, mas, em sua selvageria, respondera “quinze” quando a vendedora lhe perguntou o tamanho, e corara quando sua resposta arrancou um sorriso de todas as moças da loja. A moda havia mudado desde a última vez que comprara roupas; enquanto caminhava pelas ruas, via-se como um dândi e, de quando em quando, examinava seu reflexo nas vitrines para verificar se as peças lhe caíam bem. Agora ia e vinha pela calçada diante do Teatro Dramático, à espera de que o relógio da igreja de Jakob batesse nove horas. Sentia-se inquieto e embaraçado, como se ele próprio fosse um colegial a caminho da escola; a calçada era tão curta, e, à medida que refazia os passos vez após vez, comparava-se a um cão preso à corrente. Por um instante teve a ideia selvagem de ampliar o percurso, ampliá-lo imensamente, pois, se seguisse em frente, chegaria a Lill-Jans; e lembrou-se da manhã de primavera em que aquela mesma calçada o conduzira para longe da sociedade, que ele detestava, rumo à liberdade, à natureza e — à escravidão. Bateram nove horas. Estava no corredor. As portas das salas de aula estavam fechadas; na penumbra, viu uma longa fileira de roupas infantis penduradas contra a parede: chapéus, boás, toucas, capas, luvas e regalos jaziam sobre mesas e peitoris de janela, e regimentos inteiros de botinas de botões e galochas estavam postados no chão. Mas não havia cheiro de roupa úmida e couro molhado, como nos saguões do Parlamento e da União Operária Estrela do Norte, ou... percebeu um leve odor de feno recém-cortado. Parecia vir de um pequeno regalo forrado de seda azul e guarnecido de borlas, que lembrava uma gatinha branca com pintas pretas. Não resistiu a tomá-lo nas mãos e aspirar o perfume — feno recém-cortado — quando a porta da frente se abriu e entrou uma menina de uns dez anos, acompanhada por uma criada. Ela olhou para o professor com grandes olhos destemidos e fez uma pequena mesura coquete; o mestre,

quase constrangido, respondeu com uma reverência que fez sorrir a pequena beldade — e também a criada. Ela estava atrasada, mas inteiramente despreocupada, e deixou a criada tirar-lhe as roupas de rua e as galochas com a mesma calma de quem chegasse a um baile. Da sala de aula veio um som que lhe fez bater o coração — o que era? Ah! O órgão — o velho órgão! Uma legião de vozes infantis cantava “Jesus, ao começar o dia...”. Sentiu-se pouco à vontade e obrigou-se a fixar o pensamento em Borg e Isaac, para dominar a emoção. Mas as coisas foram de mal a pior: “Pai nosso, que estás no céu...”. A velha oração — fazia tanto tempo... O silêncio era tão profundo que ele pôde ouvir todas as cabecinhas se erguerem e o farfalhar de golas e aventais; as portas foram abertas de par em par, e ele viu um enorme canteiro de flores em movimento, composto de meninas entre oito e quatorze anos. Sentiu-se embaraçado como um ladrão apanhado em flagrante quando a velha diretora lhe apertou a mão; as flores ondularam para lá e para cá, e houve muito cochicho excitado e troca de olhares significativos. Sentou-se à ponta de uma longa mesa, cercado por vinte rostos frescos, de olhos faiscantes; vinte crianças que nunca haviam experimentado a mais amarga de todas as dores, as humilhações da pobreza. Elas lhe encaravam o olhar com ousadia e curiosidade, mas ele ficou embaraçado e precisou recompor-se com esforço. Pouco depois, porém, já estava em termos amistosos com Anna e Charlotte, Georgina, Lizzy e Harry; ensinar era um prazer. Ele fazia concessões e deixava que Luís XIV e Alexandre fossem chamados de grandes homens, como todos os outros que haviam tido sucesso; permitia que a Revolução Francesa fosse chamada de acontecimento terrível, durante o qual o nobre Luís XVI e a virtuosa Maria Antonieta pereceram miseravelmente, e assim por diante. Quando entrou no escritório da Junta de Fornecimento de Feno aos Regimentos de Cavalaria, sentia-se jovem e revigorado. Ficou até as onze lendo O Conservador; depois foi aos escritórios da Comissão das Destilarias de Aguardente, almoçou e escreveu duas cartas, uma a Borg e outra a Struve. Ao bater da uma, estava no Departamento dos Impostos de Sucessão. Ali cotejou uma avaliação de espólio que lhe rendeu cem coroas; ainda teve tempo, antes do jantar, de ler as provas da edição revisada das Leis Florestais, que estava organizando. Bateram três horas. Quem atravessasse o Mercado de Riddarhus àquela hora poderia encontrar na ponte um jovem de ar importante, com os bolsos estufados de manuscritos e as mãos cruzadas às costas; ele passeia devagar, acompanhado por um homem mais velho, magro, grisalho, de cinquenta anos: o atuariário dos mortos. O espólio de todo cidadão que morre deve ser declarado a ele; conforme o valor, ele recebe sua porcentagem.

Alguns dizem que esse é seu dever; outros, que ele representa a Terra e precisa vigiar para que os mortos não levem nada consigo, já que tudo é empréstimo — sem juros. De todo modo, é um homem mais interessado nos mortos que nos vivos, e por isso Falk gosta de sua companhia; ele, por sua vez, afeiçoa-se a Falk porque, como ele, coleciona moedas e autógrafos, e porque possui aquela excelente qualidade, a tolerância, raramente encontrada num jovem. Os dois amigos entram no restaurante Rosengren, onde têm razoável certeza de não encontrar rapazes e onde podem discutir numismática e autografia. Tomam café no Café Rydberg e olham catálogos de moedas até as seis. Às seis horas aparece o Post oficial, e eles leem as promoções. Cada um aprecia a companhia do outro, pois nunca discutem. Falk está tão livre de opiniões fixas que é o homem mais amável do mundo, querido e estimado por chefes e colegas. De vez em quando, jantam na Bolsa de Hamburgo e tomam um licor ou dois no Restaurante da Ópera, e vê-los caminhar de braços dados às onze da noite é, de fato, uma visão bastante edificante. Além disso, Falk tornou-se presença regular em jantares e ceias de família nas casas às quais o pai de Borg o introduziu. As mulheres o acham interessante, embora não saibam bem como tomá-lo; ele está sempre sorrindo e é especialista em pequenas pilhérias sarcásticas. Mas, quando se farta da vida familiar e da vida social, visita O Quarto Vermelho, e ali encontra o temível Borg, seu admirador Isaac, seu inimigo secreto e invejoso Struve, o homem que nunca tem dinheiro, e o sarcástico Sellén, que aos poucos prepara seu segundo sucesso, depois que todos os seus imitadores acostumaram o público ao seu modo. Lundell, que, depois de concluir seu quadro de altar, abandonou a pintura sacra e se tornou um epicurista gordo, só aparece no Quarto Vermelho quando não tem dinheiro para pagar o jantar; ganha a vida pintando retratos, profissão que lhe rende inúmeros convites para jantares e ceias. Lundell sustenta que esses convites são indispensáveis aos estudos de caráter. Olle, que continua empregado pelo canteiro, tornou-se um misantropo sombrio depois de seu grande fracasso como político e orador. Recusa-se a “explorar” os antigos amigos e leva uma vida solitária. Falk fica num humor ruidoso e turbulento sempre que visita O Quarto Vermelho, e Borg é de opinião que ele lhe dá crédito; é um verdadeiro sapeur, para quem nada é sagrado — exceto a política; esse é um assunto em que nunca toca. Mas se, enquanto solta seus fogos de artifício para divertir os amigos, ele entrevê, através da fumaça densa do tabaco, o melancólico Olle do outro lado da sala, seu humor muda; torna-se sombrio como uma noite no mar e engole grandes quantidades de bebida forte, como se quisesse apagar um fogo que ardesse por dentro. Mas Olle já não é visto há muito tempo.

Capítulo XXVIII

Do Além-Túmulo

A neve caía leve, silenciosa e branca sobre a Nya Kungsholmsbron, por onde Falk e Sellén caminhavam à noite, passando por Eldkvarn e pelo Serafimerlasarettet, para buscar Borg e descer ao Quarto Vermelho. — É estranho que a primeira neve produza uma impressão quase solene — disse Sellén. — O chão sujo se transforma em... — Está sentimental? — zombou Falk. — Ah, não! Eu falava apenas do ponto de vista de um paisagista. Continuaram em silêncio, vadando a neve que rodopiava. — Kungsholmen, com suas enfermarias, sempre me parece sinistro — observou Falk, depois de uma pausa. — Está sentimental? — zombou Sellén. — De modo nenhum, mas esta parte da cidade sempre me causa essa impressão. — Bobagem! Ela não causa impressão nenhuma; você imagina que causa. Chegamos, e as janelas de Borg estão iluminadas. Talvez ele tenha bons cadáveres esta noite. Estavam diante da porta do instituto. O enorme edifício, com suas muitas janelas escuras, encarou-os como se perguntasse o que queriam àquela hora da noite. Passaram pelo canteiro redondo e entraram no pequeno prédio à direita. Bem no fundo da sala, Borg estava sentado sozinho à luz da lâmpada, trabalhando numa parte do corpo dissecado de um trabalhador penitenciário, que ele desfigurara da maneira mais cruel. — Boa noite — disse Borg, pousando a faca. — Gostariam de ver um velho amigo? Não esperou pela resposta — que não veio —, mas acendeu uma lanterna, pegou o sobretudo e um molho de chaves. — Eu não sabia que tínhamos amigos aqui — disse Sellén, agarrando-se desesperadamente ao tom leviano. — Venham — disse Borg. Atravessaram o pátio e entraram no grande edifício; a porta rangeu e se fechou atrás deles, e o pedacinho de vela, resto da última partida de cartas, lançou nas paredes brancas seu clarão vermelho e débil. Os dois estranhos tentaram ler o rosto de Borg, perguntando-se se ele preparava alguma peça, mas o rosto era indecifrável. Viraram à esquerda e seguiram por um corredor que fazia ecoar seus passos de maneira a sugerir que alguém os seguia. Falk mantinha-se bem junto de Borg e tentava deixar Sellén às suas costas. — Ali — disse Borg, parando no meio do corredor. Ninguém conseguia ver nada além de paredes. Mas ouviram um baixo murmúrio de água, como a queda de uma chuva suave, e perceberam um odor estranho, semelhante ao cheiro de um canteiro úmido ou de um pinheiral em outubro. — À direita — disse Borg. A parede da direita

era de vidro e, por trás dela, deitados de costas, havia três corpos brancos. Borg escolheu uma chave, abriu a porta de vidro e entrou. — Aqui — disse, detendo-se diante do segundo dos três. Era Olle. Estava deitado ali com tanta quietude, as mãos cruzadas sobre o peito, como se tirasse uma soneca à tarde. Os lábios repuxados davam a impressão de que sorria. Estava bem conservado. — Afogado? — perguntou Sellén, o primeiro a recuperar o domínio de si. — Afogado — repetiu Borg. — Algum de vocês pode identificar as roupas dele? Três ternos miseráveis pendiam contra a parede. Sellén escolheu imediatamente o certo: uma jaqueta azul com botões de caça e um par de calças pretas, esbranquiçadas nos joelhos pelo uso. — Tem certeza? — Devo conhecer meu próprio casaco — que tomei emprestado de Falk. Sellén tirou uma carteira do bolso interno da jaqueta; estava encharcada de água e coberta de algas verdes, que Borg quis chamar de enteromorpha. Abriu-a à luz da lanterna e examinou o conteúdo: dois ou três bilhetes de penhor vencidos e um maço de papéis amarrados, sobre o qual estava escrito: A quem se der ao trabalho de ler. — Já viram o bastante? — perguntou Borg. — Então vamos beber alguma coisa. Os três enlutados — amigo era palavra que apenas Levin e Lundell usavam quando queriam pedir dinheiro emprestado — foram ao Piperska Muren como representantes do Quarto Vermelho. Junto a um fogo crepitante e por trás de uma bateria de garrafas, Borg começou a leitura dos papéis que Olle deixara; mas, mais de uma vez, teve de recorrer à perícia de Falk como decifrador de autógrafos, pois a água lavara as palavras aqui e ali. Parecia que as lágrimas do escritor tinham caído sobre as folhas, como observou Sellén, espirituoso. — Agora parem de falar — disse Borg, esvaziando o copo de grogue com uma careta que lhe mostrou todos os dentes de trás. — Vou ler, e peço que não me interrompam. * * * * * “A QUEM SE DER AO TRABALHO DE LER. “Tenho o direito de tirar minha vida, tanto mais porque meu ato não apenas deixa de interferir nos interesses de qualquer semelhante, como até contribui para a felicidade, como se diz, de ao menos uma pessoa: ficarão vagos um lugar e quatrocentos pés cúbicos de ar. “Meu motivo não é o desespero, pois um indivíduo inteligente nunca se desespera; dou este passo com a consciência bastante calma. Que um ato dessa espécie ponha o espírito em certo estado de excitação será facilmente compreendido por todos; adia-lo por medo do que possa vir depois só é digno de um escravo que se apegava a qualquer desculpa para permanecer num mundo onde não deve ter sofrido muito. “Ao pensamento de partir, parece que um peso me cai dos ombros; não posso ficar pior, posso ficar melhor. Se não há vida além do túmulo, a morte deve ser felicidade; uma felicidade ao menos tão grande quanto dormir numa cama

macia depois de pesado trabalho físico. Ninguém que tenha observado como o sono relaxa todos os músculos, e como a alma pouco a pouco se esgueira para longe, pode temer a morte. “Por que a humanidade faz tanto alarde em torno da morte? Porque se enterrou tão profundamente na terra que o arrancamento só pode ser doloroso. Há muito tempo afastei-me da margem; não tenho laços familiares, sociais, nacionais ou legais que possam me reter, e vou embora simplesmente porque a vida já não exerce sobre mim nenhuma atração. “Não quero encorajar os que estão satisfeitos a seguir meu exemplo; eles não têm motivo para fazê-lo e, portanto, não podem julgar meu ato. Não considere se ele é covarde ou não — esse aspecto da questão me é indiferente; além disso, trata-se de assunto privado. Nunca pedi para vir para cá e, portanto, tenho o direito de ir embora quando me aprover. “Minha razão para partir? Há tantas razões, e são tão complicadas, que não tenho tempo nem capacidade para explicá-las. Mencionarei apenas as mais evidentes, aquelas que tiveram maior influência sobre mim e sobre meu ato. “Minha infância e juventude foram uma longa continuação de trabalho manual. Vocês, que não sabem o que significa trabalhar do nascer ao pôr do sol apenas para cair num sono pesado quando a labuta termina, escaparam da maldição da queda; pois é uma maldição sentir o próprio crescimento espiritual detido enquanto o corpo afunda cada vez mais na terra. “Um homem que caminha dia após dia atrás dos animais de arado, e não vê nada além de nuvens cinzentas, acabará esquecendo o céu azul acima da cabeça; um homem que pega uma pá e cava um buraco enquanto o sol lhe queima a pele sentirá que está afundando no chão ressequido e cavando uma cova para a própria alma. “Vocês nada sabem disso, vocês que brincam o dia inteiro e trabalham um pouco apenas durante uma hora ociosa entre o almoço e o jantar; vocês que descansam o espírito quando a terra está verde e desfrutam a natureza como espetáculo nobilitante e elevado. O trabalhador do campo nunca vê o espírito da Natureza. “Para ele, o campo é pão, a floresta é madeira, o mar é tanque de lavar, a campina é queijo e leite — tudo é terra, terra sem alma! “Quando vi uma metade da humanidade empenhada em fomentar seu crescimento espiritual, enquanto a outra metade mal tinha tempo de atender às necessidades do corpo, pensei a princípio que existiam duas leis para duas espécies diferentes de homens. Mas meu intelecto negou isso. Meu espírito rebelou-se, e resolvi que também eu escaparia da maldição da queda — tornei-me artista. “Posso analisar o tão falado instinto artístico porque eu mesmo fui dotado dele. Ele repousa sobre uma ampla base de anseio por liberdade, liberdade em relação ao trabalho produtivo; por essa razão, um filósofo alemão definiu o Belo como o Inútil. Assim que uma obra

de arte tem utilidade prática, denuncia um propósito ou uma tendência, sua beleza desaparece. “Além disso, o instinto repousa sobre o orgulho: o homem quer brincar de Deus na arte, não porque queira criar algo novo — isso ele não pode fazer —, mas porque quer melhorar, ordenar, recriar. Não começa por admirar seu modelo, a Natureza, mas por criticá-la. Tudo está cheio de defeitos, e ele anseia por corrigi-los. “Esse orgulho, que impele o homem a um esforço incessante, e a liberdade em relação ao trabalho — a maldição da queda — geram no artista a ilusão de estar acima de seus semelhantes. Até certo ponto isso é verdade; mas, se não evocasse constantemente esse fato, ele se descobriria, isto é, descobriria o irreal em sua atividade e o injustificável em sua fuga do produtivo. “Essa necessidade constante de reconhecimento de seu trabalho inútil o torna vaidoso, inquieto e muitas vezes profundamente infeliz; assim que chega a uma compreensão clara de si mesmo, torna-se improdutivo e sucumbe, pois só a mente religiosa consegue retornar à escravidão depois de ter provado a liberdade. “Diferenciar gênio e talento, considerar o gênio uma qualidade separada, é bobagem e revela fé numa manifestação especial. O grande artista é dotado de certa dose de capacidade para adquirir algum tipo de habilidade técnica. Sem prática, sua capacidade morre. Alguém disse: gênio é a infinita capacidade de se dar trabalho. Isso, como tantas outras coisas, é uma meia verdade. Se a cultura se acrescenta — coisa rara, porque o conhecimento torna tudo claro, e o homem culto, portanto, raramente se torna artista — e também um intelecto são, o resultado é o gênio, produto natural de uma combinação de circunstâncias favoráveis. “Logo perdi a fé no caráter sublime do meu passatempo — Deus me livre de chamá-lo profissão —, pois minha arte era incapaz de exprimir uma única ideia; no máximo podia representar o corpo numa posição que exprimisse uma emoção acompanhando um pensamento — ou, em outras palavras, exprimir um pensamento de terceira mão. É como sinalização, sem sentido para todos os que não sabem ler os sinais. “Eu vejo apenas uma bandeira vermelha, mas o soldado vê a palavra de comando: Avançar! Afinal, até Platão, que era um belo intelectualista e, além disso, idealista, percebeu a futilidade da arte, chamando-a de simples aparência de uma aparência — realidade; por isso excluiu o artista de seu Estado ideal. Ele falava sério! “Tentei encontrar o caminho de volta à escravidão, mas não consegui. Tentei encontrar nela meu dever mais sagrado; tentei resignar-me, mas não tive êxito. Minha alma estava sofrendo dano, e eu seguia a caminho de me tornar um animal. Houve ocasiões em que imaginei que toda essa labuta era um pecado positivo, na medida em que impedia o objetivo maior do desenvolvimento espiritual; nessas ocasiões eu fazia gazeta por um dia e

fugia para a natureza, absorvo em meditações indizivelmente felizes. “Mas, então, essa felicidade tornava a me aparecer sob a luz de um prazer egoísta tão grande, até maior, que o prazer que eu costumava sentir no trabalho artístico; a consciência, o senso de dever, alcançava-me como uma fúria e me conduzia de volta ao jugo, que então me parecia belo — por um dia. “Para escapar desse estado de espírito insuportável e conquistar luz e paz, vou enfrentar o Desconhecido. “Vocês que contemplam meu corpo morto, digam: pareço infeliz na morte?” * * * * * “NOTAS FEITAS DURANTE CAMINHADAS: “O plano do mundo é a libertação da ideia em relação à forma; a arte, ao contrário, tenta aprisionar a ideia numa forma sensível, a fim de torná-la visível. Portanto... “Tudo se corrige. “Quando o comércio artístico em Florença ultrapassou todos os limites, veio Savonarola — o pensador profundo! — e disse seu ‘Tudo isso é fútil’. E os artistas — e que artistas eram! — fizeram uma fogueira de suas obras-primas. Oh! Savonarola! “O que buscavam os iconoclastas em Constantinopla? O que queriam os batistas e quebradores de imagens nos Países Baixos? Não ousa declará-lo, por medo de ser marcado. “O grande esforço de nosso tempo: a divisão do trabalho beneficia a espécie, mas sentencia o indivíduo à morte. O que é a espécie? A concepção do todo; os filósofos a chamam de ideia, e os indivíduos acreditam no que eles dizem e entregam a vida pela ideia! “É estranho que a vontade dos príncipes e a vontade do povo sempre se choquem. Não há um remédio muito simples e fácil? “Quando, em idade mais madura, reli meus livros escolares, fiquei espantado ao constatar que nós, seres humanos, estamos tão pouco afastados dos animais do campo. Reli, naqueles dias, o Catecismo de Lutero; fiz algumas anotações e esbocei um plano para um novo catecismo. Não deve ser enviado aos comissários; o que vou dizer agora é tudo o que escrevi. “O primeiro mandamento destrói a doutrina de um único Deus, pois pressupõe outros deuses, pressuposição admitida pelo cristianismo. “Nota. O monoteísmo, tão exaltado, teve influência adversa sobre a humanidade; roubou-lhe o amor e o respeito pelo Deus Uno e Verdadeiro ao deixar o Mal sem explicação. “O segundo e o terceiro mandamentos são blasfemos; o autor põe na boca do Senhor mandamentos mesquinhos e estúpidos, que insultam Sua onisciência. Se o autor vivesse em nossos dias, seria acusado de blasfêmia. “O quinto mandamento deveria dizer o seguinte: ‘Vosso sentimento inato de respeito pelos pais não deve induzir-vos a admirar seus defeitos; não deveis honrá-los além de seus merecimentos; sob circunstância alguma deveis gratidão a vossos pais; eles não vos prestaram serviço ao trazer-vos a este mundo; o egoísmo e o código civil os obrigam a vos vestir e alimentar. ““Os pais que esperam gratidão dos filhos — há alguns que até a

exigem — são como usurários; estão dispostos a arriscar o capital enquanto os juros continuarem sendo pagos.’ “Nota 1. A razão pela qual os pais — em especial os pais homens — odeiam os filhos com muito mais frequência do que os amam nasce do fato de que a presença de filhos exerce influência adversa sobre a posição financeira dos pais. Há pais que tratam os filhos como ações de uma sociedade anônima, das quais esperam dividendos constantes. “Nota 2. Esse mandamento resultou na mais terrível de todas as formas de governo, a tirania da família, da qual nenhuma revolução pode nos libertar. Há mais necessidade de fundar sociedades de proteção às crianças do que sociedades de proteção aos animais. “A continuar. * * * * * “A Suécia é uma colônia que ultrapassou seu auge, o período em que foi grande potência, e agora, como a Grécia, a Itália e a Espanha, afunda no sono eterno. “A terrível reação que se instalou depois de 1865, o ano da morte de toda esperança, exerceu efeito desmoralizante sobre a nova geração. A história não testemunha há muito tempo indiferença maior pelo bem comum, egoísmo maior, irreligiosidade maior. “No mundo lá fora, as nações mugem de fúria contra a opressão; mas, na Suécia, tudo o que fazemos é celebrar jubileus. “O pietismo é o único sinal de vida espiritual da nação adormecida; é o descontentamento que se lançou nos braços da resignação para evitar o desespero e a fúria impotente. “Pietistas e pessimistas partem do mesmo princípio, a miséria do mundo, e têm o mesmo objetivo: morrer para o mundo e viver para Deus. “O maior pecado que um homem pode cometer é ser conservador por motivos egoístas. É um atentado contra o plano do mundo por causa de uns poucos xelins; o conservador tenta represar a evolução; finca as costas contra a terra que gira e diz: ‘Pare!’ Há apenas uma desculpa: a estupidez. Circunstâncias pobres não são desculpa, apenas explicação. “Pergunto-me se a Noruega não acabará se mostrando, no que nos diz respeito, um remendo novo em roupa velha.” * * * * * — Bem, o que acham disso? — perguntou Borg, pousando os papéis e bebendo uma pequena aguardente. — Nada mau — disse Sellén. — Poderia ter sido expresso com mais graça. — O que acha, Falk? — O grito de sempre — nada mais. Vamos agora? Borg olhou para ele, perguntando-se se falava ironicamente, mas não viu sinal de perigo no rosto de Falk. — Então Olle partiu para campos de caça mais felizes — disse Sellén. — Está bem; não precisa mais se preocupar com o jantar. Pergunto-me o que dirá disso o copeiro-chefe do Botão de Latão. Olle lhe devia algum dinheiro. — Que falta de coração! Que brutalidade! Vergonha! — explodiu Falk, atirando algumas moedas sobre a mesa e vestindo o sobretudo. — Está sentimental? — zombou Sellén.

Capítulo XXIX

Revue

LICENCIADO BORG, em Estocolmo, ao PAISAGISTA SELLÉN, em Paris

IRMÃO SELLÉN, — Você esperou um ano inteiro por uma carta minha; agora tenho notícias a lhe contar. Se agisse segundo meus princípios, começaria por mim; mas, como é melhor me ajustar às regras de polidez estabelecidas pela sociedade civilizada — visto que estou prestes a sair pelo mundo para ganhar meu próprio pão —, começarei por você. Felicito-o cordialmente pelo sucesso de seu quadro recentemente exposto. Isaac levou a nota ao Barrete Cinzento, e ela foi publicada sem conhecimento do redator, que ficou furioso quando a leu; ele havia decidido firmemente que você seria um fracasso. Mas agora que seu gênio foi reconhecido no exterior, você também é famoso em casa, e já não preciso me envergonhar de você. Para não esquecer nada e ser o mais breve possível — pois sou preguiçoso, além de cansado depois de um dia de trabalho no hospital —, escreverei minha carta em forma de relatório e no estilo do BARRETE CINZENTO; isso terá a vantagem adicional de lhe permitir saltar com mais facilidade as partes que não lhe interessarem. A situação política se torna cada vez mais interessante; todos os partidos corromperam uns aos outros com presentes e contrapresentes, e agora todos ficaram cinzentos. Essa reação provavelmente acabará em socialismo. Fala-se em aumentar o número de distritos para quarenta e oito, e a carreira ministerial é a que oferece as melhores oportunidades de promoção, tanto mais que o homem nem precisa ter passado pelo exame de professor primário. Encontrei outro dia um antigo colega de escola que já é ministro aposentado; ele me disse que era muito mais fácil tornar-se ministro do que secretário de um dos departamentos; dizem que o trabalho se parece muito com o de um homem que assina garantias — é apenas questão de uma assinatura de vez em quando! O pagamento não importa tanto; há sempre um segundo avalista. A Imprensa — bem, você conhece a Imprensa. Falando grosso modo, ela é apenas negócio, isto é, adota sempre a opinião da maioria, e a maioria, ou, em outras palavras, o maior número de assinantes, é reacionária. Um dia perguntei a um jornalista liberal como explicava escrever em termos tão elogiosos a seu respeito, sem nada saber de você. Disse-me que era porque a opinião pública, isto é, o maior número de assinantes, estava do seu lado. “Mas suponhamos que a opinião pública se voltasse contra ele?”, perguntei. “Então, naturalmente”, respondeu, “eu também me

voltaria contra ele.” Você compreenderá que, nessas circunstâncias, toda a geração que cresceu depois de 1865 e que não está representada no Parlamento está em desespero; por isso ou são niilistas — em outras palavras, não dão a mínima para coisa alguma —, ou encontram vantagem em tornar-se conservadores. Ser liberal nestes dias é uma tarefa do diabo. A situação financeira está deprimida. A oferta de letras, a minha pelo menos, diminuiu; nenhum banco olha para as letras mais seguras, mesmo quando assinadas por dois médicos. O Triton entrou em liquidação, como você sabe. Diretores e liquidantes ficaram com as ações impressas, mas os acionistas e depositantes receberam algumas litografadas da conhecida sociedade de Norrköping, a única que conseguiu atravessar esse período de fraudes e embustes. Encontrei uma viúva que trazia um punhado de papéis relacionados a uma pedreira de mármore; eram folhas grandes e bonitas, impressas em vermelho e azul, nas quais se lia gravado: 1000 Cr., 1000 Cr.; e abaixo das cifras, como se as garantissem, apareciam nomes de pessoas conhecidas; três delas, pelo menos, eram cavaleiros da Ordem dos Serafins. Nicholas Falk, o amigo e irmão, enjoadado de seu negócio particular de empréstimos, porque este reduzia o valor pleno de sua autoridade cívica — coisa que não acontece quando o negócio é público —, resolveu juntar-se a alguns especialistas (?) e fundar um banco. A novidade do empreendimento vinha expressa da seguinte maneira: “Como a experiência — experiência verdadeiramente melancólica” (Levin é o autor, como você deve imaginar) “demonstrou que recibos de depósito não são, por si sós, garantia suficiente para a devolução dos depósitos — isto é, do dinheiro depositado —, nós, abaixo-assinados, movidos por zelo desinteressado pelo bem-estar da indústria nacional, e desejosos de oferecer maior segurança ao público abastado, fundamos um banco sob o título de ‘Sociedade Limitada de Garantia de Depósitos’. A característica nova e segura da empresa — e nem tudo que é novo é seguro — consiste no fato de que os depositantes, em vez de receberem recibos de depósito, recebem títulos no valor integral das somas depositadas etc. etc.” Fazem bons negócios, e você pode imaginar que espécie de títulos emitem em lugar de recibos de depósito. Levin. Falk, com seu olhar agudo para os negócios, reconheceu de imediato a grande vantagem que poderia tirar dos serviços de um homem com a experiência de Levin e seu conhecimento colossal das pessoas, adquirido no negócio de empréstimos. Mas, para treiná-lo para todas as eventualidades e familiarizá-lo com todos os desvios da profissão, derrubou-o com sua nota promissória e o forçou à falência. Feito isso, apareceu no papel de salvador e o fez seu funcionário confidencial, com o título de secretário. Agora Levin está instalado

num pequeno gabinete particular; mas em hipótese alguma lhe é permitido mostrar o rosto no banco. Isaac Levi trabalha no mesmo banco como caixa. Passou nos exames (com latim, grego e hebraico) em primeira classe em todas as matérias. O Barrete Cinzento, naturalmente, noticiou a façanha. Agora estuda direito e faz alguns negócios por conta própria. É como a enguia: tem nove vidas e vive de nada. Não toma álcool; não fuma; não sei se possui vícios, mas é formidável. Tem uma loja de ferragens em Härnösand, uma tabacaria em Helsingfors e uma loja de miudezas em Södertälje; além disso, possui algumas casinhas em Estocolmo Sul. Dizem que é o homem do futuro; eu digo que o homem já chegou. Depois da liquidação do Triton, seu irmão retirou-se, segundo ouvi dizer, com uma fortuna considerável, e agora negocia por conta própria. Ouvi que se propôs comprar o mosteiro florestal perto de Uppsala e reconstruí-lo num novo estilo inventado por seu tio da Academia de Artes. Mas sua oferta foi recusada. Levi, muito ofendido, enviou uma nota ao Barrete Cinzento sob o título: “Perseguição aos Judeus no Século XIX”. Conquistou a viva simpatia de todo o público culto; a questão lhe valeria uma cadeira no Parlamento se ele se importasse com essa distinção. Seus correligionários lhe apresentaram um voto de agradecimento — como se Levi tivesse religião —, que foi impresso no Barrete Cinzento. Agradeceram-lhe por defender os direitos dos judeus — de comprar o mosteiro florestal. A mensagem lhe foi entregue num banquete ao qual muitos suecos também haviam sido convidados — sempre remeto a questão judaica a seu domínio legítimo, o etnográfico —, para se banquetear com salmão estragado e vinho sem rolha. O herói do dia, profundamente comovido (vide Barrete Cinzento), recebeu na mesma ocasião um presente de vinte mil coroas (em ações) para a fundação de um Lar para Rapazes Caídos da Confissão Evangélica. Eu estava presente ao banquete e vi uma coisa que nunca havia visto antes — vi Isaac piorado pela bebida! Gritou que odiava a mim, a você, a Falk e todos os “brancos”; alternadamente nos chamava de “brancos”, “nativos” e roche; nunca ouvira a última palavra, mas, mal ele a pronunciou, grande número de “negros” se juntou ao nosso redor, com expressão tão ameaçadora que Isaac achou melhor me levar a uma sala contígua. Ali abriu-me toda a alma; falou de seus sofrimentos como colegial; dos maus-tratos a que professor e colegas o haviam submetido, das pancadas e bofetadas diárias dos moleques de rua. Mas o que despertou minha indignação mais do que qualquer outra coisa foi um incidente que lhe acontecera durante o serviço militar: chamaram-no à frente na hora das vésperas e ordenaram que recitasse o Pai-Nosso. Como não o sabia, riram dele e o escarneceram. Seu relato me fez mudar de opinião sobre ele e sua

raça. A fraude religiosa e o embuste caritativo estão mais desenfreados que nunca e tornam muito desagradável a vida em nosso país. Você há de se lembrar de duas diabretes de Satanás, a Sra. Falk e a Sra. Homan, as duas criaturas mais mesquinhas, vaidosas e maliciosas que jamais desperdiçaram seus dias na ociosidade. Conhece a creche que fundaram e seu fim. Sua façanha mais recente é um Lar para Mulheres Caídas, e a primeira interna — recebida por minha recomendação — foi Marie, de Nygränd! A pobre moça emprestara todas as economias a um sujeito que fugiu com elas. Ficou mais que feliz em encontrar uma casa onde seria mantida gratuitamente e poderia recuperar sua reputação. Disse-me que não se importava com toda aquela lenga-lenga religiosa, infelizmente inseparável de uma empresa dessa espécie, desde que pudesse contar com sua xícara de café pela manhã. O pastor Skåre, de quem sem dúvida se lembra, não foi feito pastor primarius, e por puro aborrecimento está pedindo fundos para construir uma nova igreja. Cartas impressas de mendicância, assinadas por todos os magnatas mais ricos da Suécia, são enviadas para apelar ao público caridoso. A igreja, que deverá ter três vezes o tamanho da igreja de Blasieholm e ser ligada a uma torre que toque o céu, será construída no antigo terreno de Santa Catarina. Supõe-se que esta seja pequena demais para satisfazer as grandes necessidades espirituais de que a nação sueca sofre neste momento, e por isso será demolida. A soma arrecadada já atingiu tais dimensões que foi necessário nomear um tesoureiro, com moradia e combustível gratuitos. Quem você acha que é o tesoureiro? Jamais adivinharia! Struve! Struve tornou-se um tanto religioso nestes tempos — digo um tanto, porque não é muito —, apenas o suficiente para o cargo, pois é protegido pelos fiéis. Isso, entretanto, não interfere em seu jornalismo nem em sua bebedeira. Mas seu coração não está mole; pelo contrário, ele se mostra amarguíssimo contra todos os que não desceram; cá entre nós, deteriorou-se muito; portanto odeia você e Falk, e jurou desancá-lo na próxima vez que se ouvir falar de você. Teve de submeter-se à cerimônia de casamento por causa da moradia e do combustível gratuitos. Casou-se com a mulher em Vita Bergen. Fui uma das testemunhas. A mulher também se converteu, pois está convencida de que religião é de bom-tom. Lundell deixou a esfera religiosa e já não pinta senão retratos de diretores; foi nomeado assistente na Academia de Artes. Também se tornou imortal, pois conseguiu contrabandear uma pintura sua para o Museu Nacional. Realizou isso por meio de um truque muito simples, que deveria encorajar imitadores. Smith presenteou o Museu Nacional com uma das cenas de gênero de Lundell, serviço que Lundell retribuiu pintando gratuitamente o retrato de Smith. Esplêndido, não? Fim de um romance.

Numa manhã de domingo, à hora em que a paz sabática ainda não é perturbada pelos terríveis sinos de igreja, eu estava sentado em meu quarto, fumando. Bateram à porta, e entrou um homem alto, bem-feito, cujo rosto me parecia familiar — era Rehnjelm. Interrogamo-nos mutuamente. Ele é gerente de uma grande fábrica e está bastante satisfeito com a própria sorte. Pouco depois bateram de novo. Era Falk. (Mais sobre ele adiante.) Reavivamos antigas lembranças e discutimos amigos comuns. Mas logo houve uma pausa, aquele silêncio estranho que tantas vezes ocorre depois de uma conversa animada. Rehnjelm pegou um livro, virou as páginas e leu em voz alta: “Operação Cesariana: dissertação acadêmica que, com permissão da ilustre Faculdade de Medicina, será discutida publicamente na pequena sala de conferências da Universidade.” Que diagramas horríveis! “Quem será, no mundo, o infeliz condenado a assombrar os vivos dessa maneira depois de morto?” “Você encontrará na página 2”, eu disse. Ele continuou lendo: “A pelve que, sob o nº 38, se conserva na coleção patológica da Academia...” Não — não podia ser aquilo. “Agnes Rundgren, solteira...” O rosto do homem ficou branco como giz. Levantou-se e bebeu um pouco de água. “Conheceu essa mulher?”, perguntei, para desviar seus pensamentos. “Conheci? Esteve no palco, e eu a conheci em X-köping; depois de deixar X-köping, foi contratada num café de Estocolmo, sob o nome de Beda Petterson.” Então você deveria ter visto Falk! Houve uma cena que terminou com Rehnjelm amaldiçoando todas as mulheres, e Falk, muito excitado, respondendo que havia duas espécies de mulheres, que diferiam entre si tanto quanto anjos e demônios. Ficou tão comovido que os olhos de Rehnjelm se encheram de lágrimas. E agora passemos a Falk! Deixei-o de propósito por último. Ele está noivo! Como aconteceu? Ele próprio diz: “Nós simplesmente nos encontramos!” Como você sabe, não tenho opiniões rígidas, mas cultivo uma mente aberta; contudo, pelo que vi até agora, é inegável que o amor é algo de que nós, solteirões, nada sabemos — aquilo que chamamos de amor não passa de frivolidade. Pode rir, velho escarnecedor! Só em peças muito ruins vi um desenvolvimento de caráter tão rápido quanto o que tive ocasião de observar em Falk. Você não ficará surpreso ao saber que o noivado não transcorreu sem obstáculos. O pai da moça, velho viúvo, pensionista do Exército e egoísta, via a filha como investimento, esperando que ela se casasse bem e assim lhe garantisse uma velhice confortável. Nada incomum! Portanto, recusou sem rodeios seu consentimento. Você precisava ter visto Falk! Procurou o velho repetidas vezes; foi posto para fora e, ainda assim, voltou e disse ao velho egoísta, na cara, que se casaria com a filha sem seu consentimento, caso ele

continuasse a se opor. Não tenho certeza, mas creio que chegaram às vias de fato. Certa noite, Falk acompanhara a amada até em casa. Os dois haviam passado a noite na casa de um parente da moça, a quem Falk se apresentara. Ao dobrarem a esquina da rua onde a moça mora, viram, à luz do lampião, que o pai dela se debruçava à janela — ele mora numa casinha de sua propriedade. Falk bateu no portão do jardim, mas ninguém veio abrir. Por fim trepou por cima dele e, do outro lado, foi atacado por um cão enorme; venceu a fera e a trancou na lata de lixo. Imagine o nervoso Falk! Então obrigou o porteiro a se levantar e abrir o portão. Agora tinham alcançado o pátio e estavam diante da porta principal. Ele a golpeou com uma pedra grande, mas não veio resposta de dentro; procurou pelo jardim e encontrou uma escada, com a qual alcançou a janela do velho. “Abra a porta”, gritou, “ou arrebento a janela!” “Se arrebentar a janela, seu patife”, gritou o velho, “eu atiro em você!” Falk arrebentou a janela imediatamente. Por alguns instantes houve silêncio. Finalmente veio uma voz de dentro da fortaleza: “Você é meu homem! Consinto.” “Não gosto de quebrar janelas”, explicou Falk, “mas não há nada que eu não faça para conquistar sua filha.” A questão ficou resolvida, e ficaram noivos. Não sei se você sabe que o Parlamento levou adiante a reorganização das repartições públicas, dobrando salários e número de cargos, de modo que um jovem da primeira divisão agora está em condições de casar-se. Falk vai se casar no outono. Sua mulher conservará o posto na escola. Quase nada sei da Questão Feminina — ela não me interessa —, mas acredito que nossa geração se livrará do último resquício da concepção oriental que ainda se agarra ao casamento. Nos tempos vindouros, marido e mulher entrarão numa sociedade em que ambos conservarão a independência; não tentarão converter um ao outro, mas respeitarão mutuamente suas fraquezas e viverão juntos numa amizade vitalícia, que nunca será tensionada pela exigência, de uma das partes, de demonstrações amorosas. Considero a Sra. Nicholas Falk, a diaba caritativa, nada mais que uma femme entretenue, e tenho certeza de que ela própria também se considera assim. A maioria das mulheres casa por uma casa onde não precise trabalhar — ser sua própria senhora, como se diz. O fato de o casamento estar em declínio é culpa da mulher tanto quanto do homem. Mas não consigo entender Falk. Estuda numismática com um zelo quase antinatural; outro dia me disse que estava escrevendo um manual de numismática que tentaria introduzir nas escolas onde essa ciência deve ser ensinada. Nunca lê jornal; não sabe o que se passa no mundo e parece ter abandonado a ideia de escrever. Vive apenas para o trabalho e para a noiva, a quem idolatra. Mas não confio em sua calma. Falk é um fanático político,

plenamente consciente de que seria consumido se deixasse o fogo arder livremente; por isso tenta sufocá-lo com trabalho duro e monótono; mas não creio que consiga; apesar de todo seu domínio de si, chegará necessariamente o dia em que jogará fora todo controle e irromperá em novas chamas. Entre nós — acredito que pertença a uma dessas sociedades secretas responsáveis pela reação e pelo militarismo no Continente. Não faz muito tempo, durante a leitura da Fala do Trono no Parlamento, vi-o, vestido com um manto púrpura, uma pena no chapéu, sentado aos pés do trono — aos pés do trono! — e pensei... não, seria pecado dizer o que pensei. Mas, quando o primeiro-ministro leu as graciosas proposições de Sua Majestade sobre o estado e as necessidades do reino, vi nos olhos de Falk uma expressão que dizia claramente: Que diabos sabe Sua Majestade da condição e das necessidades do país? Aquele homem, ah! Aquele homem! Concluo minha revista sem ter esquecido ninguém. Basta por hoje. Em breve terá notícias minhas outra vez. H. B. 1879.

Capítulo XXX

Epílogo

Certamente não há em Estocolmo outra rua tão feia, nem outra casa tão velha, tão suja e tão sombria. O portão de entrada tem a aparência convidativa de uma força em desuso. As pedras soltas do pátio se aproximaram umas das outras com o correr do tempo, de modo que algumas folhinhas de grama conseguiram despontar. A casa fica isolada, como um velho eremita que procurou um lugar solitário onde desabar. Houve outrora uma Casa de Ensaio no pátio, e as paredes externas estão enegrecidas pela fumaça. As frestas entre os caixilhos das janelas e as paredes cresceram cobertas, e a casa parece não ter lavado o rosto nem os olhos por toda uma geração. Os alicerces cederam, e o edifício se inclina para a esquerda. A calha vazante verteu lágrimas que abriram sulcos negros por toda a fachada; o reboco se desfaz aqui e ali, e, nas noites de vento, pode-se ouvi-lo despencar pelas paredes até a rua. A casa parece uma velha viúva feita de pobreza, imprudência, descuido e vício. E, ainda assim, há duas pessoas que não conseguem passar por essa rua sem parar para olhar o miserável e carrancudo casarão com uma emoção que chega quase ao amor. Para elas, o portão de entrada é um arco triunfal; as ervas daninhas e a calha são um prado verde e um riacho murmurante; a casa negra é uma ruína encantadora, cheia de recordações lindas e cor-de-rosa. Mais ainda: sempre que passam por ela, o ar vibra de música, perfumes sobem da terra, e elas veem o sol brilhar até no mais nublado dos dias de outono; houve ocasiões em que se esqueceram tanto de si mesmas que se beijaram; mas sempre foram um pouco loucas, essas boas pessoas. Três anos atrás, nosso jovem amigo — podemos chamá-lo amigo, já que se arrependeu dos erros da juventude, pediu desculpas à sociedade e se tornou indivíduo respeitável, servindo ao país e usando púrpura na Câmara —, nosso jovem amigo, digo, trabalhava no terceiro andar da velha casa feia, com uma cartela de alfinetes entre os lábios, um martelo no bolso do casaco e um alicate debaixo do braço; estava de pé sobre uma escada, pregando cortinas num quartinho mobiliado apenas com um sofazinho, uma penteadeira minúscula, uma pequena escrivaninha e uma cama muito pequena com cortinas vermelhas e brancas. Na sala de jantar, o fiel Isaac, em mangas de camisa, espalhava cola sobre uma peça de papel de parede esticada numa tábuia de passar sustentada por duas cadeiras; assobiava e cantava uma canção desconhecida depois da outra, em

melodias absolutamente inauditas. Quando se cansava do trabalho, preparava o almoço sobre uma caixa vazia diante da janela. Lá fora, o sol brilhava no jardim do vizinho. Era um jardinzinho apertado entre as paredes das casas; tinha uma pereira em plena flor e dois lilases cobertos de flores; entre as empenas via-se um pedaço de céu azul e os mastros das barcaças de madeira em Nybrohamnen. Isaac fora à leiteria; comprara sanduíches e porter; empapelara o quarto da futura dona da casa; comprara oleandros e heras para que as janelas do patamar, com suas molduras pretas, não chocassem a jovem esposa ao entrar no novo lar; teria gostado de pintá-las, mas receava que ela se incomodasse com o cheiro. Uma carruagem parou diante da porta da frente. “É Borg”, disse Isaac. — Que diabos ele quer aqui? E aquela peste do Levin está com ele! Foi uma visita longa, de dez minutos, e desagradável; mas Falk a suportou pacientemente, como qualquer outra provação; rompera para sempre com o passado — em certo aspecto, ao menos; em outro, estava preso, pois durante aqueles dez minutos fora obrigado a assinar mais uma vez. As visitantes seguintes foram a cunhada, a Sra. Falk, e a Sra. Homan. Acharam escuro demais o papel da sala de jantar, claro demais o papel do quarto da jovem esposa. Acharam que as cortinas do quarto do marido não eram largas o bastante, que o tapete combinava mal com os móveis, que o relógio era antiquado, que o lustre era caro demais para sua simplicidade. Uma peça de mobília do quarto da jovem esposa despertou especialmente sua faculdade crítica e deu origem a uma longa conversa sussurrada. Chamaram a cozinha de preta, o patamar de sujo, a entrada de terrível; mas, fora isso, disseram que tudo era muito bonito, muito mais bonito do que o pátio, onde não havia sequer porteiro, deixava esperar. Essa foi a segunda praga, e passou como tudo neste mundo. Mas Isaac perdeu um pouco de sua alegria depois da crítica aos papéis de parede, e Falk percebeu por um instante que aquilo era um buraco miserável. Abriu as janelas para expulsar os maus espíritos que haviam invadido seu jardim de delícias. Isaac declarou que, durante os dias do casamento, mandaria trancar as duas mulheres na prisão dos devedores, para mantê-las seguramente afastadas. E então — então ela veio. Ele estava à janela e a viu quando ela ainda estava longe demais para ser vista; esperava que acreditassem nele quando afirmava que ela irradiava luz e que a rua por onde caminhava estava banhada de sol. Naturalmente, ele poderia ter contado histórias sem fim sobre sua bondade, doçura e beleza; mas nem ela acreditava nelas, e não vale a pena repeti-las. Ela entrou em seu futuro lar e achou tudo encantador. Isaac foi para a cozinha rachar lenha e acender o fogo. Ninguém sentiu sua falta até ele voltar com uma bandeja trazendo algumas xícaras de chocolate. Aquilo o

divertia; sabia que os amantes nunca sentem falta de ninguém no vasto mundo, e achava a terrível forma de egoísmo chamada amor uma qualidade muito amável; além disso, todos admitem que ela se justifica. “O que as pessoas disseram?” Disseram: “Então Falk se casou?” “Casou? Com quem?” “Com uma professora.” “Credo! Uma mulher de óculos azuis e cabelo curto!” E o perguntador recebeu toda a informação que queria. Se a resposta tivesse sido: “Casou com a filha do velho Kockenström”, a segunda pergunta teria sido: “Ela trouxe algum dinheiro?” O mundo não faz mais perguntas, e tudo estaria bem — se fosse só isso. Mas o mundo exige que um casal que deu três vezes ao pastor o trabalho de ler os proclamas e à comunidade o trabalho de ouvi-los; que obrigou seus semelhantes a se entregarem à pesquisa genealógica e a mandarem um repórter ao casamento — o mundo exige que esse casal seja feliz. Ai dele se não for! Suponhamos que, ao voltar da escola, cansada do trabalho, irritada por uma desconsideração, abatida porque alguns de seus esforços fracassaram, ela encontre uma amiga na rua que lhe tome a mão e diga: “Você não parece muito feliz, Elisabeth”; então, ai dela! Suponhamos que, ao sair da repartição, desesperado por ter sido preterido em vez de promovido, ele encontre uma amiga que o ache abatido; então, ai dela! Infelizes, se ousarem ser qualquer coisa que não felizes! * * * *

* Era uma noite de inverno, dois ou três anos depois; ela se inclinava sobre a escrivaninha, corrigindo cadernos; ele estava em seu quarto, calculando avaliações de propriedade. As penas rabiscavam, o relógio tiquetaqueava, e a chaleira cantava. Sempre que ele erguia os olhos dos documentos para o rosto doce dela, ela levantava os seus, os olhares se encontravam e eles acenavam um ao outro como se estivessem separados havia muito tempo. E continuavam trabalhando. Mas, por fim, ele se cansou do trabalho. — Fale um pouco comigo — suplicou. E ela atendeu com alegria ao pedido. “Mas sobre o que conversam?” O zombador Borg fez um dia essa pergunta, quando declarou que o matrimônio era uma impossibilidade do ponto de vista da ciência natural. Estabeleceu a proposição de que chegaria necessariamente o momento em que todos os assuntos teriam sido discutidos, em que cada parceiro conheceria todos os pensamentos e opiniões do outro, e em que o silêncio absoluto haveria de reinar. O tolo! FIM